



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – DOUTORADO EM PSICOLOGIA
SOCIAL

PATERNIDADE E MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA:
PRODUÇÃO DE SABERES E SENTIDOS COMPARTILHADOS POR
ADOLESCENTES

ANDRÉA XAVIER DE ALBUQUERQUE DE SOUZA

João Pessoa – PB

Setembro/2013

ANDRÉA XAVIER DE ALBUQUERQUE DE SOUZA

PATERNIDADE E MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA:
PRODUÇÃO DE SABERES E SENTIDOS COMPARTILHADOS POR
ADOLESCENTES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, por Andréa Xavier de Albuquerque de Souza, sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria da Penha de Lima Coutinho, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Psicologia Social.

João Pessoa – PB

Setembro/2013

PATERNIDADE E MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA:
PRODUÇÃO DE SABERES E SENTIDOS COMPARTILHADOS POR
ADOLESCENTES

ANDRÉA XAVIER DE ALBUQUERQUE DE SOUZA

Tese defendida e aprovada em: 10/09/2013

Banca Avaliadora

Prof^ª Dr^ª Maria da Penha de Lima Coutinho
(UFPB, *Orientadora*)

Prof^ª Dr^ª Nádia Maria Ribeiro Salomão
(UFPB, *Avaliadora Interna*)

Prof^ª Dr^ª Ieda Franken
(UFPB, *Avaliadora Interna*)

Prof^ª Dr^ª Ana Flávia de Oliveira Borba Coutinho
(FASER, *Avaliadora Externa*)

Prof^ª Dr^ª Carla De Sant'Ana Brandão Costa
(UEPB, *Avaliadora Externa*)

Prof^ª Dr^ª Natália Ramos
(Universidade Aberta de Lisboa, *Avaliadora Externa*)

Dedico esta tese,

À Leticia e Emanuel, meus filhos queridos;

Ao meu esposo e eterno amor Mychelldon Souza;

Aos meus queridos pais Alba e Zezinho.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um dos mais nobres atos humano e o sentimento de gratidão é um dos mais presentes em minha vida principalmente nestes últimos anos. Considero esta sessão da tese a mais especial, pois é o espaço de reconhecer e agradecer a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para que cada passo dado neste percurso valesse à pena. Cada um a sua maneira tornou este processo de doutoramento mais produtivo, recompensador, suave e feliz. Atravessei momentos que exigiram de mim muita sabedoria, calma e fé... E aqui estou na certeza de que consegui.

Agradeço a Deus. O Senhor da minha vida que abençoa meus caminhos, dando-me a sabedoria necessária para erguer-me com dignidade frente aos obstáculos e imprevistos da minha existência. Obrigada por ter me permitido viver mais uma etapa da vida acadêmica, e por ter, tantas vezes, me resgatado da dor e do inesperado, mostrando-me que tudo posso naquele que me fortalece.

Ao meu grande amor Mychelldon, por estar sempre ao meu lado reforçando com atitudes o que um dia prometemos uma ao outro na presença de Deus no altar. Obrigada por estar comigo de forma incondicional, na saúde e na doença, na dor e no amor, na alegria e na tristeza... e no meu processo de doutoramento. Juntos nós somos eternos vencedores. Seu apoio e paciência foram essenciais... Obrigada pelo seu amor que me faz caminhar.

Aos meus filhos Letícia e Emanuel que na sua inocência fizeram parte deste processo com os beijinhos oferecidos, os “eu te amo mamãe”. Obrigada por compreenderem minha “presença ausente”. **Letícia**, você me disse certa vez que “nunca se sentiu sozinha depois que teve um irmãozinho, se sentiu sozinha depois que minha tese chegou”. Filha querida, estou, estive e sempre estarei contigo. Vocês são minhas inspirações, minhas prioridades.

À minha mãe (Alba), meu suporte, minha base e minha força. Com palavras não sou capaz de expressar meus agradecimentos e o meu verdadeiro amor por tudo que ela representa em minha vida. Aliás, **aos meus pais** (Alba e Zezinho) pelo amor que me faz caminhar.

À minha querida orientadora, Profª Maria da Penha de Lima Coutinho, pela presença dedicada, comprometida e carinhosa nesta fase tão significativa e intensa da minha vida. Obrigada por compartilhar não apenas os seus saberes acadêmicos, mas também as alegrias e angústias vivenciadas por mim neste processo. Agradeço imensamente à confiança, os ensinamentos, o incentivo e à atenção, todos estes apreços muitas vezes estiveram acima das exigências de sua função como orientadora deste trabalho. Muito gratificante ao “final” deste percurso sentir nossos laços fortalecidos baseados no respeito e amizade.

À Profª Drª Nádia Maria Ribeiro Salomão, foi minha professora na graduação, leitora e avaliadora da minha dissertação de mestrado e hoje avaliadora da minha tese. Obrigada pela oportunidade de novamente poder usufruir da sua presença ética e

inteligente em etapa importante da minha vida acadêmico-profissional. Competente para avaliar e gentil para intervir.

À **Profª Drª Carla Brandão** amiga de profissão e trabalho, avaliadora da tese e antes de tudo: amiga na vida. Agradeço por aceitar participar da banca avaliadora. Sua presença é a certeza de uma leitura ética, comprometida e ao mesmo tempo sensível desta tese.

À **Profª Drª Ana Flávia Coutinho** que em meio a tantos compromissos aceitou prontamente e de maneira gentil participar da banca avaliadora com única finalidade de contribuir para o sucesso deste estudo.

À **Profª Drª Natália Ramos**, pela disponibilidade e pronta aceitação para compor a banca avaliadora e contribuir com suas intervenções.

À **Rosane, Lidiane, Luciene, Denise e Shirley**. Verdadeiros anjos da guarda. Obrigada pelo apoio sempre irrestrito. Dizem que nos momentos mais difíceis da vida os verdadeiros amigos se revelam, porém vocês se revelaram de modo incondicional independente da natureza do momento. Deus escolheu como ensejo para o nosso encontro o palco da academia, e nossa amizade ultrapassou os muros científicos. Obrigada por se importarem comigo. Não falo só de ciência, falo de amizade. Obrigada pela disponibilidade, carinho, proteção, apoio, encontros, sorrisos, histórias, escuta, intervenções. Vocês fizeram toda diferença no cumprimento desta etapa, cada uma a sua maneira, porém todas com o mesmo grau de importância.

Às queridas amigas Clênia, Roseane e Yanni e ao querido amigo Márcio.

Ingressamos juntos neste desafio, sabíamos que seria árduo, porém encontramos a mais linda fórmula para tornar a travessia suave: unimo-nos e torcemos uns pelos outros. Jamais fomos apenas colegas de turma, somos amigos. Obrigada pelos momentos de incentivo e força, pela lealdade e carinho. O bom de tudo isso é que concluímos esta etapa, mas continuaremos juntos (as) na vida que continua.

À querida Prof^a Dr^a Silvana Carneiro Maciel. Você foi muito importante ao acolher os meus sentimentos em um dos momentos mais delicados que vivenciei paralelamente ao doutorado me assegurando que eu me recuperaria e tudo ficaria bem.

À minha querida tia e amiga Ana Virgínia (Tia Vivi) pela presença fiel e apoio constante nas situações paralelas ao doutorado, sei que sempre estivestes na torcida.

À minha querida prima-irmã Alana Dantas pela disponibilidade e amizade. Nunca medistes esforços para apoiar-me.

A todos os professores do Doutorado que, direta ou indiretamente, cada um de forma singular, deram a sua contribuição para esta caminhada.

À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Por ter investido na minha qualificação me oportunizando adquirir conhecimentos para melhor praticar a docência.

Aos meus queridos colegas do departamento de psicologia da UEPB. Obrigada pelo carinho e respeito de todos. Obrigada Edil, Carla Brandão, Laércia, Edmundo Gaudêncio, Andrade, Regina, Carmita, Railda, Vilmar, Jorge Delano, Francinaldo, Valdeci e Ana Cristina.

À todos os que formam o núcleo de pesquisa “Aspectos psicossociais de prevenção e da saúde coletiva”, pelos saberes que compartilhamos.

Um agradecimento especial **a todos os (as) adolescentes participantes deste estudo,** por compartilharem as sua experiências tornando possível a realização deste trabalho.

RESUMO

O objetivo da pesquisa foi de apreender as representações sociais elaboradas por pais e mães adolescentes sobre a paternidade e a maternidade na adolescência. Por reconhecer a importância da inserção do pai adolescente no processo da paternidade, a presente pesquisa incluiu em seu escopo o adolescente do sexo masculino. Este estudo foi subsidiado pela Teoria das Representações Sociais. Contou com a participação de 80 adolescentes distribuídos equitativamente em relação ao sexo, provenientes de classe social baixa, com idades entre 14 e 19 anos ($M = 16,71$; $DP = 1,20$), que vivenciam a experiência de ter apenas um filho. Para a coleta dos dados, utilizou-se uma abordagem de multimétodos, com diferentes instrumentos: questionário sobre características biossociodemográficas e práticas contraceptivas, cujas respostas foram tabuladas no Predictive Analytics SoftWare (PASW), versão 18, e analisadas por meio de estatística descritiva; Teste de Associação Livre de Palavras, processados no *software* Tri-Deux Mots para Análise Fatorial de Correspondência (AFC) e; Entrevista Semiestruturada, que foi submetida ao *software* Alceste para análise das classificações hierárquicas descendente e ascendente. Os resultados da AFC evidenciaram que as representações dos adolescentes em relação ao sexo são diferenciadas. Os adolescentes pais representaram a paternidade como “aprendizado”, uma experiência que gera demandas a partir da necessidade de “ajudar”, e que provoca a “perda da liberdade”. As adolescentes mães apontaram algumas atribuições em que o pai é associado negativamente àquele que “não aceita o filho”, parece “irresponsável”, e deve assumir a criança e ajudar a criá-la, o que foi objetivado na expressão “tem que participar”. A maternidade na adolescência, segundo os participantes do sexo masculino, foi objetivada na prática da “amamentação”, considerada por eles como uma característica simbólica desta vivência; também foi associada ao aspecto afetivo “dar amor” e ao compromisso de “cuidar do filho”. Por seu tempo, as mães objetivaram a experiência da maternidade com uma conotação positiva, associada a “algo bom”, que representa “amor”, um “sonho”, uma “coisa de Deus”. Apesar disso, reconhecem que “exige responsabilidade” diante do papel de “cuidar” do filho. A análise das entrevistas evidenciou um dendrograma estruturado por quatro classes temáticas cujos conteúdos representacionais estão associados às *vivências e significados da paternidade e maternidade na adolescência*, incluindo-se nesta classe temática a dificuldade de inserção paterna e o compromisso materno; *aos conhecimentos sobre contracepção, seus meios de veiculação e práticas preventivas*; *aos projetos futuros planejados antes e depois de serem pais/mães*; e, por último, conteúdos associados aos *afetos mobilizados frente à gravidez e ao julgamento do outro*. Espera-se que o conhecimento produzido nesta pesquisa amplie as discussões e as reflexões em torno do objeto estudado, com informações relativas às crenças, às atitudes, às imagens, aos significados e opiniões dos adolescentes. Neste aspecto, confia-se que os achados desta tese possam lançar luz sobre o saber elaborado pelos adolescentes, sobretudo na perspectiva paterna, com vistas a inseri-los em políticas públicas de saúde e de educação sexual que os engajem neste processo, desconstruindo a ideia de invisibilidade social comumente associada à figura paterna na vivência afetiva de ter/cuidar de um filho na adolescência.

Palavras-chave: Paternidade; Maternidade; Gravidez na adolescência; Adolescentes; Representações sociais.

ABSTRACT

The present study aimed to identify the social representations made by adolescent fathers and mothers on paternity and motherhood in adolescence. Recognizing the importance of integrating the teenage father in the process of paternity, this research has included in its scope the male adolescent. This study was supported on the Social Representations Theory. With the participation of 80 teenagers distributed equitably by gender, from lower social classes, ages from 14 to 19 years-old ($M = 16.71$, $SD = 1.20$), who pass through the experience of having only one child. To collect data, it was used a multimethod approach, counting on different instruments: Questionnaire on bio-socio-demographic characteristics and contraceptive practices which answers were recorded in PASW (Predictive Analytics SoftWare) version 18, and analyzed by descriptive statistics; free word association test, processed in software Tri-Deux Mots for Correspondence Factor Analysis (CFA) and; Semi-structured Interview, which was submitted to the Alceste software for the analysis of descending and ascending hierarchical classifications. The results of the CFA showed that adolescents have representations that vary according to gender. Teenager parents represented paternity as "learning", an experience that generates demands from the need to "help", causing a "loss of freedom". The adolescent mothers indicated some assignments in which the parent is negatively associated to that which "does not accept the child" and seems "irresponsible", and should take help in child rearing, which was objectified in the expression "must participate". Motherhood in adolescence, according to male participants, was objectified in the practice of "breastfeeding", considered by them as a symbolic feature of this experience, was also associated with affective aspect "give love" and to the commitment of "taking care of the child". For its time, the mothers objectified experience of motherhood with a positive connotation associated with "something good", representing "love", a "dream", a "God thing", but, nevertheless, recognize that "demands responsibility" before the role of "caring" son. The analysis of the interviews revealed a dendrogram structured by four thematic classes whose representational contents are associated to the experiences and meanings of parenthood in adolescence, including aspects of the difficulty of inserting paternal and maternal commitment; to the knowledge about contraception, their means of serving and preventive practices; to the future projects planned before and after being fathers/ mothers, and, finally, to the affects mobilized forward to pregnancy and judgment of another. It is hoped that the knowledge produced in this research allows broaden discussions and reflections around the studied object, providing information on the beliefs, attitudes, images, opinions and meanings of adolescents. In this respect, it trusts that the findings of this thesis may shed light on the knowledge produced by teenagers, especially in the father's perspective, in order to insert them into public policies on health and sex education to enable them to engage in this process, deconstructing the idea of social invisibility commonly associated with the father figure in the affective experience of having/ caring for a child in adolescence.

Keywords: Fatherhood, Motherhood, Teen Pregnancy, Teens, Social Representations.

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue identificar las representaciones sociales elaboradas por padres y madres adolescentes sobre la paternidad y la maternidad en la adolescencia. Reconociendo la importancia de la inclusión de los padres adolescentes en el proceso de paternidad, esta investigación incorporó el adolescente varón en su ámbito de aplicación. Para tal, se basó en la Teoría de las Representaciones Sociales. Tuvo la participación de 80 jóvenes distribuidos equitativamente en función del sexo, procedentes de clase social baja, con edades entre 14 y 19 años ($M = 16,71$; $DP = 1,20$), que viven la experiencia de tener un solo hijo. Para la recogida de datos se utilizó un enfoque multimétodos, con instrumentos distintos: cuestionario sobre características biosociodemográficas y prácticas anticonceptivas, cuyas respuestas se registraron en PASW (Predictive Analytics Software), versión 18, y se analizaron mediante estadística descriptiva; Prueba de Asociación Libre de Palabras, procesada en el software Tri-Deux Mots para el Análisis Factorial de Correspondencia (CFA); y Entrevista Semi-estructurada, que fue sometida al software Alceste para el análisis de las clasificaciones jerárquicas descendente y ascendente. Los resultados del CFA evidenciaron que los adolescentes tienen representaciones distintas según el sexo. Los padres adolescentes representan la paternidad como "aprendizaje", una experiencia que genera demandas originadas de la necesidad de "ayudar", lo que provoca una "pérdida de la libertad". Las madres adolescentes apuntaron algunas atribuciones en las que el padre es asociado negativamente a la idea de "no aceptar al niño" y de parecer "irresponsable", y debe asumir y ayudar en la creación del niño, lo que se objetiva en la expresión "tiene que participar". La maternidad en la adolescencia, de acuerdo con los participantes masculinos, se ha objetivado en la práctica de la "lactancia materna", considerada por ellos como una característica simbólica de esta experiencia; también se asoció al aspecto afectivo "dar amor" y al compromiso de "cuidar al niño". Por su vez, las madres objetivaron la experiencia de la maternidad con una connotación positiva, asociada a "algo bueno", que representa "el amor", un "sueño", una "cosa de Dios", pero, no obstante, reconocen que "exige responsabilidad" delante del papel de "cuidar" al hijo. El análisis de los datos reveló un dendrograma estructurado por cuatro clases temáticas cuyos contenidos representacionales están asociados a las *experiencias y significados de la paternidad y la maternidad en la adolescencia*, incluyendo la dificultad de inserción paterna y compromiso materno; *a los conocimientos sobre los métodos anticonceptivos, sus medios de propagación y las prácticas preventivas*; *a los proyectos futuros planeados antes y después de la paternidad/maternidad*; y, por último, *a los afectos movilizados delante del embarazo y del juicio del otro*. Se espera que el conocimiento de las representaciones sociales producidas por padres y madres adolescentes sobre la paternidad y la maternidad en esta etapa de la vida permita ampliar los debates y reflexiones en torno al objeto estudiado, proporcionando información sobre sus creencias, actitudes, imágenes, opiniones y significados. En este sentido, se cree que los resultados de esta tesis pueden aclarar el conocimiento producido por los adolescentes, particularmente en la perspectiva paterna, con el fin de insertarlos en políticas públicas de salud y educación sexual que les permitan comprometerse con este proceso, deconstruyendo la idea de invisibilidad social comúnmente asociada a la figura paterna en la experiencia afectiva de tener/cuidar a un hijo en la adolescencia.

Palabras clave: Paternidad; Maternidad; Embarazo en la adolescencia; Adolescentes; Representaciones Sociales.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Plano Fatorial de Correspondência das RS dos adolescentes sobre a paternidade e maternidade na adolescência.....	147
Figura 2 – Legenda do Plano Fatorial.....	148
Figura 3 - Distribuição das classes no corpus por UCE's	155
Figura 4 - Quantitativo de palavras analisadas por classe	155
Figura 5 – Dendrograma com a Classificação Hierárquica Descendente e Ascendente– Entrevistas (N=32).....	158

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estudos acerca da paternidade na adolescência	88
Tabela 2 – Codificação das Variáveis Fixas dos Participantes	133
Tabela 3 – Descrição dos Dados Biossociodemográficos.....	142
Tabela 4 - Conhecimento sobre os métodos e comportamento contraceptivo	144
Tabela 5 - Medidas de tendência central e dispersão das variáveis biossociodemográficas.....	144
Tabela 6- Associação das variáveis em função do sexo dos participantes.....	145
Tabela 7 – Frequência Relativa das Evocações aos estímulos 3 e 4.....	151
Tabela 8 – Frequência Relativa das Evocações aos estímulos 1, 2, 5 e 6	154

LISTA DE SIGLAS

ADOLEC – Saúde na Adolescência

AFC – Análise Fatorial de Correspondência

AIDS – Acquired Immunodeficiency Syndrome

ALCESTE – Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte

BDENF - Base de Dados da enfermagem

BEMFAM – Sociedade Civil Bem-estar Familiar no Brasil

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior

CHD – Classificação Hierárquica Descendente

CINAHL – Cumulative Index to Nursing and Allied Health Literature

CNS – Conselho Nacional de Saúde

CUIDEN – Base de dados de Enfermeria em Espanhol

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

IBGE – Instituto Brasileiro de geografia e Estatística

LILACS – Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

MEDLINE – Medical Literature Analysis and Retrieval System Online

MS – Ministério da Saúde

OMS – Organização Mundial da Saúde

PASW – Predictive Analytics SofWare

RS – Representações Sociais

SEADE – Sistema Estadual de Análise de Dados

SINASC - Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos do Ministério da Saúde

TAHD – Técnica de Análise Hierárquica Descendente

TALP – Técnica de Associação Livre de Palavras

TCL – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TEF – Taxa específica em fecundidade

TRS – Teoria das Representações Sociais

UC – Unidade de contexto

UCE – Unidade de Contexto Elementar

UCI – Unidade de Contexto Inicial

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

WHO – World Health Organization

SUMÁRIO

RESUMO	x
ABSTRACT	xi
RESUMEN	xii
LISTA DE FIGURAS	xiii
LISTA DE TABELAS	xiv
LISTA DE SIGLAS	xv
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	29
1.1 – Objetivo Geral.....	43
1.2 – Objetivos específicos	43
CAPÍTULO II – ADOLESCÊNCIA, PATERNIDADE E MATERNIDADE – AS DIFERENTES FORMAS DE EXPRESSÃO.	45
2.1 – Adolescência ou Adolescências – a Construção Social de um Conceito.....	47
2.2 – Processo de Construção Social da Paternidade e Maternidade – As Diferentes Formas de Expressão destes Fenômenos.....	55
CAPÍTULO III – ESTUDOS EMPÍRICOS SOBRE A PATERNIDADE E MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA	69
3.1 – Paternidade e Adolescência – Sua Visibilidade nos Estudos Empíricos	70
3.2 – Maternidade na Adolescência – Objeto de Análise nos Estudos Empíricos.....	89
CAPÍTULO IV – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – ELEMENTOS TEÓRICOS E CONTRIBUIÇÕES À ANÁLISE DA PATERNIDADE E MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA	106
4.1 – Funções das Representações Sociais	112
4.2 – Processos de Formação das Representações Sociais: Objetivação e Ancoragem.....	114

4.3 – Tridimensionalidade das Representações Sociais: atitude, informação e campo representacional.....	117
4.4 – Sistemas de Comunicação das Representações Sociais: difusão, propagação e propaganda	119
CAPÍTULO V - MÉTODO.....	122
5.1 – Tipo de Estudo	123
5.2 – Local do Estudo.....	123
5.3 – Tipo de Amostra	123
5.4 – Participantes	124
5.5 – Instrumentos	125
5.5.1. Descrição dos instrumentos.	125
5.6 – Procedimento Ético	128
5.7 – Procedimentos de Coleta de Dados	128
5.8 – Análise dos Dados.....	129
5.8.1. O software tri-deux-mots e a técnica de análise fatorial de correspondência.	130
5.8.2. O Alceste e a técnica de análise hierárquica descendente	134
CAPÍTULO VI - DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS.....	139
6.1 – Resultados do Questionário Biossociodemográfico	140
6.2 – Resultados da Técnica de Associação Livre de Palavras - Análise Fatorial de Correspondência.....	146
6.3 – Resultados das Entrevistas – Tratamento padrão do Alceste	154
CAPÍTULO VII – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	167
7.1 – Paternidade e Maternidade: Universos Compartilhados por Adolescentes que são Pais e Mães	168
CONSIDERAÇÕES FINAIS	196
REFERÊNCIAS	204
ANEXOS.....	243

INTRODUÇÃO

A adolescência, embora seja um conceito socialmente construído, é considerada na literatura científica como um período do ciclo vital que consiste na passagem da infância para a fase adulta. É o momento em que o desenvolvimento da sexualidade contribui de forma significativa para a formação da identidade e assume papel relevante na auto-estima do adolescente, nos estilos de vivência das relações afetivas e nas formas de se engajar na estrutura social (Brêtas, Ohara, Jardim, Aguiar Júnior, & Oliveira, 2011; Heilborn, Aquino, Bozon, & Knauth, 2006; Hercowitz (2002); Magalhães, 2009; Silva & Tonete, 2006; Schoen-Ferreira, Aznar-Farias, & Silves, 2010).

No cotidiano das práticas sociais os adolescentes são confrontados com questões que estão intimamente associadas ao seu próprio comportamento, à sua relação com o meio e às mudanças sociais que vão vivenciando. É durante a passagem da infância para a vida adulta que experimentam transformações biológicas, cognitivas, emocionais e sociais. Todas estas alterações tornam esta fase um importante momento para a adoção de novas práticas, comportamentos e ganho de autonomia, mas também de exposição a diversas situações de risco para a saúde (Guttmacher Institute, 2012; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2009b). Neste processo de experimentação para a afirmação de sua identidade pessoal e social, acabam tornando-se vulneráveis e assumindo comportamentos de risco, sobretudo, no que se refere a sua sexualidade (Neto & Andalaft, 2009; Jesus, Lima, Martins, Matos, & Souza, 2011)

As transformações experimentadas pelos adolescentes fazem com que vivam intensamente sua sexualidade e a expressem, muitas vezes através de práticas sexuais desprotegidas (Camargo & Ferrari, 2009). Neste contexto, a iniciação sexual precoce e sem orientação pode gerar conseqüências como a contaminação com doenças sexualmente transmissíveis, AIDS e gravidez na adolescência. No caso de ocorrência de gravidez, o

nascimento de um filho nesta etapa da vida, dependendo das condições biopsicossociais dos (as) adolescentes, poderá trazer repercussões para o bebê e para os próprios pais adolescentes (Beserra, Pinheiro, Alves, & Barroso, 2008; Goicolea, Wulff, Ohman, & San Sebastian, 2009; Ministério da saúde, 2005; Taquette & Vilhena, 2008).

A proporção de nascimentos no Brasil, cujas mães tinham idade entre 10 e 19 anos, em 2007, segundo o Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos do Ministério da Saúde (SINASC), foi de 21,1% (IBGE, 2009a). Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (IBGE, 2010a), realizada pelo IBGE, em 2008, o Brasil tinha 17,5 milhões de adolescentes com idades entre 10 e 14 anos e outros 17,0 milhões na faixa etária de 15 e 19 anos. Os estudos mais recentes da Organização Mundial da Saúde revelam que 22% dos adolescentes já haviam iniciado atividade sexual aos 15 anos de idade ou menos. Isso denota que a iniciação sexual precoce está associada com o não uso, ou uso inadequado de preservativos (Currie et al., 2008).

De acordo com o Guttmacher Institute (2010), no ano de 2008, estima-se que as adolescentes dos países em desenvolvimento foram responsáveis por 14,3 milhões de nascimentos, sendo que, de 91% destes nascimentos ocorreram, cinco milhões na África subsaariana, seis milhões na Ásia Centromeridional e sudoriental, e dois milhões na América Latina e no Caribe. A cada ano, há uma estimativa de 2,7 milhões de casos de gravidez que não foram planejadas entre adolescentes que vivem na Ásia centro-meridional e sul oriental, 2,2 milhões na África, e 1,2 milhões na América Latina e no Caribe (Guttmacher Institute, 2010).

Observa-se que, nas últimas décadas, diversos temas ligados à vida do adolescente brasileiro (desenvolvimento, comportamento, sexualidade, interesses, projetos de vida, saúde) ganharam especial visibilidade nos estudos, tanto no âmbito das Ciências Humanas e Sociais quanto na área da Medicina e da Saúde Coletiva (Arenes & Desfilis, 2009;

Chelhond-Boustanie, Contreras-Vivas, Ferer-Ladera, & Rodríguez, 2012; Chen & Yao, 2010; Esteves & Menandro, 2005; Guttmacher Institute, 2012).

Os estudos sobre a adolescência têm se voltado especialmente para compreender e analisar a saúde sexual e reprodutiva nesta fase da vida (Chedraui, Hidalgo, Chávez, & San Miguel, 2004; Florez, 2005). Dentre as diversas temáticas pesquisadas, encontram-se as relacionadas à paternidade e à maternidade na adolescência, que vêm se configurando como um problema social e de saúde coletiva. Tal ocorrência não se restringe aos países em desenvolvimento, porque incluem também países desenvolvidos e inquietam governantes, pesquisadores e organismos internacionais, entre eles, órgãos das Nações Unidas e a própria World Health Organization (WHO, 2007).

Por se tratar de acontecimentos pluridimensionais, a paternidade e a maternidade na adolescência trazem desafios para os profissionais da área de saúde, educadores, governo e sociedade em geral. De acordo com dados da World Health Organization (WHO), o Brasil, em conjunto com Bangladesh, o Congo, a Etiópia, a Índia, a Nigéria e os Estados Unidos, realizou metade dos partos de adolescentes que ocorrem em todo o mundo (WHO, 2009).

A preocupação com esse tema se justifica justamente por se tratar de um evento que atinge uma grande proporção de adolescentes, principalmente de classes economicamente menos favorecidas e que se encontram em fase de formação da educação básica. Essas situações provocam o agravamento de vulnerabilidade social desses jovens pais-mães e seus filhos. Além disso, esses fenômenos são relevantes em um contexto histórico de aumento da participação da mulher na esfera pública, através da inserção no mercado de trabalho, no campo educacional, nas deliberações políticas e na liberdade de escolher ter filhos, o que causa, ao mesmo tempo, mudanças no papel do homem (IBGE, 2009a).

Pesquisas em torno da gravidez e da paternidade/maternidade de adolescentes brasileiros (as) vêm advertindo sobre a heterogeneidade do fenômeno da procriação durante a adolescência, destacando que a estrutura familiar, o nível econômico, a escolaridade, a relação com o pai da criança e a inserção em contextos de violência são exemplos de dimensões constitutivas para a problematização da gravidez de adolescentes (Oliveira-Monteiro, Negri, Fernandes, Nascimento, & Montesano, 2011; Oliveira-Monteiro, 2010).

Os estudos existentes, no geral, apontam o fenômeno da paternidade/maternidade na adolescência como resultado da iniciação precoce da atividade sexual, da falta de informação adequada, do não uso dos meios de contracepção, falta de acesso a serviços apropriados de assistência a adolescentes, bem como fatores sociais que, de um lado, estimulam a vida sexual das adolescentes e, de outro, a condenam-na, levando uma grande parte dos adolescentes a iniciar sua vida sexual sem usar anticoncepção, apesar de não planejar uma gravidez (Brêtas et al., 2011; Chase, Maxwell, Knight, & Aggleton, 2006).

Embora este fenômeno seja atualmente abordado como um “problema de saúde pública”, até meados do século XX, era concebido como uma vivência quase normativa, fazendo parte do “destino” da mulher que teria que se casar jovem e procriar (Dadoorian, 2003; Novellino, 2011). Deste modo, para estudá-lo e compreendê-lo no contexto da sociedade contemporânea e identificar a possível influência do passado nas atuais representações sociais dos adolescentes, é necessário observar como tem sido representado socialmente ao longo do tempo.

Historicamente, verifica-se que era comum ter filhos ainda na adolescência, com acontecia com algumas avós e bisavós que antigamente se tornaram mães com idades entre 13 e 16 anos. Tal fato demonstra que a maternidade na adolescência não é um acontecimento novo, sempre existiu no mundo todo e em diferentes grupos sociais

(Cardoso & Amorin, 2011; Moura & Araújo, 2004, Dadoorian, 2000). Contudo, ainda que não seja um fenômeno novo, é certamente um fenômeno atual que adquire outro formato na sociedade contemporânea. Em decorrência das significativas mudanças na esfera feminina, a mulher passa a ter que cumprir etapas da educação formal e de formação profissional, e por ser adolescente, é colocada em questão a sua maturidade bio-psíquica para ser mãe. Tais circunstâncias antes não eram consideradas, pois a educação feminina era voltada para o casamento e a maternidade, enquanto a masculina, para a esfera pública tendo o trabalho como foco.

Portanto, deve-se considerar que as representações produzidas no contexto social e cultural até a década de 1940 se diferenciam das representações sociais dos dias atuais. A representação social sobre a mulher era objetivada, estritamente, nos cuidados dos filhos e nos trabalhos domésticos e, as representações sobre o homem eram objetivadas na função de provedor. Estas representações eram ancoradas nas normas sociais vigentes.

Na atualidade, a gravidez e a experiência de ter filho na adolescência, dependendo do contexto em que ela ocorre, têm outras configurações, ou melhor, novos elementos figurativos agregam valores, atitudes, crenças, imagens e opiniões às representações sociais sobre esses acontecimentos. Na sociedade contemporânea, a gravidez e o nascimento de um filho traduzem para a mulher e para o homem fases de mudanças que acompanham a aquisição de novos papéis, funções e responsabilidades. (Chalem et al., 2007; Dias & Teixeira, 2010; Levandowski, Piccinini, & Lopes, 2008).

No que diz respeito às repercussões advindas destes eventos, dependendo das variáveis sociodemográficas que envolvem o adolescente, estas podem ser positivas ou negativas. Parte das pesquisas científicas enfoca a paternidade e a maternidade na adolescência como uma situação de “risco”, analisando as suas principais decorrências biopsicossociais e discutindo sobre as suas causas e conseqüências. (Duarte, Nascimento &

Akerman, 2006; Guimarães & Witter, 2007; Heilborn et al., 2006). No entanto, as implicações de ordem emocional e psicossocial são geralmente as mais analisadas porque provocam rupturas e perdas psicossociais (Heilborn et al., 2006; Madi, Chiaradia & Lunardi, 1986; Silva & Tonete, 2006).

Mesmo não sendo o foco desta pesquisa, considera-se importante mencionar que estudos empíricos revelam que a paternidade/maternidade, nesta fase do desenvolvimento pode colocar a mãe e o bebê numa situação de risco psicossocial. Um estudo longitudinal constatou que filhos de mães adolescentes, quando comparados com os de mães não adolescentes, apresentam mais possibilidades de desenvolver atraso no desenvolvimento da linguagem, baixo desempenho acadêmico e problemas emocionais (Figueiredo, 2001).

Com efeito, a experiência de ter filho na adolescência abrange aspectos de natureza diversa, e quando a paternidade e a maternidade provêm de uma gravidez que não foi planejada refletem em um conjunto de variáveis inter-relacionadas, principalmente aquelas de natureza psicossocial. Para alguns autores, a vivência da paternidade/maternidade na adolescência pode trazer desvantagens, dificuldades e perdas sociais que não apenas interferem na vida dos adolescentes individualmente, mas também no ambiente conjugal, familiar e social. (Carvalho, Jesus & Merighi, 2008).

Nesta tela, considera-se preocupante o fato de que as responsabilidades, os riscos e as implicações biopsicossociais decorrentes da experiência de ter filho na adolescência sejam geralmente estudados como se fossem acontecimentos inerentes apenas às adolescentes mães. A paternidade na adolescência é um tema relativamente ainda pouco explorado na literatura científica e nas políticas públicas destinadas à saúde sexual e reprodutiva do adolescente, que expressa uma quase “invisibilidade” quando comparado com a quantidade dos estudos existentes sobre a maternidade, já que a maioria dos pesquisadores contempla apenas a perspectiva feminina, e quando muito, abordam a

paternidade via relatos das adolescentes-mães (Corrêa & Ferriani, 2006; Lyra, 2007; Meincke & Carraro, 2009; Orlandi & Toneli, 2005).

Essa pouca “visibilidade” pode gerar uma lacuna na apreensão e no entendimento dos significados relativos à paternidade e à maternidade no âmbito da adolescência, exatamente por não ter como ponto de partida também os relatos dos adolescentes-pais (Barreto, Almeida, Ribeiro, & Tavares, 2010; Luz & Berni, 2010; Meincke, Trigueiro, Carraro, Brito, & Collet, 2011).

Considerando a paternidade e a maternidade como uma construção sócio-histórica que transcende a pura questão biológica, procurou-se estudá-los, nesta tese, a partir do referencial de estudo das Representações Sociais (RS), considerando que estas são modalidades específicas de conhecimento cuja função é de promover a elaboração do conhecimento e a comunicação entre os indivíduos, em que o desconhecido torna-se familiar, e o imperceptível, perceptível (Moscovici, 2011). Buscou-se, portanto, refletir sobre os significados sociais e simbólicos da vivência da paternidade e da maternidade na adolescência por parte dos adolescentes advindos de classe social baixa.

Importante destacar que a perspectiva das RS possibilitou contemplar a paternidade/maternidade em suas múltiplas facetas como fenômenos incluídos no contexto das sociedades contemporâneas. Nesse sentido, propondo-se a contribuir com a discussão sobre os objetos sociais em questão a partir da concretização dos objetivos deste estudo, esta tese foi estruturada em nove capítulos. No primeiro apresentam-se a contextualização e a delimitação do objeto de pesquisa, a justificativa sobre a escolha do tema, a operacionalização do objeto de pesquisa e os objetivos da tese.

O capítulo dois é constituído, inicialmente, pela problematização das diversas tentativas de conceituar a adolescência. Para tanto, através da análise do seu processo de construção social, buscou-se distanciar-se de uma visão pragmática que a conceitua de

forma homogênea e, ao mesmo tempo, aproximar-se de uma perspectiva que considere sua pluralidade e multideterminação. Essas características permitem a coexistência de várias adolescências.

No capítulo três, aborda-se sobre a paternidade e a maternidade na adolescência. Esse capítulo é formado por três tópicos: o primeiro traz uma discussão sobre a construção social da paternidade e da maternidade e suas diferentes formas de expressão ao longo do tempo; o segundo versa sobre a visibilidade da paternidade adolescente, a partir da apresentação e da discussão de produções científicas que a contemplam; o terceiro tópico contém a apresentação e a discussão de pesquisas científicas sobre a maternidade na adolescência. Destaca-se que, neste capítulo, a paternidade e a maternidade na adolescência são apresentadas separadamente nos dois últimos tópicos apenas por motivos didáticos para o seu estudo científico.

No quarto capítulo são feitas considerações sobre a Teoria das Representações Sociais, de maneira dinâmica, e seus conceitos e elementos teóricos por meio de entrelaçamentos e de articulações diretas com a paternidade e a maternidade na adolescência. Essa forma de apresentar a TRS permite demonstrar efetivamente sua contribuição para o estudo destes fenômenos. São abordadas as suas funções e processos formadores, os sistemas de comunicação e a tridimensionalidade das representações sociais.

O quinto capítulo, composto pelo método do estudo, contém a definição do tipo de pesquisa, considerações sobre os participantes, os instrumentos, os procedimentos de coleta e de análise dos dados e os aspectos éticos.

No sexto capítulo, descrevem-se os resultados obtidos por meio de cada instrumento de coleta dos dados que são apresentados em coerência com o seu processamento nos respectivos programas de análise de dados.

O capítulo sete, com base nos dados descritos no capítulo anterior, apresenta-se a análise e a discussão dos resultados. As informações relativas às Representações Sociais elaboradas sobre a Paternidade e a Maternidade na Adolescência, foram analisadas e discutidas conforme a relevância do material aos objetivos da pesquisa e a existência de consensos e dissensos de conteúdos representacionais, procedentes dos diferentes instrumentos utilizados para a apreensão dos dados.

Por último, encontram-se as considerações finais, em que foram feitas reflexões sobre os aspectos relevantes da pesquisa, os resultados obtidos, a aplicabilidade do estudo e suas limitações. Nessa ocasião, foram sugeridos possíveis desdobramentos futuros que possam ampliar o conhecimento no campo da saúde sexual e reprodutiva do adolescente.

**CAPÍTULO I - CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA
E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA**

Este capítulo tem a finalidade de apresentar os objetos sociais deste estudo, demarcando a forma como têm sido estudados por outras áreas do saber e como serão abordados e fundamentados teoricamente e metodologicamente no âmbito desta tese. Para se entender o desenvolvimento deste trabalho, definiram-se conceitos que são frequentemente empregados. Na sequência, no final desta sessão, apresentam-se os objetivos propostos.

Antes, porém, de iniciar a delimitação dos objetos de estudo, convém operacionalizar os conceitos que são comumente utilizados no decorrer do estudo, a saber: gravidez, maternidade, paternidade, projeto de vida, adolescência e adolescente.

É comum encontrar pesquisas que tratam a maternidade e a gravidez na adolescência como acontecimentos semelhantes. Embora estes termos sejam freqüentemente estudados como sinônimos, têm suas particularidades.

A gravidez é o período em torno de quarenta semanas entre a concepção e o parto. É uma etapa passageira, caracterizada por modificações, sobretudo biológicas - no caso das mulheres - e por experiências psicossociais que se impõem tanto ao homem quanto à mulher. Importante destacar que, embora a gravidez seja um evento inscrito no corpo da mulher, traz repercussões psicossociais também para a vida do adolescente pai. Portanto, sempre que se falar de gravidez, deve-se incluir também a perspectiva dele.

Por sua vez, a maternidade não é um evento puramente biológico, é uma experiência inscrita nas mudanças sócio-históricas que insere a mulher na vivência concreta das responsabilidades e das exigências que já vislumbrava, ou não, durante a gravidez. A maternidade solicita a prática de cuidados, requer maturidade emocional, envolvimento afetivo e outras demandas próprias do tornar-se mãe. Entretanto, de acordo com Leal (1990), ambas as experiências (gravidez e maternidade) estão

subordinadas não só às características individuais de cada mulher, mas também ao seu enquadramento sócio-histórico.

Quanto à paternidade, também não se refere a um fenômeno biológico, mas um acontecimento inserido na dinâmica sócio-histórica e, portanto, um conceito socialmente construído, que esteve subordinado, através dos tempos, a diversas modificações em sua configuração. Apesar de ter sofrido mudanças e ser um conceito em ampla transformação, a paternidade, assim como a maternidade, demanda responsabilidades que variam conforme o contexto de onde se fala.

Nesta tese, os eventos paternidade e maternidade na adolescência não são mencionados sob a égide de qualquer tipo de adjetivo que os categorize de maneira pejorativa. Faz-se menção a eles por meio das expressões “paternidade e maternidade na adolescência”, evitando julgamentos e estereótipos tais como “indesejada”, “não planejada”, “precoce”, “prematura”, ou qualquer outro adjetivo que os rotule e limite-os. São também analisados como objetos sociais multifacetados, multideterminados e passíveis de mudanças.

Em relação à adolescência, para efeito deste estudo, adota-se o conceito da World Health Organization (WHO, 2013), que considera a adolescência como a fase da evolução do ser humano que está contida na população que tem entre 10 e 19 anos de idade. A título de operacionalização dos conceitos aqui estudados, maternidade e paternidade na adolescência são consideradas, nesta tese, como a experiência de ser mãe/pai na faixa etária dos 10 aos 19 anos de idade.

Ressalte-se que, embora se tenha escolhido a idade cronológica para identificar a adolescência, entende-se que a variável idade isoladamente não é parâmetro suficiente para defini-la, pois, em uma mesma faixa etária, pode haver uma forte heterogeneidade em função do contexto social. Portanto, a construção da adolescência está intimamente

associada às condições sociais e econômicas ou à posição que o adolescente ocupa na estrutura social (Heilborn, 2006a; Dias & Teixeira, 2010; Pariz, Mengarda &, Frizzo, 2012)

Em relação ao constructo projeto de vida, é aqui considerado como planos futuros. Consiste nas pretensões e nos desejos de realizações que os adolescentes delineiam para o seu futuro. Podem ser planos de realização de diferentes ordens, que vão desde ter uma profissão, um trabalho, casar, ter filhos, até a aquisição de bens materiais de consumo. Os demais termos utilizados com frequência, neste estudo, foram assim definidos: Adolescência – fase do desenvolvimento humano que é plural e multideterminada; A adolescente - adolescente do sexo feminino que se tornou mãe; O adolescente – adolescente do sexo masculino que se tornou pai; Os adolescentes – adolescentes de ambos os sexos; Paternidade/ Maternidade – experiência de ser pai/mãe.

A saúde sexual e reprodutiva do adolescente tem recebido atenção das organizações de saúde (tanto nacionais quanto internacionais) devido as suas implicações nos aspectos físicos, psicológicos e sociais. Conforme a pesquisa de Registro Civil do IBGE, em dados relativos a 2007, houve uma pequena queda nos índices de gestação em adolescentes, a proporção de nascimentos de mães com menos de 20 anos caiu de 20,5% em 2006 para 20,1%. A redução é pequena, porém intensa nas regiões desenvolvidas do Centro-sul, entretanto, no Norte e no Nordeste, as taxas ainda são preocupantes (IBGE, 2007).

Apesar da discreta queda dos números de gestação em adolescentes, estudos demográficos (Alves & Cavenaghi, 2012) vêm demonstrando que houve um incremento da taxa de fecundidade e relativa elevação de nascimentos na faixa etária de 15 a 19 anos, bem como um crescente aumento na faixa etária de 10 a 14 anos em adolescentes do sexo feminino.

De acordo com o estudo “Representaciones y significaciones sobre el embarazo adolescente de padre y madres hasta 19 años”, realizado pelo Instituto Nacional da juventude, em 2011, registraram-se mais de 100 mil homens e mulheres que foram pais com menos de 19 anos de idade no Chile. Isso atingiu, principalmente, os setores mais pobres da sociedade. Em verdade, o estudo indica que apenas dois por cento dos casos correspondem a um nível socioeconômico maior, enquanto sessenta e cinco por cento são registrado nos setores mais vulneráveis dos estratos socioeconômicos D e E (Pino, Escobar, Muñoz, Torrent, & Bosch. 2011)

No Brasil, entre 1991 e 2000, a Taxa Específica em Fecundidade (TEF) regrediu em todos os grupos etários, exceto entre os adolescentes de 15 a 19 anos. Esse dado revela que, no Brasil, houve um aumento da gravidez na adolescência na década de 1990. Entretanto, de acordo com o Censo de 2010, as taxas de fecundidade permaneceram caindo em todos os grupos etários, e dessa vez, até mesmo entre os adolescentes, que era de 74,8 % de nascimentos para cada mil adolescentes entre 15 e 19 anos em 1991, ascendeu para 89,5 % por mil, em 2000, e caiu para 67,2 por mil em 2010 (Alves & Cavenaghi, 2012).

A relativa diminuição no número de adolescentes que se tornam mães, tanto em nosso país quanto no exterior, revela que a maternidade durante a adolescência tem sido debatida e problematizada e destacou-se na área social e científica por representar um desafio para a sociedade em geral a partir das questões que suscita (Barreto et al. 2010).

Apesar da redução, as taxas brasileiras são altas, quando confrontadas com outros países. Tomam-se como exemplo países como: a Coréia do Sul, onde as taxas são de apenas 2,3 por mil; a China, de 8,4 por mil; o Irã, de 29,5 por mil; a França, de 7 por mil; a Arábia Saudita, de 11,6 por mil; os Estados Unidos, de 34 por mil, e de 59 por mil na África do sul (Alves & Canevaghi, 2012). Segundo os referidos autores, o

Brasil tem uma estrutura rejuvenescida da fecundidade, o que significa que as mulheres começam a ter filhos cedo e deixam de tê-los também cedo, ao contrário do padrão europeu, do asiático e do islâmico.

Observa-se que os dados estatísticos apresentados até o momento contemplaram exclusivamente as adolescentes mães. A este respeito, um fato chama a atenção: ao se buscarem indicadores sociodemográficos sobre o pai adolescente, depara-se com uma lacuna nas informações, pois dificilmente estes pais são visualizados nas pesquisas epidemiológicas.

Alguns autores (Jesús-Reyes & Cabello-Garza, 2011; Jiménez, 2003; Amuchástegui & Szasz, 2007) explicam tal invisibilidade baseados nos estudos quantitativos feitos na área da demografia e da epidemiologia, os quais buscavam conhecer os comportamentos sexuais e reprodutivos da população, especificamente sobre fecundidade, realizando-os apenas com as mulheres. Os referidos autores destacam que a não inclusão do homem no contexto dessas pesquisas acaba por excluí-lo também das políticas públicas delineadas a partir dos resultados desses estudos.

Dados de órgãos governamentais e não governamentais parecem ignorar a existência de um grande número de adolescentes que se tornam pais. Podem-se tomar como exemplo as pesquisas de órgãos como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o Ministério da Saúde (MS), que, em estudos referentes à fecundidade, averigam apenas os indicadores de mulheres que se tornaram mães, e excluem informações correspondentes aos pais dessas crianças. Esse fato demonstra desinteresse em conhecer a participação paterna e favorece sua exclusão de determinados programas de políticas públicas, principalmente aqueles voltados para a saúde (Meincke et al., 2011; Orlandi & Toneli, 2008).

Da mesma forma, ao buscar dados relativos aos índices de paternidade na adolescência, no Brasil, Orlandi e Toneli (2008) asseveram que também se defrontaram com a falta de informações sobre os adolescentes pais perante órgãos como o Ministério da Saúde e o IBGE. Igualmente, Lyra e Medrado (2000), ao buscar identificar o número de pais adolescentes no Brasil a partir da análise de documentos de instituições que coletam ou sistematizam informações demográficas, tais como o IBGE, o Ministério da Saúde, a Sociedade Civil Bem-estar Familiar no Brasil (BEMFAM) e, em São Paulo, o Sistema Estadual de Análise de Dados (Fundação SEADE), surpreenderam-se com a ausência de informações sobre a paternidade na adolescência.

As circunstâncias acima descritas expressam que o fenômeno de gerar e criar filhos geralmente se estabelece, até na demografia, como eventos conferidos culturalmente às mulheres, incluindo muito discretamente o pai. Os referidos autores relatam que, devido à dificuldade de encontrar dados sobre a paternidade, o foco de interesse da pesquisa passou a ser o debate da legitimação da ausência paterna a partir da invisibilidade da paternidade nos levantamentos estatísticos (Lyra & Medrado, 2000).

Vale ressaltar que, nesta tese, reconhecem-se a importância da inserção paterna nos estudos científicos e a necessidade de se incluir a análise das condições sociais e econômicas dos adolescentes tanto no estudo da paternidade quanto da maternidade. Nesse aspecto, Brandão (2006), Medrado e Lyra (2002) e Heilborn (2006b) assinalam que a análise das condições sociodemográficas e do contexto cultural e histórico permitem que sejam apreendidos os significados que a paternidade/maternidade na adolescência tem para adolescentes de diferentes grupos sociais. Portanto, antes de categorizar a gravidez e a paternidade-maternidade na adolescência como um problema

social e de saúde pública, devem-se, inicialmente, analisar as condições objetivas e subjetivas em que ocorrem.

Embora as formas de vivências destas experiências sejam caracterizadas em função das variáveis contextuais que as circunda, no geral, a descoberta da gravidez nessa etapa da vida pode mobilizar intensas reações e sentimento de estranheza nos jovens e em seus familiares. Afinal, é a partir da gravidez que surgem as primeiras fantasias e os sentimentos em relação a como será ser pai e ser mãe. É o primeiro contato dos adolescentes com a novidade e o momento oportuno para envolvê-los no processo, e ajudá-los a elaborar e a fazer as assimilações necessárias para a melhor vivência do que está por vir.

No cenário dos estudos existentes sobre estas temáticas, são diversas as perspectivas teóricas que os norteiam na análise das suas dimensões. Entre elas, estão: a abordagem cognitivista, psicodinâmica, sócio-histórica, o enfoque biológico e epidemiológico e a perspectiva das representações sociais conforme apresentados a seguir. O enfoque cognitivista sugere que o incremento de gravidezes na adolescência deve-se à desinformação sobre a saúde sexual e reprodutiva e contracepção. Associa também a ocorrência da paternidade/maternidade à dificuldade do (a) adolescente de refletir sobre situações hipotéticas e conceitos abstratos, circunstância que repercute na antecipação da atividade sexual desprotegida (Gomes, Amazarray, Machado, & Oliveira, 1998; Rangel & Queiroz, 2008; Santos & Nogueira, 2009).

A abordagem psicodinâmica associa a maternidade na adolescência ao desejo inconsciente de examinar a própria capacidade reprodutiva e à busca da feminilidade (Belo & Reigado, 2010; Dadoorian, 2003; Nascimento, 2002; Pontes, Barcelos, Tachibana, & Aiello-Vaisberg, 2010; Santos & Carvalho, 2006; Tachibana, Santos, & Duarte, 2006). Enfoca-se, no estudo da personalidade e do funcionamento subjetivo, o

significado individual atribuído à paternidade e à maternidade na adolescência (Bocardi, 2003; Díaz-Franco et al., 2006; Moreira & Sarriera, 2006; Nascimento, 2002; Vilhena, 2009).

Do ponto de vista sócio-histórico, a paternidade e a maternidade na adolescência são estudadas em relação ao contexto social em que se inscrevem, sendo analisadas como expressões de uma trama de significações que lhe atribuem sentido. Estas experiências podem significar a busca de um novo status social e, não raras vezes, estabelecem-se, como a opção de idealizar um projeto de vida conciliável com as demandas, as normas e as oportunidades disponíveis (Monteiro, 2005; Traverso-Yépez & Pinheiro, 2002).

Do ponto de vista biológico, são analisadas as dimensões clínicas e assistenciais da maternidade, como o desempenho obstétrico das jovens mães, as intercorrências clínicas, as patologias e os riscos biológicos da gravidez e a classificação das adolescentes como grupo de risco (Bruno, Carvalho, & Herlano, 2009; Magalhães et al. 2006; Neto & Andalaft, 2009; Ribeiro, Barbieri, Bettiol & Silva, 2000; Yazlle, 2006).

Na abordagem epidemiologia, os estudos concentram-se na incidência e na prevalência de gestações e nascimentos, bem como na caracterização do perfil biossociodemográfico das mães e pais adolescentes (Gámez & Zulueta, 2010; Meincke et al., 2011; Sabroza, Leal, Gama, & Costa, 2004; Spindola & Silva, 2009; Yazlle et al. 2002).

A perspectiva das representações sociais centra-se na análise dos significados simbólicos e sociais da paternidade e da maternidade na adolescência, construídos ativamente e socialmente compartilhados através das práticas, das interações e dos processos de comunicação. Por meio da apreensão das representações sociais identifica-se a maneira como as pessoas compreendem, lidam e se comportam frente aos referidos

objetos sociais, acessando as dimensões cognitiva, afetiva e social do conhecimento produzido. Podem-se citar como exemplo os estudos de König, Fonseca e Gomes (2008), Rodrigues, Rodrigues, Silva, Jorge e Vasconcelos (2009) e Zanin, Moss e Oliveira (2011).

Em relação à inclusão do tema paternidade na adolescência nos estudos científicos, além das pesquisas epidemiológicas, que não têm contemplado informações demográficas sobre o pai adolescente, algumas pesquisas de levantamento bibliográfico e revisões sistemáticas têm constatado a escassez de estudos sobre este tema também no âmbito das produções acadêmicas (Barreto et al., 2010; Correa & Ferriani, 2006; Hoga, Melo, & Dias, 2006; Levandowski, 2001; Orlandi & Toneli, 2005).

Observa-se que, por tradição, a gravidez foi sempre percebida como um evento exclusivamente feminino. A consequência disso é que se atribui à mulher a completa responsabilidade e participação no desenvolvimento emocional e psicossocial da criança, ficando a figura paterna em posição secundária no que se refere aos cuidados e afetos dirigidos ao filho, sendo designado a ele o papel de provedor (Santos, 2008; Silva, 2007).

Siqueira, Mendes, Finkler, Guedes e Gonçalves (2002), com o intuito de verificar os processos de inclusão e exclusão do pai em programas públicos que prestavam atendimento pré-natal a gestantes adolescentes, constataram que o campo da saúde sexual e reprodutiva tem sido considerado um espaço feminino, o que dificulta a entrada dos pais nesses domínios. Nesta direção, Trindade e Menandro (2002) reforçam que, ao se pensar a gravidez adolescente e ao se delinearem as intervenções a ela conduzidas, não se deve esquecer que o pai adolescente precisa ser incluído no universo das pesquisas e dos programas de saúde pública.

Em revisão da literatura internacional, por meio de consulta à base de dados Psyclit, com o objetivo de identificar artigos que tivessem sido publicados no período de 1990 a 1999 sobre a paternidade adolescente, Levandowski (2001) verificou que, dentre os 238 artigos identificados em sua pesquisa a partir dos descritores *adolescent father*; *teenage father*; *adolescent fatherhood* e *teenage fatherhood*, apenas 68 deles se referiam, especificamente, aos pais adolescentes. Utilizando os mesmos descritores adaptados para o termo maternidade na adolescência, a referida autora encontrou 1158 artigos. Tal constatação revela a carência de estudos sobre o tema em questão, quando comparados aos estudos sobre a paternidade em geral e a maternidade adolescente.

Da mesma forma, Russo e Brêtas (2008), através de levantamento bibliográfico, com a finalidade de identificar trabalhos realizados no período de 2002 a 2007, sobre a ‘maternidade e a paternidade na adolescência’, também constataram um relativo silêncio social quanto às vicissitudes da paternidade nesta fase da vida. Reduzidos também foram os índices de publicações que contemplavam, simultaneamente, mães e pais adolescentes diante da maternidade e paternidade.

A pouca visibilidade da paternidade na adolescência, tanto por parte da sociedade em geral quanto da comunidade científica, sugere certa segregação social, que dificulta a importante inserção do pai adolescente no processo da paternidade. A esse respeito, a literatura existente aponta que ações voltadas para a inclusão do pai adolescente podem gerar um impacto positivo na vida deles e dos seus filhos, sem contar que o estudo desta temática abre possibilidades para reflexões mais amplas no tocante ao compromisso por parte dos adolescentes nas esferas da vida sexual e reprodutiva e do cuidado para com a criança (Levandowski & Piccinini, 2006; Meincke & Carraro, 2009).

É necessário considerar que a paternidade na adolescência promove mudanças e readaptações psicossociais e estabelece novos papéis para a organização de vida do(a) adolescente (Barreto et al., 2010). Portanto, como a adolescência é um período de profundas modificações físicas, psicológicas e sociais, que determinam uma diversidade de conflitos e expectativas frente à descoberta de um novo mundo, a transição para a parentalidade e a perda gradual do papel infantil, rumo à incorporação das responsabilidades do “ser adulto”, originam inquietações, ansiedade e inseguranças (Moreira, Viana, Queiroz, & Jorge, 2008).

Autores destacam que as reações dos adolescentes diante de uma gravidez que não é planejada, bem como suas atitudes em relação a terem ou não filhos, são fortemente influenciadas por suas representações sociais (Dominguez, 1998; Rodrigues et al., 2009). Trindade e Menandro (2002) assinalam que uma forma privilegiada de abordar o tema da paternidade adolescente é através da consideração do que os jovens pais têm a dizer sobre o assunto, uma vez que seus relatos permitiram a tradução da imagem, muitas vezes, estereotipada, em expressão da vivência cotidiana.

Deste modo, a paternidade e a maternidade são experiências que impõem ao adolescente a necessidade de percorrer um processo de “vir a conhecer” a nova realidade: “ser pai ou ser mãe”, necessitando, para tanto, “resignificá-la” até torná-la familiar, acessível, compreensível, objetiva e, conseqüentemente, menos angustiante. Todo este movimento de tornar familiar o que é estranho remete aos pressupostos da Teoria das Representações Sociais, que é o suporte teórico-metodológico deste estudo. Moscovici (2011) assinala que:

(...) as representações que nós elaboramos – de uma teoria científica, de uma nação, de um objeto etc. – são sempre o resultado de um esforço constante de

tornar comum e real algo que é incomum (não familiar), ou que nos dá um sentimento de não familiaridade. E através delas nós superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico que é com isso enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que parecia abstrato torna-se concreto e quase normal (p. 58).

A necessidade de não considerar a paternidade-maternidade na adolescência como uma condição homogênea, mas de considerar o contexto social e cultural em que ocorrem (Bock, 2007; Gallo, 2011; Heilborn et al., 2006; Oliveira-Monteiro, 2010), deve-se à constatação de que, em cada sociedade, podem existir distintas representações sociais para um mesmo objeto, devido às divisões entre grupos que são determinadas por condições sócioeconômicas e sistemas de orientação diferentes.

Nesse sentido, uma importante variável contextual que deve ser considerada é a classe social. Embora a paternidade/maternidade na adolescência, não seja uma ocorrência exclusiva das classes menos favorecidas, é mais freqüente em espaços sociais populares. Nas classes economicamente mais favorecidas, a valorização da continuidade dos estudos e da formação acadêmica e profissional faz com que a paternidade/maternidade seja adiada para não afetar os estudos e a futura inserção no mercado de trabalho.

Em contrapartida, quando estas experiências ocorrem nas classes populares, em que, muitas vezes, já se encontra a parte do espaço educacional e com poucas expectativas frente ao mercado de trabalho, fazem com que os adolescentes encontrem na paternidade/maternidade uma forma de mobilidade social. Com base nessas considerações, observa-se que é preciso contextualizar o fenômeno a partir dos próprios adolescentes, situando-os, principalmente, em suas origens socioeconômicas, para que

seja possível determinar suas especificidades e compreender suas representações. Segundo Dias e Aquino (2006), o contexto social onde ocorre a paternidade/maternidade na adolescência e os principais desdobramentos na vida desses jovens, advindos do nascimento da criança, são questões fundamentais na análise da experiência da parentalidade nesta fase da vida. Assim interessa saber: o que muda e o que permanece na história desses atores sociais? O que há de específico na condição de adolescentes pais/mães? Tais indagações possibilitam, em especial, a visibilidade da situação.

Então, parte-se do pressuposto de que, os significados atribuídos à experiência da paternidade e da maternidade por parte dos participantes desta pesquisa são construídos ativamente com base na experiência social e cultural e podem variar conforme a idade, o sexo, o estado civil, o grau de escolaridade, a classe social, dentre outras variáveis. Considera-se, ainda, que entender como os adolescentes das camadas populares se percebem na vivência da paternidade e maternidade passa pela necessidade de apreender e compreender o conjunto de práticas, atitudes, crenças e valores mais amplos existentes nesses grupos.

Logo, perante os argumentos apresentados até então, algumas questões motivaram a escolha desta temática: Quais as representações sociais dos pais/mães adolescentes sobre a paternidade e a maternidade nessa fase do ciclo vital? Há diferenças entre a configuração das representações e os modos de inserção nesse processo em função do sexo, da idade ou do estado civil? Em que medida essas representações sociais divergem e convergem?

Incluiu-se no escopo desta tese o adolescente pai por se reconhecer a importância do pai na vida do filho e na estruturação familiar. Portanto, pretendeu-se investigar a paternidade/maternidade não apenas sob o prisma da experiência feminina,

mas também por meio da vivência do adolescente pai, porquanto é possível conhecer a forma como se inserem no processo de paternidade e maternidade e como o representam socialmente.

Assim, na tentativa de compreender as representações sociais da paternidade e da maternidade na adolescência, elaboradas por adolescentes que são pais e mães, procurou-se apreender, a partir dos participantes da pesquisa, elementos importantes associados à construção das representações sociais sobre os referidos objetos sociais na contemporaneidade.

Na busca desse conhecimento, foi empregada uma abordagem de multimétodo, cujos instrumentos empregados, além da entrevista, considerada como a pedra angular nos pressupostos teórico-metodológicos nesse campo de pesquisa, os procedimentos quantitativos, que contribuíram para formar o conjunto de análise para se apreenderem as diversas facetas do objeto de pesquisa. Nessa perspectiva, foram elencados os seguintes objetivos para esta tese:

1.1 – Objetivo Geral

Apreender as Representações Sociais elaboradas por mães e pais adolescentes sobre a paternidade e a maternidade na adolescência.

1.2 – Objetivos específicos

1. Delinear o perfil biossociodemográfico dos participantes;
2. Analisar e comparar o conteúdo e a estrutura das representações sociais elaboradas pelos pais e mães adolescentes sobre a maternidade e a paternidade na adolescência;
3. Verificar quais os projetos de vida dos participantes antes e depois da experiência de paternidade-maternidade;

4. Descrever as principais mudanças sucedidas na vida dos adolescentes após a paternidade/maternidade;
5. Verificar quais as informações obtidas pelos adolescentes sobre práticas contraceptivas e suas fontes de veiculação.

**CAPÍTULO II – ADOLESCÊNCIA, PATERNIDADE E
MATERNIDADE – AS DIFERENTES FORMAS DE EXPRESSÃO.**

A importância de um capítulo histórico no contexto de estudos em representações sociais reside na necessidade de se conhecer as formas de pensamento social preexistentes sobre um dado objeto social. Todo sistema de categorização, imagens e definições que se movimentam dentro de uma sociedade aludem vínculos e imagens que traduzem conhecimentos anteriores capazes de romper ou reforçar as representações elaboradas. Nesta direção, Moscovici (2011) destaca a necessidade da existência de categorias de pensamento prévio que sirvam de base para a construção das representações sociais.

Trazendo a idéia do referido autor para este capítulo, pode-se dizer que os significados da adolescência e da paternidade-maternidade adolescente, no século XXI, podem ter como referência conhecimentos preexistentes construídos ao longo do tempo, expressando a influência do passado sobre o contemporâneo, de forma que todo objeto novo e desconhecido possa se tornar familiar a partir de quadros de pensamento anteriores.

Portanto, ao se buscar identificar as representações sociais elaboradas por adolescentes acerca da paternidade e maternidade na adolescência, objetivo constituinte desta tese, entende-se ser fundamental considerá-las como expressão de um processo histórico e social. Compreende-se aqui que tais representações são elaboradas a partir de um contexto marcado pelas mudanças ocorridas através dos tempos, uma vez que o conhecimento não é neutro, ele é atravessado e perpassa as práticas cotidianas, orientando as escolhas e condutas das pessoas. Neste cenário, a sociedade exerce importante papel na determinação e sustentação de significados, ideologias, mitos, preconceitos, crenças e valores das pessoas frente aos fenômenos sociais que as circundam.

Desse modo, considerando a relevância de se acessar a construção social do conceito de adolescência e da paternidade e maternidade através dos tempos – análise fundamental para a compreensão da sua atual configuração, este capítulo aborda a construção social dos referidos objetos de pesquisa. Inicialmente aborda-se sobre a construção da adolescência, por conseguinte, apresenta-se as diferentes formas de expressão da paternidade e maternidade que são elucidados num mesmo tópico, isto, pois, as transformações históricas e sociais ocorridas no conceito de Maternidade suscitam, por conseguinte, alterações na vivência da Paternidade.

2.1 – Adolescência ou Adolescências – a Construção Social de um Conceito

Comumente a adolescência é mencionada na literatura científica sob o enfoque tradicional que a concebe como uma categoria homogênea, natural e universal. Por ser apontada como uma fase de conflitos e crises, a sociedade acaba por conferir ao adolescente o status de “problemático” e “rebelde” (Chelhond-Boustanie et al., 2012; Ozella, 2003; Frota, 2007).

Todos estes emblemas e estereótipos foram construídos ao longo do tempo, constituindo no imaginário social a idéia de uma fase caracterizada pela “anormalidade” e “turbulência” como propriedades naturais desta etapa. No entanto, a adolescência não deve ser refletida apenas com base nas transformações biológicas provocadas pela puberdade, e nem tão somente pela idade cronológica, deve igualmente, ser compreendida como um conceito socialmente e historicamente construído que varia conforme a história e o contexto do qual se fala (Frota, 2007; Schoen-Ferreira et al., 2010).

Ao se debruçar na literatura sobre esta temática, depara-se com duas tendências no âmbito da Psicologia da adolescência: uma que sugere a universalidade deste estágio, e outra que concebe a adolescência a partir da inserção histórica e cultural. Esta última indica que este período não necessariamente deverá ser conflituoso, mas que é preciso considerar as interações estabelecidas pelos adolescentes com o mundo físico e social.

No que diz respeito à perspectiva que concede à adolescência um caráter universal, o próprio fundador da Psicologia da Adolescência, Stanley Hall (1925), contribuiu para reforçar a proposição da naturalidade e homogeneidade desta fase. Este autor considerava que a adolescência consistia na retirada dramática das crianças do paraíso da infância, constituindo-se, deste modo, num período de crises, tempestades e tormentas.

Em estudo sobre a construção social da adolescência, Bock (2007) faz referência aos principais autores que marcaram, no século XX, as concepções sobre esta etapa da vida. Bock relata que apesar de Stanley Hall ter inserido a adolescência como objeto de estudo da Psicologia, foi Erickson (1976) quem a institucionalizou, apresentando-a a partir do conceito de moratória e distinguindo-a como uma fase específica do desenvolvimento. Para Erickson, a confusão de papéis e as dificuldades para alcançar uma identidade própria marcavam a adolescência.

Na América Latina destacam-se os trabalhos de Aberastury e Knobel (1992). Foi a partir de Knobel que surgiu a noção de "síndrome normal da adolescência", a qual enfatiza que algumas características consideradas anormais e intrigantes no adolescente, são na verdade comportamentos normais e naturais da adolescência (Knobel, 1989).

A partir das referidas teorias, percebe-se que as concepções até então existentes compreendiam adolescência como uma etapa natural e de caráter universal. Neste

sentido, Bock (2007) aponta que a adolescência não só foi naturalizada, mas também percebida como uma fase difícil, “semi-patológica” e carregada de conflitos "naturais".

As descobertas científicas na área do desenvolvimento humano contribuíram para a desconstrução de antigos significados e para a produção de novas representações sobre a adolescência. Atualmente já se fala da existência de várias adolescências, tendo em vista a diversidade cultural e os diferentes modos de compreendê-la e vivenciá-la (Bock, 2007; Frota, 2007; Grossman, 1998; Ozella, 2003).

A este respeito, Margulis (2001) sugere que há mais de uma forma de viver a adolescência e, portanto se pode falar de adolescências no plural: “a adolescencia se trata de una condición historicamente construída y determinada, cuya caracterización depende de diferentes variables, siendo más notórias la diferenciación social, el género y la generación" (p. 42).

Ainda que o conceito de adolescência seja relativamente recente na história da civilização (Ariés, 1981), a noção de adolescência tem suas raízes na Grécia Antiga. Aristóteles considerou os adolescentes como: “Apaixonados, irascíveis, capazes de serem arrebatados por seus impulsos, ainda que tenham altas aspirações” (Assis, Avanci, Silva, Malaquias, Santos, & Oliveira, 2003; Sprinthall & Collins, 2008; Cole & Cole 2004).

Observa-se que desde a antiguidade a adolescência era compreendida como uma fase de turbulências e impulsividade. A forma como os jovens eram educados se diferenciava entre meninos e meninas. Severos treinamentos eram dados aos jovens com a finalidade de imputar-lhes os valores patrióticos e militares. Já a educação das moças era voltada para a constituição de família por meio do casamento e exercício da maternidade que ocorria aos 15 ou 16 anos (Grossman, 1998).

No Império Romano, os meninos de famílias mais abastadas, ao completarem catorze anos, abdicava dos trajes infantis, para usufruir o direito de fazer tudo o que os jovens gostavam de fazer. Aos dezesseis ou dezessete anos podiam eleger a carreira pública ou entrar para o exército. A maioridade legal não existia; o jovem era considerado impúbere e só deixava esta condição quando o pai avaliasse que já estava no momento de assumir as vestes de homem e cortar o primeiro bigode (Grossman, 1998).

Percebe-se que as diferenças de gênero já eram evidentes nesta época. Se, por um lado, no período entre a puberdade e o casamento era permitido ao menino iniciar sua vida sexual buscando tal experiência com quem desejasse, por outro lado, as meninas, aos doze anos de idade, eram consideradas em idade de casar, fato que ocorria por volta dos catorze anos e lhe conferia o status de adulta.

Na Idade Média, o jovem encontrava-se inserido em comunidades feudais. Surge o discurso sobre as "idades da vida" ou "idades do homem", que influenciado por Aristóteles correspondiam a um período de sete anos. A adolescência correspondia à terceira idade, fase que ocorria dos catorze aos vinte anos. Nesta idade a pessoa desenvolveria todas as potencialidades que lhe fossem devidas pela natureza e também estaria pronto para procriar (Aries, 1981; Grossman, 1998; Souza & Homet, 1999).

Nessa época, o desenvolvimento era considerado um acontecimento quantitativo, e as crianças e adolescentes eram tidos como adultos em miniatura necessitando apenas crescer em termos quantitativos nas dimensões físicas e mentais (Garrod, Smulyan, Powers, & Kilkenny, 1995). Ao longo dos séculos a sociedade foi sofrendo alterações na sua configuração e no século XIX se tornou uma extensa população anônima, os papéis sociais de mulheres e crianças são redefinidos, ocorre o rápido aumento da industrialização (Aries, 1981).

É também no decorrer do século XIX que a imagem do adolescente é traçada com mais precisão. Sua demarcação se dá de forma diferente para o menino e a menina. Para o primeiro, esta fase se desdobra entre a primeira comunhão e o bacharelado, e na menina, ocorre a partir da primeira comunhão ao casamento. A adolescência é associada a um "momento crítico" da existência humana, tida como um período de potenciais riscos para o próprio adolescente e para a sociedade e, a partir disso, ela é tomada como objeto de estudo entre os médicos e educadores.

Portanto, fruto das transformações das mentalidades, o termo "adolescência" se instala na segunda metade do século XIX e toma força no início do século XX, quando foi então caracterizada como um período da vida humana entre a infância e a vida adulta (Áries, 1981). Calligaris (2000) menciona que a adolescência torna-se um mito quando pensada enquanto um fenômeno natural. A este respeito comenta:

Nossos adolescentes amam, estudam, brigam, trabalham. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam. Lidam com as dificuldades de crescer no quadro complicado da família moderna. Como se diz hoje, eles se procuram e eventualmente se acham. Mas, além disso, eles precisam lutar com a adolescência, que é uma criatura um pouco monstruosa, sustentada pela imaginação de todos, adolescentes e pais. Um mito, inventado no começo do século 20, que vingou, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial (p. 9).

O século XX foi assinalado pelas guerras que deixaram marcas nos adolescentes da época. A partir disso, considera-se que a passagem para o século XX originou a criação de uma adolescência representada como uma fase de "tempestades e tormentas". Esta forma de significá-la sofreu influência de alguns movimentos, dentre eles, o

movimento *hippie*, da década de 1960, e o juvenil, de 1968, considerados eventos que influenciaram na constituição de um discurso sobre o que é ser adolescente (Frota, 2007; Grossman, 1998; Steinberg & Lerner, 2004).

Atualmente se reconhece que devido à diversidade cultural não se pode considerar que a adolescência seja experienciada e analisada igualmente por todos os adolescentes. No entanto, o entendimento da adolescência enquanto fenômeno multifacetado e multideterminado pelas condições sócio-culturais não existiram sempre.

Em crítica ao enfoque tradicional da psicologia que caracteriza a adolescência como uma fase problemática, Ozella (2003) defende que a adolescência é, na verdade, uma construção histórica e social, e aponta que para se obter uma compreensão integral sobre este período da vida é imprescindível superar a perspectiva que a concebe como algo natural e universal.

Segundo Pantoja, Bucher e Queiroz (2007), os modos como as relações entre as pessoas se estabelecem é passível de modificações ao longo do tempo. Essa característica mutável da existência reafirma a influência constante da História e da cultura no comportamento humano. Portanto, na condição de seres históricos e culturais, como pensar a adolescência hoje? Como pensar a adolescência para além das concepções estereotipadas que lhe servem de referência?

Na literatura científica contemporânea as concepções existentes variam desde aquelas baseadas nos aspectos psicossociais – destacando a adolescência como um momento de intensas alterações psíquicas, emocionais e sociais – até aquelas fundamentadas nos aspectos biológicos com ênfase nas transformações corporais e na maturação sexual, que são característica desta fase, e por fim as definições de ordem cronológica determinadas por critérios etários (Dias & Teixeira, 2010; Melo, Barros, & Almeida, 2011).

Contudo, várias controvérsias têm sido geradas em torno destas definições (Coimbra, Bocco, & Nascimento, 2005), pois compreender a adolescência exige considerar as especificidades e as heterogeneidades de expressão desta fase, que é marcada por novas experiências, aprendizagens, aquisições e descobertas sobre si mesmo e o mundo.

Importante observar que a razão para esta diversidade de conceituações na contemporaneidade reside na comprovação da não existência de uma única adolescência, mas sim de várias adolescências, que devem ser apreendidas e definidas de acordo com a época, a cultura, a classe social, o gênero e todas as demais variáveis circunscritas no contexto social no qual o adolescente está inserido (Coimbra et al., 2005; Dias & Teixeira, 2010; Goicolea et al., 2009; Menandro, Trindade & Almeida, 2003; Schoen-Ferreira et al., 2010)

Ainda em relação à diversidade de conceituações em torno da adolescência, é importante destacar as definições voltadas para os aspectos cronológicos que buscam demarcar um limite etário que a estabeleça. Pode-se citar como exemplo as definições do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que segundo a Lei n.º 8.069/90 (Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990), restringe a adolescência como a etapa da vida que vai dos 12 aos 18 anos de idade. Outro exemplo é a definição preconizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que delimita a adolescência como a segunda década de vida dos 10 aos 19 anos.

No entanto, é importante ressaltar que até as definições cronológicas possuem diferenças quanto aos intervalos de idade que delimitam o início e o fim desta fase. Isso ocorre porque a adolescência pode ser mais prolongada ou mais breve dependendo do contexto do qual se fala (Menandro et al. 2003; Gubert & Madureira, 2008; Brêtas et al. 2011). Na verdade, estas fronteiras cronológicas são apenas referências para a

determinação de políticas públicas, porém, na realidade social e na experiência subjetiva dos adolescentes, tais fronteiras não existem de maneira homogênea e estanque.

A prorrogação e o encurtamento do tempo da adolescência podem ser constatados concomitantemente em uma mesma sociedade. De um lado, ocorre uma adolescência prolongada, típica das classes mais favorecidas, onde a exigência profissional é mais rígida, requerendo do adolescente uma formação mais ampla e fazendo com que morem mais tempo com os pais. Por outro lado, nas classes economicamente desfavorecidas, encontra-se uma adolescência mais curta decorrente da inserção precoce no mercado de trabalho, fato que provoca o abandono dos estudos e ocasiona não só o retraimento da adolescência, mas a própria impossibilidade de vivenciá-la (Heilborn, 2006b; Leal e Knauth, 2006).

As considerações até aqui realizadas revelam que a adolescência se configura de formas diferentes em cada época e cultura. Compreendê-la enquanto uma construção social, não significa negar que o adolescente tenha características próprias do desenvolvimento, ou negar que atravesse momentos de conflitos, dúvidas e angústias.

Deste modo, falar em construção social da adolescência significa, antes de tudo, contextualizá-la. Significa fazer referência a adolescentes que são participantes ativos de uma sociedade marcada pela pluralidade, e que, embora possuam um grupo de pertença, se diferenciam entre si na forma de pensar, sentir, agir e se posicionarem frente ao mundo; em outras palavras, diferenciam-se na maneira como vivenciam a própria adolescência.

Por fim, vale ressaltar que nos dias de hoje, influenciados por uma perspectiva tradicional, muitos teóricos ainda se referem à adolescência de maneira estereotipada, concebendo-a, como um fenômeno homogêneo e deslocado do meio social. Esquecem que todas as especificidades e pluralidades culturais, transformam a adolescência e o ser

adolescente em categorias multifacetadas, que só podem ser apreendidas cientificamente quando os estudos as analisarem dentro de um enredo social.

2.2 – Processo de Construção Social da Paternidade e Maternidade – As Diferentes Formas de Expressão destes Fenômenos

Ao se contemplar a construção dos significados sociais sobre a paternidade e maternidade, percebe-se que as mesmas têm se configurado de acordo com as modificações ocorridas no contexto social, econômico e cultural de cada época. Deste modo, ser pai e ser mãe é um papel socialmente prescrito, delineado de acordo com os valores dominantes em constante transformação. No que se refere ao homem, atualmente, verifica-se a demanda de uma nova postura por parte deste, na qual novas funções são estabelecidas, exigindo que ele se inclua e se envolva no processo da paternidade (Cowan & Cowan, 2000; Gabriel & Dias, 2011; Souza & Benetti, 2009).

Segundo alguns autores, independente da idade, o papel da figura paterna no desenvolvimento do filho e no equilíbrio familiar foi historicamente menos investigado que o papel da mãe, uma vez que, os estudos tendiam a focar mais a maternidade e as relações entre mãe e filhos (Elster & Lamb, 1986). Entretanto, verifica-se que nas últimas décadas aumentou o interesse da comunidade científica sobre a paternidade, tanto no Brasil quanto em outros países (Anabalón, Cares, Cortés, & Zamora, 2011; Barreto et al. 2010; Cabrera, Tamis-Lemonda, Bradley, Hofferth & Lamb, 2000; Levandowski, Piccinini & Lopes, 2009; Trindade & Menandro, 2002; Ramires, 1997).

Falar do processo histórico do conceito de paternidade gera automaticamente a necessidade de se reportar à história da maternidade, pois o lugar social do pai e as modificações ocorridas na esfera masculina são muitas vezes consequência direta ou indireta das transformações sucedidas na família e no papel da mulher (Castoldi, 2002;

Gabriel & Dias, 2011; Petrini, 2003; Rotundo, 1985; Roudinesco, 2003; Staudt & Wagner, 2008). Logo, tal apreciação histórica possibilita compreender como as representações sociais dos (as) adolescentes que vivenciam a experiência de ter filho são afetadas pelos imperativos sociais construídos no decurso dos tempos sobre homem e mulher, paternidade e maternidade.

Observa-se na atualidade a demanda por um “novo homem/pai” mais participativo e presente na criação dos filhos, tal demanda não se deu em um vazio social; em outras palavras, a necessidade do surgimento de um novo modelo de paternidade está intimamente relacionada à nova posição social das mulheres. Ao longo do curso histórico, foram ocorrendo alterações nas representações quanto ao papel da mulher e conseqüentemente à gravidez e a maternidade. Tais transformações no campo feminino promoveram questionamentos frente ao masculino, servindo de ponto de partida para o advento de um homem mais presente e sensível às trocas afetivas (Badinter, 1985; Correia, 1998; Dadoorian, 2000; Diehl, 2002; Kitzinger, 1978; Levandowski et al., 2009).

No processo de constituição da paternidade/maternidade, verifica-se um movimento de construção e desconstrução de um modelo tradicional, que acaba exercendo influência na forma como estes eventos são representados e vivenciados por homens e mulheres atualmente (Staudt & Wagner, 2008). Tais variações comprovam o quanto a organização socio-histórico-cultural de uma dada sociedade atravessa e interfere na história de homens e mulheres, repercutindo nas práticas sociais, nos modos de pensar, e se posicionar como pai e mãe.

Dentre os diversos fatores que influenciam na maneira como homens e mulheres vivenciam a paternidade/maternidade está o processo transgeracional, ou seja, o conhecimento produzido numa geração é apreendido e partilhado entre contínuas

gerações, a começar pelo grupo familiar. Em relação a isso, Falcke e Wagner (2005) destacam o poder da herança familiar na transmissão de seus valores, crenças, normas e mitos de geração a geração nas mais diversas culturas. No entanto, as atuais demandas sociais frente à paternidade e maternidade convocam o homem e a mulher a romper com referências anteriores para estabelecer novas identificações.

Embora o modelo tradicional de pai ainda perpassasse o imaginário social das pessoas, apoiado na figura do provedor autoritário, que impõe regras e dita às ordens no contexto familiar, percebe-se que novas reformulações e significações estão sendo elaboradas, evidenciando o surgimento de uma identidade paternal que atenda as exigências da contemporaneidade (Aldous, Mulligan, & Bjarnason, 1998; Halford, 2006).

Ao longo do tempo os cuidados para com o filho sempre foram delegados à mulher, certamente, tal atribuição é avigorada socialmente devido à gravidez e a amamentação. Embora a paternidade não obedeça a esse mesmo determinismo biológico de gerar e amamentar, é atravessada e conceituada a partir de uma construção cultural e social igualmente forte (Staudt & Wagner, 2008). Assim sendo, para além da gravidez e amamentação, ser mãe possui outros significados e atribuições com aproximações e distanciamentos dos modelos precedentes.

A fertilidade foi, por muitos séculos, imensamente valorizada e considerada uma dádiva de Deus, enquanto que a infertilidade ou incapacidade de ter filhos foi depreciada e tida como um castigo. Da mesma forma numas sociedades a gravidez é comemorada como a prova de fertilidade, em outras nem tanto. Estas diferentes significações demonstram que a representação social sobre a concepção e a gravidez é diferenciada no mundo. Apesar das diversas representações existentes, em todas as sociedades compartilha-se da importância de que a criança seja reconhecida por um

homem enquanto filho; por vezes, pouco importando se é ou não o pai biológico, o que demonstra um reconhecimento da importância do pai no desenvolvimento da criança (Kitzinger, 1978).

A importância do pai também passou a ser apreciada nas investigações científicas, Mackey (1996) destaca que pesquisas sobre a paternidade só começaram a ter proeminência a partir dos anos 70 especialmente em decorrência dos movimentos feministas e do aumento do número de mulheres no mercado de trabalho. No domínio da psicologia do desenvolvimento, as pesquisas das décadas de 1960 e 1970, praticamente excluía a figura paterna, colocando a relação mãe-filho (a) em posição privilegiada na responsabilidade pelo desenvolvimento saudável da criança. A presença do pai, quando incluída, acontecia, sobretudo, em trabalhos que investigavam os distúrbios ocasionados pela falta de um dos pais no desenvolvimento infantil (Rodrigues & Trindade, 1999).

Em relação à existência de estudos sobre a paternidade no contexto da adolescência, Reis (1997) avaliou publicações científicas, existentes no período entre 1930 e 1990, sobre a temática adolescência, gravidez e maternidade, evidenciando que apenas a partir de 1980 começaram a ser publicados, mesmo que discretamente, trabalhos relacionados à paternidade na adolescência.

Em estudo sobre o histórico da paternidade, Rotundo (1985) verificou diversos modelos paternos e sugeriu uma divisão destas modalidades de paternidade em dois períodos: de 1620 a 1800, quando predominava uma paternidade patriarcal; e o período de 1800 a 1970 que marcou a paternidade moderna. Além destas, ele adicionou uma nova categoria de paternidade, que compreende o período de 1970 até os dias de hoje, denominada paternidade andrógena.

No modelo da paternidade patriarcal, o pai era representado como a figura de poder sobre a família, cabendo a este a responsabilidade de prover as necessidades físicas dos familiares (Rotundo, 1985). O estilo patriarcal permaneceu até o século XIX, porém, em meio ao século XVIII algumas alterações decorrentes da mudança das condições de vida se iniciaram, dentre elas, o aumento da população e o decaimento do trabalho agrícola.

No que diz respeito ao modelo da paternidade moderna, esta surge com a industrialização nos séculos XIX e XX, onde a necessidade do trabalho fora de casa impôs dois modelos contraditórios sobre o modo como o pai deveria se relacionar com a família. Se por um lado estaria ausente fisicamente, era demandando que ele também tivesse um envolvimento afetivo com a esposa e os filhos. Assim, observaram-se dois grupos de homens que desenvolveram formas distintas de relacionamento com a família: de um lado estavam aqueles que brincavam com as crianças e demonstravam afeição, e de outro, aqueles que se afastaram de casa, deixando todos os cuidados dos filhos nas mãos das mulheres, passando a caracterizar o grupo dos pais afetivamente ausentes.

Até as décadas de 1930 e 1940 permaneceram estes modelos de paternidade. Neste mesmo período marcado pela grande depressão e pela Segunda Guerra, as mulheres se tornaram importante força de trabalho, fazendo com que os homens perdessem o status de único provedor econômico. A saída da mãe para ingressar no mercado de trabalho demarcou um novo arranjo familiar e a luta do movimento feminista pela igualdade entre os sexos instituiu um protótipo de paternidade nomeado de Andrógeno (Rotundo, 1985; Faria, 2003). Neste modelo, o verdadeiro pai era aquele que estava presente e atuante nos cuidados dos filhos. Enfim, nesta modalidade os pais deveriam se envolver afetivamente na criação dos filhos (Rotundo, 1985).

Ainda em relação aos modelos de paternidade que foram histórica e socialmente elaboradas, Fein (1978) propôs três perspectivas: a tradicional, a moderna e a emergente.

A perspectiva tradicional é centrada na figura do pai provedor responsável pelo sustento financeiro do lar. Neste enfoque, embora o homem proporcione certo apoio emocional para a mulher, ele não tem envolvimento direto com os filhos, constituindo uma referência de poder e autoridade. Na perspectiva moderna destaca-se a relevância do pai no desenvolvimento moral, educacional e emocional do filho, e chama a atenção para as implicações da falta deste na vida das crianças (Ramires, 1997). Por sua vez, a perspectiva emergente defende a capacidade psicológica que os homens possuem de participar ativamente da vida dos filhos, incluindo desde os cuidados práticos até o envolvimento emocional na criação destes.

Pode-se dizer que no fim do século XVIII e início do século XIX, as mudanças ocorridas na paternidade foram consequência de três grandes fenômenos sociais da história: a Revolução Francesa, cujo lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” apresentava os direitos humanos, descentralizando a figura do pai e superando a dominação do autoritarismo patriarcal; o Iluminismo, pelo fato de ter como idéia central a liberdade individual e o referencial democrático e; por ultimo, a Revolução Industrial, que através da transformação ocorrida no mercado de trabalho modificou a participação tanto de mulheres como de homens nas esferas públicas e privadas (Faria, 2003).

Em relação à maternidade, importantes fenômenos sociais também registraram profundas mudanças nos seus significados. Com a I Guerra Mundial sucederam-se modificações na posição social da mulher, que ao se deparar com a necessidade de ocupar o lugar do homem, que estava indo para a guerra, percebeu-se capaz de ir além do que ter filhos e educá-los. Após se descobrirem com capacidades de exercerem

outras funções, a mulher garante a sua independência, modificando também a forma de se relacionar com o homem (Kitzinger, 1978; Dias & Teixeira, 2010; Badinter, 1985).

A partir de 1950, observam-se no cenário mundial, e no Brasil especificamente, conquistas significativas por parte das mulheres, tais como: o aumento de sua escolaridade, a possibilidade de realizar a separação entre sexualidade e reprodução e mudanças nos padrões das relações de gênero. Mediante o desenvolvimento das novas tecnologias reprodutivas, as mulheres passam a ter acesso a bases mais seguras para a decisão sobre a maternidade, bem como para o livre exercício de sua sexualidade (Almeida, 2002).

As transformações ocasionadas no papel da mulher encontraram espaço para reflexão e construção de novos significados no movimento feminista dos anos 1960. Este movimento instigou a produção de novas representações sociais sobre a maternidade e até hoje exerce influência em tudo o que diz respeito à esfera feminina, desde as questões de divisão de trabalho, até a forma de vivenciar a sexualidade, incluindo a gravidez e maternidade, onde é demandado aos homens, participação nas responsabilidades da educação dos filhos (Badinter, 1985; Correia, 1998; Dadoorian, 2003, Kitzinger, 1978).

Assim, a maternidade não é mais a única função da mulher, outros papéis e ideais começam a ser por elas exercidos. A partir da reflexão que o movimento feminista contemporâneo desenvolveu sobre a maternidade, pode-se buscar compreender como os diferentes significados produzidos ao longo do tempo sobre maternidade, em especial, as significações produzidas no movimento feminista, alteram a forma como as mães e os pais adolescentes dos dias atuais representam a experiência da paternidade e maternidade.

Alude-se aqui à importante obra de Simone de Beauvoir, intitulada “Segundo Sexo”, considerado um marco do caminho do feminismo igualitarista para a fase do feminismo “centrado na mulher sujeito” (Scavone, 2001a). A referida obra tinha como um dos seus pontos de debate a refutação do determinismo biológico que designava às mulheres um destino social de mães. A maternidade começava, então, a ser compreendida como uma construção social, que marcava a posição das mulheres na família e na sociedade. Para as feministas a maternidade foi, neste período, o ponto central de explicação das desigualdades entre os sexos.

No âmbito do movimento feminista, a maternidade foi inicialmente reconhecida como um *handicap* (defeito natural) que enquadraria as mulheres em uma bio-classe. Assim, renunciar à maternidade seria uma abertura para acabar com a superioridade masculina e permitir às mulheres reconhecer todas as suas outras potencialidades (Scavone, 2001a; Badinter, 1985).

Num segundo momento, após o impacto da renúncia da maternidade, algumas perguntas foram feitas no contexto do movimento feminista, dentre elas, se as mulheres queriam mesmo ser definidas sem a maternidade. A partir deste questionamento o lugar da maternidade é repensado e a mesma deixa de ser considerada “defeito natural” e passa a ser avaliada como um poder insubstituível exclusivo das mulheres (Scavone, 2001a).

Após ser considerado um defeito natural e em seguida um fenômeno que designa poder às mulheres, os significados da maternidade atravessaram um terceiro momento referente à “desconstrução do *handicap* natural”, que mostra que não é o fato biológico da reprodução que determina a posição social das mulheres, mas as relações de dominação que atribuem um significado social à maternidade (Scavone, 2001b). Todas

estas significações expressa as inúmeras possibilidades de interpretação de um mesmo fenômeno.

Todas estas mudanças contribuíram para a superação do sistema patriarcal, revelando não só uma variação na composição familiar, mas também promovendo mudanças psíquicas, modificações na forma de pensar e mudanças no padrão do que significa ser homem/pai e ser mulher/mãe (Hennigen & Guareschi, 2008; Muraro, 1992; Silva, 2007; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008; Vieira & Souza, 2010). O homem teve que adquirir novos papéis, inclusive assumir novas posturas paternas e dividir com a esposa os trabalhos domésticos e a criação dos filhos, pois o lar não era mais território restrito a mulher (Brandth & Kvande, 2002; Cia, Williams, & Aiello, 2005; Engle & Breaux, 1998; Gomes & Resende, 2004; Muraro, 1992; Rodrigues, Assmar, & Jablonski, 2012; Staudt & Wagner, 2008; Wagner, Predebon, Mosmann, & Verza, 2005).

A partir da agregação entre os espaços públicos e privados, velhos estereótipos são desfeitos, havendo uma inversão de papéis, ou melhor, um compartilhar de funções entre homens e mulheres. Para cumprir as novas funções, o homem reformula sua postura de esposo e de pai. Seu papel social não é mais apenas de provedor, agora entram em cena os cuidados e sentimentos como base na relação com o filho (Sutter & Bucher-Maluschke, 2008).

De acordo com Carraro, Meincke, Collet, Tavares e Kempfer (2011), a partir da década de 1990, houve um rompimento do modelo hegemônico da paternidade, o pai passa da posição secundária de ator coadjuvante nos cuidados dos filhos, típico do modelo tradicional, para a posição de um pai mais envolvido e preocupado com a educação e o cuidado dos filhos. Surge, então, uma “nova paternidade” caracterizada

pela maior implicação do pai na esfera privada e pelo estabelecimento de vínculos afetivos com os filhos (Resende & Alonso, 1995).

O entendimento deste perfil de paternidade tem como referência Michael Lamb, que considera o novo modelo de pai como uma noção importante na análise das relações parentais na contemporaneidade. Lamb defende que tanto o pai quanto a mãe tem papel relevante no desenvolvimento infantil, ultrapassando o atendimento das necessidades materiais, mas também nas relações de afeto e cuidado (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004).

Segundo Ramires (1997), os homens “ainda conservam representações acerca da maior importância da relação entre mãe-filho (a) e a certeza de que nada substitui essa relação, apesar do desconforto crescente que essa representação lhes acarreta” (p. 95). Tal constatação foi feita a partir de sua pesquisa sobre a vivência da paternidade por homens brasileiros, em que os resultados demonstraram que os participantes do estudo já tinham uma participação concreta na criação dos filhos (as). Porém, alguns pais sentiam-se inseguros perante o seu valor e necessidade na vida da criança, bem como dúvidas se a demanda por um papel mais ativo de pai poderia lhes provocar algum prejuízo.

Trindade, Andrade e Souza (1997), buscando investigar possíveis transformações das representações sociais da paternidade e das práticas parentais, realizaram uma pesquisa com homens que foram pais nas décadas de 1960 ou 1980. Concluíram que as representações estavam fortemente impregnadas pelos modelos tradicionais de paternidade e de maternidade. Nos dois grupos de pais prevaleceu a tradicional divisão de papéis, sendo o de provedor para os homens e o de atendimento aos filhos e realização de atividades domésticas para as mulheres.

Com base nas considerações até o momento realizadas, conclui-se que a paternidade e a maternidade assumiram diversas formas de expressão de acordo com as condições sociais vigentes em cada época: ao pai provedor, que se fazia presente através do apoio financeiro, correspondia uma mãe responsável somente pelos cuidados do filho; na emergência de um pai mais presente e atuante na esfera privada estabelecendo vínculos afetivos e participando do desenvolvimento do filho, se constituía uma mãe que ingressava na esfera pública através do trabalho.

Ultimamente, investigações científicas sobre a saúde coletiva tem verificado que uma maior responsabilidade paterna tem impacto positivo na saúde dos pais adolescentes. Entretanto, os estudos sobre a participação do homem no convívio familiar e na esfera reprodutiva são ainda recentes. A feminilidade e a maternidade foram tradicionalmente priorizadas em relação às questões da masculinidade e da paternidade (Pereira Junior, Siqueira, & Rezende, 2011).

Pode-se questionar sobre o que este resgate histórico tem haver com a paternidade e a maternidade na adolescência? A história de um objeto social informa muito sobre as características atuais dele. Da mesma forma que a maternidade e paternidade sofreram mudanças, o conceito de adolescência também passou por várias transformações. De fato, a maternidade na adolescência, em um país como o Brasil, não é um acontecimento recente. Está registrado na literatura, na história e no cotidiano das famílias brasileiras desde os tempos coloniais (Dadoorian, 2003; Badinter, 1985; Correia, 1998; Pereira, 2009).

No século XVIII a adolescência passou a ser entendida como uma etapa de transição, onde a preparação para o trabalho (através da escolarização) e a construção de um senso pessoal de identidade seriam elementos centrais desta fase da vida (Erikson, 1976). Entretanto, tais mudanças não foram acompanhadas por políticas públicas que

assegurassem aos pais adolescentes condições para dividir as responsabilidades pessoais com as do trabalho. Surgia aí uma nova concepção, a da adolescente que se lançava no mercado de trabalho. A maternidade neste momento impedia-a de evoluir na profissão e também comprometia a estrutura financeira da família (Pereira, 2009).

Dentro dessa lógica, a maternidade na adolescência seria uma experiência indesejada, dado que reduziria as possibilidades de exploração de identidade e de preparação para o futuro profissional. Em função disso, ser mãe na adolescência passou a ser considerada uma situação de risco biopsicossocial, capaz de trazer conseqüências negativas não apenas para as adolescentes, mas para toda a sociedade. Tornou-se, por isso, um problema social e de saúde pública (Dias & Teixeira, 2010).

De acordo com Heilborn, Aquino, Bozon e Knauth (2009), em meados do século XX, quando teve início o processo de separação entre sexo e procriação, uma grande transformação dos costumes afetou comportamentos de homens e mulheres, em que a preservação da virgindade até o casamento foi perdendo seu significado moral. Neste contexto de transformação de comportamentos, surgiu o fenômeno da maternidade na adolescência como evento que de alguma forma alterava o desenvolvimento ideal juvenil.

Em relação a paternidade, embora tenha havido, nas últimas décadas, um aumento do interesse por este assunto, chama a atenção o fato de que não há uma significativa preocupação dos autores com a paternidade no contexto de adolescentes. Nesta direção, Jesús-Reyes e Cabello-Garza (2011) reforçam que dentro dos modelos emergentes de masculinidade, a paternidade na adolescência tem sido pouco abordada. Declaram que ainda não é suficiente o que se sabe sobre adolescentes que passaram pela paternidade e os significados que dão a esta experiência, que não é construída isolada de suas condições de vida.

Alguns autores pontuam que trabalhos sobre a paternidade adolescente no contexto brasileiro praticamente inexistem (Levandowski, 2001; Lyra, 1997). Igualmente ocorre nos Estados Unidos, onde as produções científicas sobre a paternidade na adolescência são consideradas incipientes, imprecisas e, comumente, favorecem concepções carregadas de estereótipos (Weinsten & Rosen, 1994).

Embora a paternidade e maternidade na adolescência não seja um fenômeno específico da atualidade, sua ocorrência no presente se torna polêmica devido à mudança de papel da mulher na sociedade. Enquanto em décadas atrás, ter filho antes dos 19 anos, não era tópico de ordem pública, nos dias atuais ser pai/mãe na adolescência tem sido considerado um "problema social". Fatores como as mudanças no padrão de fecundidade das mulheres brasileiras, gerando novas expectativas para as jovens, no tocante à escolarização e profissionalização, e o fato da maioria destes nascimentos ocorrerem fora de uma relação conjugal contribuem para chamar a atenção para este evento (Dadoorian, 2003; Zucco, 2009; Brandão & Heilborn, 2006).

A importância do que é compartilhado socialmente, através das conversações, das interações e da mídia, na determinação do papel feminino e nos significados da maternidade, auxilia no entendimento do papel da mulher na sociedade e a identificar até que ponto todas as mudanças ocorridas na esfera feminina afetam as representações sociais das adolescentes que são mães, influenciando as suas escolhas e os seus projetos de vida.

Percebe-se, a partir do breve panorama histórico aqui realizado, que em determinadas épocas as representações sociais sobre a mulher e o homem produziam uma classificação desigual de poder e de importância entre as pessoas segundo o sexo, na qual o que é masculino tem mais valor. Porém, atualmente são formuladas novas questões. O passado adquire na contemporaneidade novas roupagens e diferentes

arranjos a partir da atualização de conhecimentos e experiências vivenciadas através dos tempos por outras gerações.

Ao final deste capítulo, algumas questões podem ser levantadas para reflexão teórica que podem contribuir na discussão dos resultados desta tese: Como estas transformações no contexto da paternidade/maternidade perpassam a realidade das novas gerações de pais/mães, em especial os pais adolescentes? Qual postura estes jovens pais/mães tem assumido diante da experiência de ter filho? Qual modelo de paternidade e de maternidade está mais presente nas suas práticas? Será que as representações que os homens adolescentes têm sobre a paternidade refletem as concepções tradicionais de paternidade? Estaria o processo transgeracional influenciando?

No capítulo seguinte são apresentadas e discutidas pesquisas científicas que tem como objeto de estudo a paternidade e a maternidade na adolescência.

**CAPÍTULO III – ESTUDOS EMPÍRICOS SOBRE A
PATERNIDADE E MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA**

Após a apreciação da construção histórica, realizada no capítulo anterior, contemplando as diferentes formas de expressão dos objetos sociais deste estudo; este capítulo tem o objetivo de apresentar estudos teóricos e empíricos que se destacam pelas suas contribuições teóricas e metodológicas à compreensão das temáticas em questão.

3.1 – Paternidade e Adolescência – Sua Visibilidade nos Estudos Empíricos

Conforme já mencionado no primeiro capítulo desta tese, apesar da relevância social do tema, da importância do pai na relação familiar e do valor da sua inserção no processo da paternidade, percebe-se que o número de estudos científicos que contemplam a paternidade na adolescência, ainda é reduzido quando confrontado à quantidade de produções sobre a maternidade. Um exemplo de estudo também já mencionado ao longo deste trabalho refere-se à pesquisa de Levandowski (2001), que por meio de uma revisão da literatura nacional e internacional, entre 1990 e 1999, verificou que a incidência de pesquisas sobre a maternidade é quase três vezes maior que as sobre a paternidade e menor ainda é o número de estudos sobre a paternidade especificamente na adolescência.

Esses dados também são corroborados em outras investigações científicas de levantamento bibliográfico e de revisão sistemática, que igualmente têm comprovado e discutido sobre as razões e implicações da escassez de estudos sobre esta temática (Barreto et al., 2010; Correa & Ferriani, 2006; Hoga et al., 2006; Orlandi & Toneli, 2005).

A partir da discussão do processo histórico da paternidade, realizada no tópico anterior a este, pôde-se observar que tal circunstância de exclusão parece decorrer da importância secundária historicamente dada ao papel do pai no desenvolvimento da criança. Uma vez que, em função da clássica separação de papéis parentais e das

questões de gênero, o homem era percebido exclusivamente como provedor e pouco referenciado como pai (Lyra, 1997; Ramires, 1997; Weinsten & Rosen, 1994).

Outra possível explicação para a pouca visibilidade dada à paternidade nos estudos empíricos, encontra-se, em grande parte, nos modelos de investigações quantitativas no campo da demografia e da epidemiologia. Nestas áreas de pesquisa, buscava-se conhecer os comportamentos sexuais e reprodutivos da população, especificamente sobre fecundidade, realizando-as apenas com as mulheres. A não inclusão do homem no contexto destas pesquisas acaba por excluí-lo também das políticas públicas delineadas a partir dos resultados destes estudos (Jesús-Reyes & Cabello-Garza, 2011; Jiménez, 2003; Amuchástegui & Szasz, 2007).

O fato é que o processo de paternidade é um fenômeno de extrema relevância, e independente da idade em que aconteça, ocasiona mudanças que se impõem à vida do homem, convocando-o a buscar significados que o permita se situar e posicionar-se frente à nova experiência – ser pai. O exercício da paternidade mobiliza práticas e tentativas de adaptações que garantam a apreensão do novo papel. Neste sentido, Bornholdt, Wagner e Staudt (2007) assinalam que “ser pai atualmente é, certamente, caminhar por um terreno desconhecido (...). Reinventar e redefinir o lugar do pai na família e na sociedade é um dos grandes desafios dos homens e mulheres da contemporaneidade” (p.90).

Segundo Freitas, Coelho e Silva (2007), o sentir-se pai muitas vezes só acontece após o nascimento do bebê, entretanto, em alguns casos, mesmo após a vinda do filho (a), o sentimento de paternidade ainda não é tão aparente, assim como, muitas vezes, não é aparente o peso da responsabilidade que esse evento pressupõe.

De acordo com Bornholdt et al. (2007), a gestação e o nascimento do filho são atravessados por diversos significados, mudanças e responsabilidades que antes não

existiam. A parentalidade pode determinar numerosos sentimentos e modos particulares de vivenciar a chegada da criança, o que pode resultar em uma ambivalência nos sentimentos (alegria e tristeza) e nos comportamentos (proximidade e afastamento) vividos pelo homem.

Voltando a citar o levantamento bibliográfico feito por Levandowski (2001), referente à incidência de pesquisas sobre a paternidade na adolescência, destaca-se que dentre as referências identificadas, havia uma evidência de estudos que enfatizavam o aspecto preventivo deste fenômeno. Segundo a referida autora, tal constatação pode indicar um preconceito em relação à paternidade na adolescência, que muitas vezes é considerada indesejável, com repercussões negativas, devendo ser prevenida em qualquer situação. Acrescenta ainda, que não existe uma preocupação maior em auxiliar estes pais a perceberem aspectos positivos da situação, a tirarem proveito de sua experiência e em ajudá-los a serem pais efetivos.

Contudo, vale ressaltar que o processo da paternidade e as mudanças advindas não ocorrem de modo homogêneo para todas as pessoas que a vivenciam, pois ainda que compartilhem de uma mesma faixa etária, diferentes pessoas podem experimentá-la de modo peculiar e de acordo com as condições pessoais e sociais em que se encontram. No geral, a paternidade ocasiona transformações e exigências de caráter social, afetivo, psicológico e cognitivo, que variam de grupo para grupo e de pessoa para pessoa (Bueno, Meincke, Schwartz, Soares, & Corrêa, 2012; Carraro et al., 2011; Levandowski, Antoni, Koller, & Piccinini, 2002; Levandowski et al. 2009; Wilkes, Mannix, & Jackson, 2011).

Especialmente quando vivenciada no contexto da adolescência, as mudanças trazidas pela paternidade somam-se às tarefas e demandas próprias desta fase, parecendo causar ao adolescente um esforço cognitivo, muitas vezes complexo, na

apropriação da experiência de ser pai. Nesta direção, Steinberg (1996), Cruzat e Aracena (2006) assinalam que a adolescência é um tempo de crescimento onde o adolescente é chamado a desempenhar várias tarefas para realizar a travessia da infância à vida adulta, e a principal tarefa da adolescência é a busca pela identidade sexual, social e psíquica.

Deste modo, com base nas colocações dos autores acima mencionados, ao se deparar com a paternidade, o adolescente é chamado a desempenhar, concomitantemente, dois papéis muitas vezes conflituosos, que consistem em ser pai e ser adolescente, ou seja, o fenômeno da paternidade induz o adolescente ao enfrentamento de dois processos impactantes: a adolescência e a paternidade.

De acordo com Rodriguez González (2009), a paternidade na adolescência tornou-se um assunto de relevância pública. O rápido crescimento demográfico, socioeconômico e familiar, observado nos últimos anos, geralmente tem efeitos adversos sobre o adolescente, sua parceira e seu filho (a). Portanto, a paternidade na adolescência deve ser entendida a partir do contexto do próprio adolescente, da família e da sociedade em que está inserido.

Ainda sobre a adolescência, Carvalho, Merighi e Jesus (2009) apontam que este é também um momento de conflito, de ambivalência e de sentimentos paradoxais, ao mesmo tempo em que é uma ocasião de tomada de posição social, familiar, sexual e entre o grupo. É justamente nestas particularidades que se encontra o grande diferencial entre paternidade adolescente e adulta.

Assim sendo, dependendo do contexto do qual se fala, a iminente paternidade solicita que o adolescente adquira um papel sem que esteja preparado socialmente e psicologicamente, podendo comprometer o seu desenvolvimento e o vínculo afetivo com a criança (Levandowski, et al., 2002). Segundo Bueno et al. (2012), em alguns

casos, a paternidade nesta fase da vida é considerada, pela comunidade científica e civil, como um fator de risco para o crescimento e desenvolvimento saudável do ser humano e para a qualidade dos vínculos estabelecidos com o filho.

Conforme Carraro, et al. (2011), em decorrência das expressivas modificações provocadas pela paternidade nesta fase de desenvolvimento, torna-se indispensável o apoio social, em especial da família, para a diminuição dos riscos sociais advindos das transformações suscitadas pela nova vida. Vale ressaltar aqui, que as transformações geradas pela paternidade só podem ser avaliadas quando contextualizadas, enfatizando a situação sócio-econômica, diferenças culturais, escolaridade, dentre outros aspectos do grupo (Jiménez, 2003; Wilkes et al., 2011)

Autores pontuam que é imperativa a constituição de um espaço social para os jovens pais. E ressaltam que a gravidez adolescente não é um acontecimento unicamente feminino, por isso, para intervir junto a esta questão, é indispensável a inserção do adolescente pai, tanto nos estudos científicos, quanto nos serviços de saúde voltados para esta população (Meincke et al., 2011; Levandowski & Piccinini, 2006; Lyra & Medrado, 2000).

Em estudo sobre as expectativas e sentimentos entre pais adolescentes e adultos frente à paternidade, Levandowski e Piccinini (2006) encontraram que, referente ao relacionamento com o bebê e desempenho paterno, alguns dos pais que participaram da pesquisa, demonstravam não saber como seria seu relacionamento com o filho e não se percebiam no papel de pai. No entanto, um número maior de pais mencionaram serem pais presentes e julgavam dar boa educação ao filho, pretendendo ensinar o que aprenderam com os próprios pais.

Segundo os autores citados, tanto os pais adolescentes quanto adultos, demonstraram insegurança frente ao desempenho do papel paterno e dificuldade para

imaginar-se como pai. As expectativas dos futuros pais apresentaram-se cheias de dúvidas face a redefinição imposta pelo novo papel: de um lado, o papel tradicional de pai (provedor da família) e, de outro, novas demandas de maior participação e envolvimento (Bustamante, 2005; Carvalho, 2003; Castoldi, 2002; Costa, 2002; Costa et al. 2005; Gomes & Resende, 2004; Trindade, 1993).

Neste mesmo estudo, em relação às expectativas e sentimentos dos futuros pais frente às mudanças pessoais decorrentes do nascimento do filho, foram identificadas: maior responsabilidade, redução da liberdade, desconhecimento em relação às mudanças pessoais, mudanças na forma de pensar, maior atenção para o bebê e aumento da família. De modo geral, não houve diferenças significativas entre pais adolescentes e adultos, sendo encontradas várias semelhanças nos relatos dos dois grupos.

Levandowski e Piccinini (2006) sinalizam que, no geral, os adolescentes expressaram uma vaga idéia das prováveis mudanças pessoais decorrentes do nascimento do filho. Além da dificuldade de imaginar as modificações impostas pela nova vida, se mostraram inseguros quanto a si mesmos no futuro. Em relação ao sentimento de dúvidas, Szejer e Stewart (1997) afirmam que a insegurança vivenciada pelos pais face à paternidade faz parte do processo de transição para a mesma.

Ao revisar estudos sobre os aspectos sociais, educacionais, econômicos, familiares e pessoais da paternidade, bem como as consequências para a interação pai-bebê, Levandowski e Piccinini (2004) observaram uma tendência na literatura a contemplarem negativamente o pai adolescente, sem distinguirem que certos conflitos podem acontecer com pais em qualquer idade. Obviamente que, dependendo do contexto em que ela ocorre, a condição de adolescência pode tornar a paternidade um pouco mais difícil, levando-os a experimentarem maior estresse, maior sensação de despreparo e uma interação com o filho menos responsiva.

No entanto, novas pesquisas contrapõem esta noção estritamente negativa, pontuando, inclusive, que a paternidade na adolescência pode ser considerada como um evento importante no processo de transição da adolescência para a vida adulta, a partir das adaptações provocadas no cotidiano do adolescente, favorecendo a conquista do *status* de adulto e de um maior reconhecimento social (Melo, Machado, Maia & Sampaio, 2012; Nogueira, Martins, Schall e Modena, 2011; Orlandi & Toneli, 2008).

Alguns autores (Almeida & Hardy, 2007; Brandão, 2003; Trindade & Menandro, 2002; Cabral, 2003; Levandowski & Piccinini, 2006) depararam-se em suas pesquisas, com relatos surpreendentes por parte dos adolescentes, sobre as mudanças ocasionadas pela paternidade, que foi considerada como algo engrandecedor, que amadurece e os tornam mais responsáveis. Tal achado pode ser explicado pelo fato de que se tornar pai introduz o homem no mundo dos adultos a partir das responsabilidades que precisam assumir. Conclui-se, portanto, que, para os adolescentes, ser pai era o mesmo que ser homem.

Ainda em relação às mudanças ocasionadas pela paternidade na adolescência, Trindade e Menandro (2002), em estudos sobre as vivências e significações da paternidade, constataram mudanças em diferentes aspectos da vida dos jovens pais, dentre elas, a inserção no mercado de trabalho. A maioria dos adolescentes começou a trabalhar em decorrência da paternidade, pois o trabalho afetou suas vidas em relação aos estudos, seja porque tiveram que interrompê-los, ou porque passaram a se sentir divididos entre o trabalho – considerado importante para o cumprimento das responsabilidades, e o estudo – considerado prioritário para a construção de um futuro melhor.

Neste mesmo estudo, no que diz respeito ao significado da paternidade, a maioria dos adolescentes expressaram satisfação com a condição de pai, apesar do

aumento da responsabilidade, que em alguns aspectos é considerado positivo, e da perda da liberdade. Para eles, ser pai é, sobretudo, aquele que trabalha e sustém o filho. No entanto, estar presente, educar, preparar para a vida e para o futuro também apareceu nos relatos enquanto funções do pai. Alguns mencionaram que pai é aquele que dá carinho, amor e atenção e enfatizaram o surgimento de sentimentos de preocupação e responsabilidade (Trindade & Menandro, 2002).

Outros achados que demonstraram mudanças consideradas positivas na paternidade foram evidenciados na pesquisa de Melo et al. (2012). Ao analisar a percepção dos adolescentes sobre a paternidade precoce, o processo de enfrentamento e as mudanças ocorridas, as autoras verificaram que a experiência da paternidade, apesar das dificuldades, responsabilidades e mudanças no convívio social, era considerada positiva pelos adolescentes.

Percebe-se que se por um lado pesquisas apontam os sentimentos positivos frente à paternidade, por outro, alguns autores assinalam que algumas vezes a paternidade suscita emoções negativas e anseios, tais como: medo, angústia e insegurança (Melo, et al., 2012). Tais diversidades nos resultados indicam que a forma como a paternidade é representada e vivenciada varia de acordo com o contexto em que ela acontece. Todavia, para a maioria dos adolescentes, a paternidade trouxe alegria e é percebida de maneira positiva motivando ao crescimento.

Quando questionados sobre o que sentem por serem pais na adolescência, relatam emoções que vão desde sentimentos de júbilo como felicidade, sonho, amadurecimento e realização, até sentimentos que exprimem surpresa, como expectativa, estranheza, novidade e preocupação com as possíveis mudanças futuras (Jesús-Reyes & Cabello-Garza 2011; Levandowski & Piccinini, 2006; Melo et.al., 2012; Carvalho et al., 2009). Assim, os jovens pais apontam diversas modificações

trazidas pela paternidade, que interfere tanto em sua vida pessoal quanto na sua posição diante da sociedade. Em geral, o discurso aponta para a paternidade como uma experiência que contém ganhos e perdas.

Buscando compreender a adolescência quando atravessada pelo fenômeno da paternidade, Nogueira et al. (2011) entrevistaram pais adolescentes, pertencentes a famílias com renda inferior a três salários-mínimos e com idades entre 14 e 19 anos. Os resultados mostraram que os adolescentes sentiram medo e ansiedade perante a descoberta da gestação, devido ao não planejamento da mesma. Referiram medo da reação dos familiares e por isso se sentiram inseguros para avisar aos pais sobre a iminente paternidade. No entanto, a família se mostrou como importante fonte de apoio material e afetivo para os adolescentes.

Ao analisar a importância do suporte social frente à circunstância da paternidade na adolescência, Rodríguez González (2009) fez uma pesquisa na qual foram estudados 96 pais adolescentes na Venezuela no ano de 2007. Observou-se que a maioria estava estudando, o que significa que de alguma forma tiveram o apoio da família para se manter na vida estudantil e trabalhar simultaneamente. Além disso, verificou-se que mais da metade dos pais adolescentes moravam com a família de origem juntamente com o filho e a parceira, fato que demonstra a importância do suporte familiar no desenvolvimento do adolescente frente à paternidade.

Anabalón et al. (2011), ao avaliar a ligação entre os elementos das dimensões social, familiar e escolar, na constituição da própria paternidade, em adolescentes de Santiago no Chile, confirmaram a relevância do suporte familiar no enfrentamento da paternidade, constatando que a família é a dimensão apontada como fonte de apoio principal para a construção da paternidade.

Ainda em relação à importância do suporte social no enfrentamento dos impactos causados pela paternidade, Montigny, Lacharite e Amyot (2006) apontam que a transição para a paternidade é uma experiência que solicita do homem as suas capacidades de assimilação e adaptação, deste modo, a qualidade do suporte social da qual dispõem é um componente essencial para o seu ajustamento ao novo papel.

Nogueira et al.,(2011) evidenciaram a reprodução de um discurso pejorativo, no qual a paternidade na adolescência foi considerada patogênica provocando inúmeras perdas, seja no nível biológico, psíquico ou social, descartando a possibilidade da mesma ser exercida de maneira saudável. Nesta direção, autores como Levandowski (2001) e Barreto et al.,(2010) comentam que alguns trabalhos científicos enfocam a paternidade na adolescência numa perspectiva preventiva, enfatizando os aspectos negativos, ao invés de procurar possibilitar condições para que os adolescentes possam vivenciá-la de maneira segura e proveitosa.

A paternidade é muitas vezes compreendida pelos adolescentes como um evento delimitador entre a infância e a maturidade, provocando um salto para a vida adulta e conseqüentemente interrompendo a adolescência. Para os adolescentes, ser pai e ser adolescente ao mesmo tempo é uma relação conflituosa, pois requer que assumam outra postura perante o mundo (Coley, 2001; Hofferth & Goldscheider, 2010; Wilkes et al., 2011).

Investigando sobre como a paternidade nesta fase do desenvolvimento é experimentada, Paula, Bittar, Silva e Cano (2010) desenvolveram um estudo que teve por objetivo conhecer o significado da paternidade na adolescência entre estudantes universitários que a vivenciaram. Os resultados demonstraram duas categorias temáticas denominadas respectivamente de “*Entre o choque e o afeto*”; “*Orientação sexual e contracepção*”. A primeira categoria evidenciou as mudanças decorrentes da

paternidade, dentre elas a aquisição de novas responsabilidades, a necessidade de deixar os estudos para trabalhar, o sentimento de despreparo e incertezas quanto a si mesmo no futuro.

A segunda categoria revelou as fontes de informação sobre contracepção e orientação sexual. Os participantes do estudo disseram não ter recebido educação sexual de seus pais, tendo como fonte de orientação a observação e informações de revistas e jornais, relatos de amigos, de pessoas mais experientes, parentes e às vezes na escola, mencionada apenas como local de informação entre amigos.

Orlandi e Toneli (2008), visando contribuir para a elaboração de políticas públicas no âmbito da saúde sexual e reprodutiva, realizaram um estudo sobre as repercussões da paternidade na adolescência. Os resultados mostraram que para a maioria dos adolescentes pais entrevistados a gravidez não foi planejada e a prevenção surge nos relatos como algo secundário, sendo a confiança o motivo mencionado pelos jovens pais para explicar a não prevenção.

Pesquisas na perspectiva de gênero também são comuns quando se investiga sobre a paternidade e maternidade na adolescência. Neste aspecto, em análise sobre como as relações de gênero, vivenciadas por pais adolescentes, colaboram para torná-los vulneráveis à gravidez na adolescência, Almeida e Hardy (2007) realizaram um estudo qualitativo com pais adolescentes, cujos discursos apresentaram-se impregnados de estereótipos de gênero tais como funções de líder, provedor e ativo sexualmente, bem como uma recusa a ser cuidador, característica bem típica do modelo tradicional de paternidade.

As referidas autoras pontuam que esses papéis encontram-se firmados na percepção do trabalho enquanto sinalizador do *status* de homem e provedor da família. No que diz respeito às práticas contraceptivas, os pais adolescentes estavam à frente da

iniciativa das relações sexuais e do uso de contraceptivos. No entanto, a gravidez foi avaliada por eles como “por acaso” e inesperada, já a paternidade foi considerada uma prova de sua condição de homens adultos.

Talvez a preocupação dos adolescentes em relação a como ser pai e a ênfase no trabalho reflita o que Costa et. al.,(2005) assinalaram sobre a paternidade, destacando que esta não é concebida apenas como fazer filhos, mas, sobretudo à capacidade de sustentá-los e educá-los. Sustentar os filhos é uma responsabilidade considerada socialmente como masculina, o que coloca o trabalho remunerado dos homens como referência fundamental nas concepções sobre paternidade e masculinidade.

Nesta direção, Pereira Junior et al. (2011), objetivando identificar os significados atribuídos à paternidade, desenvolveram um estudo sobre os aspectos da saúde reprodutiva e sexualidade dos jovens. Os dados referentes a este estudo foram originados a partir da realização, pelos próprios jovens, de documentários autobiográficos sobre a temática. Os resultados constataram que os aspectos de transformação dos discursos sobre paternidade são muito sutis e dispersos, apoiados tanto em paradigmas tradicionais como não tradicionais.

Cabral (2003), ao estudar sobre as implicações da paternidade na trajetória biográfica de adolescentes de camadas populares, ressaltou que a compreensão das repercussões deste evento a partir do ponto de vista masculino permite acessar elementos importantes, que servem para delinear estratégias de intervenção, dentre elas, a lógica contraceptiva, à formação de casal e a assunção da paternidade. De acordo com Barreto et al. (2010), a adolescência, quando permeada pela paternidade sofre mudanças e readaptações psicossociais, onde novos papéis são demarcados provocando novos arranjos para a trajetória do adolescente.

Dada a importância de se pesquisar sobre a paternidade, sobretudo na adolescência, e considerando ser um tema que tem sido pouco estudado cientificamente, alguns autores, a exemplo de Barreto et al. (2010) fizeram um levantamento bibliográfico para conhecer os trabalhos existentes sobre este fenômeno. A pesquisa foi realizada através de buscas de resumos publicados de 1987 a 2008, no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Ensino Superior (CAPES), com o objetivo de identificar a produção científica e classificar as áreas do saber que têm pesquisado sobre a temática em questão.

Os resultados evidenciaram a presença de 22 estudos, sendo 17 dissertações e 5 teses, levando os autores a verificar uma escassez da produção em todas as áreas do saber; no entanto, foi identificado que a área do saber que mais tinha desenvolvido pesquisas, dentro daquele intervalo de tempo, sobre a paternidade na adolescência tinha sido a área das ciências humanas. Vale destacar que atualmente verifica-se um aumento de pesquisas sobre este tema na área da enfermagem (Almeida & Souza, 2011; Bueno, et. al., 2012; Carraro, et. al, 2011; Gontijo & Medeiros, 2010; Meincke et al., 2011; Rodrigues, Souza, Guedes, & Madeira, 2003)

A comprovação da escassez de estudos sobre a paternidade na adolescência também foi corroborada no levantamento bibliográfico realizado por Correa e Ferriani (2006). Para identificar a produção científica elaborada em torno deste tema no Brasil e América Latina, entre 1994 e 2004, estes autores realizaram buscas nas bases de dados ADOLEC (Saúde na Adolescência) e LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) identificando um número reduzido de trabalhos sobre o tema.

Assim, segundo os autores até então mencionados, embora existam relevantes pesquisas científicas sobre a paternidade na adolescência, verifica-se, ainda, certo

silêncio social sobre a temática. Parece que a sociedade e os pesquisadores acabam por excluir o pai adolescente, deixando-o em posição secundária e pouco adentrando no universo destes jovens que são parte importante do processo da paternidade.

Interessadas em analisar a produção do conhecimento referente à paternidade e maternidade na adolescência, produzida no período de 1995 a 2004, Hoga et al., (2006), mediante buscas nas bases de dados Medline, Lilacs, Cinahl, Scielo, Adolec, Bdenf e Cuiden, encontraram 63 publicações que abordavam sobre os seguintes tópicos: aspectos sociais da maternidade e paternidade na adolescência; saúde materna na adolescência; lactação, saúde dos recém-nascidos filhos dos adolescentes e práticas contraceptivas na adolescência.

Observou-se maior número de publicações em 1997, os países que mais publicaram artigos sobre a temática foram Brasil (49,2%), Estados Unidos (11,1%), Perú e Chile (6,3%), Equador, México e Colômbia (4,7% cada um) e demais países que tiveram percentual menor de publicações. Neste panorama 54% dos artigos estavam escritos em português, 30% em Espanhol, 14% em Inglês e 2% em francês (Hoga et al., 2006).

Parte dos estudos encontrados nas buscas realizadas pelas citadas autoras mencionava que nem sempre a parentalidade na adolescência representa rupturas ou abandono de projetos de vida, podendo significar muitas vezes uma possibilidade de mudança de status social. Entretanto, representou para os adolescentes a assunção de novas responsabilidades, a demanda de diminuição de sua participação em atividades de lazer, o abandono dos estudos e a inserção mais cedo no mercado de trabalho. Já em relação às práticas contraceptivas, foi revelado que 91,9% tinham algum conhecimento sobre os métodos de prevenção (Gillmore, Chen, Haas, Kopak, & Robillard, 2011; Trindade & Menandro, 2002, Spieker, Gillmore, Lewis, Morrison, Lohr, 2001).

Nesta direção, Dias e Aquino (2006), num estudo multicêntrico realizado nas cidades de Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador, descreveu o perfil de jovens de 18 a 24 anos que experimentaram a maternidade e a paternidade na adolescência. Os resultados revelaram que jovens pais/mães apresentam baixa escolaridade e inserção precoce no mercado de trabalho, declarando renda familiar de até um salário mínimo. Identificou-se também que a existência de filhos motiva a união conjugal entre os jovens, onde a divisão de tarefas baseia-se na função de provedor, cabendo às mulheres os cuidados com a criança.

Com o objetivo de reconstruir os significados da paternidade em adolescentes, suas fontes de influência e sua relação com a experiência pessoal, Cruzat e Aracena (2006) desenvolveram um estudo cujos resultados evidenciaram a paternidade na adolescência como um fenômeno repleto de contradições e pouco divulgado, fato que origina desorientação e desamparo, provocando uma quebra no projeto de vida e induzindo a uma reestruturação. Ao mesmo tempo, é entendida como um processo sujeito a diversas variáveis externas e internas que se manifesta de acordo com as condições objetivas e subjetivas de vida do adolescente.

Os adolescentes da referida pesquisa mencionaram a importância de adiar a paternidade, considerando que o tempo ideal para ser pai é quando os estudos forem cumpridos e tiverem obtido uma formação profissional. Relatam ainda a necessidade de se esperar chegar a um grau de maturidade mais adequado, em que se sintam seguros e preparados para ser pai. Importante frisar que a noção de paternidade adiada está relacionada com o tipo de projeto de vida do adolescente.

Outra relevante evidência do estudo de Cruzat e Aracena (2006), refere-se à sensação de desorientação e desamparo relatada pelos jovens entrevistados. Tais sensações são produtos da falta de informação a respeito da paternidade e aos papéis

paternos, ausência de grupos de conversação em torno do tema, e carência de intervenções dirigidas especificamente aos homens adolescentes.

Questões relacionadas aos projetos de vida – considerados como um elemento central na adolescência onde se começa a delinear o futuro – também estiveram presentes nos relatos dos participantes da referida pesquisa. Observa-se que tornar-se pai compromete de alguma maneira os projetos de vida do adolescente. Sobre isto, destaca-se que a maneira como os adolescentes terão seus projetos de vida modificados, dependerá das especificidades do contexto em que se tornaram pais e dos planos que eles possuem, pois a paternidade pode inclusive estar inserida nestes projetos de maneira não tão distante (Cruzat & Aracena, 2006).

Em estudo sobre as experiências e os significados da paternidade na trajetória de vida dos adolescentes de um contexto urbano-marginal do Estado de Nuevo León, Jesús-Reyes e Cabello-Garza (2011) verificaram que os significados da paternidade estão relacionados com as experiências de vida dos adolescentes, fazendo referência à ideia de responsabilidade e ruptura. A responsabilidade foi referida como o desempenho de atividades de um bom pai que estão associadas à assistência econômica, ao cuidado, a atenção dos filhos e da parceira. Já a ruptura refere-se a uma separação de sua adolescência, ocasionada pela paternidade, que os permite reconhecerem-se simbolicamente como adultos.

Segundo Kimball (2006), os pais adolescentes enfrentam um dilema de desenvolvimento e necessitam atravessar a transição para a parentalidade, ao mesmo tempo em que vivenciam a adolescência e precisam se tornar adultos. Apesar dos estereótipos, há evidências de que os pais adolescentes querem ser envolvidos com seus filhos em alguns aspectos. O autor destaca que programas voltados para pais adolescentes, que os ajudam nos aspectos legais da paternidade, os ensinam

competências parentais eficazes e a promover estilos de vida saudáveis têm se mostrado eficazes.

Com base na exposição e discussão, até aqui realizada, dos estudos existentes na literatura científica sobre a Paternidade na adolescência, pode-se dividi-los em oito grupos ou eixos temáticos: de um lado, pesquisas que se voltam para a **(1) análise das mudanças e repercussões** psicossociais ocasionadas pela paternidade na vida dos jovens e do bebê. Neste eixo, encontra-se duas subclassificações de estudos: os que tratam a questão de forma negativa, enquanto causadora de interrupções e angústias; e os estudos que considera que a paternidade impulsiona a transição para a vida adulta, devido às diferentes responsabilidades por ela impostas, que exigem do jovem pai uma série de adaptações e assimilações para, então, assumir uma nova postura diante da experiência.

De outro lado, existem os estudos (Cruzat & Aracena, 2006; Jesús-Reyes & Cabello Garza, 2011; Gabriel & Dias, 2011; Nogueira et al., 2011) que se focam na **(2) apreensão dos significados** que a paternidade adquire para os adolescentes, procurando entender como ela é vivenciada, quais os fatores que influenciam à construção dos significados a ela atribuídos, e como estes adolescentes têm exercido a paternidade. Há também as pesquisas que investigam sobre as **(3) estratégias de enfrentamento e redes de apoio social** elegidas pelos adolescentes como fundamentais no enfrentamento da situação. Investigações sobre os **(4) papéis de gênero** também estão presentes neste campo de estudo.

Outro tópico bastante pesquisado refere-se à análise das **(5) influências exercidas pelas variáveis contextuais**, tais como, classe social, idade, escolaridade, sexo, aspectos étnicos, e demais características do contexto no qual a paternidade

aconteceu; geralmente pesquisas epidemiológicas se preocupam com as interferências desempenhadas pelas variáveis contextuais.

Existem ainda os estudos que se detém na análise dos **(6) impactos e reações frente à descoberta da gravidez**; os que tratam da paternidade em torno da **(7) relação pai e filho**; e pesquisas que se focam na investigação sobre as **(8) práticas contraceptivas dos pais adolescentes**, buscando conhecer sobre comportamento contraceptivo e o grau de informação que os adolescentes possuem. Os eixos aqui expostos são mais bem visualizados na tabela a seguir.

Tabela 1 - Estudos acerca da paternidade na adolescência

Categorias/ Eixos temáticos	Características dos estudos	Autores encontrados
1. Análise das mudanças e repercussões	<ul style="list-style-type: none"> • A paternidade é vista de forma negativa, enquanto causadora de interrupções e angústias; • Estudos que consideram que a paternidade impulsiona a transição para a vida adulta exigindo do jovem pai uma série de adaptações e assimilações. 	<ul style="list-style-type: none"> • Nascimento, Xavier & Sá, 2011; • Moreira et al. 2008; • Heilborn & Cabral, 2006; • Gontijo & Medeiros, 2010;
2. Apreensão dos significados	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos que buscam entender como a paternidade é vivenciada, quais os fatores que influenciam a construção dos significados a ela atribuídos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Cruzat & Aracena, 2006; • Jesús-Reyes & Cabello Garza, 2011; • Gabriel & Dias, 2011; • Nogueira et al., 2011
3. Estratégias de enfrentamento e redes de apoio social	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisas que tratam das estratégias de enfrentamento e redes de apoio social elegidas pelos adolescentes como fundamentais no enfrentamento da situação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Cruzat & Aracena, 2006; • Jesús-Reyes & Cabello Garza, 2011; • Gabriel & Dias, 2011; • Nogueira et al., 2011
4. Papéis de gênero	<ul style="list-style-type: none"> • As concepções quanto a posição de homens e mulheres nas relações familiares são percebidas de maneira distinta, resultando em diferentes formas de relação e interação parental. 	<ul style="list-style-type: none"> • Bottoli, 2010; • Staudt & Wagner, 2008;
5. Influências exercidas pelas variáveis contextuais	<ul style="list-style-type: none"> • Estudos que tratam das características do contexto no qual a paternidade aconteceu, como: classe social, idade, escolaridade, sexo, aspectos étnicos 	<ul style="list-style-type: none"> • Pratta & Santos, 2007; • Lopes, 2005; • Moreira et al. 2008; • Bottoli, 2010;
5. Impactos e reações frente à descoberta da gravidez	<ul style="list-style-type: none"> • Estudo dos aspectos psicossociais e impactos gerados pela descoberta da gravidez na adolescência. 	<ul style="list-style-type: none"> • Nascimento, et al. 2011; • Oliveira, 1998;
7. Relação pai e filho	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisas sobre a relação entre o pai adolescente e o filho, qualidade desta relação e estilos parentais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dantas, Jablonski & Féres-Carneiro, 2004; • Borsa & Nunes, 2011; • Lima, 2011;
8. Práticas contraceptivas dos pais adolescentes	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisas que se focam em investigações sobre o comportamento contraceptivo e o grau de informação que os adolescentes possuem. 	<ul style="list-style-type: none"> • Nascimento et al. 2011; • Belo, 2001; • Mota & Ferreira, 2008;

Os estudos até aqui contemplados apontam para a necessidade de maior atenção ao adolescente que é pai. Considerar os anseios, expectativas, percepções e vivências dos jovens adolescentes que se tornam pais, favorece a sua inserção no processo da paternidade, especialmente nos dias atuais, em que há uma nova perspectiva acerca da figura paterna sob a égide do novo pai enquanto membro ativo e participativo do processo de paternar.

O tópico a seguir apresenta estudos científicos que contemplam a maternidade na adolescência.

3.2 – Maternidade na Adolescência – Objeto de Análise nos Estudos Empíricos

Este tópico contempla reflexões e discussões de estudos empíricos realizados especialmente sobre a *maternidade na adolescência*, permitindo conhecer, ao mesmo tempo, o estado da arte deste campo de pesquisa. Destaca-se que nesta tese, as pesquisas científicas são apresentadas sem que seja reforçada uma ou outra perspectiva, no entanto, não são ignorados os enfoques distintos, tendo em vista que estes podem acrescentar dados relevantes para melhor compreensão da maternidade durante a adolescência.

Percebe-se que, atualmente, os estudos sobre este fenômeno, comumente o privilegiam como problema social e de saúde pública. Certamente que, dependendo do contexto e das condições psicossociais na qual ele ocorra, pode sim se configurar como uma preocupação social e de saúde. No entanto, o que se observa é uma tendência a universalizá-lo enquanto problema, e aí é onde residem as fragilidades e entraves no seu entendimento.

Neste sentido, ratifica-se aqui o pensamento de Heilborn (2006a) e Brandão e Heilborn (2006b) que chama a atenção para as limitações de determinadas construções

sociais elaboradas sobre o fenômeno da maternidade na adolescência. Tais limitações resultam de estudos que a considera, tão somente, como problema de saúde pública e sob a ótica da prevenção, produzindo discursos alarmistas e tradicionais, permeados por estereótipos negativos, que acabam por reduzir a complexidade deste evento, e por vezes, culpabilizam e vitimizam as adolescentes.

Gravidez, maternidade e adolescência são períodos do ciclo vital da mulher, que possuem vários pontos em comum, pelo fato de produzirem alterações nos aspectos físicos, biológicos, sociais e psicológicos do desenvolvimento humano. Estas experiências coexistem circunscritas em realidades simbólicas, originadas de diferentes maneiras, de acordo com o contexto sociocultural no qual estão inseridas (Budib, Cruz, & Martins, 2009; Heilborn, 2006b; Magalhães, 2009).

Conforme já mencionado, no primeiro capítulo desta tese, apesar de se reconhecer as diferenças entre os fenômenos gravidez e maternidade, estes eventos foram abordados neste estudo, dentro de suas particularidades, e ao mesmo tempo, dentro de suas aproximações e semelhanças, uma vez que, os dois afetam de maneira especial as práticas cotidianas e as dimensões psíquicas e sociais das adolescentes (Leal, 1990; Magalhães & Reis, 2009).

Badinter (1985) assinala que para o fenômeno biológico e fisiológico que é a gravidez, deve corresponder determinada atitude maternal.

A procriação não teria sentido se a mãe não completasse sua obra assegurando, até o fim, a sobrevivência do feto e a transformação do embrião num indivíduo acabado. Essa convicção é corroborada pelo uso ambíguo do conceito de maternidade que remete ao mesmo tempo a um estado fisiológico momentâneo,

a gravidez, e a uma ação em longo prazo: a maternagem e a educação (Badinter, 1985, p. 19).

Portanto, a maternidade é uma experiência que traz a necessidade de adaptações, reajustamentos interpessoais e intrapsíquicos, mudanças de vida, aquisição de nova identidade, responsabilidades e práticas de cuidados e educação do bebê (Rangel & Queiroz, 2008; Carvalho et al., 2009). Vale ressaltar que, quando experienciada por adolescentes, as modificações e as necessidades de adaptações exigidas pela maternidade se agregam às mudanças e demandas próprias da adolescência, tornando a condição de ser mãe um tanto mais complexa. Mesmo que a maternidade não tenha sido planejada, o papel materno se impõe para a adolescente passando a adquirir um espaço significativo na sua vida, necessitando, em alguns casos, da presença e do apoio da avó do bebê que exerce papel essencial neste processo, podendo este apoio apresentar-se de diferentes maneiras (Falcão & Salomão, 2005; Silva & Salomão, 2003).

Outro aspecto relevante com relação à condição da maternidade sobreposta à adolescência é a pressuposição de um período de tensões, sejam relacionados às transformações decorrentes do processo evolutivo que é a adolescência, ou relativas às novas adaptações, reajustes interpessoais e intrapsíquicos inerentes ao processo situacional de tornar-se mãe (Dias & Teixeira, 2010; Levandowski et al., 2008).

Nos aspectos psicológicos, a maternidade na adolescência impõe a jovem mãe lidar, ao mesmo tempo, com dois fenômenos importantes do desenvolvimento: o ser adolescente e o ser mãe (Levandowski et al., 2008). Portanto, adaptar-se ao papel materno e promover mudanças de comportamentos, ao mesmo tempo em que se é adolescente, implica um processo intenso de assimilação e organização da experiência quando muitas vezes a adolescente não dispõe ainda dos recursos psicológicos que são

indispensáveis para atender as demandas cotidianas da maternidade (Silva & Salomão, 2003).

Mesmo não sendo um tema novo, a temática da maternidade na adolescência permanece atual pelas questões que suscita. O que varia na forma como ela se apresenta nos dias atuais são os modos de abordá-la, estudá-la e interpretá-la. Sua configuração na contemporaneidade requer novas formas interpretativas e novas perspectivas que a explique enquanto um fenômeno social, construído e vivido por adolescentes, que buscam significá-la para melhor se posicionar e se comportar frente a ela.

A experiência de ser mãe na adolescência tem sido foco de debate em diversos estudos, realizados em diferentes áreas do conhecimento científico, tais como Antropologia, História, Sociologia, Psicanálise, Psicologia, dentre outras, nos quais se aborda este tema sob vários enfoques teóricos e metodológicos. No entanto, nenhum campo do saber consegue oferecer um conjunto acabado de respostas sobre este fenômeno, pois a maternidade se apresenta plasmada numa trama complexa de questões, construídas na história e em diferentes sociedades, tornando difícil que qualquer uma das referidas áreas, isoladamente, forneça dados explicativos para toda a sua dinâmica (Boonstra, 2002; Correia, 1998; Poli, 2009; Dias & Teixeira, 2010).

Embora sejam enfoques e campos dos saberes diversificados, percebe-se que os estudos existentes concordam sobre a necessidade de contextualizar a maternidade, tendo como marco a situação sócio-econômica, histórica e cultural vivida pela maioria dos jovens brasileiros. De acordo com a World Health Organization (2004), estima-se que, em todo o mundo, cerca de 14 milhões de adolescentes dão à luz anualmente e 90% desse total vivem em países em desenvolvimento.

Um relatório do Unicef, elaborado em 2011, recomenda que seja dirigida atenção especial a grupos de adolescentes considerados vulneráveis, e incluem neste

grupo as mães adolescentes (Fundo das Nações Unidas para a Infância [UNICEF], 2011). No referido relatório, a maternidade na adolescência, juntamente a outros eventos, como a pobreza e pobreza extrema, a baixa escolaridade, a exploração no trabalho, as doenças sexualmente transmissíveis e AIDS, a exploração sexual dentre outros, é referida como um tipo de vulnerabilidade que representa obstáculos para o pleno desenvolvimento e para realização dos direitos dos adolescentes brasileiros.

A maternidade na adolescência tem sido marcada por um discurso que a avalia como um evento que traz implicações negativas para a adolescente e o seu bebê, proporcionando o abandono da escola, dificuldade para trabalhar, baixo peso dos bebês ao nascer, dentre outros. Atualmente, a literatura biomédica a menciona a partir de adjetivos como “gravidez precoce”, “indesejada”, “não-planejada” e “de risco” para descrever e enfatizar as conseqüências sociais e biológicas negativas associadas ao fenômeno (Dias & Aquino, 2006; Gonçalves & Knauth, 2006; Pantoja, 2003). Contudo, é preciso considerar que para algumas garotas a gravidez surge como parte de seu projeto de vida, parecendo inclusive ser desejada (Poli, 2009; Dias & Teixeira, 2010; Wilson & Huntington, 2005; Breheny & Stephens, 2007; Heilborn et al, 2006).

Neste caminho, pesquisas têm demonstrado que ser mãe pode ser uma opção para as adolescentes, podendo estar incluída nos projetos de vida de adolescentes do sexo feminino como também compartilhados por homens adolescentes. A maternidade e a paternidade podem se revelar, ainda, como um elemento reorganizador da vida e não somente desestruturador (Ariha & Calazans, 1998; Dias & Teixeira, 2010).

Estudos empíricos têm considerado a Maternidade na adolescência como um rito de passagem para a idade adulta. A adolescente mãe depara-se com as responsabilidades próprias da vida adulta, precisando assumir nova postura perante a vida. Em alguns casos é considerada uma experiência que pode trazer conseqüências positivas e,

portanto, ser desejada. Por outro lado, de acordo com a literatura científica, ser mãe na adolescência contribui para a perpetuação do ciclo de pobreza, colocando as meninas em maior risco de terem um nível educacional e ocupacional baixo (Cerqueira-Santos, Paludo, Dei Schiro e Koller, 2010; Goicolea et al., 2009; Miller, 2005).

São vários os autores que relacionam a maternidade na adolescência à situação de pobreza, evasão escolar, desemprego, entrada precoce no mercado de trabalho em serviços que não exigem qualificação, situações de violência, redução das chances de ascensão social, dentre outros (Almeida, Aquino, & Barros, 2006; Dias & Aquino, 2006; Estela et al., 2003; Oliveira-Monteiro, 2010; Carniel et al., 2006; Schwartz et al., 2011; Yazlle et al., 2002).

Para Oliveira (2008), na maioria das vezes, a maternidade na adolescência ocasiona a interrupção dos estudos, porém isso não extingue os projetos de retorno à escola, que são conciliados, mesmo conflituosamente, às novas exigências da maternidade.

Pesquisas qualitativas destacam que a maternidade na adolescência pode ser um caminho encontrado pelas adolescentes para obter *status* ou fugir de situações desconfortáveis no seio familiar (De la Cuesta, 2001; Spear & Lock, 2003; Levandowski et al., 2008). No entanto, isso não acontece de forma homogênea. Nas camadas populares, por exemplo, ser mãe, para as adolescentes, e trabalhar, para os rapazes, são meios, através dos quais, os jovens podem ter acesso ao *status* adulto (Oliveira, 2008).

Ainda de acordo com a citada autora, mesmo que a gravidez não seja planejada, a maternidade parece surgir nas camadas populares como uma forma de ancoragem social baseada nos significados que envolvem as relações de gênero. A maternidade tem o potencial de elevar as jovens à posição de mulheres, conferindo-lhes *status* de adultas.

Nesse contexto, constituir e cuidar da família toma posição central, enquanto a escolaridade e o trabalho tomam posições periféricas.

Autores como Heilborn, Barbosa, Berquó e Aquino, (2002) e Novellino (2011) destacam que as adolescentes das classes populares já estão inseridas em uma trajetória escolar cheia de interrupções ocasionadas pelas suas condições socioeconômicas; portanto, não se pode estabelecer uma relação direta e isolada entre maternidade e atraso escolar. Assim, nestes casos, tornar-se mãe significa nortear os sonhos em direção a criação do filho, sendo comum ouvir das adolescentes que desejam fazer todo o possível para que o filho estude em uma boa escola, tenha muito amor e carinho, e que nada lhe falte.

Novellino (2011) analisou mães-adolescentes, relacionando seus dados sociodemográficos aos rendimentos mensais dos domicílios onde vivem. O objetivo era observar a influência da origem socioeconômica sobre o comportamento reprodutivo, frequência escolar, anos de estudos, condição no domicílio e condição de ocupação. Em relação à influência da classe social sobre o comportamento reprodutivo, verificou que há uma forte concentração de mães-adolescentes nos domicílios com rendimentos mensais mais baixos, o que compromete o bem-estar tanto delas quanto de seus filhos, levando à transmissão intergeracional da pobreza. Concluiu-se neste estudo que a maternidade na adolescência ocorre majoritariamente entre as adolescentes das classes de renda mais baixas.

No que diz respeito à frequência escolar, o mesmo autor constatou que as proporções de mães-adolescentes, de 15 a 17 anos frequentando a escola em 2008, eram significativamente inferiores das adolescentes sem filhos. No entanto, tanto as mães adolescentes, como as adolescentes sem filhos, que viviam em domicílios "sem renda", apresentaram as proporções mais baixas de frequência à escola quando comparadas as

adolescentes com renda mais alta. A relação entre maternidade e não frequência escolar foi confirmada também nos estudos de Estela et al.,(2003), Oliveira (1998), e Loss e Sapiro (2005).

Em relação aos anos de estudo, a faixa esperada para as adolescentes entre 15 e 17 anos seria de 8 a 10 anos, que corresponde ao ensino fundamental completo e ensino médio completo. No entanto, as mães adolescentes estão na faixa de 4 a 7 anos, ou seja, no ensino fundamental incompleto. Para as adolescentes entre 18 e 19 anos, o esperado seria ter de 11 a 14 anos de estudo, que corresponderia ao ensino médio completo e ensino superior incompleto. No entanto, as mães-adolescentes distribuem-se principalmente nas faixas de 4 a 7 anos de estudo, no ensino fundamental incompleto e de 8 a 10 anos de estudo, que correspondem a ensino fundamental completo e ensino médio incompleto.

Ainda em relação à referida pesquisa, Novellino (2011) assinala que as mães adolescentes desistem da educação formal, seja porque as escolas não oferecem condições para que as frequentem, ou porque os cuidados com o filho não lhes deixam tempo para desempenhar outras tarefas, seja ainda por falta de perspectiva de uma colocação futura no mercado de trabalho. No entanto, alguns autores enfatizam que se deve evitar uma relação causal simplista entre maternidade e desistência da educação formal, uma vez que as relações causais estabelecidas entre evasão escolar e maternidade na adolescência são discutíveis (Castro, Abramovay, & Silva, 2004; Dias & Teixeira, 2010).

Todavia, ser mãe na adolescência não é necessariamente um fator limitador das oportunidades de escolarização e da busca por um futuro melhor. A maternidade pode ser um motivo estimulador e fortalecedor para a continuação da vida escolar. Neste sentido, Pantoja (2003), objetivando compreender os significados culturais da

maternidade na adolescência, verificou que a mesma não implica, para as meninas, a ruptura ou abandono de projetos de vida. Ao contrário, a gravidez/maternidade é valorizada por traduzir mudanças de *status* social, justificando assim, a continuidade dos estudos como uma oportunidade para oferecer uma vida melhor ao filho.

Alguns estudos na perspectiva da Teoria das Representações sociais também tem se voltado para a análise da maternidade na adolescência. Destaca-se aqui a pesquisa de Zanin et al. (2011) que, ao analisarem as representações sociais de adolescentes de baixa renda, constataram que a maternidade surge como um acontecimento “fora de hora” e como “uma forma de diminuir a solidão”. Assim, segundo as adolescentes, ser mãe significa ser cuidadora e protetora, tendo o papel de batalhadora para dar bem-estar aos filhos. Verifica-se aqui uma forte influência do modelo tradicional patriarcal onde era delegado à mulher a exclusividade na educação e cuidados dos filhos.

König et al. (2008), ao pesquisarem sobre as representações sociais de adolescentes primíparas sobre “ser mãe”, compararam as representações sociais das adolescentes antes e depois de terem passado pela experiência da maternidade, e identificaram uma expressiva modificação. Ainda que não demonstrem arrependimento por terem se tornado mães, lamentaram a perda da liberdade, a dificuldade de continuar os estudos e a necessidade de procurarem emprego para a sustentação do bebê, citando que tais perdas interferirão em seus projetos de vida.

Por outro lado, verificaram que a representação social de "Ser mãe" está associada ao conceito de maternidade presente na sociedade, tem algo de maravilhoso, bondoso, divino, mesclado com responsabilidade e sacrifício. Mesmo após o nascimento dos bebês, as adolescentes mantiveram a representação de algo muito bom, porém abordaram aspectos relativos às responsabilidades sucedidas da maternidade, as quais até então eram desconhecidas (König et al., 2008).

Ainda no campo das Representações Sociais, na pesquisa de Rodrigues, Rodrigues, Silva, Jorge e Vasconcelos (2009), as representações sociais das adolescentes sobre “ser mãe” emergiram como uma experiência virtuosa; no entanto, “ser mãe na adolescência” foi representado enquanto uma experiência que aprisiona devido à perda da liberdade e das dificuldades enfrentadas no desenvolvimento do papel materno.

Neste sentido, Rangel e Queiroz (2008), em estudo acerca das representações sociais sobre a gravidez elaboradas por adolescentes não grávidas, pertencentes a escolas públicas e privadas do Rio de Janeiro, verificaram que a maternidade é representada, neste período, como geradora de responsabilidades e que a adolescência, segundo relatos das participantes, não é a fase ideal para vivenciá-la. Constataram também que a representação relacionou-se aos níveis socioeconômico e demográfico, uma vez que as adolescentes de escolas privadas representaram a gravidez como um destruidor de planos futuros, enquanto que as de escola pública representaram a gestação como identidade “natural do feminino”.

No que diz respeito às repercussões da maternidade na vida das adolescentes, Dias e Teixeira (2010), em pesquisa de revisão seletiva da literatura científica, destacaram que esta experiência pode ocasionar conseqüências tanto negativas quanto positivas. A revisão indicou que as conseqüências de uma gestação na adolescência tendem a ser negativas quando se olha a questão desde uma perspectiva estritamente biológica, ou então, se tomando como parâmetro as expectativas sociais do que seria um desenvolvimento típico na adolescência.

Outras repercussões também são apontadas na literatura científica, dentre elas: a evasão escolar, o abandono do parceiro ou da família, a perda de unicidade com o grupo de iguais, a descontinuidade ou mesmo a interrupção do seu projeto de vida e os riscos

maternos (Dadoorian, 2003; Esteves & Menandro, 2005; Gallo, 2011; Kirby, Coyle, & Gould, 2001).

A pesquisa do Instituto Nacional da Juventude (Injuv) intitulada "Representações e significados que a gravidez na adolescência tem para mães e pais de até 19 anos de idade" realizou em 2011 uma análise da gravidez adolescente no Chile, representando os efeitos e conseqüências em seus projetos de vida, trajetórias, acesso à educação, inclusão no mercado de trabalho, entre outros aspectos relevantes. Os adolescentes percebem a gravidez adolescente como uma etapa complexa, atribuindo uma série de significados a este processo.

De acordo com o estudo mencionado, dentre as conseqüências negativas percebidas, destaca-se a percepção da maioria de que se está pulando uma etapa da vida sem se desenvolverem de acordo com a idade. Para os jovens, ser pai/mãe significa assumir novas responsabilidades se distanciando de atividades próprias da adolescência. No entanto, ao visualizarem os aspectos negativos e positivos ocasionados pela maternidade e paternidade, em sua maior parte os jovens percebem maiores conseqüências positivas.

A maternidade na adolescência significa uma forte mudança para o crescimento pessoal. Os adolescentes visualizam que este evento implica em um processo de amadurecimento e aquisição de novas responsabilidades, inserindo-os na vida adulta. Em geral, não existe nos adolescentes a noção de frustração ou fracasso, ao contrário, a existência de um filho dá novo sentido e enche de novas expectativas as suas vidas. O fato de serem mães ou pais se converte em um componente significativo na construção da identidade (Instituto Nacional da Juventude, 2011).

A partir da inquietação em relação às concepções de que a maternidade adolescente resulta decisivamente em efeitos catastróficos, Esteves e Menandro (2005)

realizaram um estudo para conhecer como a maternidade adolescente interferiu na construção da biografia de mulheres que a vivenciaram anos atrás. Os resultados revelaram diversas modalidades de repercussões que diferentemente da visão estritamente negativa por parte da maioria das pesquisas, não necessariamente foram negativas e limitantes. Estes autores destacam que a amplitude das repercussões advém, basicamente, das condições de inserção socioeconômica das famílias da mãe adolescente, de seu parceiro e do contexto em que essas diferentes condições de inclusão e exclusão social ocorrem.

Neste sentido, Pantoja et al. (2007) assinalam que através do discurso biomédico e logo depois por meio do discurso da Psicologia, a adolescência foi transformada em uma fase do desenvolvimento humano cujas disfunções de ordem emocional e biológica são tomadas como fatos universais; desta forma, na perspectiva biomédica se pregava a inadequação física, por parte da adolescente, para procriar. Tal enfoque cedeu lugar, nos anos de 1970, ao discurso da Psicologia, que propagava a imaturidade emocional das adolescentes para serem mães.

Ainda no que se refere às repercussões da maternidade à vida da adolescente, Esteves e Menandro (2005) mencionam implicações de ordem psicossocial tais como a interrupção da adolescência, devido à abreviação de experiências; renúncia da vida escolar; reduzida chance de qualificação profissional; impossibilidade de constituir uma família com total autonomia; dependência financeira total da família; maior risco de instabilidade conjugal; vivência de preconceito em diferentes instâncias sociais; despreparo para lidar com o desenvolvimento do filho; maior risco de comprometimento da saúde física e/ou emocional do bebê; risco alto de comprometimento da saúde física e/ou emocional da mãe adolescente.

De acordo com Figueiredo (2000), a maternidade compromete negativamente o percurso desenvolvimental da adolescente, especificamente nos campos da educação, com o abandono escolar ou baixa escolaridade, no socioeconômico favorecendo o círculo da pobreza a partir do desemprego ou da inserção em trabalho que exige pouca qualificação, e no campo psicológico causando, em alguns casos, depressão, baixa auto-estima e isolamento social.

Apesar de freqüentemente focalizarem as implicações negativas decorrentes da maternidade na adolescência, alguns autores têm destacado que a maternidade nesta fase da vida pode ser desejada e é representada como uma experiência recompensadora. Ser mãe pode representar a busca por reconhecimento e concretização de um projeto de vida viável para algumas adolescentes, especialmente aquelas de nível socioeconômico menos favorecido (Belo & Silva, 2004; Carvalho et al., 2009; Dadoorian, 2003; Dias & Teixeira, 2010; Levandowski et al., 2008; Oliveira, 2005; Rangel & Queiroz, 2008).

Deste modo, de acordo com os referidos autores, num contexto social em que são reduzidas as oportunidades futuras das jovens, a busca pela maternidade pode significar, algumas vezes, um plano possível e apreciado ou um passaporte para mudança de status. O desejo de engravidar é apontado na literatura como uma opção que mobiliza ambigüidades envolvendo aspectos de natureza objetiva e subjetiva.

Com relação à importância de se incluir nas pesquisas sobre maternidade na adolescência as interferências das variáveis sociodemográficas, Wagner (2001) assinala que as várias categorias sociais existentes nos grupos e sociedades são responsáveis por originar diferentes representações sociais, evidenciando a forma com que cada grupo de pertença lida com determinados fenômenos.

De modo geral, percebe-se que neste campo de estudo as discussões transitam entre dois extremos, por um lado encontra-se uma visão da maternidade na adolescência

como uma situação desastrosa ou mesmo patológica, que requer prevenção e que implica em repercussões complexas tanto para a mãe quanto para o filho. Por outro lado existe uma visão que prega a supremacia do desejo de ser mãe, como fonte de realização pessoal, como forma de adquirir status de adulto e fugir de situações difíceis no meio familiar. Segundo Pantoja et al. (2007), as preocupações legítimas com a vida das jovens e de seus filhos podem acabar se transformando em um “campo de batalha” teórico, que pouco tem a oferecer em termos de ações concretas.

Há ainda uma vertente que enfoca a maternidade na adolescência como uma transição para a vida adulta, onde a adolescente amadurece mediante as responsabilidades impostas pela maternidade. Adquirir identidade adulta pode ser entendido como movimento reflexivo de aprender continuamente e desenvolver a capacidade continuada de produzir nova identidade, integrando passado e presente, na unidade e na continuidade de uma biografia individual (Esteves & Menandro, 2005; Oliveira-Monteiro, 2010; Oliveira-Monteiro, 2008).

Não é mais possível para a adolescente grávida (assim como para qualquer outra grávida) reverter algumas decisões e escolhas, mas ela continua o processo de construção permanente da sua identidade sociocultural, o processo de redefinir-se a si mesma, repetidas vezes, em um presente que agora incorpora novos elementos (Esteves & Menandro, 2005).

Com o objetivo de desfazer algumas teses equivocadas sobre a maternidade adolescente, Almeida (2002) analisou as condições e circunstâncias deste evento na trajetória de treze mães adolescentes. Verificaram-se diferentes situações em torno da maternidade, desde aquelas atreladas ao relacionamento com a família de origem, quanto às relacionadas aos padrões de união existentes e às mudanças vivenciadas pelas adolescentes. Existe, portanto, uma diversidade de condições envolvendo a experiência

de ser mãe adolescente, fato que contesta as análises que apontam a tendência a uma homogeneização das experiências.

Também se constatou que as participantes do referido estudo resgataram lembranças da convivência junto à família de origem que indicavam a existência de um modelo hierárquico baseado na separação sexual de papéis, no qual as mulheres são socializadas desde pequenas para exercer os trabalhos domésticos e a maternidade. Nesse sentido, elas vão internalizando, desde crianças, uma identidade feminina associada à função de cuidadora (Almeida, 2002).

Figueiró (2002) descreveu a situação da gravidez e maternidade em adolescentes de 10 a 19 anos, residentes em uma comunidade de Recife, relacionando sua condição social e familiar. A autora concluiu que a estrutura familiar repercute na vida dos adolescentes e na sua condição de gravidez ou maternidade. Esta condição está associada com o abandono da escola, a ausência do pai e/ou da mãe do domicílio, o desemprego paterno e/ou materno e a menor participação da família em grupos comunitários.

No que diz respeito ao abandono escolar, os estudos de Oliveira-Monteiro et al. (2011) também confirmam os resultados anteriormente descritos. O abandono escolar por adolescentes mães, sobretudo aquelas mais pobres, estimula suas dificuldades econômicas com prováveis efeitos negativos na futura inserção no mercado de trabalho. Em outra direção, a OMS (WHO, 2009) destaca que a situação de pobreza interfere na perspectiva da adolescente engravidar gerando um círculo vicioso.

Outra importante questão que tem sido contemplada dentro desta temática, refere-se às redes de apoio social que exercem papel relevante no enfrentamento da experiência da maternidade na adolescência. A percepção da jovem sobre o apoio social

recebido se constitui um importante marcador no momento de avaliar as condições das adolescentes para iniciar o processo de criação dos seus filhos.

Moreira e Sarriera (2008), em estudo sobre a percepção de adolescentes mães acerca da satisfação e da composição de sua rede de apoio social, verificaram que as principais fontes de apoio mencionadas pelas participantes foram, respectivamente, a mãe, o companheiro, os amigos e o pai. Nesta perspectiva, o estudo desenvolvido por Schwartz et al. (2011) obteve resultados semelhantes no que se refere às mães e os parceiros como as principais fontes de apoio afetivo e material. Ambos os estudos compartilham a evidência de que o suporte social das figuras parentais torna-se crucial para o sentimento de satisfação por parte das jovens mães.

Deste modo, o suporte social tem se constituído enquanto um fator protetor eficaz tendo o poder de atenuar os resultados adversos da maternidade na adolescência, tanto no desenvolvimento da mãe, quanto do bebê. Estudos da década de 1980 já investigavam sobre a ação positiva do apoio social sobre a qualidade dos cuidados ministrados pela mãe adolescente ao bebê e na própria vivência da maternidade (Furstenberg, Brooks-Gunn, & Morgan, 1987; Osofsky, Eberhart-Wright, Ware, & Hann, 1992; Apfel & Seitz, 1997; Colletta, 1983).

Com base nos estudos até aqui apresentados, verifica-se a existência de dois pólos de análises. De um lado os estudos que enfocam a experiência da maternidade sob um prisma negativista e preventivo diante das conseqüências sociais ou de saúde. De outro lado às pesquisas que consideram as repercussões e significados a partir das diferentes formas de vivência desta realidade, incluindo a possibilidade de amadurecimento mediante a maternidade. No entanto, independente do significado dado, não se deve descartar o fato de que há o esforço, por parte das adolescentes, de

reorganização da própria vida, através do processo de assimilação e organização da experiência para dar sentido e lidar com maternidade.

**CAPÍTULO IV – REPRESENTAÇÕES SOCIAIS – ELEMENTOS
TEÓRICOS E CONTRIBUIÇÕES À ANÁLISE DA PATERNIDADE E
MATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA.**

Com o objetivo de pesquisar sobre as representações sociais elaboradas por adolescentes acerca da paternidade e maternidade na adolescência, tomou-se como suporte a perspectiva psicossociológica da Teoria das Representações Sociais (TRS). A escolha por esta abordagem teórica deveu-se, inicialmente, à visão de ser humano que ela compartilha. Para Moscovici (2011), o ser humano é um ser pensante que formula questões e busca respostas, e ao mesmo tempo, compartilha realidades por ele representadas. Sejam quais forem as categorizações sobre o mundo que nos rodeiam, as representações sociais resultam da interação entre a informação recolhida no exterior e os esquemas mentais pré-existentes, ou seja, entre a informação externa e a organização interna ativamente efetuada pelo ser humano (Moscovici & Hewstone, 1984; Moscovici, 2011; Guareschi & Jovchelovitch, 2008).

Com base nesta proposição, observa-se que a TRS possibilita a configuração de um sujeito social que deixa de ser um mero reagente às ações do meio, passando a ser parte ativa e integrante do mesmo. Ao se deparar com os fenômenos e objetos sociais, o ser humano busca, ativamente, compreendê-los e transformá-los, por meio de um complexo e ativo processo de apropriação e de resignificação do objeto, com o objetivo de torná-lo acessível e conciliável com seu sistema simbólico (Moscovici, 1978; Palmonaria & Zani, 2001).

A opção pela TRS, para subsidiar este estudo, também encontrou respaldo no fato de ser um referencial teórico que possibilita estudar os fenômenos sociais inseridos em um mundo marcado por seu pluralismo e pela rapidez com que as mudanças econômicas, políticas e sociais ocorrem, o que permite uma análise psicossociológica do problema de pesquisa. As representações de que fala Moscovici (2012) são as da cultura atual, do tempo presente, de uma sociedade que nem sempre tem o tempo necessário para sedimentar completamente o processo que torna as tradições imutáveis. Portanto, a TRS

traz à luz o conhecimento produzido no cotidiano dos atores sociais desta pesquisa, permitindo adentrar nos seus universos imaginários e simbólicos.

Assim sendo, por ser considerada uma forma de saber prático, que articula um sujeito, no caso deste estudo: os (as) adolescentes, a um objeto: a Paternidade/Maternidade na Adolescência – e tendo em vista, que são elaboradas no âmbito dos fenômenos comunicacionais que incidem sobre as interações e mudanças sociais, a identificação das representações sociais construídas pelos (as) adolescentes, possibilitou conhecer a maneira de pensar e de agir, desses sujeitos sociais, em relação à construção social e a subjetividade da paternidade e da maternidade na adolescência. É nesse sentido que alguns autores têm utilizado a Teoria das Representações Sociais com o objetivo de compreender a paternidade e a maternidade por um viés psicossociológico (Trindade, 1993; Trindade, 1999; Trindade, Almeida, & Souza, 1997).

No contexto desta tese, o emprego da TRS permitiu também analisar a mobilidade dos discursos e das práticas sociais dos (as) adolescentes. Isso implica dizer, que a análise das representações sociais sobre a paternidade e a maternidade, pode admitir diferentes representações sociais, que preservam elementos do modelo tradicional de paternidade-maternidade, ao mesmo tempo em que, acrescenta conteúdos indicativos de novas formas de posicionamento, a partir da emergência do modelo de um novo pai e uma nova mãe. Conforme Vieira & Souza (2010), com base na teoria das representações sociais, pode-se identificar os movimentos de mudança e, ao mesmo tempo, os conteúdos estáveis considerados essenciais a determinada representação.

No contexto da história da Teoria das Representações Sociais, verifica-se que Moscovici (1978), ao desenvolver sua teoria, não parte de um vazio cultural, e sim da reformulação do conceito de representação coletiva de Durkheim, quando este, em 1912, publica “As formas elementares da vida religiosa” e elabora o conceito de representação

coletiva. Conforme Moscovici (2011), a sociologia considerava as representações sociais como conceitos explicativos e irredutíveis à análise. Sua função teórica poderia ser comparada à do átomo, na mecânica tradicional, ou à do gene, na genética tradicional, isto é, reconhecia-se a existência de átomos e de genes, mas ninguém se preocupava com o que eles faziam, ou como eles eram.

No entanto, para Moscovici, a força do que é coletivo encontra a sua mobilidade na dinâmica social construída pelos indivíduos, que é consensual, e no qual o social é reificado, abrindo-se permanentemente para os esforços das ações dos sujeitos sociais, que desafiam o social e se necessário, o transformam (Guareschi & Jovchelovitch, 2008).

A teoria Durkheimiana pressupõe uma forte dicotomia entre o individual e o coletivo, estável e instável, pessoa e sociedade. No contexto da teoria das Representações Sociais, o objeto situa-se, não unicamente no terreno da sociologia, mas no entrecorte indivisível do individual e do social (Nóbrega, 1990). A palavra “social” indica que as representações são fruto de um diálogo permanente entre indivíduos e grupos.

Assim sendo, a Teoria das Representações Sociais emerge na década de 1960 com o estudo de Moscovici, “A Psicanálise, sua imagem e seu público”, no qual ele investiga como ocorreu à penetração desse novo saber – a psicanálise – na vida cotidiana da sociedade francesa. Ele estava interessado em observar o que acontece quando um novo corpo de conhecimento se espalha dentro de uma população (Moscovici, 1961). Na perspectiva de Moscovici, o saber do senso comum não é antagônico ao conhecimento científico, porém, ele se insere em outra ordem de conhecimento da realidade, e se caracteriza como uma forma de saber peculiar quanto a sua elaboração e a sua função (Santos, 2005).

Enquanto formas de conhecimentos socialmente constituídos, produzidos pelos grupos de indivíduos para comunicarem-se e entenderem tudo aquilo que lhe é estranho e

não familiar, as representações sociais dão suporte a maneira como as pessoas ativamente avaliam, compreendem e lidam com o mundo. Destacam-se, porém, que nem todo fenômeno é objeto de representação social para os grupos, e nem todos os fenômenos do mundo, que rodeiam o indivíduo, são tributários de converterem-se em problemas de pesquisa científica da representação social (Sá, 1998; Nóbrega, 2003).

As representações sociais são fenômenos ativados e ativos na vida social, e em seus pressupostos, encontram-se diversos elementos que são, por vezes, estudados isoladamente: elementos informativos, cognitivos, ideológicos, formativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens entre outros. Nas representações sociais, tais elementos estão sempre organizados como uma espécie de saber que revela algo sobre a realidade (Jodelet, 2001).

Mas o que significa representar? O termo “representação” tem sido empregado de formas diferentes por distintas perspectivas teóricas. Por muito tempo, houve uma tendência a se conceber tal fenômeno mental da mesma maneira como se concebe a matéria física ou o material. Percebe-se que, a partir da maneira como se questiona a definição de Representações Sociais, ou mesmo sobre como se operacionaliza as representações, tais questões são formuladas como se referissem a objetos físicos apenas (Marková, 2006). Perguntas como estas reduzem o conceito e propõem as representações como algo finalizado, refletindo uma postura empiricista e positivista.

Não é por acaso, que a teoria piagetiana é uma das fontes de conhecimentos que a teoria das representações sociais vai buscar na psicologia. Piaget, em estudos de representação da criança, acreditava que a criança pequena (de menor idade) não era “mais tola” que a maior (de maior idade), e sim, que ela pensava de maneira diferente. Para aceder às estruturas intelectuais da representação, Piaget perguntou às crianças sobre os objetos da vida diária, observando assim as relações entre o pensamento conceitual e o

imagético, ação e linguagem, símbolos e expressão (Arruda, 2011). Piaget também mostrou, com o estudo do realismo infantil, como a criança construía seu universo e dava sentido à realidade a partir de pedacinhos de conhecimento.

Jodelet (2001) afirma que as Representações Sociais são simultaneamente produto e processo de uma atividade de apropriação de uma realidade externa ao pensamento, e de elaboração psicológica e social desta realidade. Desta forma, toda representação social é um processo pelo qual se estabelece a relação entre um *conteúdo* – informações, imagens, percepções, crenças, atitudes e opiniões, relacionadas a um *objeto* a partir de um *sujeito* – indivíduo, família ou grupo.

A mesma autora sugere que para abarcar o conjunto de componentes e relações contidos na RS, é preciso responder a três perguntas fundamentais: Quem sabe e a partir de onde sabe? O que e como se sabe? Sobre o que se sabe e com que efeito? Estas perguntas revelam 3 planos: 1.) as condições de produção e de circulação das RS; 2.) Os processos e estados das RS; 3.) O estatuto epistemológico das RS.

Referindo-se ainda a capacidade por parte dos sujeitos sociais, de na relação com o objeto, construir tanto o mundo como a si próprio, Jovchelovitch (2008) assinala que a representação não consiste em um espelho ou cópia da realidade, e não são unicamente construções mentais individuais, mas consiste num trabalho simbólico, é a tradução, a reelaboração que o sujeito faz desta realidade, uma vez que é um sujeito ativo. Dessa maneira as representações sociais que os sujeitos sociais constroem acerca de um dado objeto, visam dominar o ambiente, compreender e explicar seus fatos e ideias, agir sobre e com os outros, situar-se frente a eles, comunicar-se com eles.

De acordo com as considerações até aqui efetuadas, observa-se que a representação social funciona como um sistema de interpretação da realidade, que rege as relações dos

indivíduos com o seu meio físico e social, vai determinar seus comportamentos e suas práticas. Ela é um guia para ação, ela orienta as ações e as relações sociais.

É verdade então que, se as representações possuem um papel essencial na dinâmica das relações sociais e nas práticas, isto se deve ao fato de que elas correspondem a determinadas funções. O item que se segue contém uma breve explanação acerca das funções das representações sociais.

4.1 – Funções das Representações Sociais

Enquanto fenômeno psicossocial, e formas de conhecimento prático, as representações sociais correspondem a determinadas funções. De acordo com Nóbrega (1990), foram conferidas inicialmente duas funções às representações. Segundo o modelo proposto por Moscovici em 1961, tais funções consistem em contribuir com os processos de formação de condutas e orientação das comunicações sociais. Pode-se dizer, então, que as representações possuem uma função de orientação, uma vez que elas guiam os comportamentos e as práticas.

De acordo com Abric (1998), no que diz respeito ao processo de orientação das condutas, a representação intervém diretamente na definição da finalidade da situação, determinando *a priori*, o tipo de relações pertinentes para o sujeito, e também, eventualmente, dentro das ocasiões de resolução de tarefas, intervém na definição do tipo de estratégia cognitiva que será adotada.

Quanto ao papel de orientação das comunicações, elas expressam uma função de saber, permitindo compreender e explicar a realidade. Enquanto saber prático do senso comum, como assinala Moscovici, elas admitem que os atores sociais adquiram conhecimentos e os associem em um quadro assimilável e compreensível para eles

próprios, em conexão com seu funcionamento cognitivo e os valores aos quais eles aderem. Elas também promovem a comunicação social (Moscovici, 1981).

Portanto, os sujeitos e os grupos estabelecem relações sociais através das representações que são por eles construídas, através de mediações semióticas, sendo que o processo de representação transita nas diferentes dimensões do sujeito: ela atravessa o pensar, o falar, o sentir, o criar, o desejar e o agir (Moreira & Oliveira, 1998). As representações são a manifestação do esforço permanente do homem para compreender e comunicar, definindo o quadro de referência comum que permite as trocas sociais, a transmissão e a difusão deste saber ingênuo que é o senso comum.

Em 1994, Abric, adicionou mais duas funções às representações sociais: uma função identitária e uma função justificadora. De acordo com Nóbrega (1990), quanto à função identitária, as representações definem a identidade e asseguram a proteção da especificidade dos grupos, permitindo salvaguardar a imagem positiva do mesmo.

No que se refere à função justificadora, segundo Abric (1998), elas permitem a justificativa das tomadas de posição e dos comportamentos. Elas intervêm na avaliação da ação, permitindo aos atores explicar e justificar suas condutas em uma situação ou face a seus parceiros, como ocorre, por exemplo, nas relações entre grupos.

Nóbrega (1990) assinala que esta função justificadora permite aos atores manterem ou reforçarem os comportamentos de diferenciação social, nas relações entre grupos. Uma vez que são elaboradas através e nas dinâmicas de comunicação, as representações são responsáveis pelo duplo papel na sua própria formação, de tornar o estranho familiar e o invisível perceptível o que consiste em dominar a realidade pela integração cognitiva do novo.

(...) A representação torna possível a reconstrução do real através da interpretação dos elementos constitutivos do meio ambiente, em uma dimensão ordenada e

significante para os membros de uma comunidade determinada, esta interpretação da realidade é traduzida em um conjunto lógico do pensamento que vai constituir a visão de mundo para uma certa coletividade (Nóbrega, 1990, p.15).

Assim, a função cognitiva da familiarização com a novidade, transformando o estranho – potencialmente ameaçador – em algo familiar, permite evidenciar os dois principais processos envolvidos na elaboração das representações postulados por Moscovici em 1961: a ancoragem e a objetivação.

4.2 – Processos de Formação das Representações Sociais: Objetivação e Ancoragem

No seu estudo sobre o modo como a teoria – a psicanálise – penetra na sociedade, Moscovici marcou dois processos principais para dar conta da forma como o social transforma um conhecimento em representação, e como essa representação, por sua vez, transforma o social. Tais processos são: a objetivação e a ancoragem.

Tais aspectos constituintes da representação revelam, no trabalho psicológico e social implicado na confecção da representação, operações que são a base do funcionamento geral do pensamento social (Arruda, 2011; Jesuíno, 2011). De acordo com Nóbrega (1990), estes processos compreendem a imbricação e a articulação entre atividade cognitiva e as condições sociais em que são forjadas as representações.

A objetivação é essencialmente uma operação formadora de imagens, o processo através do qual noções abstratas são transformadas em algo concreto, quase tangível, tornando-se tão vívidos que seu conteúdo interno assume o caráter de uma realidade externa. O processo de objetivação analisa as formas através das quais um conceito é objetivado, ou um fenômeno é pensado de forma objetivada, ou seja, adquire materialidade se tornando expressão de uma realidade vista como natural. Trata-se de uma operação imagética e estruturante porque cabe a ela agenciar e dar forma concreta aos

conhecimentos relativos ao objeto de representação, ou seja, tornar o abstrato concreto, objetivo (Arruda, 2011; Jesuíno, 2011; Trindade, Santos, & Almeida, 2011).

Este processo de objetivação implica três etapas: inicialmente, a descontextualização da informação através de critérios normativos e culturais; em segundo lugar, a formação de um núcleo figurativo, a formação de uma estrutura que reproduz de maneira figurativa uma estrutura conceitual; e finalmente, a naturalização, ou seja, a transformação destas imagens em elementos da realidade (Jodelet, 2001).

No que diz respeito à ancoragem, ela está dialeticamente articulada à objetivação, no intuito de garantir as três funções fundamentais da representação: incorporação do estranho ou do novo, interpretação da realidade e atribuição de significação. A ancoragem permite a incorporação do que é desconhecido ou novo em uma rede de categorias usuais (Nóbrega, 1990).

O processo de ancoragem designa a transformação do não familiar em familiar, e as formas através das quais as representações sociais, uma vez constituídas, se tornam socialmente funcionais. As representações sociais oferecem uma rede de significados que permitem a ancoragem da ação e a atribuição de sentido a acontecimentos, comportamentos, pessoas, grupos, fatos sociais (Trindade et al., 2011).

Referindo-se a inserção orgânica do que é estranho no pensamento já constituído, Moscovici (2012), concebe a ancoragem como um processo de domesticação da novidade sob a pressão dos valores do grupo, transformando-a em um saber capaz de influenciar, pois nos limites em que ela penetrou numa camada social, também se constitui aí num meio capaz de influenciar os outros e, sob esse aspecto, adquire status instrumental.

Portanto, é importante compreender como a experiência da paternidade e maternidade na adolescência é significada e tornada familiar para os adolescentes que a vivenciam. Ao se deparar com o desconhecido, o ser humano experimenta uma sensação

de angústia que causa receio e ameaça sua identidade pessoal e coletiva. Assim, as RS proporcionam formas de nomear e classificar os aspectos do mundo e de regulamentar e codificar a interação social afastando assim, a estranheza causada pelo inominado e pelo desconhecido.

De acordo com Arruda (2011), a ancoragem permite compreender como se dá significado ao objeto representado; como a representação é utilizada como sistema de interpretação do mundo social; e como se opera a integração do objeto, da novidade, num sistema de acolhida.

A ancoragem é organizada sobre três aspectos essenciais. O primeiro aspecto refere-se a atribuição de sentido e se faz a partir dos valores, da hierarquia dos valores da sociedade e dos seus grupos. Outro aspecto da ancoragem se refere a instrumentalização do saber. Aqui se vê como os elementos da representação entram na constituição das relações sociais. De acordo com Nóbrega (1990), a instrumentalização do saber confere um valor funcional à estrutura imageante da representação, ao passo que esta se torna uma teoria de referência que permite aos indivíduos compreenderem a realidade.

O terceiro aspecto da ancoragem consiste no enraizamento no sistema de pensamento. Arruda (2011) marca que da mesma forma como não surge do nada, a representação não se inscreve numa tabula rasa, e sim num terreno já cultivado de idéias, crenças, conceitos; daí a dualidade das representações: são inovadoras e rígidas, se movem e se imobilizam, às vezes num mesmo sistema.

Sobre este aspecto da ancoragem, Nóbrega (1990) pontua que o fato de que a representação se inscreve sempre sobre um sistema de idéias pré-existentes, permite a coexistência de dois fenômenos opostos no interior do processo formativo das novas representações. É o movimento de “incorporação social da novidade” conectada a “familiarização do estranho”.

Assim sendo, a ancoragem permite o processamento rápido de novos dados, por justaposição a um protótipo pré-existente. A ancoragem não trata da constituição formal de um conhecimento, da forma que ele assume, do seu esquema, mas de como ele se insere no pensamento pré-existente; trata-se do enraizamento social e de seu objeto.

A focalização deste referencial teórico mostra-se adequada e bastante oportuna como suporte para o estudo sobre o fenômeno da gravidez na adolescência – objeto de estudo da presente pesquisa – uma vez que a expansão dessa teoria nas diversas áreas de interface com a psicologia social já é uma realidade.

4.3 – Tridimensionalidade das Representações Sociais: atitude, informação e campo representacional

Abarcar a tridimensionalidade das RS, nos estudos científicos deste campo do saber, proporciona um reconhecimento integral de seu conteúdo e significado, possibilitando definir seu nível de estruturação em cada grupo estudado (Alves-Mazzotti, 2008).

Deste modo, ao abordar as dimensões latentes, inerentes ao conteúdo das representações sociais, Moscovici (2012) propõe uma análise tridimensional dos conteúdos representacionais a partir das dimensões: Atitudinal; Informação e Campo da Representação.

A *dimensão atitudinal*, refere-se ao posicionamento e a avaliação, favorável ou desfavorável, das pessoas em relação aos objetos sociais de representação. Consistem em inclinações individuais compostas por dimensões cognitivas e afetivas que subjazem tais avaliações. A dimensão atitudinal é a mais freqüente das três dimensões e interferem nas informações que serão adquiridas e engendradas no quadro de referência da pessoa. Neste sentido, Moscovici (2012) pontua que a busca de informação e a representação de algo,

por parte de uma pessoa ou grupo, é feita com base no posicionamento acerca de um objeto.

A *informação* remete à quantidade e qualidade do conhecimento possuído a respeito do objeto social. Pode-se, assim, distinguir níveis de conhecimento do objeto. Esta dimensão juntamente com a dimensão *atitudinal* constituem o *campo de representação* ou *imagens* e configuram-se como aspectos dimensionais das representações sociais que variam de um grupo para outro com base nos níveis de assimilação relativa ao objeto de representação. Assim, o *Campo da representação* consiste numa unidade hierarquizada dos elementos que alude à ideia de imagem (Moscovici, 2012).

Por meio da análise das informações, das atitudes e do campo de representação - que se encontram implícitos nos conteúdos representacionais – é possível delinear também a caracterização dos grupos com base nas suas formas de representar os objetos sociais (Alves-Mazzotti, 2008).

A importância destas dimensões reside no fato de que para compreender a elaboração e o funcionamento de uma RS é necessária também a compreensão acerca da sua composição, isto implica dizer, que o acesso aos conteúdos que compõem uma representação social torna-se possível através da análise das respectivas dimensões aqui mencionadas.

Portanto, incluir o estudo da tridimensionalidade das Representações Sociais nas pesquisas científicas possibilita o acesso não apenas ao nível de informação e ao posicionamento dos grupos, mas também ao delineamento de um grupo e a distinção entre eles por meio do estudo das representações partilhadas por seus membros.

4.4 – Sistemas de Comunicação das Representações Sociais: difusão, propagação e propaganda

Moscovici estabeleceu uma interrelação entre linguagem, comunicação e representações sociais, portanto, no contexto da sua teoria, comunicação e representações sociais emergem como conceitos imbricados, pois é por meio das conversações cotidianas que as representações são originadas e divulgadas. Neste sentido, Moscovici (2011) afirma que “não se pode comunicar algo sem que sejam partilhadas determinadas representações, e uma determinada representação é compartilhada e adentra a herança social quando ela se torna um objeto de interesse e de comunicação” (p. 371).

No contexto desta tese, é importante refletir sobre quais os tipos de imagens e idéias estão presentes nas conversações e no imaginário social dos (as) adolescentes, e qual imagem de pai e de mãe tem sido transmitida nos meios de comunicação. A mídia tem importante papel na forma como a paternidade e maternidade vem sendo entendida e representada, pois divulga os mais diversos discursos sobre o assunto.

O estudo inicial de Moscovici (1978) enfatizou o papel atribuído à comunicação midiática na popularização das teorias científicas, no caso a Psicanálise. Segundo este autor, a mídia cumpre a função de mediadora entre o universo reificado (ciência) e o universo consensual (senso comum), permitindo que as teorias sejam compartilhadas e veiculadas para o senso comum. Todavia, tal socialização do conhecimento não consiste numa mera transmissão de informações, mas numa ressignificação em que a mensagem vai sendo alterada e recebendo sentidos novos a partir de normas e valores coletivos.

Existem distintos sistemas de comunicação midiáticos que influenciam de maneiras diferentes o pensamento social. Na segunda parte do seu estudo sobre as representações sociais da Psicanálise, Moscovici enfocou o papel da imprensa no processo de popularização da psicanálise e da sua repercussão no comportamento das pessoas, com

base em três sistemas de comunicação: **a difusão, a propagação e a propaganda** (Clémence, Green, & Courvoisier, 2011).

Na *difusão*, as mensagens são transmitidas indiferenciadamente, sem considerar a diversidade e as peculiaridades dos grupos e suas diferenças sociais, ou seja, não se volta para um público específico. A noção de difusão está ligada a aceção da opinião à medida que, o conceito de difusão e de opinião, evoca certa descontinuidade tendo como resultado a instabilidade das posições assumidas pelos atores sociais sujeitos à difusão (Vala, 2013; Nóbrega, 2003).

Moscovici (2012) expõe algumas características da difusão, dentre elas: a fonte de comunicação não tem finalidades deliberadas; as relações entre comunicação e formação de condutas são de caráter fortuito; o público não é delimitado, ou seja, não possui um público específico e não há continuidade ou sistematização da mensagem.

A *propagação* possui objetivos definidos e, por essa razão, demanda uma organização mais complexa da mensagem. Têm características parecidas com às do conceito de atitude, e entre os seus objetivos, está o de integrar um objeto social, a um quadro ou sistema de valores já existente (Nóbrega, 2003; Vala, 2013). Algumas características apresentadas por Moscovici (2012) expressam que, contrariamente ao que ocorre na difusão, na propagação mensagem destina-se a um público específico, o que torna seu campo de ação restrito. Nesta modalidade de comunicação, objetiva-se a aceitação por todo o grupo de uma concepção predominante e o seu propósito não é o de gerar uma nova conduta ou reforçar uma já existente, mas, principalmente, prover as condutas atuais de uma significação que não possuíam antes.

Ao contrário da difusão e da propagação, a *propaganda* é um tipo de comunicação de um grupo, que possui função de regulação e de organização (Moscovici, 2012). Promove relações sociais conflituosas e contribui para a formação de estereótipos, pois

colabora para a formação da identidade de um grupo, ao mesmo tempo em que estabelece uma imagem negativa do outro (Vala, 2013; Nóbrega, 2003). De acordo com Moscovici (2012), a propaganda conduz à constituição de uma representação e geralmente a finalidade de produzir uma conduta é admitida.

De acordo com Jovchelovitch (2011), o trabalho de Moscovici compreende uma área vasta de produção de conhecimento, que sugere uma perspectiva precursora e transformadora da psicologia social. Seu legado perpassa um campo de pesquisa, que vão desde questões relacionadas à natureza, atravessa os processos que instituem o social, até chegar ao poder transformador das minorias ativas. “A obra de Moscovici introduz “(...) um arcabouço teórico capaz de enfrentar os eventos e dilemas que abalaram o século XX e marcam o começo do XXI, ao mesmo tempo em que força o encontro da psicologia social com as grandes questões do seu tempo” (Jovchelovitch, 2011 p. 159).

Neste estudo, o emprego da teoria das representações sociais, certamente, contribuiu para a produção e a análise do conhecimento produzido em relação as representações sociais elaboradas por pais e mães adolescentes sobre a paternidade e a maternidade na adolescência. Nessa perspectiva, foi possível apreender não apenas os saberes compartilhados pelos adolescentes, mas também, conhecer sobre as suas práticas cotidianas e sobre as concepções que subjazem as suas condutas.

CAPÍTULO V - MÉTODO

5.1 – Tipo de Estudo

Trata-se de um estudo de campo, de caráter exploratório e descritivo, fundamentado numa abordagem multimétodo.

5.2 – Local do Estudo

A pesquisa foi desenvolvida em hospitais- maternidades e ambulatórios da rede pública do município de João Pessoa, estado da Paraíba. A opção por estes locais deve-se ao fato de que os mesmos oferecem atendimento médico aos adolescentes em geral, bem como atendimento médico-obstétrico às adolescentes que se encontram na fase do parto e do puerpério. Vale destacar que, devido as particularidades da amostra, para alguns participantes foi agendada a entrevista em local e horário conveniente para eles e ao mesmo tempo adequado para aplicação dos instrumentos sem interferência externa.

5.3 – Tipo de Amostra

A seleção da amostra foi realizada de forma não-probabilística, por conveniência. Alguns participantes foram contactados por meio de visitas aos hospitais-maternidade e outros identificados através da técnica de “bola de neve”, método de amostragem intencional que consiste em indicações dadas por pessoas que conhecem outras com características compatíveis com os critérios de inclusão para participação na pesquisa (Lopes, Rodrigues, & Sichieri, 1996; Patton, 1990; Flick, 2009). O uso desta técnica se justificou a partir da especificidade da amostra, uma vez que os pais adolescentes se constituíram como um grupo restrito ou de difícil acesso, bem como muitos se recusaram a participar do estudo alegando timidez ou receio de falar sobre o tema.

5.4 – Participantes

Participaram da pesquisa 80 adolescentes, sendo 40 do sexo masculino e 40 do sexo feminino; de classe social baixa, cujo critério de classificação baseou-se na renda e local de moradia; com faixa etária entre 14 e 19 anos ($M = 16,71$; $DP = 1,20$) ocorrendo variação na média de idade por sexo: para os meninos a média foi de $17,43$ ($DP = 1,05$) e para as meninas foi de 16 ($DP=0,96$). Todos os participantes vivenciavam a experiência de ter apenas um filho, com idade entre 0 e 2 anos.

A delimitação do número de adolescentes que participaram do estudo ($N=80$) baseou-se no critério de saturação teórica. Tal critério indica que quando as informações obtidas passam a apresentar excesso de repetições, isto significa que a inserção de novos participantes à pesquisa não implicará em novos conhecimentos ou conteúdos representacionais, não sendo, portanto, relevante prosseguir com a coleta de dados, já que uma maior quantidade de participantes pouco acrescentaria de significativo ao conteúdo da representação (Flick, 2009; Sá, 1998). O ponto de saturação está relacionado aos objetivos da pesquisa e ao nível de profundidade a ser explorado (Fontanella, Ricas, & Turato, 2008).

No que diz respeito à faixa etária adotada neste estudo para delimitar a adolescência, contemplou-se o critério da Organização Mundial de Saúde (OMS) que considera adolescentes a população de 10 a 19 anos de idade (WHO, 2013). A escolha pelos requisitos etários da OMS foi devido à abrangência mundial da mesma, embora se reconheça que tal definição cronológica é uma dentre diversas outras propostas teóricas que tentam situar a adolescência com base num intervalo de idade.

No que se refere ao recorte da idade do filho (de 0 a 2 anos), tal escolha orientou-se no estudo de Carpes (2003) que observou ser importante considerar o tempo transcorrido entre o nascimento do filho e o relato dos (as) adolescentes, ou seja, dependendo do tempo

que passou entre o nascimento do filho e a sua idade atual, as emoções, as experiências e os significados vão conformando-se e vão adquirindo outra importância para os (as) adolescentes. Ainda sobre a idade do filho, o limite estabelecido tendeu a enfatizar um período em que a criança requisitasse o apoio paterno e materno de forma intensa, demandando suporte afetivo e financeiro (Almeida & Hardy, 2007).

Quanto ao número de filho limitado ao primeiro, Szerjer e Stewart (1997) destacam que apesar de todos os nascimentos serem importantes e singulares, o primeiro tem a característica especial de inscrever, pela primeira vez, os pais no mundo da parentalidade.

5.5 – Instrumentos

Para a coleta de dados foram utilizados instrumentos metodologicamente distintos que foram aplicados aos participantes, respeitando as suas respectivas funções, procedimentos de aplicação, tratamento de dados e interpretação analítica: a) Questionário sobre Características Biossociodemográficas; b) Teste de Associação Livre de Palavras; e c) Técnica de Entrevista Semi-estruturada.

Com base no critério de saturação teórica e em função da especificidade metodológica de cada instrumento, foram diferenciados os números de participantes submetidos aos mesmos. Deste modo, o questionário biossociodemográfico e o teste de associação livre de palavras foram aplicados a todos os participantes (n=80), e um número mais reduzido (n=32) responderam as entrevistas.

5.5.1. Descrição dos instrumentos.

a) Questionário sobre Características Biossociodemográficas:

Este questionário foi utilizado com o propósito de obter informações sobre o perfil dos participantes referentes à idade, estado civil, sexo, escolaridade, religião, renda

familiar, idade que a mãe do adolescente teve a primeira gravidez bem como questões relacionadas ao comportamento sexual e às práticas contraceptivas (vide Anexo 3).

b) Técnica de Associação Livre de Palavras:

O Teste de Associação Livre de Palavras foi inicialmente desenvolvido por Jung em 1905 no contexto da prática clínica e vem sendo apropriado às pesquisas em Ciências Sociais e Humanas. Tem sido amplamente desenvolvido e utilizado na área da Psicologia Social, particularmente, nas pesquisas sobre Representações Sociais (Di Giacomo, 1981; De Rosa, 1988; Le Boudec, 1984; Coutinho, 2005; Nóbrega & Coutinho, 2011), pois possibilita o acesso aos conteúdos periféricos e latentes das representações sociais elaboradas pelos participantes da pesquisa servindo de instrumento de apreensão dos elementos constitutivos de uma representação social.

A Técnica de Associação Livre de Palavras (TALP) é construída a partir de estímulos indutores, que permite aos participantes evocar respostas de conteúdos afetivos e cognitivo-avaliativos. Caracteriza-se como instrumento de investigação aberta estruturado na evocação de respostas dadas a partir de um ou mais estímulos indutores, permitindo colocar em evidência universos semânticos de palavras agrupadas por determinadas populações (Nóbrega & Coutinho, 2003).

Nesta pesquisa, foram empregados seis estímulos indutores: *adolescência, gravidez na adolescência, ser mãe na adolescência, ser pai na adolescência, eu mesmo (a) e Planos para o futuro*. Vale salientar que estes estímulos não foram selecionados arbitrariamente, mas em função dos pressupostos teóricos, do objeto de estudo e dos objetivos propostos. Os testes foram aplicados individualmente a partir de uma questão norteadora que contemplou cada estímulo indutor sucessivamente, por exemplo, em relação ao estímulo “*Ser pai na adolescência*” foi feita a seguinte questão: “quando eu lhe digo “*Ser pai na adolescência*” o que lhe vem à mente? Dê-me palavras que você associa

à expressão “*Ser pai na adolescência*” (vide Anexo 4). Este mesmo procedimento foi utilizado introduzindo cada um dos demais estímulos indutores na questão. Vale destacar que para evitar o efeito de contágio nas respostas, para a aplicação, os estímulos foram dispostos em ordem alternada de aparecimento (Nóbrega, 2003).

Os dados obtidos através dos testes de associação livre constituem-se em respostas (ocasionalmente, palavras, expressões, frases) evocadas pelos sujeitos, e relativas às palavras-estímulos. Foram processados pelo software Tri-Deux-Mots para a realização da Análise Fatorial de Correspondência (AFC), que consiste em destacar eixos que explicam as modalidades de respostas representando graficamente a atração entre as variáveis fixas (variáveis sociodemográficas) e as variáveis de opiniões, que correspondem às respostas dos sujeitos.

c) Técnica da Entrevista Semi-estruturada:

As entrevistas permitiram explorar os conteúdos e as informações relativas às representações sociais dos participantes sobre os objetos de pesquisa. Foi aplicada a um conjunto de adolescentes cujo número foi delimitado conforme o critério de saturação. As questões da entrevista contemplaram conteúdos relacionados à Paternidade e a Maternidade na adolescência. Todos os adolescentes (tantos os do sexo masculino quanto do sexo feminino) responderam ao mesmo roteiro de perguntas. Para todos os participantes foi colocada a pergunta inicial: “eu gostaria que você falasse sobre a Paternidade e a Maternidade na adolescência de uma maneira em geral. O que você tem a dizer sobre isso?”. No desenvolver da entrevista as questões posteriores eram colocadas sem haver uma ordem rígida, permitindo aos adolescentes a livre exposição de relatos sobre o tema proposto com base em suas vivências (vide Anexo 5).

5.6 – Procedimento Ético

Considerando que este estudo abrangeu instituições públicas de saúde do município de João Pessoa-PB e contou com a participação de adolescentes; em cumprimento aos preceitos éticos da pesquisa com seres humanos o mesmo foi submetido ao Comitê de Ética da Secretaria de Saúde do Estado para avaliação, tendo como resultado a sua aprovação (vide Anexo 1). Deste modo, foi iniciada a aplicação dos instrumentos e os (as) adolescentes que estiveram de acordo com os critérios de inclusão da pesquisa foram convidados a participarem e a assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (vide Anexo 2), segundo recomenda a Resolução 196/96 do CNS – Conselho Nacional de Saúde. Vale destacar que quando o participante tinha idade menor de 18 anos, o TCLE era assinado também pelo seu responsável. Para todos foi entregue uma cópia deste documento.

5.7 – Procedimentos de Coleta de Dados

Inicialmente, foi feito o contato prévio com a direção das instituições solicitando autorização para coletar os dados. Nesta ocasião foi entregue cópia do projeto de pesquisa para que os diretores tivessem conhecimento dos objetivos e dos aspectos metodológicos da pesquisa. Uma vez autorizada à realização da pesquisa, procedeu-se a coleta dos dados. Foi cumprindo o seguinte procedimento para cada participante: inicialmente a pesquisadora se apresentava ao participante e fazia a identificação preliminar a fim de verificar se o mesmo atendia aos critérios de inclusão na amostra; caso atendesse, lhes era explicado os objetivos da pesquisa e feito o convite para participação.

A partir da obtenção do consentimento livre e esclarecido dos participantes, foram aplicados os instrumentos de forma individual e de acordo com a disponibilidade e aceitação de cada participante. A aplicação dos mesmos iniciou-se com o questionário

biossociodemográfico e, posteriormente, com o teste de associação livre de palavras. No que se referem às entrevistas, estas foram aplicadas por último com uso de gravador, em local reservado e com autorização prévia da respondente. Quanto ao tempo, estava previsto a duração de uma hora, não sendo rigidamente cumprido em função do conteúdo evocado pelos participantes.

Ao final de sua participação na pesquisa, era perguntado ao adolescente, se conhecia mais alguém que atendesse aos critérios do estudo. Estes eram autorizados previamente pelo possível participante para informar o número do telefone para a pesquisadora. O primeiro contato entre pesquisadora e o participante contactado através da técnica bola de neve era por telefone, onde se explicava sobre a pesquisa e perguntava-se sobre o interesse de participação. Em caso afirmativo, lhes era solicitado que escolhesse dia, local e horário mais conveniente para realização da pesquisa. Em todos os casos, a aplicação dos instrumentos ocorreu na residência do participante, o que favorecia o contato da pesquisadora com os seus pais para solicitar a autorização para que o adolescente participasse da pesquisa.

Importante destacar que antes da realização de qualquer etapa da pesquisa, todos os participantes foram orientados sobre os procedimentos éticos do estudo, bem como informados sobre a possibilidade de desistência por livre e espontânea vontade em qualquer momento. Foi apresentado para cada participante um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), sendo-lhes garantidos o anonimato e a confidencialidade das suas respostas.

5.8 – Análise dos Dados

Para manter a conexão entre os pressupostos teóricos e metodológicos e o modo mais apropriado para analisar os dados advindos da aplicação dos diferentes instrumentos

foram utilizadas as seguintes técnicas para a análise e tratamento dos dados: os dados advindos do questionário biossociodemográfico, foram tabulados através do Programa PASW (*Predictive Analytics SoftWare*), versão 18, e analisados com base na estatística descritiva (frequência, média, desvio padrão e percentagens) e na estatística inferencial (qui-quadrado – χ^2). Os dados coletados através da Técnica de Associação Livre de Palavras foram organizados em um banco de dados, processados por meio do *software Tri-Deux Mots* (Cibois, 1991), versão 2.2, e submetidos à Análise Fatorial de Correspondência (AFC).

Com relação aos dados provenientes das entrevistas, foram transcritos na íntegra e submetidos ao *software Alceste* (Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Texte) que realiza a análise lexical de dados textuais.

A seguir encontra-se uma descrição mais detalhada sobre as técnicas que foram empregadas para a análise dos dados coletados por meio dos Testes de Associação Livre de Palavras (Técnica de Análise Fatorial de Correspondência) e Entrevistas semi estruturadas (Técnica de Análise de Conteúdo e Técnica de Análise Hierárquica Descendente).

5.8.1. O software tri-deux-mots e a técnica de análise fatorial de correspondência.

Os dados coletados através da Técnica de Associação Livre de Palavras foram inicialmente processados através do *soft Tri-Deux Mots* (Cibois, 1998) versão 2.2 para realização da Análise Fatorial de Correspondência (AFC).

O *Software Tri-Deux-Mots* foi criado na França por Philippe Cibois e tem sido amplamente utilizado em pesquisas no campo da Teoria das Representações Sociais, especialmente no processamento dos dados obtidos com a aplicação do *teste de associação*

livre de palavras. Consiste em cinco programas computacionais (*Impmot, Tabmot, Ecapem, Anecar e Planfa*) que ao executar o processamento dos dados, estes são interpretados conforme os resultados evidenciados na *Análise Fatorial de correspondência (AFC)*, método estatístico desenvolvido por P.-J. Benzécri (França) na década de 1960, adaptado ao *software Tri-Deux Mots*.

Esta técnica de análise estatística de dados, mais conhecida e utilizada por pesquisadores europeus, consiste em evidenciar as correlações estabelecidas entre as variáveis de opinião (respostas aos estímulos indutores) e as variáveis fixas (idade, sexo, estado civil) específicas dos indivíduos ou grupos. As correlações ressaltam os conteúdos e estruturas representacionais construídas pelos diferentes grupos de participantes com relação ao objeto representado.

O procedimento de tratamento dos dados obedece a etapas sucessivas de organização do material coletado antes de serem lançados no *soft Tri-Deux Mots*. Cada etapa caracteriza-se do seguinte modo:

A primeira etapa consiste na *Elaboração de um dicionário*: nesta etapa todas as respostas dos participantes da pesquisa foram digitadas em diferentes arquivos correspondentes a cada estímulo indutor. O total de estímulos constitui o dicionário de palavras evocadas pelos sujeitos. Desse modo, os dicionários elaborados consistiram nas palavras-respostas evocadas pelos participantes do estudo e distribuídas entre os seis estímulos indutores que constituíram os testes de associação livre de palavras: *adolescência, gravidez na adolescência, ser mãe na adolescência, ser pai na adolescência, eu mesmo (a) e planos para o futuro*.

A segunda etapa consistiu na *Organização de categorias* que é feita a partir dos critérios de frequência e de similaridade semântica. As palavras-respostas aos estímulos indutores com menor número de repetição foram agrupadas às de frequência mais elevada

(desde que possuíssem mesma significação). As respostas dos participantes foram reunidas conforme a similaridade semântica existente entre as mesmas para evitar a repetição de termos com mesma significação e, simultaneamente, reduzir o número de palavras diferentes. A importância de aglomerar as palavras com similaridade semântica tem a função de evitar a redundância e torná-las estatisticamente significativas. Por ex., a categoria *tem que participar* presente no gráfico da AFC, é construída em função do número de vezes em que foi repetida e das respostas similares de menor frequência (*participar, participar dos cuidados, ajudar no crescimento*) evocadas com relação ao estímulo 4 (quatro) *Paternidade na adolescência*.

Na terceira etapa, referente à construção do *Banco de dados*, todos os dados coletados foram organizados em um banco de dados constituído de variáveis fixas (ex: idade, sexo e estado civil) e de variáveis de opinião, que consiste nas palavras / respostas evocadas pelos participantes em relação a cada estímulo indutor. Para isso, as variáveis fixas foram codificadas em números e as variáveis de opinião codificadas em palavras, acompanhadas do número do estímulo indutor. Após esta etapa de construção do banco de dados, este foi lançado no *Soft Tri-Deux-Mots* para realização da Análise Fatorial de Correspondência (AFC). Por ex., “*tem que participar*” foi a resposta que uma adolescente evocou em relação ao estímulo paternidade na adolescência. Quando codificada para fixação no banco de dados correspondeu a “tparti4”. Desse modo, o banco de dados é construído na forma de colunas e linhas denominadas de modalidades ou variáveis fixas e de opinião, respectivamente.

As colunas são representadas pelas variáveis fixas, necessariamente codificadas como números, e as linhas correspondem a todas as respostas (palavras ou expressões) evocadas pelos sujeitos com relação a cada estímulo indutor. Na pesquisa aqui descrita, as colunas representam as três categorias (*idade, sexo e estado civil*) selecionadas como

significativas para análise das representações elaboradas pelos participantes. Na primeira coluna foram introduzidos os códigos numéricos 1 e 2 relativos a idade (1= igual ou menor de 16 anos e 2 = acima de 16 anos). A segunda coluna também codificada numericamente em 1 e 2 refere-se à variável sexo: (1= feminino e 2= masculino). A terceira e última coluna codificada em 1, 2 e 3 foram relativos ao estado civil (1 = casado(a), 2= união estável e 3= solteiro(a)). Para melhor visualização apresenta-se a codificação das variáveis fixas na Tabela 2.

Tabela 2 – Codificação das Variáveis Fixas dos Participantes

Idade (Coluna 1)	Sexo (Coluna 2)	Estado civil (Coluna 3)
1 = Igual ou menor de 16 anos	1 = Feminino	1 = Casado (a)
2 = Acima de 16 anos	2 = Masculino	2 = União estável
		3 = Solteiro (a)

Após inserção no banco de dados das variáveis fixas codificadas em números, seguem-se as variáveis de opinião ou palavras/respostas (disposta em linhas) emitidas por cada indivíduo com relação a todos os estímulos indutores. Toma-se como exemplo um recorte do banco de dados deste estudo, organizado no *software Tri-Deux Mots*, que compreende as seguintes modalidades ou variáveis relativas a um único participante: *113divers1 namoro1 estudo1 curtir1 medo2 respon2 fapioio2 alegre2 amor3 presen3 bom3 fexper3 cuidar3 difici3 atenca3 felici3 cdeus3 imatur4 irresp4 nassum4 nparti4 napoia4 amadur4 susten4 trespo4 tparti4 triste5 bmae5 forte5 casapr6 sindep6 testud6 formar6**

Os primeiros números da linha acima dizem respeito a colunas, no exemplo acima, estão registradas três colunas representadas pela série 113 que descrevem as seguintes características relativas ao mesmo participante: o primeiro número (1) significa que o participante tem idade menor de 16 anos, o segundo número (1) informa que é do sexo

feminino e, o último numeral (3) indica que é solteira. Por conseguinte estão as palavras evocadas seguidas de um número que refere-se ao estímulo indutor, neste caso a primeira resposta foi “*divers*” em relação ao estímulo 1 (adolescência).

5.8.2. O Alceste e a técnica de análise hierárquica descendente

A Técnica de Análise Hierárquica Descendente é realizada por meio do programa informático Alceste – *Analyse Lexicale par Contexte d’un Ensemble de Segments de Texte* (Análise Lexical Contextual de um Conjunto de Segmentos de Texto), que foi criado na França por Max Reinert em 1979 e introduzido no Brasil em 1998 (Velo, Nascimento-Schulze, & Camargo, 1999). Trata-se de um programa desenvolvido em contato com as necessidades e problemáticas estudadas por pesquisadores da área das ciências sociais, que permanentemente se deparam com a análise de materiais lingüísticos, como as respostas a perguntas abertas de questionários, de entrevistas em profundidade ou semi estruturadas ou mesmo respostas a partir de técnicas projetivas.

O Alceste processa e analisa diferentes documentos advindo de variadas fontes, tais como: livros, revistas, dicionários, listas ou agrupamentos de palavras obtidos pela técnica de associação livre de palavras, análise de diálogos, artigos de revistas, obras literárias, etc. O objetivo de uma análise com o Alceste é distinguir classes de palavras que representam diferentes formas de discurso a respeito do tópico de interesse (Kronberger & Wagner, 2002).

A Técnica de Análise Hierárquica Descendente (TAHD) realizada pelo Alceste proporciona “contextos textuais que são caracterizados pelo seu vocabulário, e também segmentos de texto que compartilham esse vocabulário” (Nascimento-Schulze & Camargo, 2000, p. 297). Estes contextos ou mundos lexicais são, na sua totalidade, a expressão estável e coletiva de pontos de vista específicos de indivíduos (Reinert, 1998). As classes compostas pelos contextos lexicais podem indicar representações sociais ou

campos de imagens sobre um dado objeto. É o conteúdo das classes e as relações entre elas que determinará se consiste em uma representação social em seus vários aspectos ou de mais de uma representação social (Camargo, 2005).

Antes de descrever sobre o processamento do material e suas modalidades de análise, apresenta-se, inicialmente, a definição de alguns termos peculiares ao programa Alceste:

UCI (Unidade de Contexto Inicial): O corpus de análise é constituído pelo conjunto de Unidades de Contextos Iniciais (UCIs). Quem define as UCIs é o pesquisador e esta escolha está associada à natureza da pesquisa. Se os dados coletados foram através de entrevistas, então cada entrevista será uma UCI, se foram depoimentos de pessoas, cada depoimento será uma UCI.

UCE (Unidade de Contexto Elementar): a divisão do corpus em unidades de contexto elementar (UCEs) é realizada pelo programa Alceste. As UCEs consistem em segmentos de texto na maioria em tamanho de três linhas, dimensionadas pelo programa em função do tamanho do corpus e em geral respeitando a pontuação.

UC (Unidade de Contexto): refere-se ao agrupamento de UCE sucessivas dentro de uma mesma UCI, até que o número de palavras diferentes analisadas, inseridas nessa unidade de contexto, seja superior ao limiar fixado na análise, sendo este limiar fixado proporcionalmente ao número de palavras analisadas.

CLASSE: Refere-se ao agrupamento constituído por várias UCE de vocabulário homogêneo. As classes representam as diferentes formas de discurso a respeito do objeto da pesquisa (Marcolino & Reali, 2008).

No que se refere ao processamento do material textual coletado, o Alceste permite duas modalidades de tratamento dos dados. Há inicialmente a realização de uma análise padrão não orientada chamada de “Análise padrão”. Também é possível realizar um

segundo tipo de tratamento denominado “análise tri-croisé ou análise cruzada”, trata-se de uma análise orientada para a busca dos termos preconizados pelo pesquisador, nas unidades de contexto do material analisado. Esta modalidade de análise possibilita a comparação e diferenciação de discursos relacionados às variáveis específicas selecionadas pelo pesquisador.

Neste estudo, os dados advindos das entrevistas foram submetidos à análise padrão que compreende quatro principais operações realizadas pelo Alceste:

A primeira etapa (etapa A) refere-se à preparação do material para os cálculos posteriores reconhecendo as Unidades de Contexto Inicial (UCIs), que pode ser um capítulo de livro, artigos de revista, matéria jornalística, uma resposta de entrevista, dentre outros. No caso deste estudo as UCIs foram as entrevistas semi estruturadas. Por sua vez, as UCIs são divididas em segmentos de texto, designadas de Unidades de Contexto Elementar (UCEs), as quais são dimensionadas em função do tamanho do *corpus* e da pontuação.

A segunda etapa (etapa B) se caracteriza por cálculos que têm a finalidade de classificar as UCEs a partir da distribuição das formas reduzidas, representadas por palavras ou léxicos que elas apresentam. Nessa etapa é utilizada a Técnica de Classificação Hierárquica Descendente, o qual consiste em se dividir as UCEs em duas classes, em função do vocabulário que as constitui, de maneira que se obtenha o maior valor possível numa prova de associação (*qui-quadrado*).

A terceira etapa (etapa C) fornece os resultados mais importantes, é nesta fase que o programa apresenta o dendograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) que ilustra as relações entre as classes. São executados cálculos complementares para cada uma das classes obtidas na etapa anterior, com o objetivo de permitir uma descrição das mesmas.

A quarta etapa trata-se de um prolongamento da etapa C. Aqui são fornecidas as UCEs mais características de cada classe, possibilitando que se disponha do contexto de ocorrência do seu vocabulário (Veloz et al., 1999).

No que diz respeito ao significado das classes obtidas pelo Alceste, autores como Veloz et al. (1999) apontam que na área da lingüística estas classes são entendidas como campos lexicais ou contextos semânticos. Em pesquisas no campo da psicologia social, especificamente aquelas que estudam o conhecimento do senso comum através da teoria das Representações Sociais, estas classes podem ser consideradas como indicando representações sociais ou campos de imagem sobre um dado objeto, ou somente aspectos de uma mesma representação social.

O programa em questão possui alguns critérios para a organização do banco de dados, ou seja, o material textual deve ser previamente preparado para ser possível o seu processamento por meio do soft Alceste. Neste estudo foram seguidas as orientações de Camargo (2005), assim, as respostas das participantes às entrevistas foram organizadas em um *corpus* no qual cada entrevista (considerada como uma unidade de contexto inicial – UCI) foi antecedida por uma “linha de comando”, iniciada com quatro asteriscos, acompanhados pela codificação de quatro variáveis sociodemográficas (idade, sexo, escolaridade e estado civil). As linhas de comando são fundamentais para que o programa reconheça a quantidade de participantes da pesquisa, assim como suas características e relações com os respectivos textos obtidos pelas respostas. Segue exemplo de uma linha de comando:

```
**** *S_1 *id_2 * sex_1 *esc_2 *etc_2
```

Na linha de comando ilustrada, a codificação (*S_1) indica que é a entrevista do primeiro participante ou sujeito registrado no banco de dados, com idade (*id_2) acima de

16 anos, do sexo feminino (sex_1), escolaridade (esc_2) ensino médio e estado civil (etc_2) em união estável.

CAPÍTULO VI - DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, são apresentadas as descrições dos resultados da pesquisa. Descrevem-se os resultados obtidos com a aplicação do Questionário biossociodemográfico, com a Técnica de Associação Livre de Palavras que foram processados pelo soft TriDeuxMot e submetidos à análise fatorial de correspondência e os dados provenientes da entrevista semi estruturada que foram processados pelo programa Alceste por meio da análise padrão.

6.1 – Resultados do Questionário Biossociodemográfico

O questionário biossociodemográfico utilizado neste estudo foi composto por questões abertas e fechadas por meio das quais foi possível obter, além de informações sobre o perfil dos participantes em relação às variáveis: sexo, idade, escolaridade, estado civil, renda mensal e religião, dados relacionados ao conhecimento sobre métodos contraceptivos e práticas preventivas dos adolescentes. Os dados desse questionário, respondido pelos adolescentes (n=80) e submetidos ao processamento do software PASW versão 18, podem ser visualizados nas Tabelas 3 e 4.

Conforme se observa na Tabela 3, em relação à variável sexo, 50% dos participantes eram do sexo masculino, e 50%, do sexo feminino. Esse dado demonstra uma divisão equitativa entre os sexos que foi intencionalmente estipulada para a pesquisa. A maioria dos (as) participantes estava na faixa etária de 16 anos ou mais (58,7%), cursaram o ensino fundamental (63,3%) e não estudavam mais (66,3%). Em relação à “pretensão de continuar os estudos”, 47,5% responderam que pretendem cursar faculdade, 35%, curso técnico, e 17,5%, terminar o ensino médio.

Os dados ainda mostraram que, do total de participantes 65,8% moram com namorado (a) ou esposo (a), com renda mensal de um salário mínimo (48,8%) e prevalência da religião católica (61,3%). A maioria foi criado (a) pelo pai e pela mãe

(52,2%). Quando perguntados sobre a idade em que suas mães tiveram a primeira gravidez, verificou-se que 38,2% das mães dos (as) participantes engravidaram com idades entre 15 e 17 anos. Além de serem filhos (as) de mulheres que também foram mães na adolescência, a maioria dos (as) participantes (93,7%) disse que convive com alguém que teve um filho antes dos 19 anos.

Tabela 3 – Descrição dos Dados Biossociodemográficos

Variável	Níveis	F	%
Sexo	Masculino	40	50%
	Feminino	40	50%
Idade	Menor que 16 anos	33	41,3%
	Igual ou maior que 16 anos	47	58,7%
Escolaridade	Ensino Fundamental	50	63,3%
	Ensino Médio	28	35,4%
	Ensino Superior	2	1,3%
Ainda estudando	Sim	27	33,8%
	Não	53	66,3%
Pretensão de continuar os estudos	Faculdade	38	47,5 %
	Técnico	28	35 %
	Ensino Médio	14	17,5 %
Mora com namorado (a) ou esposo (a)	Sim	52	65,8%
	Não mora mais	5	5,1%
	Nunca morou	23	29,1%
	Menos de um salário mínimo	10	12,5%
Renda mensal	Um salário mínimo	39	48,8%
	Mais de um salário mínimo	9	11,3%
	Dois salários mínimos	11	13,8%
	Mais de dois salários mínimos	6	7,5%
Religião	Protestante	16	20%
	Católico	49	61,3%
	Espírita	1	1,3%
	Outras	1	1,3%
	Nenhuma	13	16,3%
Por quem o adolescente foi criado	Mãe e pai	42	52,5%
	Mãe	22	27,5%
	Avô	14	17,5%
	Avó	1	1,2%
	Tios	1	1,2%
Idade em que a mãe do adolescente teve a primeira gravidez	Menos de 15 anos	4	5,3%
	Entre 15 e 17 anos	29	38,2%
	Entre 18 e 19 anos	24	31,6%
	Após 19 anos	19	25%

Em relação aos dados apresentados na Tabela 4, no que diz respeito às perguntas relacionadas ao conhecimento dos métodos e comportamento contraceptivo, os resultados evidenciaram que 90% dos (as) participantes já tiveram informação sobre fertilidade e sexualidade, sendo que 48,8% obtiveram essa informação por meio de palestra na escola. Outras fontes de informações mencionadas foram: professores (26,1%), pais (15,9%) e outros veículos de comunicação, como televisão, internet e amigos (9,0%).

A propósito das práticas contraceptivas, considerando os últimos 12 meses antes de engravidar, 65,8% disseram que só usaram algum tipo de método contraceptivo às vezes, e 64,8% anunciaram que, embora não se prevenissem, não queriam engravidar. A maioria (60%) das adolescentes referiu que pedia aos parceiros que usassem preservativos e que a principal forma de adquiri-los era por meio da compra (53,3%). Os contraceptivos mais utilizados foram o preservativo (78,9%) e o anticoncepcional (21,1%). Quando questionadas sobre se já haviam consultado um ginecologista antes de engravidar, 70% das mães adolescentes responderam que não.

Tabela 4 - Conhecimento sobre os métodos e comportamento contraceptivo

Variável	Nível	f	%
Informação sobre sexualidade e fertilidade	Sim	72	90%
	Não	4	5%
Com quem já teve informação?	Pais	14	15,9%
	Professores	23	26,1%
	Palestras na escola	43	48,8%
	Outros	8	9,0%
Doze meses antes da gravidez, utilizava algum método contraceptivo?	Nunca usava	15	19%
	Às vezes usava	52	65,8%
	Usava sempre	12	15,2%
Se respondeu nunca ou às vezes, queria engravidar?	Sim	25	35,2%
	Não	46	64,8%
Pedia para seu parceiro usar camisinha	Sim	24	60%
	Não	16	40%
Como você conseguia preservativo?	Posto de saúde	35	46,6%
	Comprando	40	53,3%
Antes de engravidar, já havia consultado ginecologista?	Sim	12	30%
	Não	28	70%

Na Tabela 5, encontram-se as medidas de tendência central e dispersão. A média de idade dos participantes foi de 16,71 ($dp = 1,20$), a idade da primeira relação sexual foi, em média, de 14,13 com um desvio padrão ($dp = 1,41$) indicando pouca variabilidade em torno da média. Já no que diz respeito à média de idade do pai/mãe do filho, esta foi um pouco maior, com média de 19,01 anos ($dp = 3,45$).

Tabela 5 - Medidas de tendência central e dispersão das variáveis biossociodemográficas

	Idade	Idade da primeira relação sexual	Qual é a idade do pai/mãe do seu filho?
Média	16,71	14,13	19,01
Desvio padrão	1,20	1,41	3,45
Mínimo	14	10	14
Máximo	19	18	32

Foi realizado um teste de Qui quadrado (χ^2) para verificar associações entre o sexo e as variáveis: “Está na escola atualmente”, “Teve informações sobre sexualidade e fertilização” e “Usaram algum método para evitar gravidez”. No entanto, não foram encontradas evidências que corroborem essa associação, pois não houve resultado significativo. A Tabela 6 apresenta os resultados.

Tabela 6- Associação das variáveis em função do sexo dos participantes

Variável	Nível	Masculino	Feminino	V de Cramer	Sig.
Estava na escola atualmente	Sim	15 (35,9%)	12 (30,8%)	0,05	0,63
	Não	25 (64,1%)	28 (69,2%)		
	Total	40	40		
Teve informações sobre sexualidade e fertilização	Sim	37 (97,4%)	35 (92,1%)	0,12	0,12
	Não	1 (2,6%)	3 (7,9%)		
	Total	38	38		
Usaram algum método para evitar gravidez	Sim	27 (67,5%)	29 (72,5%)	-0,05	0,63
	Não	13 (32,5%)	11 (27,5%)		
	Total	40	40		

Para verificar se havia diferenças entre os sexos em relação à quantidade de estudos pretendidos, realizou-se um teste t , cujos resultados demonstram que, dentre aqueles jovens que ainda estudavam, não foram encontradas evidências confiáveis de que existiam diferenças ($t(70) = -0,21$; $p < 0,83$; $d = 0,05$). Quanto à iniciação da vida sexual, apesar de ter sido encontrada uma diferença de média na idade da primeira relação sexual entre os sexos, não foi possível excluir a possibilidade dela se dever ao erro amostral ($t(75) = -1,60$; $p < 0,10$; $d = -0,37$).

6.2 – Resultados da Técnica de Associação Livre de Palavras - Análise Fatorial de Correspondência

Com o objetivo de apreender as representações sociais dos adolescentes acerca do objeto de interesse, os dados coletados por meio da *Técnica de Associação Livre de Palavras* foram processados por meio do software Tri-Deux-Mots (Cibois, 1995) e submetidos à Análise Fatorial de Correspondência (AFC) – um procedimento metodológico que consiste em distinguir os vínculos estabelecidos entre as características dos indivíduos que constituem um grupo e suas respostas a uma determinada questão. Dito de outra forma, esta técnica ressalta as relações (de aproximação ou distanciamento) existentes entre as representações dos sujeitos e seus atributos como membros de grupos com características específicas e diferenciadas uns dos outros.

Portanto, o referido programa foi utilizado com o intento de ilustrar graficamente as aproximações e oposições entre as variáveis fixas e as variáveis de opinião apresentadas pelos participantes desta pesquisa. Em estatística, as respostas (variáveis de opinião) são denominadas de modalidades de contribuição à construção dos fatores ou eixos que constituem o plano fatorial. Assim, o somatório de todas as palavras evocadas ($\Sigma = 1.843$) pelo conjunto de sujeitos ($N = 80$) que compõem a amostra da pesquisa, relativas a cada estímulo indutor (1= adolescência, 2= gravidez na adolescência, 3= ser mãe na adolescência, 4= ser pai na adolescência, 5= eu mesmo (a) e 6 = planos para o futuro), são analisadas em função da frequência e da importância relativa às variáveis fixas (idade, sexo e estado civil), determinando o espaço fatorial ou gráfico.

O fator 1 (F1, vermelho) explica 75,6% da variância total das modalidades (palavras-resposta) processadas, e o fator 2 (F2, azul) explica 12,6%, perfazendo um total de 88,2% da variância total, valor considerado satisfatório para a interpretação dos resultados. O espaço fatorial revela a existência de agrupamentos representacionais ou, o

que se denomina em estatística de “nuvens”, que evidenciam as semelhanças e as diferenças nos conteúdos e na estrutura das representações dos (as) participantes.

Na figura 1, evidenciam-se grupos diferenciados quanto ao conteúdo e à estrutura das representações, explicitadas pelos participantes que se colocam em posições simetricamente opostas em função das variáveis “sexo” e “estado civil”.

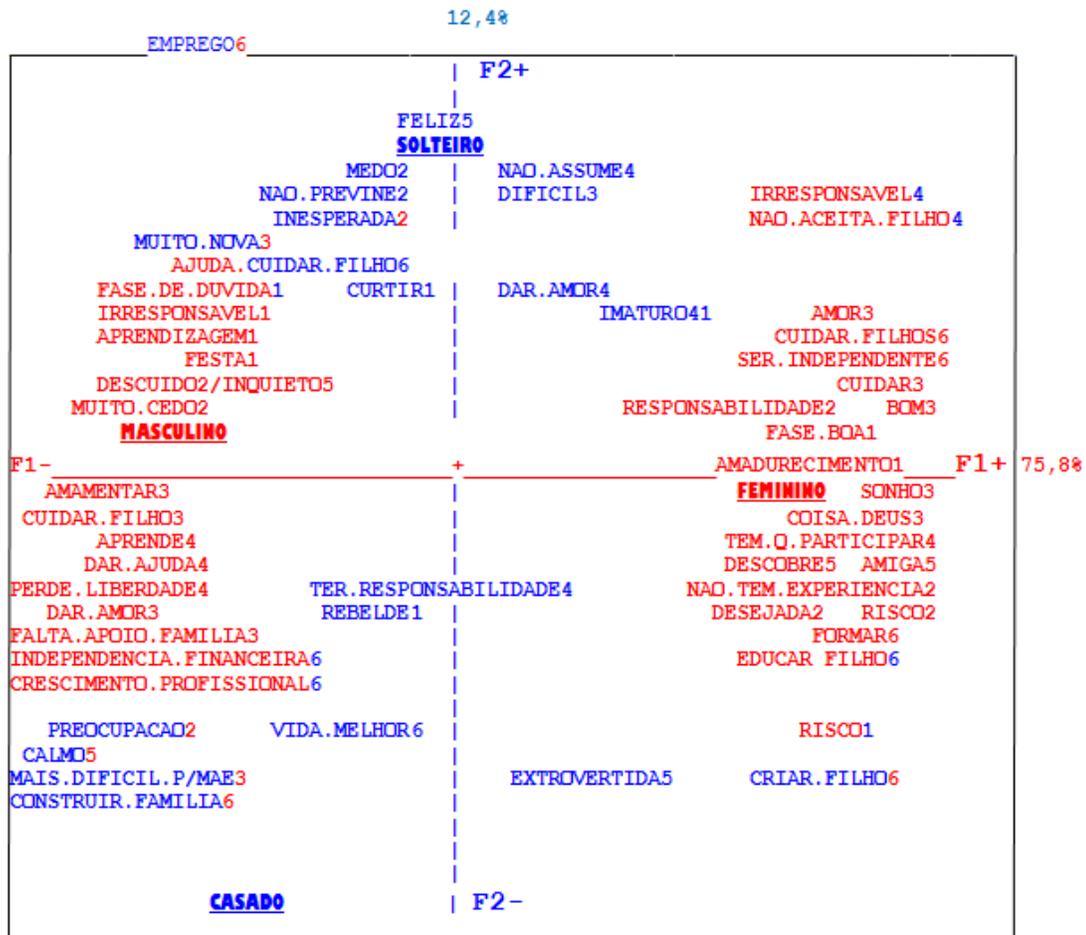


Figura 1 – Plano Fatorial de Correspondência das RS dos adolescentes sobre a paternidade e maternidade na adolescência

PLANO FATORIAL		VARIÁVEIS DE OPINIÃO	
Eixo 1 (F1) - Fator gênero = cor vermelha, localizado no eixo horizontal à direita e à esquerda. Eixo 2 (F2) - Fator estado civil = cor azul, localizado no eixo vertical superior e inferior.		Estímulos indutores	
		<ol style="list-style-type: none"> 1. Adolescência 2. Gravidez na adolescência 3. Ser mãe na adolescência 4. Ser pai na adolescência 5. Eu mesmo (a) 6. Planos para o futuro 	
VARIÁVEIS FIXAS			
<u>1 = Idade</u>		<u>2 = Sexo</u>	<u>3 = Estado civil</u>
151 = Igual ou menor de 16 anos 152 = Acima de 16 anos		161 = Feminino 162 = Masculino	171 = Casado (a) 172 = União consensual 173 = Solteiro (a)

Figura 2 – Legenda do Plano Fatorial

O fator ou eixo 1, é considerado o mais importante por concentrar as informações de maior valor estatístico sobre o objeto de pesquisa. Neste fator, os conteúdos representacionais encontram-se posicionados em função da variável sexo e foi nomeado de Fator Gênero.

Assim, no lado esquerdo do eixo 1, aqui nomeado de Fator Gênero (eixo horizontal e de cor vermelha) evidenciam-se as representações sociais dos adolescentes do sexo masculino que são pais. Para este grupo de pertença, a adolescência (estímulo 1), está associada a “ *festa* ” e foi objetivada como uma “ *fase de dúvida* ” capaz de promover *aprendizagem* . No entanto, a evocação “ *irresponsável* ” surge como um elemento figurativo associado ao adolescente. Tal evocação demonstra que o adolescente, como pessoa, e a adolescência, como uma etapa do desenvolvimento, podem se expressar de forma indiferenciada na fusão de um mesmo objeto representado. Em oposição ao grupo anteriormente analisado, no mesmo eixo, encontram-se as evocações das adolescentes do sexo feminino que objetivaram a *adolescência* como uma “ *fase boa* ” que implica em “ *amadurecimento* ”.

Ainda no eixo 1, fator gênero, à esquerda, a gravidez na adolescência (estímulo 2) foi objetivada pelos pais adolescentes como um “ *descuido* ” que acontece “ *muito cedo* ” em suas vidas. À direita do plano fatorial, não obstante as mães adolescentes tenham associado

à experiência de gravidez nesta fase do ciclo vital a um “*risco*” e à falta de experiência (*não tem experiência*) frente às diversas “*responsabilidades*” impostas, a gravidez na adolescência, surpreendentemente, também foi objetivada como uma experiência *desejada*.

A experiência de ser mãe na adolescência (estímulo 3), segundo os participantes do sexo masculino, foi objetivada na prática da “*amamentação*” considerada por eles como uma característica simbólica dessa vivência; também foi positivamente associada ao aspecto afetivo “*dar amor*” e ao cuidado com o bebê sendo dever da mãe “*cuidar do filho*”. Contudo, embora tenham objetivado alguns cuidados típicos dessa fase, anunciaram também a “*falta de apoio da família*” nesse momento. Por seu tempo, as mães objetivaram a experiência da maternidade com uma conotação positiva, associada a “*algo bom*”, que representa “*amor*”, um “*sonho*”, uma “*coisa de Deus*”. Todavia, reconhecem que “*exige responsabilidade*” diante do papel de “*cuidar*” do filho.

Quanto à experiência de ser pai na adolescência (estímulo 4), os meninos relataram que esse novo papel favorece o aprendizado (expresso na evocação “*aprende*”) e que a chegada de um filho nesta etapa da vida ocasiona modificações em seu cotidiano, o que requer dele um engajamento nesse processo a partir da necessidade de “*ajudar*”. Isso provoca a “*perda da liberdade*”. Em oposição, no lado direito do eixo 1, as meninas, considerando a sua realidade, apontaram algumas atribuições em que o pai é associado negativamente àquele que “*não aceita o filho*”, que parece “*irresponsável*” e que deve assumir a criança e ajudar a criá-la, anunciado na expressão “*tem que participar*”.

Quando analisado, a partir de suas frequências relativas, o conjunto de respostas evocadas pelos sujeitos em relação aos estímulos “Gravidez na adolescência”, “ser mãe na adolescência” e “ser pai na adolescência”, foi possível visualizar a ordem de aparição e a

importância dos conteúdos representacionais. A Tabela 7 mostra os valores relativos¹ dos resultados, em percentuais, das respostas evocadas pela indução dos referidos estímulos. Esses valores estão dispostos em ordem decrescente e incluem um índice percentual inferior a 10%, que pode não ser significativo estatisticamente, porém, são respostas relevantes para a análise qualitativa.

De acordo com os dados da Tabela 7, os maiores índices em percentuais demonstram que ser mãe na adolescência está intimamente associado à função de “cuidar do filho” (32,50%) e que é uma experiência “difícil” (31,25%), embora compreenda “amor” (23,75%). Ser mãe, nessa fase do desenvolvimento, “exige responsabilidade” (20%), mesmo que seja algo “bom” (17,50%), e apesar de provocar “mudanças” (16,25%) em suas vidas, faz parte de um “sonho” (15%). Reconhecem que “falta experiência” (12,50%) para lidar com as demandas da maternidade e que esse novo papel provoca a “perda da liberdade” (12,50%), porquanto acontece em uma fase em que se é “muito nova” (11,25%).

Ainda em relação à expressão indutora “Ser mãe na adolescência”, associa-se positivamente ao ato de “amamentar” (10%) e objetivada como uma “coisa de Deus” (10%). Com uma conotação diferenciada, os (as) adolescentes denunciam que “falta apoio da família” (10%), admitem que é “mais difícil para a mãe” (10%), que há “perdas” (10%), tais como a “perda da adolescência” (7,50%), que é um processo de “adaptação” (7,50%) e que é necessário “renunciar” (7,50%).

Quanto ao estímulo indutor “ser pai na adolescência”, os (as) participantes responderam que significa “sustentar” (26,25%), “ter responsabilidade” (26,25%), que é uma experiência “difícil” (21,25%), da qual o pai “deve participar” (21,25%) e, embora seja avaliado como “imaturo” (21,25%) para exercer a paternidade, é convidado a “ajudar”

¹ Valor obtido através da equação: $f_a / n = f_r$, que significa o valor da frequência absoluta (f_a), dividido pelo número de sujeitos, total da amostra ($N=80$), e multiplicado por cem (100), tendo como resultado a frequência relativa (f_r).

(17,50%). De maneira positiva, ser pai na adolescência é “bom” (17,50%), pois “amadurece” (16,25%), é um “sonho” (15%) e consiste em “dar amor” (13,75%).

Diante da experiência de ser pai, o adolescente se sente “despreparado” (13,75%), é visto como “irresponsável” (13,75%), “perde a liberdade” (13,75%) e tem o dever de “assumir” (12,5%). Reconhecem que a paternidade ocasiona “mudança” (12,50%), em alguns casos, o adolescente “não aceita filho” (12,50%) e “não assume” (12,50%). Segundo os (as) adolescentes, ser pai, nesta etapa da vida, promove um “aprendizado” (10%) e atribuem, mesmo que discretamente, o “cuidar” (7,50%) como parte da função paterna.

Tabela 7 – Frequência Relativa das Evocações aos estímulos 3 e 4

<i>Estímulo 3 = Ser mãe na adolescência</i>		<i>Estímulo 4 = Ser pai na adolescência</i>	
Respostas evocadas	%	Respostas evocadas	%
Cuidar do filho	32,50	Sustentar	26,25
Difícil	31,25	Ter responsabilidade	26,25
Amor	23,75	Difícil	21,25
Exige responsabilidade	20,00	Deve participar	21,25
Bom	17,50	Imaturo	21,25
Mudanças	16,25	Ajudar	17,50
Sonho	15,00	Bom	17,50
Falta experiência	12,50	Amadurece	16,25
Perde liberdade	12,50	Sonho	15,00
Muito nova	11,25	Dar amor	13,75
Amamentar	10,00	Despreparado	13,75
Coisa de Deus	10,00	Irresponsável	13,75
Falta apoio da família	10,00	Perde liberdade	13,75
Mais difícil para a mãe	10,00	Assumir	12,50
Perdas	10,00	Mudança	12,50
Perde adolescência	7,50	Não aceita filho	12,50
Adaptação	7,50	Não assume	12,50
Renunciar	7,50	Aprendizado	10,00
		Cuidar	7,50

Retomando a análise do plano fatorial, ainda no eixo 1, em relação ao estímulo eu mesmo(a) (estímulo 5), os participantes do sexo masculino reportaram-se a si mesmos como “*inquietos*”. As meninas, por outro lado, definiram-se como pessoas amigas e que ainda estão em processo de busca ou descoberta a partir da evocação “*descobrimo*”, o que

parece estar associado à sua condição de desenvolvimento (adolescência) e/ou de ressignificação de seus papéis no arcabouço social.

Quanto aos “planos para o futuro” (estímulo 6), os participantes do sexo masculino ancoraram o seu saber na esfera profissional, destacando os seus desejos de “*independência financeira*” e “*crescimento profissional*”. Apesar de objetivarem planos semelhantes de educação formal e independência, referidos nas evocações “*formar*” e “*ser independente*”, as meninas, diferentemente dos meninos, não dissociaram as responsabilidades com os filhos dos seus planos futuros e incluíram em seus projetos “*educar o filho*”, “*cuidar do filho*” e “*ajudar a cuidar do filho*”.

No fator destacado em azul (F2), (na linha vertical do espaço gráfico), evidenciam-se as modalidades de respostas em função do estado civil dos (as) participantes, sendo aqui nomeado de fator estado civil. No campo superior do plano fatorial, identificam-se as evocações dos (as) participantes solteiros (as). Neste grupo, a “adolescência” foi objetivada como sinônimo de curtição revelado na evocação “*curtir*”. Distintamente, no plano inferior, identificam-se as livres associações do grupo de adolescentes casados, que objetivaram a adolescência como um período *rebelde* e sinônimo de *risco*. Provavelmente, estas evocações refletem a condição ou estado civil dos participantes e suas vicissitudes.

Quanto à “gravidez na adolescência”, as pessoas solteiras a representaram como uma ocorrência “*inesperada*”, pois, muitas vezes, é fruto da ausência de práticas contraceptivas, demonstradas em seus discursos por meio da evocação “*não previne*” e, por isso, quando descoberta, provoca o sentimento de “*medo*” perante na nova e estranha experiência. No que se refere ao conteúdo elaborado pelas pessoas casadas, elas se referem à gravidez na adolescência como um evento que gera “*preocupação*”. Embora as evocações associadas pelos dois grupos (solteiros e casados) frente ao estímulo em questão

sejam aparentemente distintas, os atores sociais desta pesquisa parecem compartilhar de uma mesma representação social acerca do referido estímulo.

Quanto ao estímulo indutor ser “mãe na adolescência”, as pessoas solteiras relataram que se trata de uma experiência “*difícil*”, que ocorre precocemente na vida da adolescente que ainda é “*muito nova*” para ser mãe. No lado oposto do plano fatorial, os (as) participantes casados (as) significam essa vivência como sendo “*mais difícil para a mãe*”. Essa situação, possivelmente, é vivenciada em seu cotidiano.

Sobre “ser pai na adolescência”, os participantes solteiros, apesar de destacarem o aspecto afetivo desta experiência (*dar amor*), também a associaram a imaturidade (*imaturo*) e ao não reconhecimento do filho por parte do pai (*não assume*) como condições típicas desta vivência. Já as pessoas casadas apontaram outra faceta desta experiência (*ter responsabilidade*). Quanto às evocações sobre o estímulo “eu mesmo (a)”, caracterizaram as pessoas solteiras como *felizes*, ao passo que as casadas objetivaram a si mesmas como, paradoxalmente, *calmas e extrovertidas*.

Quando questionadas sobre o estímulo indutor “planos para o futuro”, as pessoas solteiras objetivaram o “*emprego*” como uma necessidade futura para assegurar boas condições de vida. Diferentemente, as pessoas casadas, embora se preocupem em usufruir de uma “*vida melhor*”, destacaram em seus planos a atenção prioritária com a família representada nas evocações “*construir família*” e “*criar filho*”.

Com o intuito de acrescentar informações sobre os resultados obtidos por meio da Técnica de associação livre de palavras, na Tabela 8, encontram-se os resultados, em percentuais, das respostas evocadas face aos demais estímulos indutores: *adolescência*, *gravidez na adolescência*, *eu mesmo (a)* e *Planos para o futuro*. Mais uma vez, destaca-se que consta também o índice percentual de menor importância estatística, todavia, qualitativamente necessários à interpretação dos dados.

Tabela 8 – Frequência Relativa das Evocações aos estímulos 1, 2, 5 e 6

<i>Estímulo 1 = Adolescência</i>		<i>Estímulo 2 = Gravidez na adolescência</i>		<i>Estímulo 5 = Eu mesmo(a)</i>		<i>Estímulo 6 = Planos para o futuro</i>	
Respostas evocadas	%	Respostas evocadas	%	Respostas evocadas	%	Respostas evocadas	%
Diversão	37,50	Difícil	30,00	Amigo(a)	23,75	Trabalhar	38,75
Descoberta	25,00	Bom	25,00	Extrovertido(a)	23,75	Casa própria	32,50
Estudo	25,00	Falta apoio	21,25	Alegre	22,50	Dar melhor para o filho	25,00
Curtir	23,75	Medo	21,25	Calmo(a)	20,00	Terminar estudo	25,00
Rebelde	23,75	Falta prevenção	18,75	Responsável	18,75	Formar	20,00
Liberdade	22,50	Muito nova	18,75	Feliz	15,00	Vida melhor	17,50
Fase boa	20,00	Responsabilidade	17,50	Descobrimdo	11,25	Educar filho	15,00
Imaturidade	18,75	Desejada	16,25	Inquieto	10,00	Ser feliz	13,75
Amadurecimento	17,50	Inesperada	16,25	Boa mãe	8,75	Ser independente	13,75
Namoro	16,25	Alegria	13,75	Pai	8,75	Ajudar cuidar filho	12,50
Aprender	13,75	Amadurecimento	13,75			Independência financeira	12,50
Amizade	11,25	Perde a liberdade	13,75			Construir família	11,25
Fase de dúvidas	11,25	Não tem experiência	11,25			Cuidar do filho	11,25
Festa	11,25	Preocupação	11,25			Criar filho	10,00
Risco	11,25	Risco	11,25				
Irresponsável	10,00	Ruim	10,00				
		Descuido	8,75				
		Não planejada	7,50				
		Choque					

6.3 – Resultados das Entrevistas – Tratamento padrão do Alceste

O *corpus* analisado neste estudo foi composto por 32 unidades de contexto inicial (UCI), que consistiram em 32 entrevistas semiestruturadas. Depois de processados pelo *software* Alceste©, o tratamento padrão do programa identificou 31.495 ocorrências de palavras, contendo 2.480 vocábulos distintos, sendo 205 palavras instrumentos ou suplementares e 42 palavras variáveis (com asterisco). Após a redução das palavras as suas raízes, obtiveram-se 483 palavras analisáveis (com frequência igual ou superior a quatro).

Para a delimitar o vocabulário mais significativo de cada classe, o Alceste adota dois critérios de análise: (1) a frequência de ocorrência das palavras com a frequência mínima referenciada no *rapport*. Nesse caso, igual ou superior a 4, e (2) prova de associação do qui-quadrado em relação à classe ($\chi^2 \geq 3,84$). O Alceste dividiu o *corpus* de análise em 675 unidades de contexto elementares (UCEs) que correspondem a fragmentos

do discurso dos participantes do estudo. Desse total, 69% foram analisadas pela Classificação Hierárquica Descendente (CHD), perfazendo um total de 469 UCEs, distribuídas em quatro classes, compostas com, no mínimo, 34 UCEs. Na Figura 3, apresenta-se o detalhamento da distribuição das UCEs por classe com as respectivas frequências e percentuais, e na Figura 11, encontra-se o número de palavras analisadas por classe.

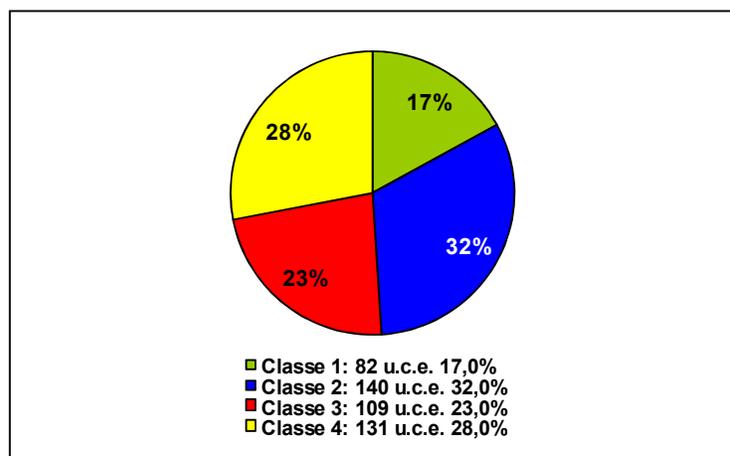


Figura 3 - Distribuição das classes no corpus por UCE's

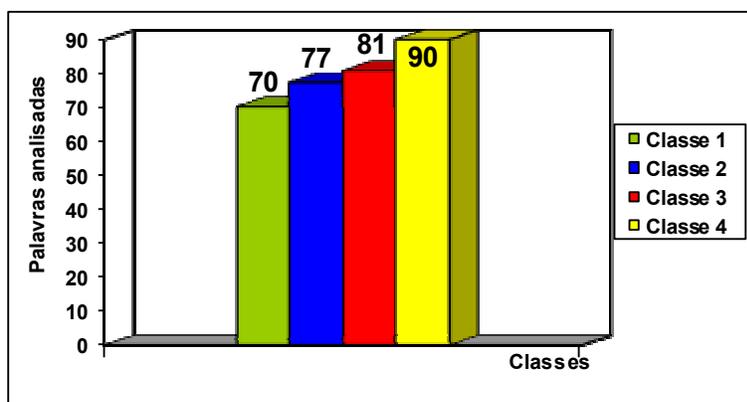


Figura 4 - Quantitativo de palavras analisadas por classe

De acordo com as Figuras 10 e 11 observa-se que a classe 1 foi formada pelo menor número de UCEs quando comparada às demais classes, contendo 82 UCEs, o que significa 17%, e 70 palavras analisadas. A classe 2 envolveu o maior número de UCEs

contendo 147 que totaliza 32% das UCEs e reuniu 77 palavras analisadas. A classe 3 apresentou 109 UCEs, correspondente a 23%, e compreendeu 81 palavras analisadas; por último, a classe 4, constituída de 131 UCEs (28%) e 90 palavras analisadas.

Na Figura 5, apresenta-se o dendrograma resultante da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que se refere à distribuição das referidas classes. Vale destacar que as classes ou categorias temáticas obtidas a partir da CHD indicam, neste estudo, os conteúdos e as informações relevantes das representações sociais elaboradas sobre a paternidade e a maternidade na adolescência pelos pais/mães adolescentes que fizeram parte desta pesquisa.

Para proceder à análise descritiva de cada classe, optou-se por considerar simultaneamente os dois critérios-padrão propostos pelo Alceste, que consiste na consideração das palavras com frequência mínima igual ou maior a quatro ($f \geq 4$) e qui-quadrado com significância estatística ($\chi^2 \geq 3,84$ e g.l.=1, $p \geq 0,05$). Portanto, as respectivas classes são compostas pelas palavras mais significativas (mais frequentes) e por suas respectivas associações com cada classe (Qui-quadrado). Em cada uma das classes foram apresentados o título da classe; o número de UCEs que as formam; as variáveis descritivas associadas e as palavras que as compõem com as respectivas frequências e o valor de qui-quadrado.

Os resultados revelaram um dendrograma estruturado em torno de conteúdos associados aos significados da paternidade e maternidade na adolescência; às práticas contraceptivas, ao conhecimento sobre métodos e fontes de informações; aos projetos futuros planejados pelos adolescentes antes e depois de serem pais/mães e aos impactos da gravidez e à forma como os adolescentes acham que os outros percebem a paternidade/maternidade adolescente.

Observa-se que o *corpus* do dendrograma (Figura 5), inicialmente foi dividido em dois subcorporea. O primeiro subcorporea originou a classe 3, denominada “*Conhecimentos sobre contracepção: meios de veiculação da informação e práticas preventivas*”, e o segundo subcorporea gerou um aglomerado constituído pela classe 1, nomeada de “*Projetos de vida antes e depois da paternidade/maternidade*” e pelo agrupamento das classes 2 e 4, intituladas respectivamente: “*vivências e significados da paternidade/maternidade na adolescência*” e “*Mobilização de afetos frente a gravidez e ao julgamento do outro*”

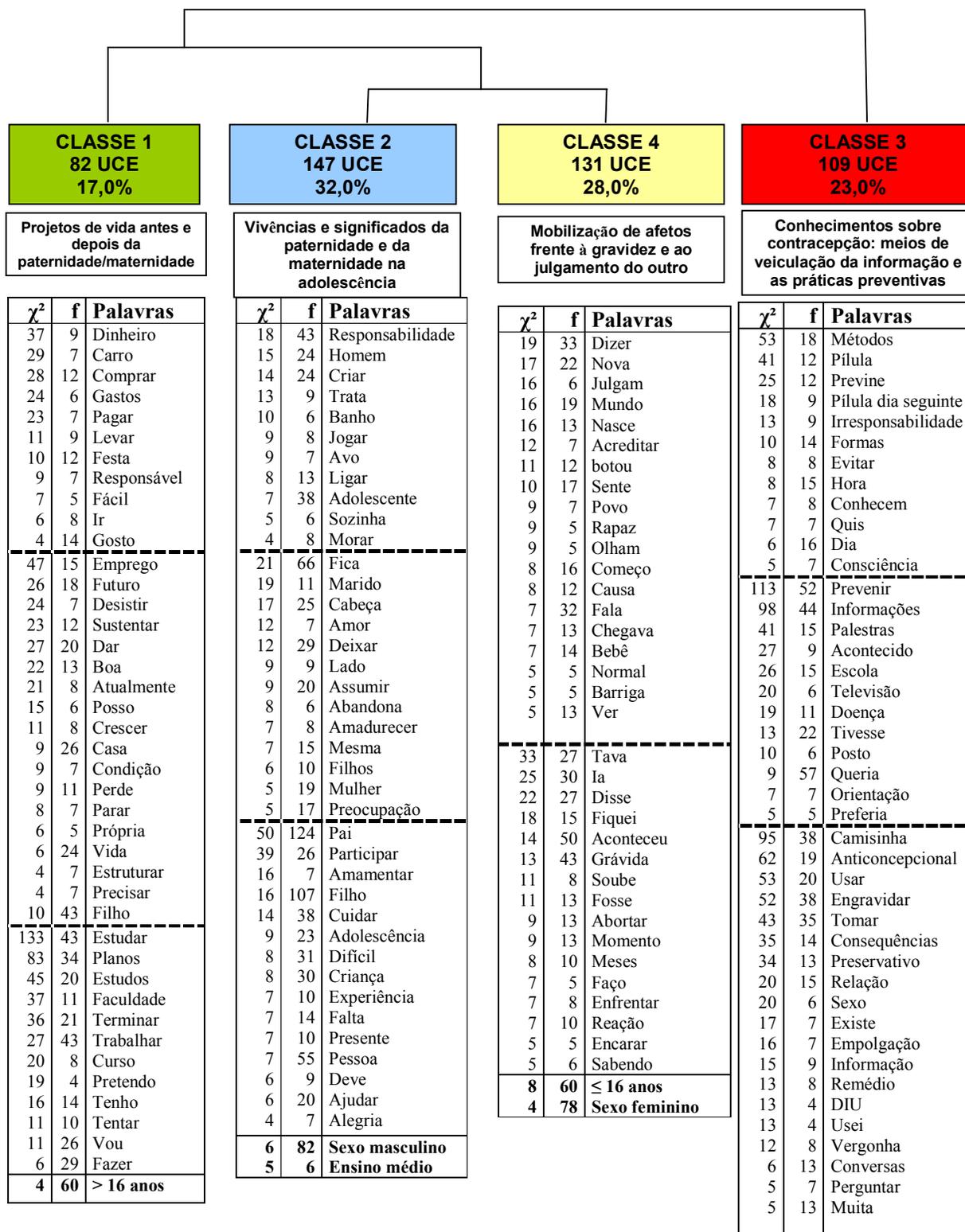


Figura 5 – Dendrograma com a Classificação Hierárquica Descendente e Ascendente– Entrevistas (N=32).

Como pode ser observado na Figura 5, a Classe 1, nomeada “**Projetos de vida antes e depois da paternidade/maternidade**”, foi composta por palavras e radicais no intervalo entre $\chi^2 = 133$ (estudar) e $\chi^2 = 4$ (estruturar). Os participantes que mais contribuíram para a formação dessa classe foram adolescentes pais/mães com idades acima de 16 anos. O foco da referida classe lexical trata das pretensões e dos planos futuros projetados pelos adolescentes antes de se tornarem pais/mães, incluindo também os planos por eles (re) formulados e (re) significados em função da paternidade/maternidade na adolescência.

Ainda em relação à classe 1, evidenciam-se três subclasses que se encontram separadas por linhas pontilhadas na Figura 5: a primeira subclasse, trata das “*vivências e práticas re-significadas a partir da experiência da paternidade/maternidade*”. A segunda subclasse versa sobre a “*reestruturação dos planos futuros para adaptar-se a nova realidade*”. Já a terceira subclasse aborda sobre os “*planos de investimento educacional e qualificação profissional*” que são considerados como exigências impostas pela paternidade/maternidade para garantir boas condições de vida.

Para ilustrar as subclasses da classe 1, anteriormente caracterizadas, apresentam-se, a seguir, algumas UCEs significativas a elas relacionadas. No que se refere às *vivências e às práticas ressignificadas a partir da experiência da paternidade/maternidade*, os relatos seguintes sugerem que a maternidade/paternidade proporcionou aos adolescentes uma mudança na forma de valorização das situações e das aspirações que antes eram predominantes e importantes em suas vidas, Tais modificações parecem exigir um esforço de reorganização de seu universo e possibilitam uma transição para a maturidade:

(...) antes de ser mãe meu futuro era nunca parar de sair, era só curtir a vida nunca ia ser responsável (...) depois de ser mãe meus planos mudaram (...) quando você se

torna responsável você quer um carro, quer ter uma casa (...) o dinheirinho que você poderia gastar com festa você se dedica a sua casa (...) antes eu gostava de festa (...) hoje em dia não gosto mais de festa, parei de beber, parei de fumar, tudo isso foram mudanças boas que a maternidade me trouxe.

Os trechos das alocações a seguir expressam os conteúdos da segunda subclasse que versa sobre a “*reestruturação dos planos futuros para se adaptar à nova realidade*”:

(...) as mudanças são muitas, eu criei mais vontade de ter uma estrutura na minha vida, ter um emprego, ter mais condições e dar uma coisa melhor pra ele. (...) agora que sou pai quero me estruturar pra tentar dar uma vida melhor a minha filha, tentar terminar meus estudos ano que vem se der. (...) tenho primeiro que trabalhar de dia e estudar a noite, se der, e principalmente me estruturar e cuidar da minha filha. (...) atualmente meus planos é criar meu filho, voltar a estudar, trabalhar, só que antes era terminar os estudos primeiro. (...) antes meus planos era terminar os estudos, fazer um curso, eu só queria ter filho depois que eu tivesse estabelecida pra dar vida boa ao meu filho, mas eu pretendo terminar meus estudos.

Para ilustrar a terceira subclasse, que versa sobre os “*planos de investimento educacional e qualificação profissional*” que são considerados meios de garantir boas condições de vida e estabilidade para si e para o filho, apresentam-se os seguintes discursos:

(...) eu vou continuar estudando, agora vou ter que trabalhar mais que é pra dá o melhor pra ela (...) vou terminar meu estudo e vou fazer uns cursos, trabalhar que é pra dá o melhor pra ela. (...) vai ser meio difícil porque vou ta na escola e a cabeça em casa, mas meus planos é terminar meus estudos, depois fazer um curso, arrumar

um emprego e dá vida boa ao meu filho. (...) meus planos antes era me formar em medicina veterinária (...) ter condições de educar meu filho, fazer vestibular e fazer faculdade de fisioterapia (...) quero ter condições de dar o que meu filho precisar.

A Classe 2, “**vivências e significados da paternidade/maternidade**”, foi composta por palavras e radicais no intervalo entre $\chi^2 = 50$ (pai) e $\chi^2 = 4$ (morar, alegria), a maioria representada pelos discursos dos adolescentes do sexo masculino. Estão incluídas nessa classe três subclasses, separadas por linhas pontilhadas, nomeadas respectivamente: (I) *Dificuldades de inserção paterna e compromisso materno*; (II) *Assimilações de papéis demandados pela nova experiência*; (III) *Funções parentais, inexperiência e importância da participação paterna*.

Para exemplificar a subclasse que trata das “*Dificuldades de inserção paterna e compromisso materno*”, cujo conteúdo faz referência às limitações, às inexperiências do pai adolescente e ao maior comprometimento materno, seguem as seguintes interlocuções:

(...) tem adolescentes que não tem responsabilidade de um pai, eles jogam pra mãe deles criar a criança. (...) Um pai adolescente tem menos responsabilidade que um pai adulto. (...) tem os que nem ligam... acho que não querem ter responsabilidade e a mãe é quem assume sozinha. (...) quando descobri me senti sozinha sem apoio de ninguém. (...) o homem gosta mais de sair, e depois que é pai precisa mudar, tem muitos que nem ligam, deixa a mãe sozinha com o filho e vai andar. (...) adolescente sofre demais, sofre mais a mãe que o pai, a mãe vai sempre precisar da avó, da tia, da amiga, o pai adolescente não, o pai vai continuar farrando do mesmo jeito. (...) O pai deve participar, mas nem sempre consegue. Os adolescentes não estão prontos, quer curtir a adolescência, não sabem mesmo ser pai.

A propósito da subclasse intitulada: “*Assimilações dos papéis demandados pela nova experiência*”, indicativa das apropriações cognitivas e das mudanças ocasionadas pela paternidade /maternidade na adolescência, foram selecionadas as seguintes falas dos participantes:

(...) A maternidade faz a gente amadurecer, eu mesma me sinto pulando uma parte da vida, tenho vontade de viver a adolescência, mas a maternidade não deixa, e eu fico confusa, a cabeça fica a mil. (...) ser pai é ta sempre presente, assumir as responsabilidades, é o que todas as meninas querem. (...) nem todo adolescente sabe como é ser pai ou mãe, tem que aprender e não é fácil, é como se não tivéssemos prontos em alguma coisa na cabeça.

Como discursos ilustrativos da subclasse “*Funções parentais, inexperiência e importância da participação paterna*”, evidenciam-se as seguintes alocações:

(...) É difícil porque a pessoa não tem experiência e não tem apoio de ninguém (...) nem sabemos como cuidar, como criar. (...) A função de um pai é cuidar da criança e da mulher. (...) A função do pai é ta presente todo momento, não deixar faltar nada pro filho. (...) arcar com as responsabilidades, trabalhar, fazer de tudo pra sustentar. (...) A mãe deve educar, colocar numa escola boa e dar o melhor ao filho. (...) Eu acho que muitos adolescentes pais... não estão preparados. (...) Eu acho que um pai deve participa... porque quantos defeitos que eu tenho, que a maioria das vezes eu penso que foi causado pela falta do meu pai na minha vida. (...) Eu não sei cuidar nem de mim, como vou saber cuidar de outro menino.

De acordo com a classe 4, intitulada “ **Mobilização de afetos frente a gravidez e ao julgamento do outro**”, foi composta por palavras e radicais no intervalo entre $\chi^2 = 33$ (tava) e $\chi^2 = 5$ (ver, encarar, sabendo), destacando-se os discursos das adolescentes menores de 16 anos. É possível discriminar nesta classe duas subclasses que estão relacionadas: (I) *O julgamento do outro (dimensão da alteridade)* sobre a paternidade/maternidade na adolescência e II) *sentimentos e reações pessoais frente à nova experiência*.

Em relação ao conteúdo representativo da subclasse o “*julgamento do outro (dimensão da alteridade)*” sobre a paternidade/maternidade na adolescência, destacam-se as seguintes falas:

(...) as pessoas falam muito, elas só julgam. (...) até um dia desse o povo olhava assim de lado (...) essa menina vai sofrer na vida, sempre me botam pra baixo (...) acho que o povo é muito preconceituoso em relação à maternidade na adolescência. (...) a sociedade tem preconceito com a adolescente que engravida, percebo pelo jeito que falam e olham (...) a sociedade aponta muito, julga muito (...) falam que a gente não vai saber cuidar (...) as pessoas falam demais, antes era normal, antes podia ser mãe jovem (...) hoje criticam, olha diferente, diz que a jovem pega bucho porque quer, chama de promíscua. (...) as pessoas julgam principalmente a menina.

No que diz respeito aos *sentimentos e às reações pessoais frente à nova experiência*, são apresentados os respectivos conteúdos:

(...) eu fiquei tremendo de medo, sei nem explicar o que se passava na minha cabeça. (...) fiquei feliz. (...) fiquei assustada, sem saber como enfrentar a barra. (...) fiquei com a cabeça a mil sem saber o que pensar. (...) Fiquei surpresa e ficou tudo mais difícil. (...) minha reação foi logo em abortar. (...) eu fiquei totalmente alegre

porque é um dom de Deus. (...) no começo eu fiquei pensando, ainda sou nova. (...) fiquei imaginando o que os outros vão achar. (...) fiquei meio assim preocupada, pensei que sou muito nova, não tenho aquela mentalidade. (...) fiquei meio perturbada, mas senti também felicidade. (...) fiquei pensado, gente vou perder tanta coisa na minha vida. (...) medo de não conseguir me acostumar e não saber fazer as coisas direito.

A Classe 3, intitulada “**Conhecimentos sobre contracepção: meios de veiculação da informação e práticas preventivas**”, foi composta por palavras e radicais no intervalo entre $\chi^2 = 113$ (previne) e $\chi^2 = 5$ (consciência, perguntar, poderia). Inserido nesta classe 3, pode-se observar o agrupamento de palavras que indicam três subclasses: a primeira pode ser denominada “*Divergência entre conhecimento dos métodos e uso sistemático dos mesmos*”; a segunda versa sobre as “*informações sobre métodos contraceptivos e seus meios de veiculação*”; e a terceira refere-se aos “*tipos de métodos contraceptivos e justificativas sobre o não uso dos mesmos*”.

Sobre a subclasse que trata da “*divergência entre conhecimento dos métodos e uso sistemático dos mesmos*” seguem os seguintes recortes elucidativos:

(...) conhecem os métodos e não adquirem. (...) Eu conhecia os métodos de prevenir (...) eu nem entendo direito o que acontece que a gente sabe e não usa. (...) Já tinha informações sobre os métodos de prevenir. (...) Eu era bem informada e engravidei, foi bastante irresponsabilidade minha. (...) Tem tanta da forma pra se evitar ter filho. (...) Não se previne se não quiser. (...). (...) falta a consciência dos adolescentes. (...) O desejo na hora foi grande demais e a gente não preveniu. (...) Não se preveniu porque não quis. (...) nunca pensei que ia acontecer comigo.

Quanto à segunda subclasse, que trata das “*informações sobre métodos contraceptivos e seus meios de veiculação*”, tem as seguintes alocações:

(...) tinha muita gente que fazia palestra na escola. (...) Senti falta de informações sobre as conseqüências sobre como é ser pai. (...) Eu tinha as informações através da escola e televisão. (...) sabia que tinha que usar camisinha pra não contrair gravidez e nem doenças sexualmente transmissíveis. (...) acha que não vai acontecer. (...) Muitas vezes na escola em palestras, televisão e as vezes num posto quando eu ia em algum PSF (...) orientação muitas mães não dão (...) orientação ta em todas as redes sociais, internet, jornal, radio, sempre tem campanhas.

A terceira subclasse, que aborda os “*tipos de métodos contraceptivos e justificativa sobre o não uso dos mesmos*”, pode ser elucidada a partir dos discursos que seguem:

(...) as informações que eu tinha era de usar preservativo, anticoncepcionais, pílulas, métodos pra prevenir e Diu. (...) tem tanto método, tem camisinha, tem Diu, tem diafragma. (...) Na hora da empolgação não veio na cabeça isso de prevenir. (...) não tinha camisinha, mas a gente tava com vontade de ter relação e nem pensou nas conseqüências. (...) foi como Deus quis, e como eu quis também. (...) usar camisinha pra não contrair gravidez e nem doenças sexualmente transmissíveis. (...) o homem nem sempre pensa em prevenir na hora da relação e da empolgação. (...) as meninas engravidam cedo também por vergonha de ir a um posto de saúde pegar um preservativo ou um anticoncepcional.

Os conteúdos até aqui explicitados suscitaram questionamentos sobre como as representações sociais acerca da paternidade/maternidade na adolescência se diferenciam

em função das variáveis idade, sexo e estado civil. Para complementar a análise padrão do Alceste e verificar as possíveis diferenças anteriormente citadas, foi realizada uma segunda modalidade de análise que consiste em cruzar cada variável sociodemográfica com o corpus processado no tratamento padrão do Alceste. Deste modo, realizaram-se análises cruzadas em relação às variáveis "idade", "sexo", "escolaridade" e "estado civil", entretanto, não foram encontradas diferenças, o que pode evidenciar a consensualidade das representações sociais.

CAPÍTULO VII – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

7.1 – Paternidade e Maternidade: Universos Compartilhados por Adolescentes que são Pais e Mães

Considerando os objetivos desta tese e os resultados obtidos por meio do emprego dos diferentes instrumentos de coleta de dados, foi possível conhecer as múltiplas facetas dos seus objetos sociais tendo em vista a evidência de importantes informações referentes aos componentes afetivos, sociais e cognitivos das representações sociais construídas pelos (as) adolescentes frente à paternidade e à maternidade na adolescência.

Neste capítulo, discutem-se os principais resultados de acordo com sua relevância quanto aos critérios de consensos e dissensos dos conteúdos representacionais, tendo como ponto de partida os objetivos propostos. A utilização dos diversos instrumentos fez emergirem resultados convergentes, que possibilitaram mais confiabilidade em sua interpretação. Por outro lado, foram desvendadas informações particularizadas e complementares concernentes às características e às representações dos grupos ou participantes específicos, o que possibilitou conteúdos convincentes sobre os fenômenos pesquisados.

Cada instrumento contribuiu de forma particular para a efetivação deste trabalho. Com o questionário biossociodemográfico, foi delineado o perfil dos participantes. A técnica da entrevista semiestruturada forneceu conteúdos que conduziram ao acesso à dimensão subjetiva e social das representações sociais, exibindo o aspecto qualitativo do método. Por sua vez, a técnica de associação livre de palavras, além de sua contribuição qualitativa, adicionou o suporte quantitativo e representativo dos dados, colaborando para o acesso a conteúdos suplementares e corroborativos.

A partir dos resultados do questionário biossociodemográfico, foi possível identificar as características dos grupos de pertença dos participantes, distinguir o lugar e a

posição social de onde falam e conhecer a dinâmica social que os rodeia e que, ao mesmo tempo, exerce influência em seus discursos e em suas representações sociais e explica suas especificidades. Desta forma, conhecer as características dos pais e das mães adolescentes, com base no referido questionário, contribuiu para a concretização do **primeiro objetivo específico** desta tese, que consistiu em “*delinear o perfil biossociodemográfico dos participantes*”.

Participaram deste estudo oitenta adolescentes que vivenciam a experiência de ter filho, os quais foram equitativamente distribuídos em relação ao sexo, isto é, 50% do sexo masculino e 50% do sexo feminino. Estudar a temática em questão pela ótica masculina e feminina proporcionou ampliar o conhecimento sobre o tema no âmbito acadêmico. Embora parte das pesquisas contemple a experiência de ter filho na adolescência apenas sob a perspectiva da adolescente mãe, nesta tese, considera-se que ambos são importantes para o desenvolvimento biopsicossocial do filho e, portanto, precisam ter espaço para expor suas vivências, capacidades, dificuldades e projetos. Nesse contexto, verificou-se que ainda são poucos os estudos nacionais e internacionais que reforçam a relevância e a necessidade da inclusão do pai adolescente nas investigações científicas (Almeida & Souza, 2011; Almeida & Hardy, 2007; Anabalón, Cares, Cortés, & Zamora 2011; Hofferth & Goldscheider 2010; Poli, 2009; Ramires, 2007).

Em relação à idade, os participantes deste estudo tinham entre 14 e 19 anos ($M = 16,71$; $DP = 1,20$) – 58,7% com 16 anos ou mais. A média de idade por sexo variou: para os meninos, a média foi de 17,43 ($DP = 1,05$), e para as meninas, 16 ($DP = ,961$). Dados da literatura científica preconizam ter ocorrido considerável aumento de gravidez na faixa etária de 15 a 19 anos, acompanhado pelo crescimento também do número de adolescentes mães com idades de 10 a 14 anos (Alves & Cavenaghi, 2012). Estes dados se referem unicamente à adolescente mãe, pois ao se procurar dados epidemiológicos sobre a

paternidade na adolescência, conforme mencionado no primeiro capítulo desta tese, percebeu-se a carência de informações sobre o pai adolescente.

Quanto à renda familiar, os (as) adolescentes eram advindos de classe social baixa, dos quais 48,8% ganhavam apenas um salário mínimo. Ressalta-se que tal classificação baseou-se na renda e no local de moradia dos participantes. Neste estudo, considera-se a classe social uma importante variável contextual que auxilia na análise das condições de produção das representações sociais em relação à paternidade e a maternidade na adolescência. Embora esses eventos aconteçam em todos os estratos sociais, diferentes pesquisas apontam uma significativa presença nas camadas populares, associando-a a posição de pobreza; à interrupção ou ao abandono dos estudos; à entrada precoce no mercado de trabalho, geralmente em serviços que não exigem qualificação; ao desemprego e às reduzidas chances de elevação social (Oliveira, 2008; Oliveira-Monteiro, 2010; Schwartz et al., 2011; Novelino, 2011).

Ainda no que diz respeito à associação entre paternidade e maternidade na adolescência e à baixa condição sócioeconômica, pode-se adicionar a esta discussão o estudo de Novellino (2011), que ao avaliar a relação entre condição socioeconômica e comportamento reprodutivo, verificou clara presença de pais e mães adolescentes nas residências com baixa renda mensal, fato que põe em risco o bem-estar dos adolescentes e do seu filho e potencializa o aumento da pobreza.

No que se refere ao estado civil, 65,8% dos adolescentes viviam com o(a) companheiro(a). A literatura aponta que, em contextos desfavorecidos social e economicamente, a experiência de ter filhos na adolescência associada à união consensual ou ao matrimônio pode se configurar como um projeto almejado e socialmente apreciado (Rangel & Queiroz, 2008; Zanin et al., 2011). Diferentemente do que consta na literatura, embora os participantes concebam o casamento como um ideal, neste estudo, a gestação

foi a principal razão para a união dos adolescentes. Destaca-se, ainda, que metade deles residia na mesma casa da família de origem do parceiro ou da parceira.

Acerca da variável escolaridade, parte significativa dos (as) adolescentes encontrava-se cursando o ensino fundamental (63,3%). Constatou-se, ainda, que 66,3% não estudavam mais, ou seja, haviam interrompido os estudos sem ter concluído o ensino fundamental. Segundo dados do IBGE (2010), na Paraíba, o ensino fundamental é o nível escolar com a maior concentração de estudantes. Esse panorama também revela que a maioria das mulheres de 10 anos ou mais que tiveram filhos têm nível fundamental incompleto, o que corrobora os achados desta tese.

Vale ressaltar que foi realizado um teste de Quiquadrado com a finalidade de verificar a associação entre as variáveis “sexo” e “está na escola atualmente”. No entanto, não foram evidenciados resultados significativos que confirmassem tal associação: 35,9% dos meninos e 30,8% das meninas afirmaram estar estudando e 64,1% dos meninos e 69,2% das meninas responderam que não. Tais resultados revelam que, independentemente do sexo, o advento da paternidade-maternidade pode promover a descontinuidade dos estudos e, nesse aspecto, o que se diferencia são as razões para interrompê-los. Entre as adolescentes mães, os motivos para a descontinuidade dos estudos residiram, principalmente, na necessidade de ficar em casa dedicando-se aos cuidados do filho (a), os quais, segundo as mães, são inúmeros; em menor escala, a razão para a interrupção dos estudos decorria da urgência de sustentar o filho, o que as levava a trocar os estudos pelo trabalho. Já os adolescentes pais informaram que o trabalho foi o principal motivo para a interrupção dos estudos, isto, pois, eles se consideram responsáveis pela tarefa financeira de prover o filho.

Os achados relatados encontram respaldo na literatura científica, que atesta que a paternidade e a maternidade na adolescência, principalmente nos setores de baixa renda,

atrasam e até mesmo a interrompem os estudos em decorrência da necessidade de trabalhar para sustentar o filho, contribuindo para a perpetuação do ciclo de pobreza e colocando os jovens pais-mães em maior risco de terem um nível educacional e profissional baixo (Cerqueira-Santos et al., 2010; Goicolea et al., 2009; Miller, 2005; Oliveira-Monteiro, 2010). No entanto, considera-se frágil e reducionista o estabelecimento de uma relação de causalidade entre paternidade/maternidade e baixa escolaridade, pois é necessário incluir outras variáveis na análise desses fenômenos, tais como as condições socioeconômicas que, por si sós, podem dificultar o acesso aos estudos (Chalem et al., 2007; Dias & Teixeira, 2010; Meincke et al., 2011; Jesús-Reyes & Cabello-Garza, 2011).

Diferentemente dos resultados evidenciados em muitas pesquisas científicas, que afirmam que os adolescentes desistem dos estudos em função do trabalho, sem expressar planos de retomada dos estudos no futuro (Dias & Aquino, 2006; Melo et al., 2012; Novelino, 2009, 2011), os resultados desta tese revelaram que os adolescentes têm a pretensão de continuar os estudos (47,2% responderam que pretendem cursar faculdade) ou fazer um curso técnico (34,7%).

Em geral, a paternidade e a maternidade na adolescência viabilizam a interrupção dos estudos, porém, isso não elimina os projetos de regressar à escola, que são conciliados, mesmo conflituosamente, com as novas exigências da paternidade-maternidade (Oliveira, 2008; Orlandi & Toneli, 2008). Ao estudar os significados culturais da maternidade na adolescência, Pantoja (2003) verificou que ela não implica, para as meninas, a ruptura ou o abandono dos projetos de vida; ao contrário, a gravidez/maternidade é valorizada por traduzir mudanças de status social, o que fortalece a necessidade que esse grupo de pertença apresenta de dar seguimento aos estudos, com a finalidade de oferecer uma vida melhor ao filho.

Um dado interessante que complementa as informações sobre a dinâmica social na qual os (as) adolescentes deste estudo estão inseridos é o fato de que 38,2% de suas mães também foram mães na adolescência, com idades entre 15 e 17 anos. Este achado traz à tona a análise da influência transgeracional que se evidencia por meio dos padrões de repetições de experiências vivenciadas por pais e filhos (as) e que tem sido tema de importantes estudos (Falcão & Salomão, 2006; Wagner, Falcke & Predebon, 2005; Renepontes & Eisenstein, 2005).

O processo de partilha de um conhecimento produzido numa dada geração entre sucessivas gerações é incluído como sendo um dos fatores responsáveis pelo modo como homens e mulheres exercem as funções paternas e maternas. No entanto, deve-se atentar para o fato de que, apesar de influenciar, não é um fator determinante, pois novos arranjos familiares e novas práticas têm sido produzidos de acordo com as demandas da atualidade, causando rupturas na reprodução de determinados valores, crenças e atitudes.

A discussão e o delineamento das características biossociodemográficas dos adolescentes realizados até o momento permitiram contextualizar os significados atribuídos às experiências da paternidade e da maternidade a partir do espaço social onde tal conhecimento é produzido. Isto é, identificando não apenas quem sabe (os adolescentes pais-mães), mas também de onde se sabe (lugar onde o conhecimento é formado), abarcando as condições de produção e circulação das representações sociais.

A este respeito, Jodelet (2001) assinala que as representações sociais de um determinado objeto ou experiência, como saberes socialmente elaborados e partilhados têm como mediadores na sua constituição uma pessoa (ator social), inserida em condições específicas de espaço e tempo (contexto social) e um objeto social. Assim, como conhecimento do senso comum, as representações traduzem os grupos e as pessoas que as engendram e concedem aos fenômenos que eles representam um sentido específico e

consensual da realidade que os cerca. Nesta pesquisa, as condições de produção das RS referem-se à cultura, à questão econômica e social, institucional e educacional, dentre outras variáveis sociodemográficas .

No que se refere ao **segundo objetivo** deste estudo, que consistiu em “Analisar e comparar o conteúdo e a estrutura das representações sociais elaboradas por pais e mães adolescentes sobre a maternidade e a paternidade na adolescência”, os resultados obtidos por meio das entrevistas e dos testes de associação livre de palavras possibilitaram a sua efetivação conforme será discutido nas linhas seguintes.

Os dados dos testes de associação livre destacaram uma estruturação representacional diferenciada entre os participantes em função das variáveis contextuais: sexo e estado civil, conforme pode ser observado na Figura 1 do capítulo anterior. Essa diferença de conteúdos representacionais reforça que não se pode considerar a experiência da paternidade-maternidade como uma categoria homogênea apartada das variáveis contextuais que a determinam (Bock, 2007; Gallo, 2011; Heilborn et al., 2002; Oliveira-Monteiro, 2010), pois representações sobre um mesmo objeto podem se distinguir em virtude das características e das clivagens dos grupos que são estabelecidas pelas circunstâncias sócioeconômicas e pelos diferentes sistemas de orientação.

As diferenciações das representações sociais em função da variável sexo, evidenciadas neste estudo, remetem à análise das questões de gênero que são historicamente e socialmente demarcadas, demonstrando que a organização sócio-histórica e cultural da sociedade intervém nos comportamentos de homens e mulheres. No contexto da paternidade e da maternidade, essas distinções são feitas com base nas mudanças ocorridas na esfera feminina que induziram alterações no masculino, influenciaram as práticas sociais, os pensamentos e os modos de se posicionar como pai e mãe e afetaram,

inclusive, a forma como as mães e os pais adolescentes representam as práticas paternas e maternas.

Ao se analisar o plano fatorial (vide Figura 1), verificaram-se, nos conteúdos representacionais dos adolescentes do sexo masculino e feminino, aproximações e distanciamentos nas suas representações sociais sobre “*ser mãe na adolescência*” e “*ser pai na adolescência*”, revelando as diferenças entre os gêneros.

As representações dos participantes do sexo masculino sobre a experiência de ser “*ser mãe na adolescência*” apresentam resquícios da visão tradicional que delega à mulher responsabilidades ligadas aos cuidados físicos e afetivos do filho. Para os adolescentes pais, a “*amamentação*” é considerada o principal elemento simbólico da maternidade por ser uma função estritamente voltada para a mãe adolescente; o adolescente pai relata que ele pode sair para se divertir, porém, a parceira “tem que ficar em casa pra [sic] dar de mamar ao bebê - eu não tenho peito pra [sic] dar a ele, entendeu? Ela tem a obrigação de ficar em casa”. Relatos como esse suprimem qualquer possibilidade de o pai ocupar um lugar afetivo para o pai nesta tão importante relação.

A maternidade foi também objetivada, pelos adolescentes pais, na prática de “cuidar do filho” e “dar amor”. Nessas objetivações, observam-se duas funções maternas que foram reforçadas ao longo do tempo como sendo exclusivamente da mulher: as obrigações relacionadas às necessidades físicas e o suporte afetivo dedicado ao filho. Segundo Staudt e Wagner (2008), por serem a gravidez e a amamentação experiências inscritas no corpo da mulher, tais atribuições podem ter colaborado para que, no decurso da história, os cuidados com o filho tenham sido comumente imputados à mulher.

A responsabilidade conferida unicamente à mulher sobre os cuidados físicos e afetivos do filho pode também advir da pouca visibilidade dada ao pai tanto por parte da comunidade científica e civil quanto dos serviços de saúde. O adolescente não poderá

assimilar e exercer o novo papel (ser pai) se não lhe for dado espaço para “ser pai” e não forem superados os conceitos estereotipados que circulam na sociedade sobre a paternidade na adolescência. Nesta direção, Bornhold et al. (2007) destacam a necessidade de se reformular a posição ocupada pelo pai na família e na sociedade, considerando ser este um dos grandes desafios da contemporaneidade.

Bueno et al. (2012) asseveram que, em alguns casos, as comunidades científica e civil representam a paternidade adolescente como um fator de risco para o desenvolvimento saudável do ser humano e para a qualidade dos vínculos estabelecidos com o filho. A constatação desses autores permite chamar a atenção para os serviços de saúde que pouco incluem em seus programas o pai adolescente e lhes negam a oportunidade de se engajar no pré-natal e de aprender a importância do vínculo entre pais e filhos.

Ainda em relação à experiência de ser mãe na adolescência, além das objetivações relacionadas às funções maternas, o adolescente pai denuncia, em suas evocações, a “falta de apoio da família” para a jovem mãe. Aqui, o apoio social se torna um dos mecanismos de enfrentamento e adaptação à nova experiência. Este achado encontra respaldo na literatura, no entanto, quase sempre como uma constatação apenas feminina, pois, geralmente, são as mães adolescentes quem sentem a falta do apoio e o solicita (Levandowski et al., 2008; Moreira & Sarriera, 2008; Schwartz et al., 2011).

Nesta tese, o adolescente pai não só reconhece a importância do suporte familiar, como também se inclui como sendo parte desse apoio. Este dado também emerge nas entrevistas, que revelam que, mesmo se incluindo como fonte de apoio, ele se sente inseguro e despreparado para exercer a paternidade. Nesse aspecto, Carraro et al. (2011) observam que, mediante as significativas mudanças suscitadas pelo nascimento de um

filho no período da adolescência, o apoio social, em especial da família, é essencial para diminuir os riscos sociais advindos das transformações suscitadas pela nova vida.

Verifica-se que os participantes deste estudo parecem sinalizar para a sociedade que precisam de aparatos sociais para *vivenciar* a paternidade. Esse apelo é visível em suas falas, quando declaram: *“falta apoio para os meninos, era pra ter programas de serviços de saúde e de trabalho para o pai adolescente. Ajudar a gente a entrar no mercado de trabalho. Emocionalmente também. Ser pai mexe com a cabeça, fica nervoso [sic]”*. Narrativas como essa marcam presença nos relatos de todos os pais adolescentes que se submeteram à entrevista.

As adolescentes que são mães representam a experiência da maternidade com conotações expressivamente positivas, demonstrando uma representação romântica em que a experiência de ser mãe é associada a “algo bom”, que representa “amor”, um “sonho” e uma “coisa de Deus”, sem desvincular esta experiência da função de “cuidar” do filho. Observa-se, na representação das adolescentes, significados que expressam, mesmo de maneira implícita, certo desejo de ser mãe.

Ainda que tenham atravessado momentos de incertezas, medos e angústias, conforme verbalizaram em seus relatos nas entrevistas, as adolescentes se mostram felizes com a nova experiência. Neste sentido, König et al. (2008) compararam as representações sociais de adolescentes primíparas sobre “ser mãe” antes e depois do nascimento do bebê. Os resultados evidenciaram uma representação social sobre “ser mãe” vinculada às imagens produzidas na sociedade que considera como sendo algo maravilhoso, bondoso, divino, permeado por responsabilidades e sacrifícios. Segundo os referidos autores, mesmo depois do nascimento dos bebês, as representações foram mantidas, embora tenham sido ampliadas, destacando-se os encargos advindos da maternidade, geralmente delegados à figura feminina.

No que se refere à experiência de “ser pai na adolescência”, os adolescentes-pais a representaram como uma circunstância que favorece o aprendizado anunciado por eles na evocação “aprende”, reconhecendo que ser pai nesta etapa da vida, gera demandas que alteram a sua rotina e lhes impõe a necessidade de “ajudar” no processo. Isso viabiliza a vivência de algumas perdas. Para a adolescente mãe, as evocações "perda da liberdade" (12,5%) e "perdas" (10%) potencializaram a vivência de outras privações durante a adolescência, o que foi evidenciado por meio da expressão "perda da adolescência" (7,5%). A paternidade/maternidade pode ser concebida pelos adolescentes como uma vivência que promove uma transição brusca, sem intermediação, para a vida adulta, causando a interrupção da adolescência (Coley, 2001; Hofferth & Goldscheider, 2010; Wilkes et al., 2011).

Ademais, observaram-se conteúdos representacionais diversos, os quais foram expressos ao mesmo tempo como perdas e aprendizado; já a representação social das adolescentes emergiu como sinônimo de cobranças frente ao pai adolescente. Este saber elaborado pelas mães reforça a ideia de que o pai “tem que participar” dos cuidados com o filho. Tal conhecimento também se apresentou revestido por imagens negativas acerca do pai adolescente, que foram objetivadas por meio das expressões: “não aceita o filho” e é “irresponsável”, tornando implícito o desejo dessas adolescentes de convidarem os pais a exercerem suas práticas paternas e dividir tarefas e responsabilidades.

Segundo Paula et al. (2010), em estudo sobre os significados da paternidade na adolescência, o exercício da paternidade pode se configurar como uma importante experiência de apego, afeto e cumplicidade com o filho. Este cenário, indubitavelmente, pode surtir um efeito transformador na vida dos adolescentes, que se implicam mais nos cuidados com o filho, aumentam o senso de responsabilidade desses pais e facilita o desenvolvimento do bebê.

Sobre o estímulo indutor “ser pai na adolescência”, as objetivações das adolescentes mães revelaram uma indissociabilidade existente entre o sujeito (pai adolescente) e o estímulo (ser pai na adolescência). Ou seja, para elas, sujeito e objeto aparecem indissociáveis, corroborando um dos princípios da teoria das representações sociais, que dispõe sobre a inexistência de uma dicotomia/predominância do sujeito sobre o objeto de representação. Nesta tela, as RS sobre determinado objeto ou experiência produzem e são produzidos numa interdependência entre ator social, objeto e interação social (Arruda, 2011; Moscovici, 2011; Trindade, Santos & Almeida, 2011).

Ainda em relação aos estímulos indutores “ser mãe na adolescência” e “ser pai na adolescência”, ao analisar as frequências relativas das evocações de todos os participantes, independentemente do sexo e estado civil, descritos na Tabela 7, percebeu-se a importância de comparar os elementos figurativos associados aos estímulos em questão. Assim, a função “cuidar do filho” apareceu associada a ambos os estímulos, entretanto, com maior percentual (32,5%) em relação ao estímulo indutor “ser mãe na adolescência”, com discreto percentual (7,5%) para a experiência da paternidade. Este resultado indica que cuidar do filho surge como uma função eminentemente materna. A evocação “difícil” é atribuída tanto à experiência da maternidade (31,2%) quanto da paternidade (21,2%), porém a maternidade é considerada “mais difícil para a mãe”.

Da mesma forma, as evocações “amor” ou “dar amor” apareceram associadas às duas experiências. No entanto, ocuparam lugares diferenciados. A maternidade apareceu com o percentual de 23,7%, e a paternidade, com 13,7%. Este dado reforça a representação de que os cuidados afetivos se constituem uma função predominantemente materna. Embora se trate de adolescentes da sociedade contemporânea, suas representações se ancoraram numa visão patriarcal – que restringe a mulher ao espaço privado com função exclusivamente materna e ao homem a função de provedor, reforçando os papéis

estereotipados de gênero, veiculados pela cultura. Além disso, percebeu-se um movimento de ressignificação desse modelo hegemônico ilustrado nas objetivações, o que sugere que, ainda que haja resquícios de uma perspectiva tradicional, os participantes parecem esboçar uma tentativa de elaborar novas representações sobre o objeto social (Carraro, et al., 2011; Fonseca, 2008; Pereira, 2011).

Apesar das conquistas dos movimentos de mulheres e de toda uma variedade de importantes transformações no campo da sexualidade e reprodução, ainda hoje se reproduz, nas relações de gênero e familiares, uma delimitação clara de papéis e modelos.

Além das diferenças representacionais ligadas à variável sexo e discutidas até o momento, evidenciaram-se também diferenças no conhecimento elaborado com base no estado civil dos participantes, as quais parecem estar vinculadas aos diferentes papéis sociais dos adolescentes e suas peculiaridades. Ou seja, as RS ganharam contornos diferentes em função do status social dos participantes quanto a estar casado ou solteiro, tendo em vista a importância do suporte oferecido pelo parceiro na travessia desta ocorrência. O suporte social é considerado um mecanismo de proteção capaz de abrandar os efeitos avessos da paternidade/maternidade na adolescência, tendo impacto positivo tanto para o pai/mãe quanto para o bebê. A percepção do (a) adolescente sobre o suporte recebido é um marcador importante na avaliação de suas motivações para cumprir as exigências do processo de criação dos seus filhos.

Com base nas considerações acima, supõe-se que o saber partilhado pelos atores sociais solteiros em relação à maternidade, objetivada nas evocações “difícil” e “muito nova”, pode corresponder à condição de estarem vivenciando a experiência de ter filho sem o apoio do parceiro ou parceira. Por outro lado, os (as) participantes casados (as) significaram esta vivência como sendo “*mais difícil para a mãe*”, como se a ela coubessem

os maiores encargos da maternidade, situação provavelmente verificada no cotidiano do casal.

Em relação à paternidade na adolescência, os participantes solteiros destacaram a dimensão afetiva desse evento e rotularam o pai adolescente de imaturo para lidar com as responsabilidades da paternidade e que, certamente, por isso não assumem o filho. Já as pessoas casadas apontaram outra faceta desta experiência. Para esse grupo, a paternidade na adolescência pressupõe *responsabilidade*. Por suposto, o novo status ou configuração familiar (casamento) apresenta repercussões no que tange aos cuidados com o filho. De acordo com a literatura, a experiência de ter filho na adolescência pode traduzir mudanças e aquisição de novos papéis, funções e responsabilidades, o que corrobora os achados deste estudo (Chalem et al., 2007; Dias & Teixeira, 2010; Levandowski et al., 2008).

Em relação ao estímulo indutor *gravidez na adolescência*, nas representações de todos os grupos de pertença destacados no plano fatorial, verificaram-se conteúdos de repreensão e acusação. Para os pais adolescentes, trata-se de um evento que acontece “muito cedo” em suas vidas em decorrência do “descuido” com a prevenção. Para as mães adolescentes, esta experiência é representada como um “risco” que está presente no parto e depois do nascimento, a partir das “responsabilidades” que a chegada de um filho traz e da falta de experiência do adolescente para lidar com a nova condição. A evocação “desejada”, que outrora emergiu em relação ao estímulo ser mãe na adolescência, repetiu-se em relação à gravidez.

Indiscutivelmente, os participantes deste estudo parecem estabelecer, em alguns momentos, diferenças entre “gravidez” e “ser mãe na adolescência”. Essas distinções são visíveis em suas evocações. Para eles, a gravidez traduz a surpresa, o inesperado e acarreta riscos biológicos e sociais, enquanto a maternidade é considerada como sinônimo de aprendizagem, cuidados e amor. Os resultados em questão encontram respaldo em algumas

pesquisas científicas que, embora tornem sobressalentes as implicações de ordens emocionais e psicossociais (aprendizado, responsabilidade e engajamento afetivo) associadas à maternidade, enfocam a gravidez como uma situação de risco, sobretudo, de natureza biológica (Duarte et al., 2006; Guimarães & Witter, 2007; Heilborn et al., 2006).

No que concerne aos conteúdos mencionados nas entrevistas, eles complementaram os dados adquiridos nos testes de associação livre discutidos antes. As classes lexicais, que também deram acesso às representações sociais dos participantes, facilitaram a identificação dos laços semânticos dos conteúdos emergidos. Embora todas as classes temáticas versem sobre a paternidade-maternidade na adolescência, a discussão em torno da classe 2 fornece subsídios para a compreensão da especificidade dos discursos que a constituem, pois aglutina as objetivações sobre as “vivências e os significados da paternidade/maternidade”, as quais foram representativas das alocações dos adolescentes do sexo masculino. Nessa classe, os adolescentes expuseram as dificuldades de inserção paterna e compromisso materno; as assimilações de papéis demandados pela nova experiência e as funções parentais, inexperiência e importância da participação paterna.

Conforme já descrito, a classe que versa sobre as vivências e os significados da paternidade/maternidade parece condensar o "problema central da representação" dos atores sociais desta pesquisa acerca do objeto social de interesse, que é tornar familiar o que é estranho, por meio do processo formador das RS: a ancoragem. Segundo Jesuíno (2011), "tornar familiar não é mais do que *atribuir um sentido*, uma significação, quando justamente tal significação não é óbvia, e sobretudo, quando dificilmente se encaixa no conhecimento corrente" (p. 40). Com efeito, além de estar dialeticamente articulada à objetivação, este processo formador condensa três funções importantes da representação, que viabiliza aos sujeitos (i) a incorporação do estranho ou do novo, a (ii) a interpretação da realidade e (iii) a atribuição de significação. Com efeito, conforme Nóbrega (1990), a

ancoragem possibilita a inclusão do que é desconhecido ou novo em uma rede de categorias usuais de pensamento (Nóbrega, 1990) e favorece a compreensão destes objetos sociais (paternidade/maternidade na adolescência).

Quanto ao **terceiro objetivo específico**, que tratou de “verificar quais os projetos de vida dos (as) participantes antes e depois da experiência da paternidade-maternidade”, tanto as entrevistas quanto os testes de associação livre de palavras colaboraram para o alcance deste objetivo.

As evocações dos adolescentes do sexo masculino em relação à expressão “planos para o futuro” revelaram uma representação social ancorada na esfera do trabalho, associada ao desejo de “*independência financeira*” e à aquisição de “*crescimento profissional*”. Projetos semelhantes de realização profissional e independência foram compartilhados pelas adolescentes mães, no entanto, de maneira distinta do adolescente pai, elas incluíram em seus projetos de vida as responsabilidades com os filhos, ao verbalizarem que pretendem “*educar o filho*” e “*cuidar do filho*”. Esses achados sugerem que estes adolescentes, mesmo inseridos em situações de intensas adaptações cognitivas, sociais e psicológicas, estão buscando, por meio do delineamento de planos para o futuro, inserir-se no mundo social, almejando o bem-estar e o amadurecimento, tendo a paternidade/maternidade como elementos motivadores.

Os referidos resultados também demonstram que o adolescente, contrariamente às concepções do senso comum, em que é referenciado como alguém que não se preocupa com o futuro, tem perspectivas futuras e delimitam objetivos para a sua vida. Destarte, o significado do trabalho surge em suas representações como um componente que viabiliza a sua inserção na sociedade. Vale ressaltar que o significado de trabalho como projeto futuro, segundo os participantes deste estudo, está associado à qualificação profissional capaz de possibilitar estabilidade em longo prazo.

Além dos resultados evidenciados pelo teste de associação livre de palavras, a classe 1 do dendrograma – subdividida em três subclasses – revelou de modo complementar, os projetos de vida delineados antes e depois da experiência de ter filho. A primeira subclasse - designada de “*vivências e práticas ressignificadas a partir da experiência da paternidade/maternidade*” – expressa uma reestruturação frente aos gastos materiais que antes eram destinados ao lazer e que agora são repensados em função do futuro e dos cuidados com a educação dos filhos.

Os adolescentes declaram que o nascimento do filho os fez abrir mão de situações e práticas que antes eram proeminentes em suas vidas, como o dinheiro, as festas, as compras e o valor de determinados bens materiais. Assim, somados à mudança biopsicossocial típica da adolescência, com a paternidade, esses atores sociais enfrentam transformações e readaptações de múltiplas ordens em função dos novos papéis e responsabilidades que lhes são atribuídos (Barreto et al., 2010; Moreira et al., 2008).

Além da ressignificações acima analisadas, os adolescentes também revelam que a paternidade/maternidade os impôs a necessidade de “*reestruturação dos planos futuros para adaptar-se a nova realidade*”. Reconhecem que seus planos se tornaram mais específicos de forma a atender às demandas da nova experiência. Neste cenário, estudos têm demonstrado que ser pai/mãe, não raras vezes, pode ser um projeto de vida para os adolescentes sem, necessariamente, interferir de forma negativa em seus anseios por um futuro melhor. Em determinados contextos, a paternidade/maternidade pode se mostrar como um acontecimento reorganizador e motivador para a reformulação e a execução dos projetos de vida (Gabriel & Dias, 2011; Magalhães, 2007; Nogueira et al., 2011).

Os conteúdos semânticos da referida classe 1 sugerem que, para os participantes deste estudo, a parentalidade não implica, necessariamente, uma descontinuidade ou

comprometimento das expectativas e dos planos futuros ou do cotidiano do adolescente, mas implica a necessidade de re-elaborar e ressignificar destes planos e perspectivas.

Ao analisar os projetos de vida mencionados pelos participantes, observa-se que, em sua estrutura, encontram-se três aspectos responsáveis por seu delineamento. O anseio (desejo), expresso pelos adolescentes na idealização dos seus planos e envolve o aspecto *psíquico*; sua capacidade intelectual de projetar e avaliar as situações, tendo em vista as implicações de suas ações, traduz o aspecto *cognitivo*, tendo em vista que é nesta etapa da vida que ocorre significativo desenvolvimento das estruturas do pensamento formal, que lhe propiciam pensar o mundo e hipotetizá-lo. Por sua vez, o aspecto *social e cultural* diz respeito à conjuntura social em que o adolescente está inserido e às oportunidades que lhe são apresentadas. No caso dos adolescentes deste estudo, sua condição socioeconômica e sua dinâmica familiar se constituem nesta dimensão sócio-cultural. Portanto, desejo, cognição e condições sociais são componentes que influenciam a reestruturação dos objetivos dos participantes. A construção de representações sociais também envolve estes aspectos.

No que diz respeito aos “processos e mudanças psicossociais que ocorrem na vida dos adolescentes após a experiência da paternidade/maternidade”, que constitui o **quarto objetivo específico** deste estudo, as evocações aos testes de associação e as interlocuções dos participantes face às entrevistas favoreceram o acréscimo e esclarecimento das informações de modo que tais aspectos fossem observados.

De acordo com as associações e os relatos dos adolescentes, observou-se que a experiência de ter filho ocasionou mudanças nos domínios psicoafetivo, cognitivo e social. Neste sentido, embora alguns estudos científicos considerem que as mudanças advindas da paternidade/maternidade não ocorram de modo similar para todos os adolescentes, eles reconhecem, de modo geral, que estas experiências pressupõem modificações e demandas

de caráter social, afetivo, psicológico e cognitivo, o que corrobora os achados desta tese (Bueno et al., 2012; Carraro et al., 2011; Levandowski et al., 2002; Lopes, 2009; Wilkes, Mannix, & Jackson, 2011).

Os atores sociais declararam que, ao se tornar pais/mães, depararam-se com responsabilidades próprias da vida adulta. Por conseguinte, esta situação exigiu que eles passassem a ter novas condutas. Na associação livre de palavras, tanto os adolescentes pais quanto as adolescentes mães expressaram que consideram a paternidade uma experiência que promove o aprendizado e o amadurecimento. Estes mesmos dados emergiram de maneira mais pormenorizada nas entrevistas, quando relataram os sentidos desse amadurecimento.

Na Figura 5, que dispõe sobre as classificações hierárquicas descendente e ascendente, evidenciou-se na classe 2 (vivências e significados da paternidade/maternidade na adolescência), uma subclasse voltada especificamente para as assimilações de papéis demandados pela nova experiência de ter filho. A este respeito, os adolescentes pais afirmaram que *é muito sério criar uma pessoa* e mencionaram que eles são obrigados a amadurecer mesmo não estando prontos. Tal afirmativa é ilustrada em alguns trechos de suas falas, a saber: *“... um filho faz a gente pensar mais no futuro, amadurecer mais, a gente tá forçado a amadurecer, tem que amadurecer mesmo que não queira”* (E5, 17 anos, pai adolescente). Além disso, informaram sobre o quanto se sentem afetados cognitivamente e psicologicamente: *“... a mente da pessoa fica muito confusa, a cabeça fica a mil porque a pessoa não esperava, e logo um adolescente que não tem experiência em nada”* (E1, 17 anos, pai adolescente).

Os discursos supracitados sugerem que os adolescentes, apesar de reconhecerem as demandas e as mudanças do “ser pai na adolescência”, acreditam que não tem estrutura ou mecanismos internos suficientes para o exercício da paternidade. Com efeito, eles parecem

assumir uma condição de “limitação” para ser pai em função da pouca idade e da experiência de vida. Embasada em Pantoja et al. (2007), é possível afirmar que essa sensação de despreparo vivenciada pelo adolescente resguarde resquícios do discurso biomédico, também reforçado pelo campo da Psicologia, até os anos de 1970. A propósito, respectivamente, estas concepções concebem a pessoa adolescente como inadequada fisicamente para procriar e socialmente imatura para lidar com a paternidade. Verifica-se aqui a influência e a transformação do saber do universo erudito para um saber do senso comum (Moscovici, 2011).

Por outro lado, embora se sintam despreparados para exercer as funções paternas e maternas, os adolescentes expressaram em seus relatos que são capazes de se adaptar à nova realidade, apesar de reclamarem que não há suporte social suficiente que os possibilite lidar, sem grandes conflitos, com o novo papel. Afirmam que a mãe adolescente recebe mais apoio e atribuem a esse fato a razão por que muitos adolescentes não participam do processo de paternidade. As adolescentes, por sua vez, solicitam o suporte social por parte do pai adolescente no enfrentamento das mudanças decorrentes da paternidade/maternidade.

Em função das significativas modificações provocadas pela experiência de ter filho nessa fase de desenvolvimento, o apoio social é indispensável para a diminuição dos riscos sociais advindos das transformações suscitadas pela nova vida. Vale ressaltar que as transformações geradas pela paternidade só podem ser avaliadas quando contextualizadas, enfatizando a situação sócioeconômica, diferenças culturais, escolaridade, dentre outros aspectos do grupo (Carraro et al. (2011), Jiménez, 2003; Wilkes et al., 2011)

Por se tratar de uma fase de intensas transformações, a adolescência, por si só, já impõe ao adolescente o cumprimento de diversas tarefas, entre elas, a busca da identidade, a formulação de projetos de vida, a reorientação de condutas e a aquisição de novos

comportamentos. Nesta direção, Anabalón et al, (2011); Cruzat e Aracena (2006); Rodriguez González (2009), dentre outros estudiosos da adolescência, assinalam que esta é uma etapa de intenso desenvolvimento, em que o adolescente é chamado a exercer várias tarefas que os conduzem a realizar a transição da infância à vida adulta, tendo como principal tarefa a busca pela identidade sexual, social e psíquica.

Com base nessas considerações, observa-se que, quando vivenciada por adolescentes, as mudanças originadas pela paternidade/maternidade somam-se às tarefas e às demandas próprias desta fase e impõem ao adolescente a realização de atividade cognitiva para que ele se aproprie da nova experiência através da elaboração de representações sociais. Portanto, ser adolescente e vivenciar a paternidade-maternidade conduzem o adolescente ao enfrentamento de dois importantes processos existenciais: a adolescência e a experiência de ser pai/mãe.

Ressalte-se, no entanto, que os adolescentes expuseram que, apesar de se sentirem inseguros nesta empreitada, estas experiências tem lhes proporcionado o aprendizado e o amadurecimento e até mesmo a adoção de novos comportamentos em lugar de outros considerados socialmente indesejáveis (agressividade, uso de drogas lícitas e ilícitas, entre outros). Esta constatação é corroborada em alguns estudos que sugerem que ser pai/mãe na adolescência impulsiona ao amadurecimento e ao aprendizado (Esteves & Menandro, 2005; Oliveira-Monteiro, 2010; Oliveira-Monteiro 2008).

Os achados em questão também encontram consonância nos estudos de Almeida e Hardy (2007); Brandão (2003); Trindade e Menandro (2002); Cabral (2003); Levandowski e Piccinini (2006). Segundo os participantes de suas pesquisas, as mudanças ocasionadas pela paternidade/maternidade foram consideradas algo engrandecedor, que amadurece e os tornam mais responsáveis. Esses resultados podem ser explicados com base na premissa de

que ser pai insere os adolescentes no universo dos adultos a partir das demandas que precisam assumir.

Ainda no que se refere às mudanças psicossociais advindas da paternidade/maternidade, verifica-se que os adolescentes pais/mães sentem-se incomodados com a forma como a sociedade os percebe. Este achado é destacado na classe 4 (vide Figura 5), nomeada: “mobilização de afetos frente à gravidez e ao julgamento do outro”, que é subdividida em duas subclasses, que versam, respectivamente, sobre o “Julgamento do outro frente à paternidade/maternidade na adolescência” e “Sentimentos e reações pessoais frente à nova experiência”. A seguir, destacar-se-ão os significados peculiares à primeira subclasse.

Em relação aos conteúdos representacionais que ilustram sobre o julgamento do outro, alguns fragmentos de relatos exprimem sobre tais aspectos: (...) *as outras pessoas tem preconceito. (E5, 15 anos, adolescente pai). (...) As pessoas pensam que não temos responsabilidade (E8, 17 anos, adolescente pai). (...) quando eu passava no meio da rua olhavam de lado. (E2, 16 anos, adolescente mãe). (...) A sociedade aponta muito julga muito (E10, 16 anos, adolescente mãe).* Os participantes deixam claro que aos olhos da sociedade, eles são julgados negativamente por sua condição de pai/mãe adolescente. Sentem-se censurados pela sociedade, e isso lhes causa ansiedade e sentimento de exclusão. Achados semelhantes aos evidenciados acima foram encontrados em alguns estudos (Esteves & Menandro, 2005; Rangel & Queiroz, 2008).

As adolescentes mães explicitam que, a partir do momento em que a barriga ficou evidente, sentiram-se alvo de rótulos e de categorizações sociais, e, depois do nascimento do filho, algumas pessoas ainda lançam olhares de julgamento. Suas falas denotam sentimentos de angústia por se sentirem objetos de estranheza para o outro. Por essa razão, solicitam que a sociedade as oriente em vez de criticá-las.

Os conteúdos representacionais sobre as mudanças psicossociais decorrentes da paternidade-maternidade mostram que essas experiências são percebidas pelos adolescentes como um processo que favorece a aprendizagem, condição que impulsiona ao amadurecimento. Por vezes, a experiência da paternidade/maternidade parece ser vista como capaz de se integrar aos seus projetos e expectativas mais do que como capazes de os anularem ou alterá-los significativamente. Com efeito, em certa medida, a paternidade/maternidade parece impulsioná-los e funciona para eles como um fator motivador.

O **quinto e último objetivo** consistiu em “verificar quais as informações obtidas pelos adolescentes sobre práticas contraceptivas e suas fontes de veiculação”. Tal conhecimento foi alcançado por meio das informações advindas dos questionários biossociodemográficos, cujos dados quantitativos apresentados na Tabela 6 do capítulo anterior traduzem objetivamente sobre o comportamento contraceptivo dos participantes.

Os participantes deste estudo iniciaram a vida sexual com idade média de 14,13 (DP = 1,41). Evidenciou-se que 90% dos participantes já tiveram informação sobre fertilidade e sexualidade. Isso significa que os adolescentes têm acesso à informação, no entanto, tornam-se pais/mães sem planejar a gravidez. Nesse ponto, pode-se questionar tanto sobre os tipos de informações quanto sobre a maneira como elas estão sendo transmitidas e assimiladas pelos adolescentes. Quanto às fontes de veiculação da informação, a maioria dos adolescentes (48,8%) obteve conhecimento por meio de palestra na escola; uma segunda importante fonte de informação citada foram os professores (26,1%); em terceiro lugar, os pais (15,9%), e 9,0% mencionaram a televisão, a internet e amigos.

Os dados acima são reforçados na análise das entrevistas, que, conforme já referido em outros trechos desta sessão, esboçou no dendrograma quatro classes com importantes

conteúdos representacionais sobre a paternidade e maternidade na adolescência. A classe três, em especial, aglutinou conhecimentos sobre contracepção, distribuídos em três subclasses, as quais abordaram a divergência entre o conhecimento dos métodos e o uso sistemático deles, informações sobre métodos contraceptivos e seus meios de veiculação, além dos tipos de métodos contraceptivos mais conhecidos pelos participantes e as justificativas por não usá-los.

De modo geral, as representações das adolescentes denotam a inexistência de uma relação de causalidade entre a experiência sexual iniciante e sua conseqüente possibilidade de gravidez, como se fossem domínios de naturezas desarticuladas, autônomas e independentes, que demonstram um pensamento mágico ou sentimento de invulnerabilidade na possibilidade de gravidez.

Com base nesses conteúdos, pode-se inferir que as representações dos participantes são favoráveis à adoção de práticas contraceptivas, mas não fazem uso da contracepção por terem suas representações regidas pelo sentimento de invulnerabilidade perante o risco de gravidez. Mesmo conhecendo a diversidade dos métodos contraceptivos e sobre como obtê-los, parte significativa dos participantes confirmou que não os usam sistematicamente. Isso indica que existe uma falta de correspondência entre o conhecimento acerca dos métodos e a prática sexual propriamente dita desprovida do seu uso. Para os participantes, a prática sexual era baseada no desejo imediato e na ausência de uma dimensão avaliativa sobre as conseqüências da não utilização de métodos contraceptivos. Esse saber, por suposto, orientava as condutas dos adolescentes. Com efeito, constatou-se uma desarticulação entre a representação social que essas jovens construíram sobre a prática sexual antes e após a experiência de ser surpreendida pela maternidade.

Nesta tese, o não uso sistemático de métodos contraceptivos é revelado a partir da declaração dos adolescentes de que, um ano antes de engravidar, só se preveniram às vezes (65,8%). Este dado conduz à análise das razões pelas quais não adotam práticas preventivas. Embora forme parte integral da personalidade de cada um, constituindo uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida, a sexualidade ainda é considerada um tabu para a sociedade. Para além de estar fixada à genitália, a sexualidade se estabelece mais como um elemento em transformação, cujo fundamento - a cultura - coloca-a em contato constante com instituições e discursos historicamente construídos (Costa & Ribeiro, 2008).

As diversas instituições "evitam" tratar do assunto com receio de que isso instigue os (as) adolescentes a práticas sexuais. Com efeito, as razões para o não uso de métodos contraceptivos são as mais diversas, com destaque para a vergonha, o medo de perguntar e o medo de que os pais os percebam de posse de comprimidos anticoncepcionais e preservativos.

Em pesquisa sobre vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens, Alves e Brandão (2008) constataram que a descontinuidade no uso dos métodos repousava em razões de múltiplas ordens. Neste contexto, evidenciaram que os relacionamentos entre adolescentes, em geral, são marcados por forte hierarquia de gênero e pela ausência de uma formação adequada sobre sexualidade no contexto familiar e no escolar e destacaram a existência de um espaço insuficiente para se acolherem os jovens nos serviços de saúde e na escola, dificultando o tratamento adequado e sensível sobre as questões que envolvem a sexualidade. Em linhas gerais, os achados sugerem que esse cenário é marcado por barreiras culturais que dificultam uma abertura maior da sociedade para que o tema seja contemplado de maneira leve, menos preconceituosa, livre de silêncios e de reprovações de natureza moral.

De acordo com os participantes desta pesquisa, os métodos contraceptivos mais utilizados foram o preservativo (78,9%) e o anticoncepcional (21,1%). O baixo uso do anticoncepcional por parte das adolescentes decorre, segundo elas, do receio de serem descobertas usando-os. Assim, infere-se que elas preferem correr o risco de engravidar a serem flagradas se prevenindo e ser denunciadas por ter uma vida sexual ativa.

Quando questionadas sobre se já haviam consultado um ginecologista antes de engravidar, 70% das mães adolescentes responderam que não, porque achavam que não era necessário. Essa constatação aponta a necessidade de reformulações no âmbito das políticas públicas de saúde e na educação sexual, não apenas no sentido de oferecer serviços, mas também de proporcionar serviços eficientes que levem em conta as representações sociais desses adolescentes possuem sobre sexualidade, gravidez e experiência paterna e materna.

O fato de não usarem contraceptivos continuamente pode indicar um desejo, mesmo que inconsciente, de engravidar (Dadoorian, 2003). Os adolescentes ancoram-se no chamado pensamento onipotente, que lhes permite enfrentar os medos diante do desconhecido, as incertezas e o descontrole sobre as transformações físicas pelas quais passam. Eles enfrentam o mundo e acham que podem controlar tudo e que nenhum mal pode lhes acontecer. Confiantes nessa fábula para enfrentar a realidade, frequentemente não vinculam a prática sexual à possibilidade da gravidez indesejada (Saito, 2001).

Entretanto, quando questionados sobre o desejo de engravidar, 64,8% anunciaram que não queriam. Embora a literatura aborde que, muitas vezes, as meninas resistem em pedir a seus parceiros que se previnam, seja por receio de perdê-lo ou por vergonha, neste estudo 60% das adolescentes referiram que pediam aos seus parceiros que usassem preservativo. Em contrapartida, as que não o faziam declararam que era por vergonha e

medo de serem mal interpretadas, tinham receio de parecer que não confiavam no parceiro, deixando-o conseqüentemente chateado.

Destacam-se, aqui, as funções identitária e justificadora das representações sociais. Identificando-se como vítimas de um acaso, os participantes justificam a ocorrência da gravidez, atribuindo sempre ao parceiro (a) ou ao destino a responsabilidade sobre o fato. Observa-se, claramente, que não se percebem como responsáveis por seus comportamentos. Tal afirmativa pode ser verificada nas evocações *irresponsabilidade* e de que *tem que ter responsabilidade*, em relação à gravidez na adolescência, bem como nos conteúdos das entrevistas, que denotam a forma acusativa, ora atribuída a um sujeito indeterminado, ora produto do destino: *é porque tinha que acontecer, Deus quis assim, “aconteceu”*.

Todo o conhecimento produzido até aqui contribuiu, em sua totalidade, para a efetivação do objetivo geral desta tese, que consistiu em apreender as representações sociais elaboradas por pais e mães adolescentes sobre a paternidade e a maternidade na adolescência. Em várias partes deste capítulo, verificou-se a presença dos processos formadores (objetivações e ancoragens) das representações sociais sobre os objetos sociais em questão. Os participantes buscaram transformar a nova e abstrata experiência (ser pai/mãe) em imagem concreta e significativa através das objetivações sobre o objeto de representação: *sonho, coisa de Deus, cuidar do filho, amamentar, perde a liberdade, não aceita o filho, assumir, aprende, difícil, muito novo*, entre outras.

Num segundo momento do processo de construção da representação, ao representarmos a paternidade/maternidade, os participantes agregaram cognitivamente elementos desta experiência que, a priori, era estranha, a um sistema de pensamento social preexistente, ou seja, ancoraram os novos elementos aos conhecimentos prévios de modo

que o desconhecido se tornasse familiar e compatível com suas redes de significações disponíveis a partir do processo de ancoragem.

Em linhas gerais, observou-se, nesta tese, que à mãe cabem os cuidados práticos relacionados às necessidades físicas da criança e afetivas. Por seu tempo, os adolescentes pais parecem não ter um lugar definido dentro do processo de paternidade que atenda às demandas contemporâneas. Então, resta-lhes o papel de provedores, não necessariamente porque quiseram ocupar este papel social, mas porque múltiplas instituições da sociedade (família, igreja, escola, serviços de saúde, entre outras) reforçam a existência deste papel (visão tradicional/patriarcal), legitimando e cristalizando os discursos e as práticas sociais dos adolescentes que, devido às circunstâncias, assumem timidamente um lugar afetivo e de apego nos cuidados com o filho. Indubitavelmente, essa dinâmica aponta para a imutabilidade, em certo aspecto, de algumas representações sociais da paternidade. Isso demonstra que há representações sociais hegemônicas, apesar das especificidades que envolvem a construção desse saber.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paternidade e a maternidade na adolescência são fenômenos há muito existentes, porém, na contemporaneidade, novas imagens são construídas e divulgadas por meio das conversações e práticas sociais, que ainda se encontram fortemente associadas a um problema social e de saúde pública. Da mesma forma, o pensamento científico produzido sobre esses eventos, comumente, aborda-os como um problema a ser resolvido, convergindo, portanto, com as imagens elaboradas pelo viés do senso comum.

Nesta tela, observa-se a relevância de estudar estes fenômenos a partir das representações sociais dos (as) adolescentes, visando compreender sobre como se sentem e como lidam com estas experiências. Isso pode levar a paternidade/maternidade na adolescência a deixar de ser percebida exclusivamente como um problema e a ser compreendida como uma experiência que pode ser permeada por significativas elaborações, aprendizagem e amadurecimento.

Portanto, com a realização deste estudo, na área da psicologia social, numa perspectiva das representações sociais, foi possível aprofundar a compreensão sobre os adolescentes que vivenciam a experiência de ter filhos por meio do acesso às suas crenças, imagens, atitudes, opiniões e sentidos. Vale destacar que ter estudado estes fenômenos não apenas sob a ótica feminina, mas também a partir da perspectiva do adolescente pai, permitiu um acesso abrangente às formas como elaboram os significados que norteiam seus posicionamentos sobre a paternidade.

Compreende-se que, embora a gravidez e a amamentação sejam experiências inscritas no corpo feminino, não cabe apenas à mulher participar desse processo. Portanto, a participação de ambos, tanto nos cuidados físicos com a criança quanto nos afetivos, é importante para o seu desenvolvimento e o bem-estar. Para tanto, procurou-se dar visibilidade à paternidade atrelada à maternidade como vivências indissociáveis.

Assim, com o objetivo principal de apreender as representações sociais da paternidade e da maternidade na adolescência, com base nas narrativas dos próprios adolescentes envolvidos, esta tese autorizou uma análise científica do senso comum, ou seja, do conhecimento produzido e compartilhado por esses atores sociais (os adolescentes pais/mães). Estas experiências foram analisadas de maneira contextualizada, considerando-se as condições de produção das representações no que se refere ao modo como os adolescentes interagem com estes objetos, ao espaço social onde estão inseridos e às variáveis sociodemográficas que os caracterizam.

Ao vivenciar a paternidade-maternidade, o (a) adolescente é convidado a lidar com dois eventos vitais: de um lado, a vivência da própria adolescência e suas demandas e as mudanças e exigências próprias da paternidade e maternidade. Dito de outra forma, estas duas experiências quando vividas simultaneamente, geram mudanças e conflitos, que solicitam adaptações de ordem afetiva, cognitiva e social e que impõem ao adolescente a necessidade de adquirir o equilíbrio diante da nova situação. Para tanto, ao se deparar com a novidade, buscam tornar a “desconhecida” experiência de ser pai/mãe em algo concreto e familiar, através de um movimento socialmente ativo de construção de representações a partir de objetivações e ancoragens que são os aspectos formadores das representações sociais.

De acordo com os relatos apresentados pelos participantes da pesquisa, apesar das mudanças e das perdas advindas destas experiências, eles as representaram socialmente como eventos que promovem a aprendizagem e o amadurecimento. Foram evidenciados também sentimentos de ambivalência revelados no desejo de crescimento pessoal e social e nos medos das perdas. De um lado, há o desejo de se tornar independente e adulto (a), confrontando as angústias das perdas psicossociais - dos estudos, da adolescência e dos planos futuros. No entanto, apesar das contigências do seu contexto social e das

especificidades próprias da fase que vivenciam, os (as) adolescentes buscam reformular seus projetos de vida, suas condutas e formas de pensar, de modo a se adaptarem aos novos papéis sociais de “ser pai” e “ser mãe”.

No que diz respeito ao comportamento sexual e às práticas preventivas, os resultados desta pesquisa revelaram algumas peculiaridades dos (as) adolescentes que os tornam vulneráveis à paternidade/maternidade. Há uma divergência entre a utilização e o conhecimento dos métodos contraceptivos, a respeito dos quais os adolescentes encontram no sentimento de invulnerabilidade, atravessado pelo pensamento mágico, a razão da prática sexual desprotegida. Tal evidência demonstra que fornecer o conhecimento sobre as questões referentes à fisiologia sexual e às práticas contraceptivas tem-se mostrado uma política insuficiente e pouco eficaz para evitar as graves conseqüências que daí advêm. Os canais que veiculam as informações (escolas, professores, família, mídia) devem ser dirigidos e abertos à complexidade do universo psicossocial dos adolescentes, particularizando, sobretudo, a importância que assumem as significações da paternidade e da maternidade nesse segmento social.

Embora este estudo não tenha a pretensão de generalizar seus resultados e discussões, acredita-se que a sua principal contribuição caminha pelo viés da paternidade adolescente, não pelo fato de ser considerado um campo relativamente pouco explorado quando comparado à maternidade, mas, sobretudo, pela demanda que os adolescentes pais têm apresentado nesta tese. Em seus discursos, reside, de forma marcante, uma demanda por visibilidade social, e ao contrário do que algumas pesquisas apontam, eles querem se implicar nessa vivência, estão preocupados em dar conta da paternidade; não estão alheios, tampouco estão ausentes, e se sentem afastados. Neste cenário, pode-se mencionar a própria legislação trabalhista como um exemplo que reforça a idéia do pai provedor e distante, ao lhe conceder tão somente cinco dias para se dedicar exclusivamente ao filho. O

campo da saúde sexual e reprodutiva também pode ser citado como um espaço eminentemente feminino por não incluir o pai adolescente.

Em suas narrativas, ficou evidenciado que os adolescentes pais desejam participar do processo de paternidade não apenas como provedores, mas também como aqueles que dão afeto ao filho. No entanto, declararam que se sentem inseguros e desamparados socialmente e que esses sentimentos são reforçados pela sociedade que os categoriza como “irresponsáveis” e “incapazes” de assumir a função paterna. Contrariamente a essas imagens sociais construídas ao seu respeito, os adolescentes pais sinalizam sobre a necessidade de um novo olhar sobre eles, solicitam aparatos sociais que os auxiliem a superar a sensação de desorientação e de despreparo. Eles têm projetos de vida, e mesmo quando não incluem explicitamente o filho em seus projetos, indiretamente os incluem quando declaram que precisam trabalhar e crescer profissionalmente para sustentá-lo.

Os adolescentes demandam, sobretudo, a criação e o reconhecimento de um novo *status*, em que sejam representados pela sociedade não como objeto de estranheza largado às espessas franjas da exclusão social, tampouco como um “problema social”, mas como pessoas capazes de assumir sua função de pai e de mãe, e, portanto, de crescer profissionalmente. Para isso, precisam de suporte social. É fundamental refletir sobre essa nova demanda por parte dos participantes, não numa perspectiva negativista, focalizando-a sob a ótica de um problema, mas na proposição de um novo modelo emergente de grupo social.

Deve-se considerar que, antes de serem pais, são adolescentes que precisam se desenvolver e se tornar homens. Por isso, é mister ampliar os recursos e os programas de atenção ao adolescente pai. Considerar seus anseios, perspectivas, percepções e vivências pode favorecer a sua inserção no processo da paternidade de modo ativo e participativo, não apenas na posição de prover, mas na condição de compartilhar seus afetos. Convém

advertir que, para alcançar os resultados mais eficazes, as propostas de intervenção na área médica, psicológica ou sócioeducativa devem igualmente dar primazia ao significado destas experiências e suas implicações subjetivas e culturais à vida dos adolescentes. A criação ou ampliação de suportes institucionais de acompanhamento educativo e profissionalizante, clínico e ambulatorial, tanto para os adolescentes que vivenciam a paternidade/maternidade, quanto para os que não estão experienciando-a, é necessária para integrar o adolescente e orientá-lo por meio de escuta cautelosa de suas inquietações, dúvidas, projetos de vida, anseios e demais sentimentos que expressam.

As narrativas dos participantes foram consideradas como material relevante para a produção do conhecimento produzido nesta tese. Pode-se dizer que suas narrativas formam o próprio conhecimento. A proposta aqui segue via inversa e que deve começar pelos próprios profissionais. Não se pode falar de intervenção, sem antes refletir sobre as formas de se conceberem a adolescência e as questões inerentes a ela e modificá-las. Afinal, políticas públicas são elaboradas por pessoas que têm representações acerca dos fenômenos com os quais trabalham, e a forma como representam determinado fenômeno orienta as suas ações e, conseqüentemente, influenciará em sua prática, por isso é importante promover mudanças no âmbito das concepções e das representações sociais de todos os atores sociais envolvidos.

Importante mencionar algumas limitações deste estudo. Uma delas é o tamanho da amostra (N = 80), que impossibilita o poder de representatividade dos dados. No entanto, em relação ao número de adolescentes do sexo masculino (N=40), embora não permita a generalização dos resultados, é uma quantidade significativa quando comparado com o tamanho da amostra de outras pesquisas que estudam os adolescentes pais. Tal constatação foi comprovada ao se verificar as pesquisas realizadas no período de 2002 a 2012, a partir de busca sistemática nas seguintes bases de dados: Medical Literature Analysis and

Retrieval System Online – *MEDLINE*; Literatura Latinoamericana e do Caribe em Ciências da Saúde – *LILACS* e *PSYCINFO*.

Uma segunda limitação refere-se às questões 16 e 20 do questionário biossociodemográfico que eram específicas para as adolescentes mães. As perguntas versavam respectivamente sobre: “se as meninas solicitavam que o parceiro usasse preservativo” e se “antes, de engravidar já haviam consultado algum(a) médico (a) ginecologista”. Tais questões poderiam ter sido adaptadas para os meninos, possibilitando, assim, informações complementares sobre suas práticas preventivas.

Os resultados desta pesquisa ensejam alguns desdobramentos futuros. Inicialmente, sugere-se o estudo destes fenômenos em diferentes estratos sociais, uma vez que as formas de se vivenciar a paternidade/maternidade na adolescência estão vinculadas ao contexto social onde ocorre. Essa é uma variável que influencia os anseios, as oportunidades, os projetos de vida e as representações sociais elaboradas.

Outro desdobramento diz respeito ao estudo sobre as fontes de apoio social. Podem-se desenvolver medidas quantitativas, como uma escala de satisfação com o suporte social e de bem-estar subjetivo, voltadas para adolescentes que vivenciam a paternidade/maternidade. Seria oportuno também, depois de aplicar as escalas, entrevistar uma parte dos participantes da pesquisa para descobrir se o suporte social e o bem-estar subjetivo avaliados pela escala correspondem aos narrados pelos adolescentes na entrevista.

Em relação à aplicabilidade do conhecimento produzido, este estudo apresentou resultados que se espera que possam contribuir com informações que auxiliem as práticas dos profissionais da área da saúde e da educação na delimitação de intervenções com esse público. Reconhece-se que intervenções dirigidas a qualquer grupo social devem ser pensadas e elaboradas com base nas representações dos atores sociais envolvidos, e não, no que os profissionais pensam sobre eles.

Quanto ao adolescente pai, deve receber apoio social por parte de instituições de saúde e educacionais, que devem procurar reduzir os sentimentos de despreparo que eles relataram. Esse apoio também poderia advir do ambiente acadêmico-científico, especialmente, por meio de projetos de extensão voltados para a saúde sexual e reprodutiva do adolescente. Sugere-se, ainda, que sejam criados programas voltados especificamente para o pai adolescente, que incluam em suas propostas a inserção deles no pré-natal, na perspectiva de engajá-lo no processo de paternidade e maternidade.

De modo geral, dos resultados dos dados empíricos deste estudo, infere-se que existe uma demanda por parte dos (as) adolescentes para a construção de novos modelos e práticas institucionais que os auxiliem a viver as mudanças e as exigências impostas pelo processo de paternidade e maternidade. Para tanto, é preciso desconstruir concepções estereotipadas e segregatórias que subjazem, muitas vezes, até as próprias políticas públicas.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. & Knobel, M. (1992). *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Abric, J. C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. Em A. S. P. Moreira & D. C. & Oliveira (Eds). *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 27-38). Goiânia: AB.
- Aldous, J., Mulligan, G. M., & Bjarnason, T. (1998). Fathering over time: What makes the difference. *Journal of Marriage and the Family*, 60(3), 809-820. Recuperado de [http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1111/\(ISSN\)1741-3737](http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1111/(ISSN)1741-3737).
- Almeida, A. F. F. & Hardy, E. (2007). Vulnerabilidade de gênero para a paternidade em homens adolescentes. *Revista de Saúde Pública*, 41, 565-572. doi: 10.1590/S0034-89102007000400010.
- Almeida, I. S. & Souza, I. E. O. (2011). Gestação na adolescência com enfoque no casal: Movimento existencial. *Escola Anna Nery*, 15, 457-464. doi: 10.1590/S1414-81452011000300003.
- Almeida, M. A. S. (2002). Gravidez adolescente: a diversidade das situações. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 19(2), 197-207. Recuperado de <http://www.abep.org.br/?q=rebep/sobre-a-rebep>.
- Almeida, M. C. C., Aquino, E. M. L., & Barros, P. (2006). School trajectory and teenage pregnancy in three Brazilian state capitals. *Cadernos de Saúde Pública*, 22, 1397-1409. doi: 10.1590/S0102-311X2006000700005
- Alves, C. A., & Brandão, E. R. (2008). Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(2), pp. 661-670.
- Alves, A. M. & Cavenaghi, B. L. (2012). O Programa Bolsa Família, fecundidade e a saída da pobreza. M. Em Arilha, A. J. Caetano, M. Guedes, G. S. Marcondes (Eds.),

- Diálogos Transversais em Gênero e Fecundidade: articulações contemporâneas* (pp. 27-48). Campinas: Librum.
- Alves–Mazzotti, A. J. (2008). Representações Sociais: aspectos teóricos e aplicação à educação. *Revista Múltiplas Leituras*. 1 (1), 18-43.
- Amuchástegui, A., & Szasz, I. (2007). El pensamiento sobre masculinidades y La diversidad de experiencias de ser hombre en México. Em A. Amuchástegui, A. & I. Szasz (Ed.), *Sucedo que me canso de ser hombre. Relatos y reflexiones sobre hombres y masculinidades en México* (pp. 15-35). México: El Colegio de México.
- Anabalón, C., Cares, F., Cortés, R., & Zamora, M. (2011). Construcción de la propia paternidad en adolescentes varones pertenecientes a liceos municipales de la comuna de La Cisterna. *Revista de Psicología*, 20(1), 53-72. Recuperado de <http://www.revistapsicologia.uchile.cl/index.php/RDP/article/view/13724>.
- Apfel, N. H. & Seltz, V. (1991). Four models of adolescent mother-grandmother relationships in black inner-city families. *Family Relations*, 40, 421-429. Recuperado de [http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1111/\(ISSN\)1741-3729](http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1111/(ISSN)1741-3729).
- Arenes, M. P. C. & Desfilis, E. S. (2009). *Las relaciones de amor em los adolescentes de hoy*. Barcelona: Octaedro.
- Ariés, P. (1981). *História social da criança e da família*. (Flaksman, D., trad.). 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Arilha, M. & Calazans, G. (1998). Sexualidade na adolescência: o que há de novo? In Berquó, E. (Ed.). *Jovens acontecendo na trilha das políticas pública*. Brasília: CNPD.

- Arruda, A. (2011). Representações Sociais: Dinâmicas e Redes. Em A. M. O. Almeida, M. F. S. Santos, & Z. A. Trindade (Eds.). Teoria das representações sociais: 50 anos (pp.335-370). Brasília, Technopolitik.
- Assis, S. G., Avanci, J. Q., Silva, C. M. F., Malaquias, J. V., Santos, N. C., & Oliveira, R. V. C. (2003). A representação social do ser adolescente: um passo decisivo na promoção da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 8, 669-679. doi: 10.1590/s1413-81232003000300002.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: O mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Barreto, A. C. M., Almeida, I. S., Ribeiro, I. B., & Tavares, K. F. A. (2010). Paternidade na adolescência: Tendências da produção científica. *Adolescência & Saúde*, 7(2), 54-59. Recuperado de <http://www.adolescenciaesaude.com/>.
- Belo, F. R. R. & Reigado, M. R.(2010). A tarefa de tradução do sexual na adolescência: Alegorias presentes em O apanhador no campo de centeio. *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 5(1), 238-242. Recuperado de <http://www.ufsj.edu.br/revistalapip/>
- Belo, M. A. V. & Silva, J. L. P. (2004). Conhecimento, atitude e prática sobre métodos anticoncepcionais entre adolescentes gestantes. *Revista Brasileira de Saúde Pública*, 38, 479-487. doi: 10.1590/S0034-89102004000400001.
- Beserra, E. P., Pinheiro, P. N. C., Alves, M. D. S., & Barroso, M. G. T. (2008). Adolescência e vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis: uma pesquisa documental. *Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis*, 20(1), 32-5. Recuperado de <http://www.editora.uff.br/component/booklibrary/?task=view&id=66&catid=18>

- Bocardi, M. I. B. (2003). *Gravidez na adolescência: o parto enquanto espaço de medo*. São Paulo: Arte & Ciência.
- Bock, A. M. B. (2007). A adolescência como construção social: Estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicol. Escolar e Educacional*, 11(1), 63-76. Recuperado de <http://abrapee.wordpress.com/revista/>.
- Boonstra, H. (2002). *Teen pregnancy: trends and lessons learned*. New York: Alan Guttmacher Institute.
- Bornholdt, E. A., Wagner, A., & Staudtr, A. C. P. (2007). A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica*, 19, 75-92. doi: 10.1590/S0103-56652007000100006.
- Bottoli, C. (2010). *Paternidade e separação conjugal: a perspectiva do pai* (Dissertação de Mestrado). Recuperado de <http://200.18.45.28/sites/ppgp/images/documentos/texto%204.pdf>
- Brandão, E. R. & Heilborn, M. L. (2006). Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 22, 1421-30. doi: 10.1590/S0102-311X2006000700007
- Brandão, E. R. (2003). *Individualização e vínculo familiar em camadas médias: Um olhar através da gravidez na adolescência* (Tese de Doutorado). Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Brandão, E. R. (2006). Gravidez na adolescência: um balanço bibliográfico. Em M. L. Heilborn, E. M. L. Aquino, D. R. Knauth & M. Bozon (Eds.), *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros* (pp. 61-95). Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz.

- Brandth, B. & Kvande, E. (2002). Reflexive fathers: negotiating parental leave and working life. *Gender, Work and Organization*, 9, 186-203. Recuperado de [http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1111/\(ISSN\)1468-0432](http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1111/(ISSN)1468-0432).
- Breheny, M. & Stephens, C. (2007). Irreconcilable Differences: Health Professionals Constructions of Adolescence and Motherhood. *Social Science and Medicine*, 64(1), 112-24.
- Brêtas, J. R. S., Ohara, C. V. S., Jardim, D. P., Aguiar Júnior, W., & Oliveira, J. R. (2011). Aspectos da sexualidade na adolescência. *Ciênc. saúde coletiva*, 16, 3221-3228. doi: 10.1590/S1413-81232011000800021.
- Bruno, Z. V., Carvalho, A. A. A., & Herlano, F. H. C. C. (2009). Mortalidade Materna na Adolescência. Em D. L. M. Monteiro, A. J. B. Trajano, & A. C. Bastos (Eds.), *Gravidez e Adolescência* (pp. 69-73). Rio de Janeiro: Editora: Revinter.
- Budib, M. A., Cruz, T. S., & Martins, E. H. O. (2009). Aspectos psicossociais da Gravidez na Adolescência. Em D. L. M. Monteiro, A. J. B. Trajano, & A. C. Bastos (Eds.), *Gravidez e Adolescência* (pp. 339-41). Rio de Janeiro: Editora: Revinter.
- Bueno, M. E. N., Meincke, S. M. K., Schwartz, E., Soares, M. C., & Corrêa, A. C. L. (2012). Paternidade na adolescência: A família como rede social de apoio. *Texto & contexto - Enfermagem*, 21, 313-319. doi: 10.1590/S0104-07072012000200008.
- Bustamante, V. (2005). Ser pai no subúrbio ferroviário de Salvador: Um estudo de caso com homens de camadas populares. *Psicologia em Estudo*, 10, 393-402. doi: 10.1590/S1413-73722005000300007
- Cabral, C. S. (2003). Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. *Cadernos de Saúde Pública*, 19, S939-S945 doi: 10.1590/S0102-311X2003000800010

- Cabrera, N. J., Tames-LeMonda, C., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the Twenty-First Century. *Child Development*, 71, 127-136. Recuperado de [http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1111/\(ISSN\)1467-8624](http://onlinelibrary.wiley.com/journal/10.1111/(ISSN)1467-8624).
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Camargo, B. V. (2005). Alceste: Um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. Em A. S. P. Moreira (Ed.), *Perspectivas Teórico-Methodológicas em Representações Sociais* (pp. 511-540). João Pessoa: EDUFPPB.
- Camargo, E. A. I. & Ferrari, R. A. P. (2009). Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14, 937-946. doi: 10.1590/S1413-81232009000300030
- Cardoso, F. A. & Amorim, M. A. (2011). História da Maternidade: em que ponto estamos? *Cadernos de História*, 12, (16), 163-185. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/index>
- Carniel, E. F., Zanolli, M. L., Almeida, C. A. A., & Morcillo, A. M. (2006). Características das mães adolescentes e de seus recém-nascidos e fatores de risco para a gravidez na adolescência em Campinas, SP, Brasil. *Revista Brasileira de Saúde Materna e Infantil*, 6(4): 419-426.
- Carpes, N. S. (2003). *"Filho cedo não é a pior coisa que pode acontecer na vida": um estudo sobre representações e práticas de jovens a respeito de transição de fase de vida a partir da maternidade e paternidade*. (Dissertação de Mestrado). Recuperada de <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4026/000406795.pdf?sequence=1>
- Carraro, T. E., Meincke, S. M. K., Collet, N., Tavares, B. C., & Kempfer, S. S. (2011). Conhecimento acerca da família do pai adolescente observado por meio do

- genograma. *Texto & contexto - Enfermagem*, 20, 172-177. doi: 10.1590/S0104-07072011000500022.
- Carvalho, G. M., Merighi, M. A. B., & Jesus, M. C. P.(2009). Recorrência da parentalidade na adolescência na perspectiva dos sujeitos envolvidos. *Texto & contexto - Enfermagem*, 18(1). doi: 10.1590/S0104-07072009000100002.
- Carvalho, G. M., Jesus, M. C. P., & Meringhi, M. A. B. (2008). Perdas e ganhos advindos com a parentalidade recorrente durante a adolescência. *Mundo Saúde*, 32(4), 437-42. Recuperado de <http://www.saocamilo-sp.br/novo/publicacoes/publicacoes.php>.
- Carvalho, M. L. M. (2003). Participação dos pais no nascimento em maternidade pública: Dificuldades institucionais e motivações dos casais. *Cadernos de Saúde Pública*, 19, 389-98. doi: 10.1590/S0102-311X2003000800020
- Castoldi, L.(2002). *A construção da paternidade desde a gestação até o primeiro ano do bebê.* (Tese de Doutorado). Recuperada de <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1576>.
- Castro, M. G. C., Abramovay, M., & Silva, L. B. (2004). *Juventudes e sexualidade.* Brasília: UNESCO.
- Cerqueira-Santos, E. Paludo, S. S., Dei Schiro, E. D. B., & Koller, S. H. (2010). Gravidez na adolescência: análise contextual de risco e proteção. *Psicologia em Estudo*, 15, 72-85. doi: 10.1590/S1413-73722010000100009.
- Chalem, E., Mitsuhiro, S. S., Ferri, C. P., Barros, M. C. M., Guinsburg, R., & Laranjeira, R. (2007). Gravidez na adolescência: perfil sociodemográfico e comportamental de uma população da periferia de São Paulo, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 23, 177-89. doi: 10.1590/S0102-311X2007000100019.

- Chase, E., Maxwell, C., Knight, A., & Aggleton, P. (2006). Pregnancy and parenthood among young people in and leaving care: what are the influencing factors, and what makes a difference in providing support? *Journal of adolescent*, 29 (3), 437-51. Recuperado de <http://www.journals.elsevier.com/journal-of-adolescence/>.
- Chedraui, P. A., Hidalgo, L. A., Chávez, M. J., & San Miguel, G. (2004). Determinant factors in Ecuador related to pregnancy among adolescents aged 15 or less. *J Perinat Med.*, 32, 337-41. doi: 10.1515/jpm.2004.063.
- Chelhond-Boustanie, E. A., Contreras-Vivas, L., Ferrer-Ladera, M., & Rodríguez. (2012). Impacto de la educación sexual en el nivel de conocimiento sobre métodos anticonceptivos en dos instituciones públicas en condición de semilibertad y abandono, Caracas, Venezuela. *Rev Méd Risaralda*, 18(2), 112-115. Recuperado de <http://revistas.utp.edu.co/index.php/revistamedica>.
- Chen, K. H. & Yao, G. (2010). Investigating adolescent healthrelated quality of life: from a self-identity perspective. *Social Indicators Research*, 96(3), 403-415.
- Cia, F., Williams, L. C. A., & Aiello, A. L. R. (2005). Influências paternas no desenvolvimento infantil: revisão da literatura. *Psicol. Esc. Educ.*, 9, 225-233. doi: 10.1590/S1413-85572005000200005.
- Cibois, P. (1991). *L'analyse factorielle*. Paris: PUF.
- Clémence, A., Green, E. G. T., & Courvosier, N. (2011). Comunicação e Ancoragem: a difusão e a transformação das representações. Em A. M. O. Almeida, M. F. S. Santos, & Z. A. Trindade (Eds.), *Teoria das Representações Sociais: 50 anos* (pp. 179-194). Brasília: Technopolitik.

- Coimbra, C., Bocco, F., & Nascimento, M. L. (2005). Subvertendo o Conceito de Adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 2-11. Recuperado de <http://www.psicologia.ufrj.br/abp/>.
- Cole, M. & Cole, S. (2004). *O desenvolvimento da criança e do adolescente*. Porto Alegre: Artmed.
- Coley, R.L. (2001). (In) visible men - emerging research on low-income, unmarried, and minority fathers. *American Psychologist*, 56, 743-753. Recuperado de <http://www.degruyter.com/view/j/jpme>.
- Colletta, N. D. (1983). At risk for depression: a study of young mothers. *The Journal of Genetic Psychology*, 142, 301-10. Recuperado de <http://www.tandfonline.com/toc/vgnt20/current>.
- Corrêa, A. C. P. & Ferriani, M. G. C. (2006). Paternidade na adolescência: um silêncio social e um vazio científico. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 27(4), 499-505. Recuperado de <http://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem>.
- Correia, M. J. (1998). Sobre a Maternidade. *Análise Psicológica*, 16(3), 365-371. Recuperado de <http://www.ispa.pt/pagina/edicoes-ispa>.
- Costa, A. P. & Ribeiro, P. R. M. (2008). Sexualidade e relações de gênero: a formação docente em questão. *Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: corpo, violência e poder*, Florianópolis-SC. Recuperado de http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST21/Jorge_Luiz_Oliveiras_dos_Santos_21.pdf
- Costa, M. C. O., Lima, I. C., Martins Júnior, D. F., Santos, C. A. S. T., Araújo, F. P. O., & Assis, D. R. (2005). Gravidez na adolescência e co-responsabilidade paterna:

- Trajetória sócio-demográfica e atitudes com a gestação e a criança. *Ciência e Saúde Coletiva*, 10, 719-727. doi: 10.1590/S1413-81232005000300028
- Costa, R. G. (2002). Reprodução e gênero: Paternidades, masculinidades e teorias da concepção. *Revista Estudos Feministas*, 10, 339-356. doi: 10.1590/S0104-026X2002000200005
- Coutinho, M. P. L.(2005). *Depressão Infantil e Representação Social*. João Pessoa: EDUFPB.
- Cowan, P. A. & Cowan, C. P. (2000). *When partners become parents: the big life change for couples*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Cruzat, C. & Aracena, M. (2006). Significado de la paternidad en adolescentes varones del sector sur-oriente de Santiago. *Psykhé*, 15, 29-44. doi: 10.4067/S0718-22282006000100003.
- Currie, C., Gabhainn, S. N., Godeau, E., Roberts, C., Smith, R., Currie, D. ... Barnekow, V. (2008). *Inequalities in young people's health. HBSC international report from the 2005/2006 survey*. Recuperado de http://www.euro.who.int/__data/assets/pdf_file/0005/53852/E91416.pdf
- Dadoorian, D. (2000). *Pronta para voar: um novo olhar sobre a gravidez na adolescência*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Dadoorian, D. (2003). Gravidez na adolescência: um novo olhar. *Psicologia: Ciência & Profissão*, 23, 84-91. doi:10.1590/S1414-98932003000100012.
- De la Cuesta C. (2001). Taking love seriously: The context of adolescent pregnancy in Colombia. *J Transcult Nurs.*, 12, 180–92. doi: 10.1177/104365960101200302.

- De Rosa, A. (1988). Sur l'usage des associations libres dans l'étude des représentations sociales de la maladie mentale. *Connexions*, 5, pp.27-50.
- Di Giacomo, J. P.(1981). Aspects méthodologiques de l'analyse des Représentations Sociales. *Cahiers de Psychologie Cognitive*, 1(1), 397-422.
- Dias, A. B. & Aquino, E. M. L. (2006). Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 22, 1447-1458. doi: 10.1590/S0102-311X2006000700009.
- Dias, A. C. G. & Teixeira, M. A. P. (2010). Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 20, 123-131. doi: 10.1590/S0103-863X2010000100015.
- Díaz-franco, E. C., Rodríguez-Pérez, M., Mota-González, C., Espindola-Hernández, J. G., Meza-Rodriguez, P., & Zárate-Tapia (2006). Percepción de las relaciones familiares y malestar psicológico en adolescentes embarazadas. *Perinatol. Reprod. Hum.*,20(4), 80-90. Recuperado de <http://www.inper.edu.mx/revista/>.
- Diehl, A. (2002). O homem e a nova mulher: novos padrões sexuais de conjugalidade. Em A. Wagner (Ed.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações* (pp.135-158). Rio de Janeiro: Vozes.
- Dominguez, G. I. (1998). Varones adolescentes: los significados de La paternidad em la transición hacia los roles adultos. Em E. D. Bilac & M. I. B. Rocha (Ed.), *Saúde Reprodutiva na América Latina e no Caribe* (pp. 237-260). Campinas: PROLAP, ABEP, NEPO/UNICAMP/São Paulo: Ed. 34.
- Duarte, C. M., Nascimento, V. B., & Akerman, M. (2006). Gravidez na adolescência e exclusão social: análise de disparidades intra-urbanas. *Revista Panamericana de Salud Pública*, 19, 236-243. doi: 10.1590/S1020-4989200600040000

- Elster, A. B. & Lamb, M. E. (1986). *Adolescent fatherhood*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Engle, P.L. & Breaux, C. (1998). Fathers involvement with children: Perspectives from developing countries. *Social Policy Report. Society for Research in Child Development, 12*, 1-23. Recuperado de <http://www.srcd.org/>.
- Erikson, E. H. (1976). *Identidade, Juventude e Crise*. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei Federal n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Secretaria de Estado dos Direitos Humanos - Departamento da Criança e do Adolescente. Brasília.
- Estela, M. L., Aquino, E. M., Heilborn, M. L., Knauth, D., Michel Bozon, M., Almeida, M. C., ... Menezes, G. (2003). Adolescência e reprodução no Brasil: A heterogeneidade dos perfis sociais. *Cadernos de Saúde Pública, 19*, s377-s388. doi: 10.1590/S0102-311X2003000800019.
- Esteves, J. R. & Menandro, P. R. M. (2005). Trajetórias de vida: Repercussões da maternidade adolescente na biografia de mulheres que viveram tal experiência. *Estudos de Psicologia, 10*, 363-370. doi: 10.1590/S1413-294X2005000300004.
- Falcão, D. V. & Salomão, N. M. R. (2005). O papel dos avós na maternidade adolescente. *Estudos de Psicologia (Campinas), 22*, 205-212. doi: 10.1590/S0103-166X2005000200010.
- Falcão, D. V. S. & Salomão, N. M. R. (2006). Mães adolescentes de baixa renda: um estudo sobre as relações familiares. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 58* (2), 11-23.
- Falcke, D. & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. Em A. Wagner (Ed.). *Como se*

- perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp.25-45). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Faria, D. L. (2003). *O pai possível: conflitos da paternidade contemporânea*. São Paulo: EDUC.
- Fein, R. (1978). Research on fathering: Social policy and emergent perspective. *Journal of Social*, 34, 122-135. doi: 10.1111/j.1540-4560.1978.tb02544.x.
- Figueiredo, B. (2000). Maternidade na adolescência: consequências e trajetórias desenvolvimentais. *Análise Psicológica*, 18 (4), Recuperado de http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312000000400005&lng=pt&nrm=iso.
- Figueiredo, B. (2001). Maternidade na adolescência: do risco à prevenção. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 3(2), 221-38. Recuperado de <http://sppsicossomatica.org/Publicacoes>
- Figueiró, A. C. (2002). Condições de vida e saúde reprodutiva de adolescentes. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 2, 291-302. doi: 10.1590/S1519-38292002000300010.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa* (3 ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Florez, C. E. (2005). Factores socioeconómicos y contextuales que determinan la actividad reproductiva de las adolescentes en Colombia. *Rev. Panam Salud Publica*, 18, 388-402. doi: 10.1590/S1020-49892005001000002.
- Fonseca, J. L. C. L. da (2008). *Homens, feminismo e direitos reprodutivos no Brasil: uma análise de gênero no campo das políticas públicas* (2003-2006) (Tese de Doutorado). Recuperado de <http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/3896/2/000018.pdf>

- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24, 17-27. doi: 10.1590/S0102-311X2008000100003
- Freitas, W. M. F., Coelho, E. A. C., & Silva, A. T. M. C. (2007). Sentir-se pai: A vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cad. Saúde Pública*, 23, 137-145. doi: 10.1590/S0102-311X2007000100015.
- Frota, A. M. M. C. (2007). Diferentes concepções da infância e adolescência: A importância da historicidade para sua construção. *Estud. pesqui. psicol.*, 7(1), 147-160. Recuperado de <http://www.revispsi.uerj.br/>.
- Fundo das Nações Unidas para a Infância (2011). *O direito de ser adolescente: Oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades*. Brasília: UNICEF. Recuperado de http://www.unicef.org/brazil/pt/br_sabrep11.pdf
- Furstenberg, F., Brooks-Gunn, J., & Morgan, P. (1987). *Adolescent mothers in later life*. New York: Cambridge University Press.
- Gabriel, M. R. & Dias, A. C. G. (2011). Percepções sobre a paternidade: Descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estud. psicol. (Natal)*, 16, 253-261. doi: 10.1590/S1413-294X2011000300007.
- Gallo, J. H. S. (2011). Gravidez na adolescência: A idade materna, consequências e repercussões. *Rev. Bioét.*, 19(1), 179 - 95. Recuperado de http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica.
- Gamez, D. B. & Zulueta, M. A. (2010). Embarazo y adolescencia. Comportamiento clínico-epidemiológico en el Policlínico Parraga: Arroyo Naranjo. 2005-2006. *Revista Habanera de Ciencias Médicas*, 9(2), 246-253. Recuperado de http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_serial&pid=1729-519X

- Garrod, A., Smulyan, L., Powers, S., & Kilkenny, R. (1995). *Adolescent portraits: Identity, relationships, and challenges* (2 ed.). Boston: Allyn and Bacon.
- Gillmore, M. R., Chen, A. C., Haas, S., Kopak, A., & Robillard, A. (2011). Do Family and Parenting Factors in Adolescence Influence Condom Use in Early Adulthood in a Multiethnic Sample of Young Adults? *Journal of Youth and Adolescence*, *40*. Doi: 10.1007/s10964-011-9631-0
- Goicolea, I., Wulff, M., Öhman, A., & San Sebastián, M. (2009). Risk factors for pregnancy among adolescent girls in Ecuador's Amazon basin: a case-control study. *Revista Panamericana de Salud Publica*, *26*, 221-228. doi: 10.1590/S1020-49892009000900006.
- Gomes, A. & Resende, V. R. (2004). O pai presente: O desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, *20*, 119-125. doi: 10.1590/s0102-37722004000200004.
- Gomes, W. B., Amazarray, M. R., Machado, P. S., & Oliveira, V. Z. (1998). A experiência de assumir a gestação na adolescência: um estudo fenomenológico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *11*, 431-440. doi: 10.1590/S0102-79721998000300004
- Gonçalves, H. & Knauth, D. (2006). Aproveitar a vida, juventude e gravidez. *Revista de Antropologia*, *8*, 625-643. doi: 10.1590/S0034-77012006000200004
- Gontijo, D. T. & Medeiros, M. (2010). Significados da maternidade e paternidade para adolescentes em processo de vulnerabilidade e desfiliação social. *Rev. Eletr. Enf.*, *12*, 607-15. doi: 10.5216/ree.v12i4.12340.

- Grossman, E. (1998). A adolescência através dos tempos. *Adolesc. Latinoam.* 1(2), p.68-74. Recuperado de http://ral-adolesc.bvs.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1414-7130&lng=es&nrm=iso.
- Guareschi, P. & Jovchelovitch, S. (Eds., 2008). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Gubert, D. & Madureira, V. S. F. (2008). Iniciação sexual de homens adolescentes. *Ciênc. saúde coletiva*, 13, 2247-2256. doi: 10.1590/S1413-81232009000400018.
- Guimarães, E. A. & Witter, G. P. (2007). Gravidez na adolescência: conhecimentos e prevenção entre jovens. *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, 27(2), 35-38. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=1415-711X&lng=pt&nrm=iso
- Guttmacher Institute (2010). *Datos sobre la salud sexual y reproductiva de mujeres adolescentes en el mundo en desarrollo*. Recuperado de www.guttmacher.org. International Planned Parenthood Federation (IPPF).
- Guttmacher Institute (2012). *Facts on American Teens' Sexual and Reproductive Health*. Recuperado de <http://www.guttmacher.org/pubs/FB-ATSRH.html>
- Halford, S. (2006). Collapsing Boundaries? Fatherhood, Organization and Home-Working. *Gender, Work and Organization*, 13, 383-402. doi:10.1111/j.1468-0432.2006.00313.x.
- Hall, S. (1925). *Adolescence*. New York: Appleton.
- Heilborn, M. L, Aquino E. M .L., Bozon M., & Knauth D. R. (2006). *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz.

- Heilborn, M. L. & Cabral, C. S. (2006). Parentalidade Juvenil: transição condensada para a vida adulta. Em A. A. Camarano (Ed.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* (pp. 225-257). Rio de Janeiro: IPEA.
- Heilborn, M. L. (2006a). Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Estudos feministas*, 14, 43-59. doi: 10.1590/S0104-026X2006000100004.
- Heilborn, M. L. (2006b). Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis. Em M. L. Heilborn, E. M. L., Aquino, M. Bozon, & D. Knauth (Eds.), *O aprendizado da sexualidade: Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. (29-59). Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Heilborn, M. L., Aquino, E. M. L., Bozon, M., & Knauth, D. (2009). Gravidez e maternidade na adolescência – novas biografias reprodutivas. Em D. L. M. Monteiro, A. J. B. Trajano, & A. C. Bastos (Eds.), *Gravidez e Adolescência* (pp. 21-5). Rio de Janeiro: Editora: Revinter.
- Heilborn, M. L., Barbosa, R. M., Berquó, E., & Aquino, E. (2002). *Interfaces - Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva. Uma proposta de formação interdisciplinar em pesquisa*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Hennigen, I. & Guareschi, N. M. F. (2008). Os lugares de pais e de mães na mídia contemporânea: questões de gênero. *Interamerican journal of psychology*, 42(1), 81-90. Recuperado de <http://www.psicorip.org/>
- Hercowitz, A. (2002). Gravidez na adolescência. *Rev Pediatría Moderna*, 38(8), 392-395.
- Hofferth, S. L. & Goldscheider, F.(2010). Family structure and the transition to early parenthood. *Demography*, 47, 415–437. doi: 10.1353/dem.0.0102.

- Hoga, L. A. K., Mello, D. S., & Dias, A. F. (2006). Características pessoais e familiares de pais e mães adolescentes moradores em uma comunidade de baixa renda. *Rev. Min. Enf.*, 10(4), 369-373. Recuperado de <https://www.bu.ufmg.br/periodicos/150-reme-revista-mineira-de-enfermagem>.
- Hunt II, W. B. (1976). A fertilidade na adolescência – riscos e consequências. *Population Reports*, 10(10), 169-192. Recuperado de <http://www.k4health.org/sites/default/files/760906POR.PDF>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2007). *Estatística do Registro Civil: 2007*. Recuperado de http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2007/registrocivil_2007.pdf
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2009a). *Indicadores sociodemográficos e de saúde no Brasil*. Recuperado de http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_sociosaude/2009/indic_saude.pdf.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2009b). *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar*. Recuperado de: www.ibge.gov.br/home/estatistica/.../default.shtm
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Um Panorama da Saúde no Brasil Acesso e utilização dos serviços, condições de saúde e fatores de risco e proteção à saúde 2008*. Recuperado de <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/panorama.pdf>

- Jesuino, J. C. (2011). Um conceito reencontrado. Em A. M. O. Almeida, M. F. S. Santos, & Z. A. Trindade (Eds.). *Teoria das representações sociais: 50 anos* (pp.33-57). Brasília, Technopolitik.
- Jesus, F. B, Lima, F. C. A. Martins, C. B.G., Matos, K. F., & Souza, S. P. S.(2011). Vulnerabilidade na adolescência: a experiência e expressão do adolescente. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 32, 359-367. doi: 10.1590/S1983-14472011000200021
- Jesús-Reyes, D. & Cabello-Garza, M. L. (2011). Paternidad adolescente y transición a la adultez: Una mirada cualitativa en un contexto de marginación social. *Revista de Ciencias Sociales de la Universidad Iberoamericana*, 6(11), 1-27. Recuperado de <http://www.iberomx.mx/iberoforum/14/index.html>.
- Jiménez, L. (2003). *Dando voz a los varones: Sexualidad, reproducción y paternidad de algunos mexicanos*. México: UNAM, Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias.
- Jodelet, D. (2001). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Jovchelovitch, S. (2008). *Contextos do saber: Representações, comunidade e cultura*. Petrópolis: Vozes, 2008
- Jovchelovitch, S. (2011). Representações Sociais e Polifasia Cognitiva: notas sobre a pluralidade e sabedoria da razão em psicanálise, sua imagem e seu público. Em A. M. O. Almeida, M. F. S. Santos, & Z. A. Trindade (Eds.). *Teoria das representações sociais: 50 anos* (pp. 159-176). Brasília, Technopolitik.
- Kimball, C. (2006). Teen fathers: an introduction. *School Nurse News*, 23(1), 33-5. Recuperado de <http://www.schoolnursenews.org/>.

- Kirby D., Coyle, K., & Gould, J. B. (2001). Manifestations of poverty and birthrates among young teenagers in California zip code areas. *Family Planning Perspectives*, 33, 63–69. doi: 10.2307/2673751.
- Kitzinger, S. (1978). *Mães. Um estudo antropológico da maternidade*. Lisboa: Ed. Presença.
- Knobel, M. (1989). A Síndrome da adolescência normal. Em A. Aberastury & M. Knobel (Eds.), *Adolescência Normal* (pp.24-62). Porto Alegre: Artes Médicas.
- König, A. B., Fonseca, A. D., & Gomes, V. L. O. (2008). Representações sociais de adolescentes primíparas sobre “ser mãe”. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 10(2),405-413. Recuperado de <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fen/index>
- Kronberger, N. & Wagner, W. (2002). Palavras-chave em contexto: análise estatística de textos. Em M. W. Bauer & G. Gaskell (Eds.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- Lamb, M. E. & Tamis-LeMonda, C. S. (2004). The role of the father. Em M. E. Lamb (Ed.), *The Role of the Father in Child Development* (4th ed, pp. 1-31). Hoboken, N.J.: John Wiley & Sons.
- Le Boudec, G. (1984). Contribution à la Méthodologie d'Étude des Représentations Sociales. *Cahiers de Psychologie Cognitive*, 4, 245-272.
- Leal, A. F. & Knauth, D. R. (2006). A relação sexual como uma técnica corporal: representações masculinas dos relacionamentos afetivo-sexuais. *Cadernos de Saúde Pública*, 22, 1375-84. doi:10.1590/S0102-311X2006000700003.
- Leal, I. (1990). Nota de abertura. *Análise Psicológica*, 8 (4), 365-6.

- Levandowski, D. C.(2001). Paternidade na adolescência: uma breve revisão da literatura internacional. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 6, 195-209. doi: 10.1590/S1413-294X2001000200007
- Levandowski, D. C., & Piccinini, C. A. (2004). Paternidade na adolescência: aspectos teóricos e empíricos. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano, São Paulo*, 14(1), 49-62.
- Levandowski, D. C. & Piccinini, C. A. (2006). Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22, 17-27. doi:10.1590/S0102-37722006000100003.
- Levandowski, D. C., Antoni, C., Koller, S. H., & Piccinini, C. A. (2002). Paternidade na adolescência e os fatores de risco e de proteção para a violência na interação pai-criança. *Interações*, 7(1), 77-100.
- Levandowski, D. C., Piccinini, C. A., & Lopes, R. C. S. (2008). Maternidade adolescente. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25, 251-63. doi:10.1590/S0103-166X2008000200010.
- Levandowski, D. C., Piccinini, C. A., & Lopes, R. C. S. (2009). O Processo de separação-individuação em adolescentes do sexo masculino na transição para a paternidade. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 22, 353-61. doi:10.1590/S0102-79722009000300005.
- Lima, M.(1993). Análise de conteúdo: estudo e aplicação. *Revista Logos*. (1): 53-8.
- Lopes, C. S., Rodrigues, L., & Sichieri, R. (1996). The lack of selection bias in a snowball sampled case-control study on drug abuse. *International Journal of Epidemiology*, 25, 1267-70. doi:10.1093/ije/25.6.1267.

- Loss, M. A., & Sapiro, C. M. (2005). Processos psíquicos do engravidamento na adolescência em contexto de periferia: Impasses e possibilidades. *Psicologia USP*, 16, 69-98. doi: 10.1590/S0103-65642005000300005.
- Luz, A. M. H. & Berni, N. I. O. (2010). Processo da paternidade na adolescência. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 63, 43-50. doi:10.1590/S0034-71672010000100008
- Lyra, J. (1997). *Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Recuperada de <http://www.itarget.com.br/clients/ijc.org.br/novo/down/genero/Paternidade%20Adolcescente%20uma%20proposta%20de%20intervencao.pdf>
- Lyra, J. (2007). Homens, política e saúde reprodutiva. Em E. Ghanen. (Ed.). *Influir em políticas públicas e provocar mudanças sociais: experiências a partir da sociedade civil brasileira* (pp. 111-125). São Paulo: Ashoka/Avina/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Lyra, J. & Medrado, B. (2000). Gênero e paternidade nas pesquisas demográficas: o viés científico. *Estudos Feministas*, 8(1), 145-58. Recuperado de <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/index>
- Mackey, W. C. (1996). *The american father: biocultural and developmental aspects*. New York: Plenum.
- Madi, J. M., Chiaradia, A., & Lunardi, P. V. (1986). Gravidez na adolescência: a propósito de 46 casos. *Jornal brasileiro de ginecologia*. 96(6), 267-70.
- Magalhães, R. (2007). Gravidez recorrente na adolescência: o caso de uma maternidade pública. *Adolescência e Saúde*, 4(1), 23-32.

- Magalhães, M. L. C. (2009). A adolescência e a gravidez. Em D. L. M. Monteiro, A. J. B. Trajano, & A. C. Bastos (Eds.), *Gravidez e Adolescência* (pp. 16-19). Rio de Janeiro: Editora: Revinter.
- Magalhães, M. L. C. & Reis, J. T. L. (2009). Gravidez na adolescência precoce e tardia – há diferença? Em D. L. M. Monteiro, A. J. B. Trajano, & A. C. Bastos (Eds.), *Gravidez e Adolescência* (pp. 64-8). Rio de Janeiro: Editora: Revinter.
- Magalhães, M. L. C., Furtado, F. M., Nogueira, M. B., Carvalho, F. H. C., Almeida, F. M. L., Mattar, R., & Camano, L..(2006). Gestação na adolescência precoce e tardia: há diferença nos riscos obstétricos? *Rev. Bras. Ginecol. Obstet.* 28, 446-452. doi: 10.1590/S0100-72032006000800002
- Marcolino, T. Q. & Reali, A. M. M. R. (2008, Junho). O trabalho do mentor – análise da devolutiva de diários reflexivos ao longo de um processo de mentoria em grupo. *I Congresso Internacional sobre Profesorado Principiante e Inserción Profesional a la Docencia*. Faculdade de Ciencias de la Educación, Sevilla. Recuperado de <http://prometeo.us.es/idea/congreso/pdf%20comunicaciones/15.pdf>
- Margulis, M. (2001). Juventud: Una aproximación conceptual. Em S. D. Burak (Ed.), *Adolescência y juventud en américa latina* (pp. 41-56). Cartago: Libro Universitario Regional.
- Markova, I. (2006). *Dialogicidade e representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Medrado, B. & Lyra, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Estudos Feministas*, 16(3): 809-840.

- Meincke, S. M. K. & Carraro, T. E. (2009). Vivência da paternidade na adolescência: sentimentos expressos pela família do pai adolescente. *Texto & contexto - Enfermagem*, 18, 83-91. doi:10.1590/S0104-07072009000100010
- Meincke, S. M. K., Trigueiro, D. R. S. G., Brito, T. E. C. S. M., & Collet, N. (2011). Perfil sociodemográfico e econômico de pais adolescentes. *Revista de Enfermagem UERJ*, 19(3), 452-6. Recuperado de <http://www.facenf.uerj.br/revenfermuerj.html>
- Melo A. L. A., Machado, M. F. A. S., Maia, E. R., & Sampaio, K. J. A. J. (2012). Repercussões da Paternidade na Vida do Adolescente. *Revrener - Revista da rede de enfermagem do nordeste*, 13(2), 261-8.
- Melo, M. C. B., Barros, E. N., & Almeida, A. M. L. G. (2011). A Representação da violência em adolescentes de escolas da rede pública de ensino do Município do Jaboatão dos Guararapes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16, 4211-21. doi: 10.1590/S1413-81232011001100026
- Menandro, M. C. S., Trindade, Z. A., & Almeida, A. M. O. (2003). Representações Sociais da adolescência: juventude a partir de textos jornalísticos (1968-1974 e 1996-2002). *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 55(1), 42-55. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=1809-5267&lng=pt&nrm=iso
- Meza, M. I (2008). Riesgos sexuales y reproductivos en adolescentes de centros educativos de zona urbana y semiurbana, Huancayo, abril 2006-marzo 2007. *Revista Salud, Sexualidad y Sociedad*, 2(2).
- Miller, T. (2005). *Making Sense of Motherhood: a narrative approach*. United Kingdom: Cambridge University Press.

- Ministério da Saúde (2005). *Secretaria de Atenção à Saúde. Marco legal: saúde, um direito de adolescentes*. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado de http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/marco_legal.pdf
- Monteiro, R. (2005). *O que dizem as mães: mulheres trabalhadoras e suas experiências*. Coimbra: Quarteto.
- Montigny, F., Lacharite, C., & Amyot, E. (2006). The transition to fatherhood: The role of formal and informal structures during the post-partum period. *Texto Contexto Enfermagem, 15*, 601-9. doi: 10.1590/S0104-07072006000400008
- Moreira, M. C. & Sarriera, J. C. (2006). Preditores de saúde e bem-estar psicológico em adolescentes gestantes. *Psico-USF, 11*, 7-15. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712006000100002>
- Moreira, M. C. & Sarriera, J. C. (2008). Satisfação e composição da rede de apoio social a gestantes adolescentes. *Psicologia em Estudo, 13*, 781-9. doi: 10.1590/S1413-73722008000400016
- Moreira, T. M. M., Viana, D. S., Queiroz, M. V. O., & Jorge, M. S. B. (2008). Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. *Revista da Escola de Enfermagem da USP, 42*, 312-320. doi: 10.1590/S0080-62342008000200015
- Moscovici, S. (1961). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Moscovici, S. (1981). On social representations. Em J. P. Forgas (Ed.), *Social cognitions perspectives on everyday understanding* (pp. 181-209). New York: Academic Press.
- Moscovici, S. (2011). *Representações Sociais: investigações em psicologia social* (5ed.) Petrópolis, RJ: Vozes.
- Moscovici, S. (2012). *A Psicanálise, sua Imagem e seu Público*. Petrópolis: Vozes.

- Moura, S. M. S. R. & Araújo, M. F. (2004) A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24, 44 – 55. doi: 10.1590/S1414-98932004000100006
- Moscovici, S. & Hewstone, M. (1984). De la science au sense commun. Em S. Moscovici (Ed.), *Psychologie Sociale* (pp. 539-566). Paris: PUF.
- Muraro, R. M. (1992). *A mulher do terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Nascimento, E. M. V. (2002). *Maternidade, desejo e Gravidez na adolescência*. Salvador: Edufba.
- Nascimento, M. G., Xavier, P. F., & Sá, R. D. P. (2011). Adolescentes grávidas: a vivência no âmbito familiar e social. *Adolescência e Saúde*, 8(4), 41-47.
- Nascimento-Schulze, C. M. & Camargo, B.V. (2000). Psicologia social, representações sociais e métodos. *Temas de Psicologia*, 8(3), 287-299.
- Neto, J. A. & Andalaft, C. C. M.(2009). Gravidez na adolescência – fatores de risco. Em D. L. M. Monteiro, A. J. B. Trajano, & A. C. Bastos (Eds.), *Gravidez e Adolescência* (pp. 50-8). Rio de Janeiro: Editora: Revinter.
- Nóbrega, S. M. & Coutinho, M. P. L. (2003). O teste de associação livre de palavras. Em M. P. L. Coutinho, A. S. Lima, F. B. Oliveira, & M. L. Fortunato (Eds.), *Representações sociais: abordagem interdisciplinar* (pp. 67-77), João Pessoa: Universitária.
- Nóbrega, S. M. (1990). *O que é representação social*. (Tese de Doutorado não Publicada). Doutorado em psicologia social da Ecole des Hautes em Sciences Sociales, Paris, França.

- Nóbrega, S. M. (2003). *Représentations sociales de la folie par les familles de maladies mentaux au nord-est du Brésil: le cas de João Pessoa*. Paris: Éditions du Septentrion.
- Nóbrega, S. M., & Coutinho, M. P. L. (2011). A técnica de associação livre de palavras. Em M. P. L. Coutinho & E. R. S. Albuquerque (Eds.), *Métodos de Pesquisa em psicologia social: perspectivas qualitativas e quantitativas* (pp. 95-106). João Pessoa: EDUFPB.
- Nogueira, M. J., Martins, A. M., Schall, V. T., & Modena, C. M. (2011). "Depois que você vira um pai...": adolescentes diante da paternidade. *Adolescência & Saúde*, 8(1), 28-34. Recuperado de <http://www.adolescenciaesaude.com/default.asp>
- Novellino, M. S. F. (2011). Um estudo sobre as mães adolescentes Brasileiras. *Physis*, 21, 299-318. doi: 10.1590/S0103-73312011000100018
- Oliveira, D. C. (2008). Análise de Conteúdo Temático-Categorial: Uma proposta de Sistematização. *Revista de Enfermagem*, 16(4), 569-76. Recuperado de <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj>
- Oliveira, N. R. (2005). Maternidade de adolescentes de periferias sociais e urbanas: Algumas análises à luz da Psicologia Ambiental. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15(1), 69-77. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=0104-1282
- Oliveira, R. C. (2008). Adolescência, gravidez e maternidade: a percepção de si e a relação com o trabalho. *Saúde & Sociedade*, 17, 93-102. doi: 10.1590/S0104-12902008000400010
- Oliveira-Monteiro, N. R. (2008). Perfis de adolescentes mães após três anos e meio do nascimento do bebê: seguimento longitudinal de estudo psicossocial. *Interação em*

- Psicologia*, 12(2), 291-97. Recuperado de <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/index>
- Oliveira-Monteiro, N. R. (2010). Percursos da Gravidez na adolescência: estudo longitudinal após uma década da gestação. *Psicologia Reflexão & Crítica*, 23, 278-88. doi: 10.1590/S0102-79722010000200010
- Oliveira-Monteiro, N. R., Negri, M., Fernandes, A. O., Nascimento, J. O. G., & Montesano, F. T. (2011). Gravidez e maternidade de adolescentes: fatores de risco e de proteção. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 21(2), 198-209. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=0104-1282
- Orlandi, R. & Toneli, M. J. F. (2008). Adolescência e paternidade: sobre os direitos de criar projetos e procriar. *Psicologia em Estudo*, 13, 317-26. doi: 10.1590/S1413-73722008000200014
- Orlandi, R. & Toneli, M. J. F.(2005). Sobre o processo de constituição do sujeito face à paternidade na adolescência. *Psicologia em Revista*, 11(18), 257-267. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista>
- Osofsky, J., Eberhart-Wright, A., Ware, L., & Hann, D. (1992). Children of adolescent mothers: a group at risk for psychopathology. *Infant Mental Health Journal*, 13, 119-31. doi: 10.1002/1097-0355(199223)13:2<119::AID-IMHJ2280130203>
- Ozella, S. (2003). *Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2003.
- Palmonari, A. & Zani, B.(2001). As representações sociais no campo dos psicólogos. Em D. Jodelet (Ed.), *As representações sociais* (pp. 261-280). Rio de Janeiro: EDUERJ.

- Pantoja, A. L. N. (2003). Ser alguém na vida: uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 19, 335-343. doi: 10.1590/S0102-311X2003000800015
- Pantoja, F. C., Bucher, J. S. N. F., & Queiroz, C. H. (2007). Adolescentes grávidas: vivências de uma nova realidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 27, 510-521. doi: 10.1590/S1414-98932007000300011
- Pariz, J., Mengarda, C. F., & Frizzo, G. B. (2012). A atenção e o cuidado à gravidez na adolescência nos âmbitos familiar, político e na sociedade: uma revisão da literatura. *Saúde & Sociedade*, 21, 623-636. doi: 10.1590/S0104-12902012000300009
- Patton, M. Q. (1990). *Qualitative evaluation and research methods*. Londres: Sage.
- Paula, E. R., Bittar, C. M., Silva, M. A. I., & Cano, M. A. T. (2010). A Paternidade na adolescência e seu significado entre os jovens universitários que a vivenciaram. *Revista Mineira de Ciências da Saúde*, (2), 28-42. Recuperado de <http://revistasauade.unipam.edu.br/>
- Pereira Júnior, G., Siqueira, V. H. F., & Rezende, L. A. (2011). Paternidade e saúde reprodutiva: discursos de jovens em documentários autobiográficos. *Pro-Posições*.22(1), 131-149.
- Pereira, J. L. (2009). Aspectos históricos da gestação em adolescentes. Em D. L. M. Monteiro, A. J. B. Trajano, & A. C. Bastos (Eds.), *Gravidez e Adolescência* (pp. 3-15). Rio de Janeiro: Editora: Revinter.
- Petrini, J. C. (2003). *Pós-modernidade e família*. Edusc: Bauru.
- Pino, R., Escobar, C., Muñoz, C., Torrent, C., & Bosch, C. (2011). *Estudio cualitativo: Representaciones y significaciones sobre el embarazo adolescente de padres y*

madres de hasta 19 años. Chile: Ministerio de Desarrollo Social - Gobierno de Chile. Recuperado de <http://estudios.sernam.cl/documentos/?eMjE5MTAwMg==>-
Estudio_cualitativo:_Representaciones_y_significaciones_sobre_el_embarazo_adolescente_de_padres_y_madres_de_hasta_19_a%C3%B1os

Pires, M. G. V. B. (2002). *Gravidez na Adolescência e o mito da cinderela*. Recife: Bagaço.

Poli, M. E. H. (2009). Maternidade e Paternidade Responsáveis na Adolescência. Em D. L. M. Monteiro, A. J. B. Trajano, & A. C. Bastos (Eds.), *Gravidez e Adolescência* (pp. 35-8). Rio de Janeiro: Editora: Revinter.

Pontes, M. L. S., Barcelos, T. F., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2010). A gravidez precoce no imaginário coletivo de adolescentes. *Psicologia: teoria e prática*, 12(1), 85-96. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=1516-3687&lng=pt&nrm=i

Pratta, E. M. M. & Santos, M. A. (2007). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12 (2), 247-256.

Ramires, V. R. (1997). *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos.

Rangel, D. L. O. & Queiroz, A. B. A. (2008). A representação social das adolescentes sobre a gravidez nessa etapa da vida. *Escola Anna Nery*, 12, 780-8. doi: 10.1590/S1414-81452008000400024

Reinert, M.(1998). *Alceste: Analyse de données textuelles*. Manuel d'utilisateur. Toulouse: Image.

- Reis, A. O. A. (1997). Opacidade e visibilidade da paternidade na reprodução adolescente. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 7(2), 69-76. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=0104-1282
- Renepontes, P., & Eisenstein, E. (2005). Gravidez na adolescência: a história se repete. *Adolescência e Saúde*, 2 (3),11-15.
- Resende, A. L. M. & Alonso, I. L. K. (1995). O perfil do pai cuidador. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 5(1/2), 66-81. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=0104-1282
- Ribeiro, E. R. O., Barbieri, M. A., Bettiol, H., & Silva, A. A. M. (2000). Comparação entre duas coortes de mães adolescentes em município do Sudeste do Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 34, 136-142. doi: 10.1590/S0034-89102000000200006
- Rodrigues, A., Assmar, E. M. L., & Jablonski, B. (2012). *Psicologia Social (29 ed.)*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Rodrigues, D., Rodrigues, F., da Silva, L., Jorge, M., & Vasconcelos, L. (2009). O adolescer e ser mãe: representações sociais de puérperas adolescentes. *Cogitare Enfermagem*, 14(3), 455-62. Recuperado de <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare>
- Rodrigues, E. A. S., Souza, E. P., Guedes, C. C., & Madeira, A. M. F.(2003). O adolescente e a vivência da paternidade: uma abordagem fenomenológica. *Revista Mineira de Enfermagem*, 7(2), 82-8. Recuperado de <https://www.bu.ufmg.br/periodicos/150-reme-revista-mineira-de-enfermagem>
- Rodrigues, M. M. & Trindade, Z. A. (1999). Em nome do pai e do filho: relações afetivas e instrumentais. Em P. R. Menandro, Z. A. Trindade, & E. B. Borloti

- (Eds.), *Pesquisa em Psicologia: recriando métodos* (pp. 125-138). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Recuperado de <http://www.redepso.org/site/livros/PPRM.pdf>
- Rodriguez González, E. (2009). La paternidad en el adolescente: Un problema social. *Archivos Venezolanos de Puericultura e Pediatría*, 72 (3), 86-91.
- Rotundo, E. A. (1985). American Fatherhood: A Historical Perspective. *American Behavioral Scientist*, 29, 7-25. doi:10.1177/000276485029001003
- Roudinesco, E. (2003). *A Família em Desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Russo, H. R. & Brêtas, J. R. S. (2008, julho). Maternidade/Paternidade na Adolescência: refletindo publicações da América Latina e Central entre 2002 e 2007. *Anais da 60ª Reunião Anual da SBPC*, Campinas - SP.
- Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Sabroza, A. R., Leal, M. C., Gama, S. G. N., & Costa, J. V. (2004). Perfil sociodemográfico e psicossocial de púerperas. *Cad. Saúde Pública*, 20, 112-120. doi: 10.1590/S0102-311X2004000700012
- Santos, A. & Carvalho, C. V. (2006). Gravidez na adolescência: um estudo exploratório. *Boletim de Psicologia*, 56, 125, 135-151. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=0006-5943&lng=pt&nrm=iso
- Santos, J. L. O. (2008, agosto). *Menino que faz menino ainda é menino? A invisibilidade da paternidade adolescente*. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: corpo, violência e poder, Florianópolis-SC. Recuperado de

http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST21/Jorge_Luiz_Oliveiras_dos_Santos_21.pdf

- Santos, M. F. S. (2005). A Teoria das Representações Sociais. Em M. F. S. Santos & L. M. Almeida (Eds.), *Diálogos com a Teoria das Representações Sociais* (pp. 15-38). Recife: Ed. Universitária da UFPE/ UFAL.
- Santos, C. A. C., Nogueira, K. T. (2009). Gravidez na adolescência: falta de informação? *Adolescência & Saúde*, 6(1), 48-56. Recuperado de <http://www.adolescenciaesaude.com/>
- Scavone, L. (2001a). A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. *Cadernos Pagu*, (16), 137-150. doi: 10.1590/S0104-83332001000100008
- Scavone, L. (2001b). Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 5, 47-60. doi: 10.1590/S1414-32832001000100004
- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M., & Silveiras, E. F. M. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26, 227-234. doi: 10.1590/S0102-37722010000200004
- Schwartz, T., Vieira, R., & Geib, L. T. C. (2011). Apoio social a gestantes adolescentes: desvelando percepções. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16, 2575-85. doi: 10.1590/S1413-81232011000500028
- Silva, D. V. & Salomão, N. M. R. (2003). A maternidade na perspectiva de mães de adolescentes e avós maternas de bebês. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 8, 135-145. doi: 10.1590/S1413-294X2003000100015

- Silva, L. & Tonete, V. L. P. (2006). A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 14, 199-206. doi: 10.1590/S0104-11692006000200008
- Silva, M. M. V. A. (2007). O processo histórico de construção das concepções de paternidade. Em J. L. Pereira, C. Fanelli, R. C. Pereira, & S. Rios (Eds.). *Sexualidade na adolescência no novo milênio* (pp. 54-65). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Siqueira, M. J. T., Mendes, D., Finkler, I., Guedes, T., & Gonçalves, M. D. S. (2002). Profissionais e usuárias(os) adolescentes de quatro programas públicos de atendimento pré-natal da região da grande Florianópolis: onde está o pai? *Estudos de Psicologia*, 7, 65-72. doi: 10.1590/S1413-294X2002000100008
- Souza, C. L. C. & Benetti, S. P. C. (2009). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paidéia*, 19, 97-106. doi: 10.1590/S0103-863X2009000100012
- Souza, N. A. & Homet, R. (1999). HOMET, Raquel. Los viejos y la vejez en la Edad Media. Sociedad e imaginário (Resenha). *Revista Brasileira de História*, 19, 313-318. doi: 10.1590/S0102-01881999000200013
- Spear, H. J. & Lock, S. (2003). Qualitative research on adolescent pregnancy: a descriptive review and analysis. *Journal of Pediatric Nursing*, 18, 397-408. doi: 10.1016/S0882-5963(03)00160-X
- Spieker, S. J., Gillmore, M. R., Lewis, S. M., Morrison, D. M. & Lohr, M. J. (2001). Psychological distress and substance use by adolescent mothers: associations with parenting attitudes and the quality of mother-child interaction. *Journal of Psychoactive Drugs*, 33, 83-93.

- Spindola, T. & Silva, L. F. F. (2009). Perfil epidemiológico de adolescentes atendidas no pré-natal de um hospital universitário. *Escola Anna Nery*, 13, 99-107. doi: 10.1590/S1414-81452009000100014
- Sprinthall, N. A. & Collins, W. A. (2008). *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista* (4 ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Staudt, A. C. P. & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174-185. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=1516-3687&lng=pt&nrm=iso
- Steinberg, L. (1996). *Adolescence* (3 ed.). New York: MacGraw-Hill.
- Steinberg, L. & Lerner, R. M. (2004). The scientific study of adolescence: A brief history. *The Journal of Early Adolescence*, 24, 45-54. doi: 10.1177/0272431603260879
- Sutter, C. & Bucher-Maluschke, J. S. N. F. (2008). Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina da paternidade participativa. *Psico*, 39(1), 74-82. Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico>
- Szejer, M. & Stewart, R. (1997). *Nove meses na vida da mulher*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Tachibana, M., Santos, L. P., & Duarte, C. A. M. (2006). O conflito entre o consciente e o inconsciente na gravidez não planejada. *Psyche*, 10(19), 149-167. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_serial&pid=1415-1138&lng=pt&nrm=iso

- Taquette, S. R. & Vilhena, M. M. (2008). Uma contribuição ao entendimento da iniciação sexual feminina na adolescência. *Psicologia em Estudo*, 13, 105-114. doi: 10.1590/S1413-73722008000100013
- Traverso-Yépez, M. A. & Pinheiro, V. S. (2002). Adolescência, saúde e contexto social: esclarecendo práticas. *Psicologia e Sociedade*, 14, 133-147. doi: 10.1590/S0102-71822002000200007
- Trindade, Z. A. (1993). As representações sociais e o cotidiano: A questão da maternidade e da paternidade. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 9(3), 335-346.
- Trindade, Z. A. & Menandro, M. C. S. (2002). Pais adolescentes: vivência e significação. *Estudos em Psicologia (Natal)*, 7, 15-23. doi: 10.1590/S1413-294X2002000100003
- Trindade, Z. A., Andrade, C. A., & Souza, J. Q. (1997). Papéis parentais e representações da paternidade: A perspectiva do pai. *Psico*, 28, 207 – 222. Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico>
- Vala, J. (2013). Pensamento social e representações sociais. Em J. Vala & M. B. Monteiro. *Psicologia Social* (9 ed, pp. 569-602.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Veloz, M. C. T., Nascimento-Schulze, C. M., & Camargo, B. V. (1999). Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12, 479-501. doi: 10.1590/S0102-79721999000200015
- Vieira, E. N. & Souza, L. (2010). Guarda paterna e representações sociais de paternidade e maternidade. *Análise Psicológica*, 28, (4), 581-596. Recuperado de http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_serial&pid=0870-8231&lng=pt&nrm=iso

- Vilhena, M. M. (2009). O que quer uma mulher? Apreciações psicanalíticas sobre gravidez na adolescência. Em D. L. M. Monteiro, A. J. B. Trajano, & A. C. Bastos (Eds.), *Gravidez e Adolescência* (pp. 319-324). Rio de Janeiro: Editora: Revinter.
- Wagner, A., Falcke, D., Predebon, J. (2005). Transgeracionalidade e Educação: como se perpetua a família? Em A. WAGNER (Ed.), *Como se perpetua a família: a transmissão de modelos familiares* (pp. 93-105). Porto Alegre, Edipucrs.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 21*, 181-186. doi: 10.1590/S0102-37722005000200008
- Wagner, W. (2001). História, memória e senso comum: representações sociais e interdisciplinariedade. Em A. S. P. Moreira (Ed.), *Representações sociais: teoria e prática* (pp. 15-29). João Pessoa: EDUFPB.
- Weinstein, E. & Rosen, E. (1994). Decreasing sex bias through education for parenthood or prevention of adolescent pregnancy: A developmental model with integrative strategies. *Adolescence, 29*(115), 27-35.
- Wilkes, L., Mannix, J., & Jackson, D. (2011). 'I am going to be a dad': experiences and expectations of adolescent and young adult expectant fathers. *Journal of clinical nursing, 21*, 180-8. doi: 10.1111/j.1365-2702.2011.03715.x
- Wilson, H. & Huntington, A. (2005). Deviant (M)others: The construction of teenage motherhood in contemporary discourse. *Journal of Social Policy, 35*, 59-76. doi: 10.1017/S0047279405009335
- World Health Organization (2004). *Adolescent pregnancy: issues in adolescent health and development*. Geneva, Switzerland: World Health Organization. Recuperado de http://whqlibdoc.who.int/publications/2004/9241591455_eng.pdf

- World Health Organization (2007). *Adolescent pregnancy: unmet needs and undone deeds. A review of the literature and programmes*. Geneva: World Health Organization. Recuperado de http://whqlibdoc.who.int/publications/2007/9789241595650_eng.pdf
- World Health Organization (2009). *Adolescent pregnancy: a culturally complex issue*. Bulletin of the World Health Organization, 87(6), 405-84.
- World Health Organization (2013). Adolescent health. Recuperado de http://www.who.int/topics/adolescent_health/en/
- Yazlle, M. E. H. D.(2006). Gravidez na adolescência. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 28, 443-445. doi: 10.1590/S0100-72032006000800001
- Yazlle, M. E. H. D., Mendes, M. C., Patta, M. C., Rocha, J. S. Y., Azevedo, G. D., & Marcolin, A. C. (2002). A adolescente grávida: alguns indicadores sociais. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 24, 609-614. doi: 10.1590/S0100-72032002000900007
- Zanin, M., Moss, A. T., & Oliveira, L. A. (2011). Representação social da gravidez na percepção de adolescentes gestantes de baixa renda. *Unoesc & Ciência – ACHS*, 2(1) 89-98. Recuperado de <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/index>

ANEXOS

ANEXO 1

CERTIDÃO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

C E R T I D ã O

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria de Estado da Saúde da Paraíba – CEP/SES-PB, em sua 73ª Reunião Ordinária realizada em 21/12/10, com base na Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/MS que regulamenta a ética na pesquisa em seres humanos, aprovou o parecer referente ao projeto **Paternidade e maternidade na adolescência: Uma abordagem psicossociológica** da pesquisadora responsável **Andréa Xavier de Albuquerque de Souza**.

Esta Certidão é provisória, para fins de execução da referida pesquisa, ficando sob a responsabilidade da pesquisadora entregar ao CEP/SES-PB o relatório final de conclusão da pesquisa, ocasião em que será emitida certidão definitiva, nos termos das atribuições conferidas ao CEP pela Resolução já citada.

Encaminhe-se a pesquisadora interessada.

João Pessoa, 23 de dezembro de 2010.

Zeleide Dorniano Cabral Monteiro
Coordenadora do CEP/SES/PB

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Esta pesquisa intitula-se **Maternidade e Paternidade na Adolescência: uma abordagem psicossocial**, e esta sendo desenvolvida por Andréa Xavier de Albuquerque de Souza, doutoranda em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba.

Os objetivos da pesquisa são: Identificar as representações sociais elaboradas por pais e mães adolescentes sobre maternidade-paternidade na adolescência. Analisar o conteúdo e a estrutura das Representações Sociais e Identificar quais os processos psicossociais evidenciados nas representações das (os) adolescentes ao se defrontarem com a maternidade-paternidade na adolescência. Assim esta pesquisa tem por finalidade contribuir para as discussões sobre a paternidade e maternidade na adolescência a partir da concepção dos próprios adolescentes que a vivenciam, pois acredita-se que o conhecimento sobre os modos como estes representam e avaliam esse fenômeno poderá promover reflexões sobre as temáticas que envolvem a saúde sexual e reprodutiva na adolescência, viabilizando intervenções conjuntas por parte dos profissionais da saúde, e ações mais coerentes com os significados que os adolescentes atribuem a paternidade e maternidade nesta fase do ciclo vital.

Por meio deste termo, quero convidá-lo (a), contando previamente com a autorização dos seus pais ou responsáveis que caso concordem assinarão o presente termo, para participar da pesquisa como voluntário (a). Desse modo, o senhor(a) não é obrigado a fornecer as informações solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar da pesquisa, ou resolver a qualquer momento desistir de participar, não sofrerá nenhum dano, prejuízo, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

Para o desenvolvimento desta pesquisa serão executados os seguintes procedimentos:

- Aplicação de um questionário sobre características biosociodemográficas;
- Aplicação da Técnica de Associação Livre de Palavras;
- Aplicação da Técnica da Entrevista Semi estruturada.

Solicito sua permissão para gravar a entrevista, apresentar os resultados deste estudo em eventos científicos e publicar em revista científica.

Comunico que será garantida a privacidade e o caráter confidencial dos dados e informações fornecidas. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em completo sigilo.

É importante deixar claro que ao aceitar participar como voluntário (a) nesta pesquisa não arcará com nenhum custo ou despesa decorrente da sua participação, como também, não receberá qualquer espécie de reembolso ou gratificação financeira por participar da pesquisa.

A pesquisadora responsável estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

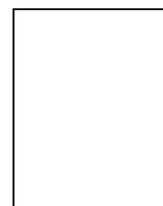
Diante do exposto, fica registrado que tenho conhecimento de que as informações fornecidas por mim serão usadas com propósitos científicos, apenas pela pesquisadora responsável.

Eu, _____, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

João Pessoa, _____ de _____ de _____

Assinatura do Responsável legal

Assinatura do Participante da Pesquisa



Testemunha (em caso de analfabeto)

Assinatura do (a) Pesquisador (a)

Endereço (Trabalho): Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – Campus I. Departamento de Pós-graduação em Psicologia Social. Cidade Universitária, s/n. Castelo Branco. 58.051-900. João Pessoa/PB. Telefone para Contato: (83) 8801.6911 ou 3216.7006

ANEXO 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CCHHLA – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
CEP 58.051-900 – João Pessoa, PB
Tel. 3216 7675

Estimado(a) participante,

Estamos realizando uma pesquisa científica com o objetivo de conhecer o que pensam sobre a Paternidade e a Maternidade na adolescência. Para o desenvolvimento deste estudo, gostaríamos de contar com a sua gentil colaboração. Para isso é necessário que você responda a algumas perguntas com muita sinceridade e liberdade. Não se preocupe, pois garantimos a confidencialidade e o segredo de todas as suas respostas. O importante é que você dê a resposta que mais se aproxima da forma como você pensa, age e sente, sem deixar nenhuma das questões em branco.

AGRADECEMOS A SUA COLABORAÇÃO.

QUESTIONARIO BISSÓCIODEMOGRÁFICO

1. Idade: ____ anos
2. Sexo: () Masculino () Feminino
3. Você está na escola atualmente?
 sim não. Em que série? ____ série ____ grau.
 Se respondeu não, com que idade e em que série parou de estudar? ____ anos, série ____ grau.
4. Até quando você pretende estudar?
 terminar 1º grau terminar 2º grau fazer curso técnico fazer faculdade
5. Qual a sua religião? Evangélica () Católica () Espírita () Outras () Nenhuma ()
6. Qual é a renda mensal de sua família?
 R\$ _____
7. Você foi criada(o) por:
 mãe pai madrasta padrasto avó avô tios outros
8. A sua mãe engravidou pela 1ª vez com que idade?
 menos de 15 anos entre 15 e 17 anos entre 18 e 19 anos após 19 anos
9. Conhece alguém que foi mãe/pai antes dos 19 anos?
 sim não Quem? _____
10. Você já teve informações sobre sexualidade e fertilização? () sim () não
11. Se já teve informações foi com: (é possível assinalar mais de uma alternativa):
 pais amigos professores parceiro palestras na escola
 leitura outros Quem? _____
12. Gostaria de saber se você:
 mora com namorado (a) ou esposo (a). Há quanto tempo? _____
 já morou nunca morou com namorado(a) ou esposo(a)
13. A sua primeira relação sexual foi com ____ anos.
14. Nas vezes em que teve relações sexuais usaram algum método para evitar gravidez?
 sim não Qual: _____
15. Nos 12 meses que antecederam a gravidez, vocês usavam algum tipo de método preventivo?
 nunca usava às vezes usava usava sempre
 15 A. Se respondeu **nunca usava** ou **às vezes usava**, era porque você queria engravidar?
 sim não
16. Você costumava pedir a seu parceiro que usasse camisinha? (ESPECÍFICA P/ MENINAS)
 sim não Porque? _____
17. Como você conseguia o preservativo?
18. Qual é a idade do pai/mãe do seu filho? ____ anos.
19. Você já engravidou alguma vez antes desta? () sim () não (ESPECÍFICA P/ MENINAS)
20. Antes de engravidar, você já havia consultado algum (a) médico (a) ginecologista? (IDEM)
 sim não Porque? _____

ANEXO 4**TESTE DE ASSOCIAÇÃO LIVRE DE PALAVRAS.**

Quando eu lhe digo “adolescência” o que lhe vem à mente? Diga-me pelo menos 3 palavras que você associa a “adolescência”, na ordem em que lhe vierem à mente.

Adolescência

1. -----
2. -----
3. -----
4. -----
5. -----

Gravidez na adolescência

1. -----
2. -----
3. -----
4. -----
5. -----

Ter Filho na adolescência

1. -----
2. -----
3. -----
4. -----
5. -----

Ser mãe na adolescência

1. -----
2. -----
3. -----
4. -----
5. -----

Ser pai na adolescência

1. -----
2. -----
3. -----
4. -----
5. -----

Eu mesmo(a)

1. -----
2. -----
3. -----
4. -----
5. -----

Planos para o futuro

1. -----
2. -----
3. -----
4. -----
5. -----

ANEXO 5**ROTEIRO ÚNICO DE ENTREVISTA**

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. Gostaria que você me falasse sobre maternidade na adolescência em geral, o que você pensa sobre isso?
2. Gostaria que você me falasse sobre paternidade na adolescência em geral, o que você pensa sobre isso?
3. O que você acha que os outros pensam sobre um (a) adolescente que é pai/mãe?
4. O que você acha de ter filho na adolescência?
5. Você poderia falar como aconteceu a gravidez?
6. Antes de ser pai/mãe, quando pensavas no futuro, quais eram os seus planos? E atualmente?
7. Antes da gravidez quais informações/orientações você já tinha tido sobre gravidez na adolescência? Aonde você recebeu estas orientações?
8. Você preferiria que tivesse acontecido diferente? Como? (Poderia esclarecer?)
9. Gostarias de acrescentar algo a tudo o que a gente conversou?
10. Complete a frase “como me vejo hoje

ANEXO 6

DICIONÁRIO DE IMPORTAÇÃO DE PALAVRAS E FREQUENCIAS ABSOLUTAS

TRI-DEUX Version 2.2

IMPortation des MOTs d'un fichier de questions ouvertes

ou de mots associ,s ... un stimulus - janvier 1995

Renseignements Ph.Cibois UFR Sciences sociales Paris V

12 rue Cujas - 75005 PARIS

Programme IMPMOT

acfilh6	acfi	9	acfilho6	acfl	1	adapta3	adap	6	aexper3	aexp	3
ajuda5	ajud	4	ajudam6	ajul	4	ajudar4	aju2	5	alegre2	aleg	11
alegre4	ale1	3	alegre5	ale2	18	amadur1	amad	8	amadur2	amal	4
amadur3	ama2	7	amadur4	ama3	13	amamen3	ama4	8	amiga5	amig	13
amigo5	ami1	6	amigos1	ami2	4	amizad1	ami3	5	amizad6	ami4	1
amor3	amor	9	anoite3	anoi	4	ansied1	ansi	5	aprend1	apre	11
aprend3	aprl	6	aprend4	apr2	8	assumi2	assu	3	assumi4	ass1	6
atenca3	aten	3	aten a3	atel	1	atrapa2	atra	5	atrapa3	atr1	3
atrape2	atr2	7	ausent4	ause	5	bmae5	bmae	1	boa3	boa3	1
boa5	boa1	6	boaesp5	boa2	1	boamae5	boa3	6	boamae6	boa4	6
bom2	bom2	20	bom3	bom1	13	bom4	bom2	14	brigue5	brig	6
brinca1	bril	5	brinca5	bri2	6	calma5	calm	7	calmo5	call	9
campan5	camp	1	carinh3	cari	6	carinh5	car1	7	casapr6	casa	26
casar6	cas1	6	ccasa2	ccas	5	cdeus3	cdeu	8	cfamil6	cfam	9
cfilh3	cfil	1	cfilho3	cfil	16	cfilho6	cfi2	8	chata5	chat	5
choque2	choq	6	compan5	comp	4	complil	com1	7	compli2	com2	4
conflil	conf	7	confus2	con1	3	cprofi6	cpro	8	criarf6	cria	1
cuidaf6	cuid	9	cuidar3	cuil	9	cuidar4	cui2	6	curtir1	curt	19
dajuda4	daju	9	damor3	damo	10	damor4	daml	11	damor6	dam2	2
dassum4	dass	4	descob1	desc	20	descob5	des1	9	descui2	des2	8
deseja2	des3	12	desejo2	des4	1	despre4	des5	11	dificil	difi	1
difici2	dif1	24	difici3	dif2	25	difici4	dif3	17	distra5	dist	1
divers1	dive	30	divert5	div1	7	dmfilh6	dmfi	20	dmfilho6	dmf1	2
dobedel	dobe	4	dparti4	dpar	7	eamadu2	eama	7	edfilh6	edfi	12
educar3	educ	6	educar4	edu1	6	empreg6	empr	8	erespo3	eres	18
esforc5	esfo	2	estabi6	esta	7	estuda6	est1	7	estudo1	est2	20
exper2	expe	4	extorv5	exto	1	extrov5	ext1	18	famadul	fama	6
fapoif3	fapo	8	fapoif4	fap1	1	fapoi2	fap2	17	fasboal	fasb	7
fasepal	fas1	4	fboa1	fboa	9	fcondi3	fcon	1	fcondic3	fco1	2
fconhel	fco2	6	fduvd1	fduv	1	fduvid1	fdul	8	felicil	feli	4
felicil3	fell	6	feliz5	fel2	12	festal	fest	9	fexper1	fexp	4
fexper3	fex1	6	fexperi3	fex2	1	finfor2	finf	3	formar6	form	16
forte5	for1	6	fpreve2	fpre	7	fragil5	frag	3	fuga3	fuga	1
futuro1	futu	6	ifinan6	ifin	10	imatur1	imat	15	imatur3	imal	4
imatur4	ima2	17	import1	impo	5	indep6	inde	1	inesp62	ines	1
inespe2	ine1	12	inexpl3	ine2	2	inexpli3	ine3	1	inque5	inqu	8
inteli5	inte	2	irresp1	irre	8	irresp2	irr1	6	irresp3	irr2	7
irresp4	irr3	11	jovem5	jove	5	juvent1	juve	7	legal5	lega	6
liberd1	libe	18	mdpmae3	mdpm	8	medo2	medo	17	medo3	med1	7
mfacil4	mfac	6	mfvidal	mfvi	7	mnova2	mnov	5	mnova3	mno1	1
mobrim4	mobr	6	mqpai3	mqpa	1	msspai4	mssp	1	mucedo2	muce	10
mudanc2	muda	7	mudanc3	mud1	13	mudanc4	mud2	10	munova3	muno	8
munovo4	mun1	7	nafilh4	nafi	10	najuda4	naju	4	namoro1	namo	13
namuda4	nam1	7	naobom3	naob	2	naosei5	naol	4	naosei6	nao2	5
napoia4	napo	1	nassum4	nass	10	nenhum6	nenh	1	nexper3	nexp	1
nligam4	nlig	6	noexpel	noex	1	noexpe3	noel	4	normal2	norm	1
normal3	nor1	1	normal4	nor2	1	novexpl	nove	5	nparti4	npar	4
npensal	npen	5	npensa3	npe1	5	nplane2	npla	7	nplane4	np11	4
nprevi2	npre	8	nprevi3	npr1	4	nsspai4	nssp	6	ntexpe2	ntex	10
ntmfil6	ntmf	1	orgulh5	orgu	3	otimo3	otim	5	otimo4	otil	4
pacien3	paci	4	padeam2	pade	4	padole3	pad1	6	padole4	pad2	5
pai5	pai5	7	papoif4	papo	5	perdas2	perd	8	perdas3	per1	11

pestud3	pest	7	pestud4	pes1	5	pliber2	plib	11	pliber3	pli1	10
pliber4	pli2	11	pregui5	preg	1	preocu2	pre1	9	presen3	pre2	4
presen4	pre3	4	pressa4	pre4	7	rebeld1	rebe	19	rejeic2	reje	3
renunc3	renu	5	renunci3	ren1	1	respei5	resp	6	respon2	res1	8
respon5	res2	15	riscol	risc	9	risco2	ris1	9	ruim1	ruim	5
ruim2	ruil	9	ruim3	rui2	4	ruim4	rui3	1	safado5	safa	1
saude5	saud	1	saude6	saul	5	sbmae6	sbma	2	sermae6	serm	4
sfeliz6	sfel	11	sfilho6	sfil	7	sincer5	sinc	7	sindep6	sin1	11
sofrim3	sofr	4	sonhad5	sonh	1	sonho3	son1	12	susten4	sust	21
tdtres2	tdtr	1	testud6	test	20	tparti4	tpar	10	tqtres2	tqtr	5
trabal5	trab	5	trabal6	tral	31	trespo4	tres	21	trespo6	tre1	6
triste5	tris	6	ttraba4	ttra	5	ttudo5	ttud	1	vadult3	vadu	15
vadult4	vad1	4	vidame6	vida	14						
Nombre de mots entr,s				1843							
Nombre de mots diff,rents				258							

ANEXO 7**VARIÁVEIS FIXAS E PERCENTUAIS**

Impression des tris ... plat

Question 015	Position	15	Code-max.	2
Tot.	1	2		
1843	755	1088		
100	41.0	59.0		

Question 016	Position	16	Code-max.	2
Tot.	1	2		
1843	939	904		
100	50.9	49.1		

Question 017	Position	17	Code-max.	3
Tot.	1	2	3	
1843	228	962	653	
100	12.4	52.2	35.4	

ANEXO 8**HISTOGRAMA DE VALORES PRÓPRIOS E DE CONTRIBUIÇÃO**

AFC : Analyse des correspondances

Le phi-deux est de : 0.242211

Précision minimum (5 chiffres significatifs)

Le nombre de facteurs ... extraire est de 5

Facteur 1

Valeur propre = 0.183091
Pourcentage du total = 75.6

Facteur 2

Valeur propre = 0.030576
Pourcentage du total = 12.6

Facteur 3

Valeur propre = 0.016282
Pourcentage du total = 6.7

Facteur 4

Valeur propre = 0.012262
Pourcentage du total = 5.1

Facteur 5

Valeur propre = 0.000000
Pourcentage du total = 0.0

ANEXO 9

VETORES PRÓPRIOS E CONTRIBUIÇÕES

Coordonn,es factorielles (F=) et contributions pour le facteur (CPF)
Lignes du tableau

ACT.	F=1	CPF	F=2	CPF	F=3	CPF	F=4	CPF	F=5	CPF	
acfi	-645	18	259	17	63	2	-159	16	0	15	acfilh6
aleg	42	0	7	0	-23	0	-71	4	0	0	alegre2
ale2	-220	4	112	6	11	0	-91	11	0	3	alegre5
amad	623	15	-9	0	-157	11	70	3	-0	3	amadur1
ama3	-295	5	165	10	-103	7	-72	5	0	4	amadur4
ama4	-710	19	-36	0	-1	0	-201	23	0	46	amamen3
amig	661	27	-85	3	17	0	-40	1	-0	20	amiga5
amor	673	19	180	8	-36	1	7	0	-0	37	amor3
apre	-573	17	109	4	253	38	-161	20	0	8	aprend1
apr2	-559	12	-99	2	219	21	-12	0	0	8	aprend4
bom2	160	2	-88	4	75	6	-38	2	-0	0	bom2
bom1	579	21	94	3	-83	5	-206	39	-0	31	bom3
bom2	256	4	46	1	177	23	-93	9	-0	1	bom4
call	-694	21	-351	32	-88	4	59	2	0	28	calmo5
casa	-129	2	50	2	-20	1	45	4	0	1	casapr6
cdeu	646	16	-115	3	-55	1	25	0	-0	34	cdeus3
cfam	-751	24	-371	35	-141	10	-45	1	0	19	cfamil6
cfil	-669	34	91	4	-44	2	-39	2	0	39	cfilho3
cfi2	565	12	-370	31	32	0	-298	50	-0	9	cfilho6
cpro	-729	20	-265	16	-57	1	-119	8	0	12	cprofi6
cuid	808	28	125	4	160	12	175	19	-0	45	cuidaf6
cui1	693	21	90	2	-124	7	223	32	-0	23	cuidar3
curt	-163	2	219	26	-142	20	-87	10	0	3	curtir1
daju	-568	14	188	9	26	0	161	17	0	2	dajuda4
damo	-671	21	-152	7	-149	12	172	21	0	10	damor3
dam1	149	1	205	13	104	6	40	1	-0	0	damor4
desc	217	5	1	0	-6	0	28	1	-0	1	descob1
des1	734	23	-98	2	57	2	143	13	-0	17	descob5
des2	-540	11	130	4	276	33	-94	5	0	16	descui2
des3	737	31	101	3	95	6	45	2	-0	63	deseja2
des5	-190	2	-34	0	-110	7	-297	69	0	6	despre4
dif1	-67	1	-33	1	42	2	43	3	0	0	difici2
dif2	9	0	283	57	-67	6	92	15	-0	1	difici3
dif3	5	0	67	2	260	62	-46	3	0	0	difici4
dive	74	1	-55	3	-98	16	65	9	-0	3	divers1
dmfi	139	2	131	10	-25	1	-17	0	-0	1	dmfilh6
edfi	755	33	-193	13	193	24	40	1	-0	56	edfilh6
empr	-546	11	470	50	28	0	157	14	0	8	empreg6
eres	226	4	-129	9	51	2	-63	5	-0	3	erespo3
est2	226	5	113	7	167	30	-10	0	-0	6	estudo1
ext1	220	4	-379	74	46	2	-11	0	-0	3	extrov5
fapo	-688	18	-138	4	-101	4	42	1	0	1	fapoif3
fap2	-195	3	-25	0	6	0	-52	3	0	4	fapoi02
fboa	559	13	142	5	-140	10	-200	26	-0	34	fboal
fdul	-628	15	219	11	-87	3	122	8	0	15	fduvid1
fel2	-45	0	351	42	-149	14	-68	4	0	0	feliz5
fest	-661	19	56	1	12	0	-86	5	0	18	festal
form	591	27	-20	0	-187	30	11	0	-0	4	formar6
ifin	-652	20	-237	16	-67	2	136	13	0	31	ifinan6
imat	201	3	-149	9	113	10	55	3	-0	2	imatur1
ima2	270	6	192	18	-17	0	-74	7	0	0	imatur4
inel	-521	15	251	22	213	29	29	1	0	4	inespe2
inqu	-541	11	135	4	74	2	194	21	0	5	inquie5

irre	-757	22	175	7	-205	18	-111	7	0	35	irresp1
irr3	639	21	261	21	-133	10	15	0	-0	6	irresp4
libe	1	0	-111	6	151	22	6	0	-0	0	liberd1
mdpm	-770	23	-388	34	-216	20	7	0	0	4	mdpmae3
medo	-111	1	297	43	-131	16	85	9	0	1	medo2
muce	-688	23	-71	1	-69	3	-23	0	0	11	mucedo2
mud1	-31	0	46	1	150	16	-208	40	0	2	mudanc3
mud2	-26	0	-21	0	148	12	89	6	0	0	mudanc4
muno	-563	12	236	13	174	13	-49	1	0	13	munova3
nafi	629	19	216	13	-113	7	-35	1	-0	7	nafilh4
namo	-188	2	64	2	-29	1	194	35	0	1	namoro1
nass	102	0	298	25	-108	6	-61	3	-0	0	nassum4
npre	-499	9	258	15	233	23	68	3	0	8	nprevi2
ntex	600	17	-154	7	-41	1	-135	13	-0	18	ntexpe2
perd	370	5	12	0	-45	1	148	12	-0	1	perdas2
per1	-79	0	-36	0	29	1	248	48	0	0	perdas3
plib	29	0	-160	8	-64	2	-11	0	0	0	pliber2
pli1	-464	10	-90	2	363	70	85	5	0	6	pliber3
pli2	-664	23	-160	8	-93	5	114	10	0	16	pliber4
pre1	-694	21	-351	32	-88	4	59	2	0	28	preocu2
rebe	-157	2	-204	22	-84	7	-40	2	0	2	rebeld1
res1	687	18	13	0	-98	4	186	20	-0	2	respon2
res2	-143	1	-24	0	-256	53	11	0	0	0	respon5
risc	604	16	-340	30	-98	5	9	0	-0	14	risco1
ris1	812	28	-173	8	201	19	207	27	-0	38	risco2
ruil	73	0	64	1	99	5	-205	27	-0	0	ruim2
sfel	57	0	-103	3	-369	80	117	11	-0	0	sfeliz6
sin1	516	14	136	6	-187	21	-272	58	-0	7	sindep6
son1	596	20	-96	3	-61	2	-134	15	-0	42	sonho3
sust	-97	1	23	0	-81	7	58	5	0	1	susten4
test	-9	0	-123	9	-2	0	174	43	-0	0	testud6
tpar	702	23	-119	4	53	2	52	2	-0	32	tparti4
tral	-33	0	-96	8	166	46	-22	1	0	0	trabal6
tres	-61	0	-138	11	75	6	-10	0	0	0	trespo4
vadu	41	0	-25	0	64	3	144	22	-0	1	vadult3
vida	-189	2	-331	44	-50	2	-194	38	0	0	vidame6

```

*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*
*      *      *1000*      *1000*      *1000*      *1000*      *1000*
*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*

```

Modalit,s en colonne

```

*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*
ACT.      F=1  CPF      F=2  CPF      F=3  CPF      F=4  CPF      F=5  CPF
*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*
0151      393  113      55   13      108  96      185  375      0   147
0152     -265  76      -37   9      -73  65     -125  253     -0   13
0161      664  392     -22   3      -88  78     -53   37      0   752
0162     -636  376      21   2       85  75      51   36     -0   47
0171     -296  17     -622  455    -320  227     256  193     -0   24
0172      133  17     -105  64      166  299     -79   91      0    3
0173     -106  7       339  454    -147  161      40   15     -0   15
*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*
*      *      *1000*      *1000*      *1000*      *1000*      *1000*
*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*-----*

```

Fin normale du programme